



EM SUA

Company

Brooke J. Sullivan

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Copyright © 2014 Brooke J. Sullivan

1ª Edição Abril 2014 São Vicente

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Título

Em Sua Companhia (Trilogia Minha)

Autora

Brooke J. Sullivan

Revisão

Yule Travalon – www.tsonhador.com

Flávia Raquel Feitosa

Capa e Diagramação

Elaine Cardoso

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[capítulo 30](#)

[capítulo 31](#)

CAPÍTULO 1

Verônica Sandler

A noite caía. Já estava no meu horário. O local combinado era o hotel Hertman. O Bentley parado na calçada indicava que era chegada a hora de partir. Eu detestava meu trabalho. Mas, era a única forma que encontrei para ganhar muito dinheiro. Eu não podia me dar ao luxo de recusar uma noite apenas, com um dos homens mais influentes do país. Charles era um homem milionário. Dono de uma rede de hotelaria de luxo. E eu, uma simples acompanhante. Meu trabalho era satisfazer os desejos dos homens que me contratavam. E isso, eu fazia muito bem.

Caminhei sensualmente até o carro. O motorista me cumprimentou e abriu a porta para que entrasse. Sentei-me e levantei um pouco meu vestido preto extremamente colado. Peguei na bolsa um pequeno espelho que sempre carregava comigo. Olhei meu reflexo no intuito de reparar a maquiagem. Charles Heart era um homem exigente. Gostava de mulheres magras, morenas e submissas a ele. Era o tipo de homem que não tinha restrição entre quatro paredes. Ele é meu cliente número um. Fez questão que abrisse dois dias na semana em minha agenda, para que o acompanhasse com exclusividade. Ele pagava bem, e era somente isso que me interessava. Mesmo ele sendo um cara bonito e charmoso, não conseguia sentir prazer com ele. Aliás, com nenhum cliente. Isso tornava o meu trabalho um pouco mais fácil. Pelo

menos, eu não correria o risco de me apaixonar por nenhum cliente e ficar em uma posição desconfortável.

Assim que chegamos ao destino, o motorista abriu a porta do carro, pegou gentilmente em minha mão para me ajudar a descer. Olhou para mim e disse:

— Boa noite, Srta. Sandler.

Caminhei até o lobby do hotel e parei na recepção. Olhei para a recepcionista que estava alheia conversando como se não tivesse nada para fazer.

— Boa noite. Quarto 311, por favor – disse sem paciência.

A recepcionista me olhou de cima a baixo e nesse momento me senti Julia Roberts, em uma linda mulher. “Que ironia”.

Peguei a chave da suíte e caminhei até o elevador. Contei mentalmente até dez. Transar por dinheiro sempre foi difícil para mim. Estou nessa vida há dois meses. Desde que minha mãe foi internada numa clínica para tratamento de Alzheimer. O tratamento era caro. Caríssimo. Nós não tínhamos dinheiro para um tratamento adequado. Eu trabalhava como secretária em uma imobiliária e ganhava mil reais por mês. Mal dava para pagar as contas. Quem dera remédios e tratamento. Minha sorte foi que conheci uma mulher que me ofereceu esse trabalho. Disse que eu era uma mulher linda e deveria aproveitar minha beleza para ganhar dinheiro. O nome dela era Sônia. Ela também era acompanhante de luxo. Mas, um pouco mais experiente que eu.

O elevador parou no terceiro andar. Assim que as portas se abriram, dei um longo suspiro e caminhei até a suíte. Bati três vezes na porta e esperei. Eu tinha as chaves, mas Charles me deixava assustada.

Depois de alguns segundos, Charles abriu a porta com um sorriso belo no rosto. Seus olhos cor de âmbar eram intensos e expressivos. Um terno preto e alinhado que se encaixava perfeitamente em seu corpo másculo. Charles era o sonho de qualquer mulher. Mas, ele tinha um problema, gostava de infligir

dor em suas parceiras. Na primeira vez em que me contratou, fiquei tão assustada que achei que ele era um maníaco tarado. Chorei a noite inteira por ter sido açoitada. Só por isso, ele me pagou o dobro do combinado. Então, achei que talvez eu pudesse aguentar para ganhar um pouco mais desse otário.

— Verônica – ele sussurrou.

— Sr. Charles – cumprimentei passando por ele sem cerimônias. Ele veio até mim em passos lentos e retirou meu casaco de pele e o depositou no suporte atrás da porta.

— Me acompanha num vinho? – ele sorriu maliciosamente.

— Claro – disse com simpatia. Eu só queria dar logo para esse infeliz, pegar minha grana e sair o mais rápido que pudesse.

— Quero que passe essa noite comigo – disse colocando o vinho em minha taça com cuidado.

— Não estava no combinado – rosnei. Não queria envolvimento com cliente.

— Pago o dobro – ele juntos as sobancelhas.

— Não estava no combinado Sr. Charles. Tenho outro cliente pela manhã. Não posso ficar – disse na maior mentira deslavada.

— Dez mil reais e você fica hoje e amanhã – ele rosou.

— Não posso. Não por esse preço – sorri dando um gole no meu vinho seco. Se for para negociar, que pelo menos eu saísse ganhando.

— Você é uma negociadora astuta – ele sorriu de volta.

— Vinte mil reais. E, um bônus se você corresponder às minhas expectativas – disse se aproximando lentamente.

— Vinte e cinco mil – sorri.

— Vinte e cinco? Fechado. Por você, eu pagaria até mais – disse me puxando contra ele. Levou suas mãos em minha bunda e apertou. Próximo ao meu ouvido sussurrou:

— Tenho um presente pra você. Está em cima da cama.

— O que é? – perguntei intrigada.

Ele acenou para que olhasse a caixa branca com fita vermelha em cima da cama.

Caminhei com curiosidade e me sentei ao lado da caixa. Peguei-a e coloquei em meu colo devagar. Puxei o laço e abri. Na caixa

continha um espartilho preto e vermelho, cinta liga, meias e um par de algemas. Meu coração gelou. O que ele fará comigo dessa vez?

— Quero você nua. Agora – ele ordenou. Em seus olhos fervorosos, estava estampada toda sua luxúria e prazer.

Comecei a tirar meus sapatos devagar. Após, o vestido e, só então abri o fecho do sutiã e deslizei a fina calcinha de renda pelas pernas bem lentamente. Charles olhava meus movimentos com curiosidade. Ele gostava desse jogo de sedução. Ele tirou o paletó e afrouxou a gravata. Tirou sua calça e a jogou no chão. Assim que se livrou de sua camisa e gravata, veio em minha direção apenas de boxer cinza. Ele tinha músculos definidos e um abdômen perfeito. Sua enorme ereção revelada através de sua cueca, dizia que era a hora.

Sem dizer nada, Charles começou a colocar o espartilho delicadamente em mim, depois, as meias e a cinta liga. Não havia calcinha e eu já sabia o porquê.

— Está perfeita – ele suspirou.

Eu rezava para ele acabar logo com isso. Só queria ir para casa.

Charles pegou as algemas e avisou:

— Vou prendê-la. Quero te foder assim querida. De quatro para mim. Vou entrar em você duro e forte. Quero ouvir você gritando – ele disse olhando em meus olhos. Virou-me de bruços e prendeu meus pulsos juntando minhas mãos nas costas.

— Perfeita. Amo esse seu traseiro – disse ofegante. – Agora fique de quatro para mim. Vou entrar no seu traseiro.

Charles tirou a cueca e colocou o preservativo. Enrolou meus cabelos em seu punho e me puxou para ele violentamente. Eu sabia que iria doer. Mas estava aqui para isso. Não podia reclamar.

Sem aviso, Charles me penetrou com tudo. Abafei um grito. Filho da puta. Minha vontade era de gritar e sair correndo dali. Mas não podia. Ele começou um movimento de vai e vem me penetrando com força. Seus gemidos estavam me irritando. Eu sempre me sentia um lixo humano nessas horas. Uma lágrima isolada teimou em cair. Eu precisava ser forte. Eu precisava. Era uma profissão como qualquer outra. Eu precisava me acostumar.

Quando Charles acabou com suas estocadas ritmadas, ele abriu as algemas e me virou de frente para ele. Ele levantou, tirou o preservativo e jogou fora.

Ao meu lado na cama, começou a beijar meu pescoço e passar a língua por todo meu corpo. Eu sentia um nojo de mim mesma por deixar ser usada dessa forma. Tentava afastar os pensamentos e me concentrar no momento. Mas não conseguia.

Charles desceu até minha boceta passando a língua molhada e quente em minha abertura. Com seu polegar, fazia movimentos em meu clitóris. Tive que fazer a minha melhor cara de poker e fingir que estava tendo um dos melhores orgasmos da minha vida. Mas, na verdade, não sentia porra nenhuma, a não ser repulsa daquele homem se esfregando em mim.

A noite toda foi assim. O cara era incansável. Quando fingi meu orgasmo, seguimos para a banheira tomar um banho. Na volta para cama, ele pediu para que ficasse que quatro outra vez e me deu uma surra de cinto. Era disso que gostava. Ver meu traseiro vermelho e eu implorando para que parasse de me bater. Mas, por vinte e cinco mil reais? Eu cedi.

Nossos encontros não rolavam beijos. Aliás, com nenhum de meus clientes. Essa era a única regra. Sem beijos. Beijos eram sinônimos de intimidade e relacionamento. E eu, não queria nenhum dos dois. Usava os homens apenas para conseguir meu objetivo. Dinheiro. Era só isso que me importava. Apenas isso.

No dia seguinte, Charles me surpreendeu. Ele apenas me pediu para que o acompanhasse numa reunião de negócios. Nada de sexo. Nada de dominação. Eu fiquei agradecida por isso.

Ele me comprou um vestido muito bonito. Era azul e com decote reto. Seu comprimento ia até os joelhos. Disse que precisava usar um vestido mais comportado, pois a reunião exigia um traje mais formal.

A reunião durou pouco mais de duas horas. Executivos importantes e de alto padrão. Charles me apresentou como uma amiga. Fiquei agradecida por ele não dizer: "Essa é a puta que estou pegando". Eu sabia exatamente o que eu era. E eles, certamente também.

Após a reunião, Charles dispensou meus serviços. Fez um cheque no valor combinado e me entregou dentro de um envelope branco.

— Você é a melhor Verônica. Estou ficando mal acostumado. Só estou querendo você – ele sussurrou.

— Pois não fique. Tenho certeza que as outras também sabem te satisfazer.

— Não como você – ele disse tentando me beijar. Discretamente, virei meu rosto e sua boca se chocou contra minha bochecha.

— Sem beijos Sr. Charles – sorri.

— Sem beijos.

O resto do dia fiquei na clínica com minha mãe. Assim que cheguei, as enfermeiras disseram que estava tendo um pequeno progresso. Fiquei contente em saber que pelo menos estava sendo bem tratada. Também, a mensalidade de sessenta mil reais, tinha que surtir efeito. Eu dava muito para que ela fosse bem cuidada. Sem trocadilhos.

À noite voltei para casa. Morava sozinha, com meu melhor amigo Max. Um labrador muito carinhoso. Estava cansada e precisando de um longo banho para tirar o cheiro daquele homem que estava impregnado em minha pele.

Abri o chuveiro e comecei a me lavar. Por mais que eu me esfregasse, ainda me sentia suja de alguma forma. Comecei a chorar. Lembrando como minha vida deu uma virada tão drástica. Eu tenho apenas vinte anos. Um sonho de fazer minha faculdade e ser alguém na vida. Não que não fosse, mas, queria ser respeitada. Eu me odiava e odiava meu trabalho. Odiava os homens que me tratavam como objeto, odiava a vida que me empurrou para esse caminho. Mas, eu amava minha mãe. E ela precisava de mim. Isso era o mínimo que eu poderia fazer por ela.

Cansada, deitei em minha cama e fechei os olhos. Queria acreditar que amanhã seria diferente. Mas, não. Não iria ser. Seria como sempre todos os dias. Teria que acompanhar algum velho babaca ou riquinho mimado. Um maluco qualquer ou simplesmente

jogar conversa fora com um marido traído. Transar. Transar e transar. E tudo isso, com um sorriso no rosto. Expelindo felicidade que eu sabia que não havia. Mas por hora, eu só queria dormir e sonhar que um dia essa fase passaria. Um dia.

Acordei com meu celular tocado insistentemente. Olhei no relógio: sete da manhã. Puta que pariu. Cliente a essas horas? Tenha dó. Não dei audiência. Coloquei o travesseiro na cara e virei para o outro lado. E o telefone, ainda tocando com insistência. Droga. Era melhor atender.

Estiquei-me toda até o criado mudo e o peguei.

— Alô – disse sem paciência.

— Verônica Sandler?

— Quem mais poderia ser? – perguntei com ironia.

— Aqui é Adrian Miller. Podemos conversar?

— Já estamos conversando – disse bocejando.

— Liguei em um horário impróprio? – a voz rouca do homem sou irritada.

— Já que perguntou, sim. Acabei de acordar. Com o seu telefonema, claro.

— Me desculpe. Preciso de seus serviços. Onde podemos nos encontrar?

— Daqui uma hora. Tudo bem para você? Só me diga o lugar e estarei lá.

— Perfeito. Daqui à uma hora. Meu motorista irá pegá-la em casa – disse naturalmente.

— Como sabe onde moro? – perguntei assustada.

— Charles me passou seu contato.

— Ele não sabe onde moro – menti intrigada.

— Ele me passou seu contato. Eu tenho meios de obter esse tipo de informação – ele disse certamente sorrindo.

— Tudo bem. Estarei a sua espera.

Levantei, tomei um banho e escovei os dentes. Fiquei pronta em meia hora. Coloquei um vestido verde um pouco acima do joelho e salto preto. Meus cabelos pretos estavam soltos e devidamente alinhado. Optei por uma maquiagem leve. Afinal, ainda não passavam das oito.

Quando o interfone tocou, eu sabia que o homem havia chegado. Não perdi meu tempo atendendo. Saí correndo e entrei no elevador.

Quando cheguei a calçada, um Porsche Carrera preto estava parado e um homem alto de cabelos castanhos estava de costas para mim apoiado no carro, pensativo. Tive um vislumbre de seu corpo magnífico. Pigarreei e então, o homem se virou me fazendo congelar em meu lugar.

— Srta. Sandler – ele cumprimentou com um sorriso radiante.

Lindo. Alto. Forte e magnífico. Um olhar penetrante através daqueles olhos castanhos. Cabelo desalinhado e uma pequena barba por fazer. Trajava jeans, camisa branca e blazer preto. Certamente estava parecendo uma adolescente olhando para ele de queixo caído. Sério? De onde tiraram esse cara?

— Sim. Sr. Adrian Miller – cumprimentei-o com a mão.

— Entre – disse com a voz rouca abrindo a porta do carona para mim.

Entreí ainda com meus pensamentos embaralhados. Mas que merda de reação é essa a minha? Nenhum cliente jamais me despertou tamanha curiosidade. Sensação. Ou sei lá o que estava sentindo.

Assim que ele entrou no carro, eu perguntei:

— Aonde vamos?

— Para Nova Iorque – ele disse tranquilamente.

— O quê? – eu ouvi bem ou esse cara estava maluco? NY? Ah mas não mesmo.

— Tenho uma reunião amanhã. Então, estamos partindo daqui duas horas.

— Está louco? Pare o carro agora! – ordenei.

— Você será paga para isso – ele disse com arrogância.

— Não vou a NY com você – resmunguei.

— NY? – ele soou confuso.

— É... Nova Iorque – revirei os olhos.

— Vai e está decidido.

— Mas que absurdo – disse incrédula. – Não posso viajar daqui duas horas para NY. Tenho um trabalho e uma família para cuidar.

— Seu passaporte já está pronto e já cuidei de tudo.

— De tudo o quê? – perguntei assustada. Esse cara é louco?

— Já enviei alguém na clínica onde sua mãe está. Ficaremos a par de tudo.

— Andou me vigiando? Como conseguiu essas informações?

— Eu costumo investigar a vida das pessoas com quem trabalho – ele disse irritado.

— Eu não trabalho para você – gritei. – Não ache que só por que é um riquinho mimado, pode sair se infiltrando na vida das pessoas. Pare o carro! – gritei.

— Não. Você vai comigo – ele disse firmemente.

— Pare a merda do carro! – gritei mais alto.

— Cem mil reais – ele balbuciou.

— O quê? – gelei.

— Estou disposto a lhe oferecer cem mil reais, para me acompanhar nessa viagem. Por apenas três dias – disse sorrindo.

Eu podia sentir o sangue do meu rosto se esvaindo. Abri a boca para argumentar, mas, não consegui dizer uma só palavra. Tá, cem mil reais por três dias, e, algumas fodas, dá para encarar.

— Fechado – disse ainda surpresa.

Ele me olhou e apenas assentiu. Seu sorriso triunfante na cara revelou o quão satisfeito ficara.

— Eu não tenho roupas. Pegou-me desprevenida.

— Não irá precisar. Compraremos tudo que for preciso.

Dito isso, rezei para que não estivesse cometendo um erro e ter caído nas mãos de um psicopata qualquer.

Adrian me levou direto ao aeroporto. Incrivelmente, meus documentos e passaporte já estavam todos em sua posse. Embarcamos rumo à Nova Iorque e eu, sem saber qual seria meu papel em tudo isso. Para que levar uma acompanhante se poderia conseguir fácil por lá? Pelo menos, não passaria vergonha, já que sou fluente em inglês. Confesso que fiquei intrigada. Mas a quantia era enorme e não iria reclamar de nada. Ah, não mesmo.

Adormeci em meu assento. Não percebi o avião pousando. Já estávamos em Nova Iorque. Oh Meu Deus!

Adrian e eu saímos do aeroporto e logo em frente havia uma limusine estacionada a nossa espera. Entramos e Adrian deu instruções ao motorista. Eu ainda estava atônita. Tentava digerir tudo aquilo.

Chegamos ao hotel e Adrian estava um pouco furioso conversando com a recepcionista. Ao que me parece, houve algum engano na hora das reservas.

Seguimos para suíte. Assim que entramos, Adrian tirou seu blazer e sua camisa depositando com cuidado em cima da cama. Ondas de prazer fizeram meu corpo estremecer ao ver seu corpo magnífico. Merda. Meu corpo estava me traindo? Era a primeira vez que sentia vontade de tocar um cliente.

Eu apenas assistia a tudo com curiosidade. Não sabia ainda qual era meu papel nesse cenário.

— Se quiser, pode descansar. Daqui a pouco Anabeth chegará para tirar suas medidas. Precisamos comprar roupas para você.

— Eu estou bem. Apenas preciso de um banho – sorri.

— Ótimo. Estarei na sala te esperando – disse se aproximando e tocou meu rosto com as mãos.

Meu Deus! O que foi aquilo? Segui para o banheiro luxuoso e tomei um banho de banheira.

Cem mil reais? Sério? Oh meu pai. Era muito dinheiro.

Assim que saí do banho, me enrolei na toalha. Adrian estava deitado na cama com seu tablet no colo. Estava alheio a minha presença. Assim que me viu, colocou o tablet sobre a cama e suspirou. Uma expressão tensa e triste. Aproximei-me dele e quando estava bem próxima, deixei a toalha cair. Ele olhou em choque e rapidamente me cobriu. O que ele pretendia?

— Srta. Sandler... Não quero que pense que a trouxe aqui por motivos... Vamos dizer que... – ele ficou tenso.

— Está tudo bem? É para isso que está me pagando, não é? – perguntei confusa.

— Eu não pago mulheres para transar Srta. Sandler. Geralmente, eu as tenho de graça – ele disse. – Não transo com...– sua frase

ficou incompleta. Aquilo me atingiu em cheio. Ele estava me chamando de prostituta? Era isso?

— Prostitutas – completei. – Por que me contratou então?

— Apenas para me fazer companhia. Mais nada. Não espere outra coisa de mim – ele disse e saiu em disparada para o outro cômodo.

Fiquei ali, imóvel e rejeitada. Nunca havia acontecido isso antes. O que deu nele? É louco? Humilhar-me assim desse jeito? Ah mais isso não vai ficar assim. Não mesmo. Vou dar o troco nesse riquinho metido a besta.

CAPÍTULO 2

Fiquei no quarto sozinha. Estava um pouco cansada da viagem. Não estava acostumada com o fuso horário. Era para ser noite, mas, ainda estávamos no horário de almoço.

Deitei sobre a cama ainda de toalha e resolvi descansar um pouco. Que mal faria em dormir? Já que meu cliente me dispensou na cara dura. Eu ainda estava remoendo aquilo por dentro. Mas quer saber? Foi melhor assim. Vou ganhar uma fortuna e nem precisarei ficar gemendo e fingindo que estou gostando. É um saco isso.

Peguei o travesseiro super confortável, coloquei entre as pernas e capotei.

Acordei com um toque suave. Quando abri os olhos, Adrian estava sentado ao meu lado me olhando fixamente. Ele tinha sua mão em meu braço.

— Srta. Sandler – ele sussurrou. — Anabeth está aqui para tirar as suas medidas – disse cauteloso.

— Desculpe-me. Adormeci por mais tempo do que deveria – tentei me desculpar. Não sei o que deu em mim. Não me sentia tão cansada assim há muito tempo.

— Não tem problema – ele sorriu. — Vou pedir para que entre imediatamente. Tenho uma reunião a noite e você virá comigo.

Jura? Esse homem não dorme? Estava visivelmente cansado, ainda sem camisa e só de calça social. Pelo visto, ficou trabalhando até agora.

Assenti com a cabeça e me levantei. Ele saiu em passos largos e momentos depois voltou com uma moça loira, muito bonita que

aparentava uns 38 anos. Ela me olhou de cima a baixo e torceu o nariz. Pelo visto, minha passagem por aqui será interessante.

— Ana, quero que tire as medidas da Srta Sandler e a vista com trajes formais. Nada de decote, roupas muito justas ou curtas – ele disse.

— Sim Sr. Miller – a mulher sorria fazendo transparecer uma satisfação que eu via que não existia.

Dito isso, ele se virou e saiu do quarto.

— Verônica, não é? – a mulher disse sorrindo.

— Sim.

— Tem alguma cor específica?

— Não entendi.

— A cor de sua roupa. Alguma específica? – tornou a perguntar.

— Não faço ideia dos gostos do Sr. Adrian. Então, vou ficar por sua conta – disse.

A mulher me deu um sorriso falso e então se aproximou. Começou a tirar as medidas e disse:

— Não sei se consigo algo muito sofisticado assim tão em cima da hora. Estávamos todas prontas para receber outra mulher um pouco mais magra. Teremos que começar do zero – ela disse um pouco sem paciência.

— Outra mulher?

— Sim. Parece que a mulher que o Sr. Miller viria, desistiu de última hora – disse passando a fita métrica na minha cintura.

Isso explicava a súbita presença dele e o desespero em me trazer assim tão depressa.

— Você trabalha para ele há muito tempo? – perguntei com curiosidade.

— Sim. Sr. Miller é um homem bom. Eu conheço todos os tipos de mulheres com quem ele sai. E só vou te adiantar uma coisa, não pense que terá alguma chance com ele – ela disse num sussurro.

— Está equivocada. Estou aqui porque fui contratada para acompanhá-lo. Mais nada – respondi seca. Que mulher abusada! Se está tão irritada, talvez seja por que é apaixonada por ele.

— Pronto. Terminamos. Daqui algumas horas, pedirei para que lhe entreguem seu vestido de hoje e algumas lingerie. Amanhã

pela manhã, enviarei outras roupas que irá precisar.

— Obrigada – respondi a contra gosto. Não fui com a cara dessa mulher. Algo me diz que o sentimento é recíproco.

Quando Anabeth saiu, Adrian entrou no quarto e perguntou se estava tudo bem. Assenti com a cabeça e ele saiu.

Havia uma tensão estranha. Isso era novo para mim. Claro que já fui contratada por muitos homens que queriam minha companhia para eventos, reuniões, festas... Mas, no final, sempre acabava na cama com o sujeito. Era para isso que nós servíamos – para entretê-los. Com Adrian estava apreensiva, afinal, não estava entendendo o porquê dele me pagar uma quantia absurdamente alta, apenas para desfilar comigo por toda Nova Iorque. Mas, como já dizia a minha mãe: “tem louco para tudo nessa vida”.

Depois de algumas horas, Adrian entra no quarto trazendo algumas sacolas e algumas caixas. Pelo visto, eram as roupas compradas por Ana.

— Sairemos daqui uma hora. Esteja pronta até lá – disse colocando tudo sobre a cama. — Vou tomar um banho. Se precisar de qualquer coisa, é só pedir para o serviço de quarto. E então, entrou no banheiro, fechando a porta em seguida.

Com curiosidade, abri cada sacola. O vestido creme longo que estava embrulhado numa enorme caixa levava a etiqueta da Armani. Era elegante, fino e extremamente luxuoso. Ele tinha apenas uma alça que transpassava as costas, cheia de pedrarias, e no busto, bojos. Na parte de baixo, uma fenda que vinha até o meio das coxas. Depositei o vestido com cuidado de volta a caixa para não amassá-lo. Deve ter custado uma fortuna. Nas outras sacolas haviam joias, lingerie e uma clutch dourada. Aonde quer que seja esse evento, será um evento e tanto a julgar pelos trajes propostos. Minha barriga deu um nó tão grande que me deu vontade de vomitar. Estava acostumada com festas, mas isso? Não sabia ainda extensão e estava totalmente apavorada.

Quando a porta do banheiro se abriu, vi um lindo Adrian sair enrolado numa toalha branca com o peito ainda molhado. Voltei a ter aquele sentimento estranho. Aquela vontade de correr e tocá-lo.

Ele me olhou um pouco sem graça e disse:

— Desculpe por isso. Pedi para que reservasse duas suítes. Mas, houve algum engano na hora e acabou por termos que ficar no mesmo quarto.

— Sem problemas – sorri. — Precisa que eu saia para se trocar?

— Se puder me dar licença, ficarei grato – ele devolveu o sorriso.

Após algum tempo, Adrian aparece na sala de estar e me deixou totalmente sem fôlego. Vestido num lindo smoking preto, cabelo desalinhado, estava me arrancando suspiros. Estava incrivelmente sexy.

— Estarei te esperando no lobby do hotel. Assim poderá ficar mais a vontade para se arrumar – disse olhando em meus olhos fixamente. Apenas com um olhar, Adrian conseguiu passar por mim e atingir-me de tal forma que, eu poderia arrancar sua roupa com selvageria, transar com ele a noite inteira e ainda devolveria seus cem mil reais. Estava surtando? Sim. Certamente. Mas, aquele homem conseguiu despertar em mim coisas que nenhum outro homem havia conseguido.

Assim que ele saiu, me dirigi até o quarto para começar a me arrumar. Hidratei meu corpo, me perfumei e coloquei o vestido, o salto preto, os brincos e o bracelete de ouro e pedras que estavam dentro da caixa. Fiz uma maquiagem nude. Nada extravagante. Prendi os cabelos com uma presilha que também veio no conjunto de joias, fiz uma amarração no alto, deixando alguns fios soltos e desalinhados. Quando me olhei no espelho, suspirei. Eu mesma não acreditava em meu reflexo. Era a primeira vez que realmente eu parecia uma mulher comum.

Peguei a clutch dourada, e saí da suíte.

Entrei no elevador e apertei térreo. Assim que ele parou, um homem alto e forte, aparentando uns trinta e poucos anos, me chamou a atenção.

— Good evening, miss – o homem diz com um sorriso torto tão intimamente que parecia que nós nos conhecíamos. Para não ser mal educada, respondi em tom casual:

— Good evening, sir – respondo e ele me olha de cima a baixo.

— Babaca - sussurro e ele me olha intrigado.

Quando o elevador para ele diz:

— Uma brasileira! Interessante - sorri. — Eu entendo perfeitamente sua língua - ele fala me fazendo corar.

Saio do elevador em direção ao lobby.

Nada do Adrian. Assim que me aproximo da recepção, um homem vem de encontro a mim e diz:

— Srta. Sandler? O Sr. Miller a aguarda no restaurante do hotel.

Sua voz era forte e rouca. Pelo traje, deveria ser seu segurança. O homem me acompanhou até o restaurante. Assim que avistei Adrian, ele estava na mesa com mais seis pessoas. Três casais.

Aproximei-me sem graça e disse na maior elegância:

— Boa noite.

Adrian me olhou, abriu um sorriso. Levantou-se e puxou minha cadeira para que me sentasse. Assim que me sentei, ele se aproximou e me deu um leve beijo em minha boca dizendo: — Você demorou meu amor. Está linda, como sempre – e deu uma piscadinha que quase fez com que meu coração parasse.

Mas que merda era essa? Meu amor? Ele me beijou? Mas...

Ainda atônita, olhei para ele que apenas sorria.

— Querida, esses são Smith e sua esposa Marie, John e sua esposa Clarisse, George e sua esposa Caroline – ele disse segurando minha mão. — E essa, é minha noiva, Verônica.

Agora eu entendi. Esse era o seu jogo? Noiva? Mas que merda! Que roubada!

Dei o meu melhor sorriso a todos e simplesmente fiquei na minha. Se for para jogar, então eu iria me aproveitar ao máximo. Agora esse filho da puta me pagaria por ter me dito aquilo mais cedo!

— Você tem uma noiva muito bonita. É um homem de sorte – Marie falou com sorriso no rosto.

Eu o senti um pouco tenso, mas logo ele relaxou.

Os homens pediram o jantar e nós mulheres, conversávamos alheia a eles. Marie e Clarisse eram muito divertidas. Já Caroline, um pouco introspectiva.

Os homens conversavam sobre negócios. Não fiquei atenta a conversa, mas ouvi algo sobre um evento de caridade amanhã.

Levantei-me da mesa e ao mesmo tempo, todos os homens se levantaram. Fiquei abismada com a educação de todos.

— Algum problema meu amor? – Adrian disse com cenho franzido.

— Nenhum. Apenas vou ao toilette – sorri.

Com passos largos, andei toda a extensão do restaurante. Pude ver minuciosamente agora, como o lugar era luxuoso. Lustres de cristais e iluminação fraca. Tudo de excelente qualidade. Quando avistei o banheiro, entrei.

Meu reflexo no espelho me intrigava. Estava corada demais. Puta merda! Noiva? Esse cara era louco? Por que ele não me disse antes que teria de posar de noivinha ao lado dele por aí?

Joguei uma água no rosto e retoquei a maquiagem. Tudo bem. Suspirei. Eu podia fazer isso.

Saí do banheiro e por uma grande coincidência, encontro o gato sexy do elevador.

— Você de novo? – ele sorriu bloqueando minha passagem.

— Pode me dar licença? – passei por ele rapidamente, mas, ele me segurou pelo braço fazendo-me olhar para ele.

— Pode me dizer seu nome? – perguntou com aqueles lindos olhos azuis intensos percorrendo por toda a minha alma.

— Verônica, agora me solte, por favor – pedi com delicadeza.

— Jason Maxwell – ele sorriu. — Está acompanhada?

— Sim. Ela está – uma voz soou irritada atrás de mim. Quando olhei, Adrian estava com cara de poucos amigos.

— Queira me desculpar – Jason disse a Adrian. — Achei que a Srta. Verônica estivesse desacompanhada.

Adrian não disse mais nada. Apenas me puxou pelo braço apertando tão forte que certamente, seus dedos ficariam marcados em minha pele branca.

Quando estava longe o suficiente, ele disparou:

— Estou vendo que não perde tempo. Cem mil é pouco para você? – rosnou.

— Quem você pensa que é para falar assim comigo? Só não te meto a mão na cara, por que não quero causar uma cena – disse furiosa.

— Aqui querida, você é minha noiva. Se comporte como tal. Estou te pagando para isso. Quando voltarmos ao Brasil, poderá dar em cima de quem quiser.

— Você deve estar bem desesperado para pagar mulheres para ser sua noiva. De certo, é um idiota, arrogante, metido a besta que se acha o dono do mundo – cuspi.

Filho da puta. De onde Charles tirou esse babaca? Minha vontade era de sumir dali. O desgraçado ainda tinha uma vantagem. Eu estava em solo americano. Se me voltasse contra ele, era bem capaz do desgraçado me deixar aqui mofando até que fosse extraditada.

— Vamos. E se comporte. Charles me disse que era a melhor. Estou vendo que ele não te conhecia muito bem.

— Vá à merda – resmunguei.

Assim que chegamos à mesa, nos sentamos e voltamos para o habitual. Beber, comer, conversar e rir. Coloquei a minha melhor cara de paisagem e fiquei ali.

— Já tem uma data para o casamento? – Marie perguntou deixando Adrian desconfortável.

— Não. Ainda não temos – dei um sorriso tímido.

Ficamos ali por mais algumas horas. Os homens já estavam um pouco altos com a bebida. Adrian parecia mais relaxado e extrovertido. Era um babaca. Mas seu sorriso era lindo. Que raiva estou desse homem.

Passado algum tempo, os casais se despediram e finalmente eu pude trocar meu sorriso congelado do rosto para uma cara totalmente irritada.

Quando todos se foram, deixei Adrian para trás e saí como uma criança emburrada. Só queria ir para meu quarto e dormir. Mais nada. Adrian não me seguiu.

Cheguei à suíte, tirei os sapatos, o vestido e peguei a camisola de seda branca que Ana trouxe junto com as outras coisas. Tirei a maquiagem, peguei o travesseiro, lençol e deitei-me no sofá. Mas nem ferrando eu dormiria na mesma cama que aquele bastardo filho da puta. Ajeitei-me toda desconfortável, e adormeci.

Sonolenta, senti quando mãos fortes me pegaram suavemente. Abri os olhos lentamente e vi Adrian. Estava me carregando no colo. Estava tão cansada que não protestei. Foda-se. Com jeitinho, me colocou na cama, afastou uma mecha de cabelo colocando-a atrás de minha orelha e se afastou. Fiquei esperando a cama afundar ao meu lado. Mas, ele passou pela porta, fechou-a, e não o vi mais. Talvez ele preferisse o sofá. Que seja.

CAPÍTULO 3

Acordei ainda desorientada. Esse fuso horário me mata. Levantei, me higienizei e decidi tomar um banho. Assim que saí, havia um envelope em cima da cama. Peguei e abri.

*Srta. Sandler,
Está dispensada de seus serviços pelo resto do dia. Meu motorista estará a sua disposição. Apenas esteja no hotel antes das seis da tarde. Temos um evento para comparecer.
PS.: Use o cartão.*

A. Miller.

Suspirei.

O que eu farei sozinha em plena Nova Iorque? Olhei no relógio, nove da manhã. Decidi então correr no Central Park. Mas, me lembrei de que não tinha roupas adequadas. Imediatamente, peguei o cartão nas sacolas e liguei para Ana. Pedi para que me trouxesse um top, tênis e short. Pedi também um protetor solar e óculos escuros. Ela protestou de começo, mas, logo após, concordou.

Em menos de uma hora, o motorista chegou com as roupas. Troquei-me rapidamente e descii. O top branco colado ressaltava meus seios médios. No elevador, encontrei o bendito gato sexy de olhos azuis.

— Bom dia Verônica – ele sorriu de lado. Estava lindamente trajado com uma camiseta cinza e bermuda preta. Também de tênis.

— Bom dia Sr. Maxwell – respondi. Queria ser o mais formal possível. Não queria dar brechas para ser interpretada de forma errada. Afinal, eu tinha um noivo meio maluco.

— Deveria ser proibida, uma mulher como você, sair sozinha nesses trajés – ele sorriu me olhando de cima abaixo. Sentime nua perto daquele homem.

— Definitivamente, não dá para correr no Central Park de vestido longo – sorri.

— É. Não dá – ele gargalhou. — Acho que estou com sorte. Também estou indo correr. Precisa de companhia?

Esse homem era sinal de perigo. Por que será que meus sentidos ficam em alerta ao lado dele? Mas, por que não aproveitar sua companhia? Seria bom me sentir uma mulher normal. Já estava cansada dos homens me olharem apenas como um objeto. Pelo menos, esse não sabe o que faço para ganhar a vida.

— Adoraria – sorri.

Saímos do elevador e nos dirigimos para fora do hotel.

— Eu não conheço muito por aqui – disse um pouco sem graça.

— Então garota bonita, hoje, serei seu guia – ele me olhou com suas sobrancelhas arqueadas me dando um sorriso que quase parou meu coração. Além de sexy e lindo, também conseguia ser gentil. O que mais poderia querer?

Andamos lado a lado pela Avenida Madison. Após, seguimos para Quinta Avenida. Como Nova Iorque consegue ser tão bela?

Conversamos sobre assuntos variados. Descobri que ele é colecionador de carros de luxo. Fala sério! Assim que chegamos ao Central Park, corremos lado a lado nos divertindo observando as pessoas em nossa volta. Terminamos nossa corrida ofegantes e totalmente satisfeitos. Jason era uma excelente companhia.

— Que tal um sorvete? – ele sorriu. Até sorrindo ele conseguia ser extremamente sexy.

— Só se for de morango com chocolate.

— Morango? Hummm – ele fez uma carinha de safado.

— Adoro morangos. De todas as formas.

— Então, o último que chegar paga o sorvete – disse correndo em disparada deixando um Jason perplexo para trás.

Quando Jason me alcançou, passou por mim sorrindo e disse:

— Essa vai ser a primeira vez que uma mulher me paga um sorvete – e gargalhou disparando na minha frente. Bandido, trapaceiro, sorri de mim mesma.

Chegando a sorveteria, eu, ainda ofegante, disse:

— Acho que vai ter que pagar. Tenho apenas um cartão – disse balançando o cartão que Adrian havia deixado no envelope. Rapidamente, ele puxou o cartão da minha mão e disse: — Adrian Miller? – franziu o cenho. — Seu namorado?

— É – disse um pouco sem graça.

— Vocês não pareciam muito apaixonados – disse me olhando nos olhos.

— Vamos embora? Está um pouco tarde e tenho um evento mais tarde – disse mudando de assunto.

Jason assentiu e então, caminhamos tomando nosso sorvete até o hotel. Quando passamos pela entrada, Jason e eu ríamos tanto, que fiquei alheia a todos ao redor. Eu ainda ria quando do nada, Jason olhou atrás de mim e fechou a cara ficando sem graça. Quando olhei para trás, Adrian estava me olhando furioso conversando com dois homens. Reconheci o Sr. George, que estava no jantar conosco ontem.

— Pela cara do seu namorado, ele não gostou de te ver comigo – Jason sussurrou em meu ouvido.

— Não se preocupa com ele – sorri.

Nesse momento, Adrian se aproxima. Abraça-me afastando meu cabelo para trás e diz em meu ouvido num sussurro:

— O que pensa que está fazendo? Deveria estar posando de noiva apaixonada e não saindo com qualquer homem que encontra pela frente.

Seu tom frio me congelou.

— É... Acho que vou nessa – Jason disse ainda sem graça.

— Obrigada pela companhia – disse sorrindo e Adrian, ficou ainda mais furioso.

Quando George e o outro homem se aproximaram de nós, Adrian tirou a carranca da cara e colocou seu sorriso falso. Olhei incrédula. Eu daria o Oscar para ele de melhor ator. Babaca.

— Boa tarde Srta. Sandler – disse George me cumprimentando.

— Boa tarde, senhores.

— Adrian, amanhã será o aniversário da minha filha Betânia. Caroline insistiu para que os chamasse para confraternizar conosco. Você e sua adorável noiva – ele sorriu olhando para mim com simpatia.

— Agradeço pelo convite. Mas, infelizmente, temos compromisso – Adrian respondeu.

— Imagina querido. Podemos ir ao museu outro dia. Eu adoraria comparecer a festa. Caroline foi muito receptiva comigo – disse sorrindo.

Adrian me deu um aperto tão forte, que tive que manter a compostura para não dar um grito.

— Que ótimo. Vou avisar Caroline. Ela ficará feliz com a presença de vocês – George disse alegremente.

— Estaremos lá – Adrian disse a contragosto, mas, foi extremamente convincente em não deixar transparecer sua fúria.

Quando os homens se despediram e foram embora, Adrian saiu me arrastando até o elevador. Quando as portas fecharam-se, ele gritou furioso:

— Mas que merda foi aquela? O que estava querendo fazer?

— Estava tentando dar uma de noivinha apaixonada – disse com ironia.

— E essas roupas? Onde as comprou? Se é que se pode chamar isso de roupa – ele rosnou.

— Eu fui correr no Central Park. Não dava para correr de louboutin e vestido longo – gritei.— Qual é o seu problema cara?

— Meu Deus! Se arrependimento matasse, eu estaria morto há essas horas – Adrian estava uma fera. Soltando fogo pelo nariz.

— Você me deu o dia livre para fazer o que eu quisesse – disse apontando o dedo na sua cara.

— Mas não para ficar se esfregando naquele cara. Pensa que eu não vi? – ele gritou.

— Opa! Espere aí. Que esteja me pagando para fazer de conta que sou sua noiva apaixonada é uma coisa. Nem nos conhecemos. E esse seu comportamento de homem ciumento não está combinando com o cenário – disse agora puta da vida. Que cara mais esquisito.

— Eu, ciúmes? Está maluca? – pareceu abismado. Filho da puta, babaca. — Olha a sua volta Srta. Sandler. Este é um hotel de luxo. Pessoas não se vestem como você aqui. Por acaso viu alguma mulher seminua andando pelo hotel? –disse com raiva.

Graças a Deus o elevador parou. Assim que abriu as portas, saí em disparada. Ele vinha por detrás de mim dizendo cada absurdo que me deixou pasma. Agora entendo por que esse idiota não tem uma namorada de verdade. Ele é extremamente insuportável. Abri a porta da suíte e entrei deixando a porta aberta para que entrasse. Ele passou numa fúria controlada fechando a porta atrás de si.

— Estou falando com você Srta. Sandler – seu tom irritante autoritário me fez perder o controle. Virei-me para ele e disse:

— Vá ver se estou lá na esquina, idiota.

— Não sabia que fazia ponto lá também – ele disse com ironia. Nesse momento, uma raiva me cegou de tal maneira que quando vi, já tinha plantado a mão na cara do filho da puta.

Adrian me olhou como se eu tivesse duas cabeças. Eu o encarei e não sucumbi. Não iria me desculpar de jeito nenhum. Ele fechou os olhos como se estivesse tentando manter a calma. Quando abriu, seu olhar estava totalmente escurecido. Fiquei ali, paralisada esperando pelo pior. Mas, ele apenas se virou e saiu batendo a porta.

Quando soltei a respiração procurando por alívio, Adrian voltou batendo a porta com força caminhando em minha direção.

— Olha, eu vou... – não consegui completar, pois, Adrian avançou em mim como um animal enjaulado. Jogou-me contra a parede da sala de estar me beijando violentamente. Seu beijo era quente e possessivo. Ainda aturdida com seu beijo súbito, tentei afastá-lo, mas seu corpo era pesado demais. Ele tinha brincando 1,90 de altura contra meus 1,70. Não seria nada fácil me desvencilhar desse homem.

Quando ele desacelerou seu beijo, e afastou momentaneamente seus lábios dos meus, pude respirar com normalidade. Uau! Que homem intenso. Foi tudo tão rápido que mal percebi que suas mãos estavam passeando por todo o meu corpo.

Ficamos olhando ofegantes um para o outro em silêncio. Eu conseguia sentir sua ereção do modo que me segurava. Ele levou suas mãos em meu rosto me fazendo olhar em seus olhos. Quando nossos olhos se conectaram, ele disse num sussurro: — Me perdoe.

— Pelo que está se desculpando Sr. Miller? – eu perguntei, mas já sabia a resposta. Eu queria ouvi-lo dizer.

— Por tê-la ofendido.

— Não espere que me desculpe pelo tapa – disse baixinho.

— Não. Claro que não – disse e me beijou novamente.

Seu beijo agora era lento e paciente. Passei os braços envoltos ao seu pescoço e o puxei mais para mim. Meu corpo todo estava em chamas por esse homem. De repente, ele se afasta como se tivesse acordado de um transe. Olha-me confuso e diz ajeitando a gravata: — Pedi para Anabeth para que trouxesse seu vestido para o baile de hoje à noite. Está em cima da cama. Vou tomar um banho e descansar um pouco. Fique à vontade – disse formalmente e saiu me deixando encostada na parede ainda tentando absorver o furacão Adrian Miller que passou por mim. Fiquei atônita com sua súbita mudança. Esse homem quer me enlouquecer.

Enquanto Adrian tomava seu banho, resolvi separar minhas roupas para hoje à noite. Como estava curiosa, abri o saco que estava embalando o meu vestido. Puxei o zíper e dentro, um lindo vestido vermelho. Retirei-o com cuidado. Era um tomara que caia justíssimo com uma fenda lateral. Adrian não vai gostar nadinha. Não mesmo. E só de saber que ele não aprovaria, me deu vontade de sorrir. Anabeth estava querendo me ferrar com ele, ou, ela estava querendo ser demitida. Mas eu queria agradecê-la porque o vestido era simplesmente magnífico.

Numa outra caixa, uma sandália elegante dourada com pedrarias. Na outra, mais joias. Quando separei tudo, Adrian me saiu do banheiro com a toalha enrolada em seus quadris revelando seu abdômen perfeito. Peguei minha calcinha, uma toalha e entrei no

banho. No chuveiro, voltei meus pensamentos para os beijos ensandecidos do Sr. Adrian. Ainda podia sentir o gosto de seus lábios nos meus. Seu toque, sua respiração, sua vontade... Não conseguia parar de pensar nesse homem.

Quando terminei, coloquei minha calcinha vermelha e sai enrolada na toalha. Adrian estava deitado de bruços na cama, apenas de boxer branca. Céus! Que homem. Tentei o meu melhor para não ficar ali, parada como uma idiota, babando nas pernas daquele homem. E que bunda. Meu pai do céu. Vou ter taquicardia se continuar a olhá-lo.

Com cuidado para não acordá-lo, coloquei minha camisola e deitei ao seu lado. Eu estava faminta. Precisava comer alguma coisa. Mas, por hora, só queria estar ao lado desse homem. Nem que fosse apenas para velar o seu sono. Eu sou uma contradição. Tem horas que ele me dá nos nervos. Grosso e arrogante. Mas ao mesmo tempo, ele se mostra atencioso e gentil. Dá para entender?

Adormecemos um ao lado do outro. Quando acordei, Adrian já não estava mais ao meu lado. Deixou uma nota na cama dizendo:

Passo para te pegar às 19:00hs. Esteja pronta.

Olhei diversas vezes para o bilhete e sorri. Não sabia o porquê de estar sorrindo. Mas me deu vontade então sorri várias vezes.

Olhei no relógio. Dei um pulo da cama quando vi que já se passavam das 17:30hs. Fui até o banheiro correndo meio que desengonçada e me higienizei. Meu cabelo estava péssimo. Minha sorte é que havia secador de cabelo na suíte. Fiz o meu melhor para deixá-lo disciplinado. Quando terminei, fiz a maquiagem. Batom vermelho e olhos pretos esfumados. Um blush clarinho e mais nada.

Segui para o quarto e comecei a colocar o vestido. Ele caiu perfeitamente em minhas curvas. A fenda lateral é bem maior do que o vestido da noite anterior. Muito mais provocante e sensual.

Coloquei o colar e os brincos. Desta vez, deixei com que meus cabelos ficassem soltos. A sandália dourada me deixou com dez centímetros a mais. Pronto. Eu estava pronta. Peguei a clutch dourada e me dirigi para a sala a espera de Adrian. Não faltava muito tempo. O relógio marcava 18:40. Logo Adrian estaria aqui para me buscar.

Depois de alguns momentos de espera, Adrian apareceu magnificamente perfeito. Novamente de smoking, estava extremamente sexy.

Ele olhou para mim que agora estava de pé em frente a ele e disse:

— Esse é o vestido que Anabeth trouxe pela manhã? – perguntou irritado.

— Sim.

— Não é muito apropriado, mas, ficou perfeito em você – disse com um sorriso.

— Obrigada.

— Vamos. Não quero chegar atrasado.

Saímos da suíte e a limusine já estava a postos nos esperando. Fizemos o trajeto em silêncio. Adrian evitava me olhar e eu também não deixei transparecer meu interesse nisso. Assim que chegamos, passamos por fotógrafos e uma multidão. Seja o que for esse evento, é algo muito importante.

Quando entramos no salão, Adrian me conduziu até nossa mesa. Surpreendentemente, ela ficava perto de outra mesa a qual, Jason Maxwell estava sentado com uma mulher muito bonita. Jason me olhou e sorriu acenando com a cabeça. Antes que eu pudesse abrir um sorriso, minha boca foi coberta pela boca de Adrian que me puxava contra ele.

E não é que essa festa hoje será animada?

— Se pensar em ir falar com aquele babaca, vai se arrepender – ele disse se afastando friamente. O velho e ranzinza Adrian de volta.

— Pode deixar. Ficarei aqui encenando o papel da noivinha imaculada e apaixonada – respondi sem paciência.

Esse cara me deixa exasperada. Se ele acha que pode fazer o que quiser comigo por dinheiro, está enganado.

Minha dignidade não tem preço. Vou mostrar-lhe que o mundo não gira em torno dele. Babaca.

CAPÍTULO 4

Adrian me deixou sozinha à mesa e seguiu em direção a alguns amigos que estavam um pouco a frente. Já estava maquinando em minha cabeça o que eu iria fazer com esse babaca arrogante.

Na mesa ao lado, Jason me olhava com aqueles lindos olhos azuis que expressava algo que não conseguia identificar. Ele me despia somente com seu olhar enigmático. “O que está acontecendo comigo?”

Depois de alguns minutos Adrian voltou, acompanhado de dois casais. Ele me apresentou como sua noiva. Não prestei muita atenção neles. Estava mais focada em Jason – que me enviava olhares maliciosos e beijos. Jason era só sorrisos. “Esse homem é louco”.

Adrian percebeu meu desinteresse pela conversa e acabou olhando em direção ao que ele achava que estava me distraíndo. “Bingo!”

Já viram como ficam aqueles touros quando alguém balança uma flanelinha vermelha perto deles? É. Adrian estava exatamente igual.

Tentei me concentrar na conversa. Ajeitei-me em minha cadeira e Adrian, possessivamente, colocou sua mão sobre a minha.

— O evento ficou magnífico! – o cara de cabelos grisalhos que não prestei atenção ao nome, falou.

— Sim. Tivemos todo o cuidado para escolher os filantropos dessa vez. E o Sr. Maxwell, doou para a fundação uma quantia generosamente absurda – disse a mulher ruiva que o acompanhava. Essa eu lembrava o nome, Amélia.

Será que estavam falando de Jason Maxwell?

— Fico feliz em ver que mais executivos abraçam a nossa causa – Adrian sorriu.

Eu estava em um evento de caridade? Sério?

— Adrian, será que posso roubar sua noiva por alguns instantes?
— Amélia perguntou com sorriso no rosto. Adrian se contraiu, mas, disse com toda a classe:

— Fique a vontade, Amélia.

Eu olhei sem saber o que dizer. O que aquela magricela de cabelo de pica pau, queria comigo?

Levantei-me e a segui discretamente. Amélia enroscou seu braço no meu e sussurrou:

— Querida, você tirou a sorte grande – disse sorrindo me olhando com olhos de predadora. Não entendi porra nenhuma.

— Desculpe?

— Você e Adrian estão juntos há muito tempo?

Oh! Puta que pariu. E agora?

— Mais ou menos – disse. — Por que o interesse? – soei um pouco arrogante.

— Desde a tragédia que matou Sara, Adrian nunca mais foi o mesmo. Não o via sorrir, há muito tempo.

Oh meu santo. Quem é Sara? E agora?

— Uma pena – foi a única coisa que consegui dizer sem soar uma completa idiota.

— Sara era uma mulher incrível. Morreu fazendo o que mais gostava. Adrian ficou péssimo quando soube da notícia. Ela estava grávida de seis meses. E desde então, nunca mais o vi com mulher nenhuma. E de repente, me aparece aqui com você – ela sorriu. De algum jeito, aquela mulher parecia me questionar.

— Olha Amélia, por que não diz logo aonde quer chegar?

— As alianças – ela comentou.

— Que alianças? – perguntei confusa.

— De noivado – disse apontando para minha mão. — Todo casal de noivos têm uma – ela sorriu.

— Sou alérgica – rebati.

Antes que eu pudesse sair, Amélia me segurou pelo braço e sussurrou:

— Eu conheci a Sara. Não me admira Adrian ter se apaixonado por você. Vocês são muito parecidas – ela disse com desdém.

Eu? Parecida com uma defunta? Era só o que me faltava!

— Se me dá licença, preciso ir ao toalete – sorri um pouco sem graça.

Afastei-me daquela mulher petulante. Onde ela queria chegar com isso tudo? Arg! Deixa para lá.

Entrei no banheiro e retoquei a maquiagem. Ainda passando o batom em meus lábios, vejo um reflexo no espelho. Meu coração quase saltou pela boca ao ver Jason ali. Parado na porta me olhando. No banheiro feminino. Agora é oficial: ele é realmente maluco. Sorri.

Quando me virei, Jason passou a tranca na porta.

— Sr. Maxwell, está em território proibido – disse sarcasticamente.

— Quantas formalidades, minha garota – ele deu aquele sorrisinho torto que me fascinava. Seus olhos brilhando de desejo, me olhavam da cabeça aos pés.

— Está louco? Alguém pode querer entrar e... – mal consegui pronunciar as palavras. Jason me agarrou pela cintura e me beijou enlouquecidamente. Sua boca tinha gosto de uísque. Seu cheiro era bom. Muito bom. Eu não sei o porquê, mas eu pensei no beijo do Adrian. Gemi lembrando a forma com que me pegou fazendo perder todos os meus sentidos.

As mãos de Jason passavam lentamente por todo o meu corpo e instantaneamente, me senti nos braços de Adrian. Céus! Eu estava ficando maluca ou eu realmente estava gostando daquilo?

Ondas de prazer vinham cada vez mais intensas. Jason beijava carinhosamente meu pescoço dando leves mordidas. No meu ouvido sussurrou com uma voz sexy que me fez molhar a calcinha.

— Você está me deixando louco, sabia? A vontade que tenho é de arrancar toda a sua roupa e te foder até você gozar gritando meu nome.

Eu estava tão excitada que não sabia o que responder. Quando alguém bateu na porta e a realidade me bateu forte. Empurrei Jason com tudo para que se afastasse e ele me olhou achando graça – talvez eu estivesse com uma cara engraçada.

— Verônica – uma voz soou irritada seguida por batidas na porta. Adrian! Deus ele vai surtar.

— Acho que seu namoradinho sentiu sua falta – Jason olhava com diversão.

— Se esconda. Se ele te pega aqui comigo, ele me mata – disse apavorada.

— Eu mato ele primeiro – Jason diz se aproximando. Bloqueou-me novamente agora contra a parede. Levou sua mão até a abertura do meu vestido e procurou descaradamente por mim. Afastou minha calcinha de lado e tocou minha abertura úmida.

— Não acredito que terei de ir embora e deixar você assim. Pronta. Pronta para aquele Mané – ele sussurrou e eu apenas gemi ao seu toque.

Meu Deus! O que está acontecendo comigo? Eu era realmente uma vadia? Não. Não. Não. Afastei Jason e fiz com que se escondesse na parte detrás.

— Entre em algum lugar e fique calado – disse ainda tentando me refazer.

Ele olhou divertido e disse:

— Você está com cara de quem quer ser fodida, baby. Se não tirar essa expressão do rosto, vai se delatar – ele sorria se divertindo com a minha desgraça. Bandido sexy provocador. Eu estou perdida.

Olhei no espelho e realmente. Estava uma bagunça. Joguei uma água no rosto e retoquei o batom vermelho manchado. A voz de Adrian foi ficando cada vez mais alta e a batida mais violenta. Decidi correr senão esse homem colocaria a porta abaixo.

Quando abri, Adrian me olhava de forma acusatória.

— Por que demorou? Trancou-se no banheiro?

— Eu estava me sentindo mal, desculpe – disse dando de ombros.

— Conta outra. Até a pouco estava perfeitamente bem – disse desconfiado. — O que houve? Amélia voltou sem você, então fiquei preocupado.

— Podemos voltar? – perguntei ainda abalada com as sensações que estava sentindo.

Adrian pegou em minha mão e me guiou de volta para a mesa sem dizer mais nada.

Eu não consegui me concentrar em mais nada. Até que tentei. Mas não estava dando certo. Principalmente depois que Jason voltou a sua mesa e me lançava olhares provocativos.

Depois de algum tempo, consegui entrar no ritmo da conversa. O baile era em homenagem aos fundadores da instituição. Adrian além de empresário era filantropo. Ao que me parece, aquela tal de Sara era a mãe Tereza de Calcutá. Ela trabalhava na Etiópia no combate a fome e a mortalidade infantil junto com Adrian.

Depois de terminado o pequeno discurso do orador, ele chamou pelo nome de Adrian que seguiu até o pequeno palco aplaudido por todos. Pelo que entendi, Adrian angariava fundos para a instituição a qual fundou após a morte de Sara. A instituição levava o nome dela: Sara Bawer. Um gesto bonito para um homem petulante, arrogante, prepotente e carrancudo.

Adrian fez um pequeno discurso agradecendo a todos os benfeitores. Um deles, Jason Maxwell, o qual teve o desprazer de ter que apertar a mão e sorrir. Era nítido o desconforto de Adrian. Jason foi extremamente generoso ao doar uma quantia inenarrável. Estava totalmente boquiaberta. Eu aqui, tendo de engolir sapos por quinhentos mil, e, o deus sexy, distribuindo dinheiro na maior tranquilidade. Tá. Eu sei que é por uma causa nobre. Mas também sei que esses figurões doam essas quantias para não pagarem impostos. Pelo menos, o dinheiro está beneficiando alguém que realmente precisa.

Saber desse lado de Adrian me deixou mais receptiva a ele. Talvez ele não fosse tão mal quanto estava pensando.

Após todo aquele discurso chato e tedioso, o baile enfim, começou.

Casais seguiram para a pista de dança e animados, embalaram-se ao som de uma música que pelo amor, nem eu sabia dizer o que era, tipo música dos anos 60.

Adrian e eu ficamos sentados. Ele não perguntava nada e eu, não respondia nada, claro. Nem monossilábicos estávamos. Era

tenso.

Depois de alguns minutos, a loira peituda que estava sentada ao lado de Jason, se aproxima e pergunta:

— Você se incomodaria se tirasse o seu namorado para uma dança?

Mas que mulher cara de pau! Adrian me olhou sem reação e antes que pudesse responder por mim, falei:

— Não vejo problema algum – sorri.

Adrian me fuzilou com um olhar, mas, não protestou. Assim que saiu, pude respirar aliviada. Ficar ao lado desse homem me deixa tensa. Extremamente tensa.

Jason me lançava olhares furtivos. Definitivamente, ele queria entrar em minha calcinha. Descarado! Quando ele se levantou de sua cadeira, eu já sabia exatamente o que pretendia. Eu vou matá-lo. Assim que chegou a minha mesa, pegou em minha mão me puxando para a pista de dança.

— É louco?

— Aquele seu namoradinho não estava nem aí pra você. Talvez agora ele preste atenção – sorriu.

— Ele está sobrecarregado – disfarcei.

— Sobrecarregado com uma mulher dessas ao lado? Querida, ou seu namorado é gay, ou ele não sabe apreciar as coisas boas da vida – disse sussurrando.

Jason e eu agora dançávamos em torno de vários casais. A minha sorte, era que o salão estava cheio o suficiente para que Adrian não pudesse nos ver. Preciso admitir, estar ao lado de Jason era extremamente divertido.

— Sua namorada não ficará com ciúmes?

— Namorada? Você acha mesmo que enviaria minha namorada para outro homem? – ele pergunta com divertimento. — Não sou o seu namoradinho querida. Gosto de cuidar do que é meu.

— E quem é aquela garota?

— Uma mulher sem importância. Apenas uma companhia. Esses eventos são cruéis quanto a isso. Ou vem acompanhado, ou sai daqui com uma pistoleira querendo arrancar todo dinheiro da sua

conta bancária – sorriu divertido. — Ou pior. Os jornalistas publicam que você é gay ou algo do tipo.

— Nem de longe você poderia ser confundido com um homossexual – gargalhei achando graça do meu próprio comentário. Jason Gay? Não mesmo.

Ainda com as mãos comportadamente em minha cintura, Jason chegou mais perto se aproximando do meu ouvido e sussurrou:

— Ainda está molhadinha para mim, baby?

Fiquei abismada com sua cara de pau. Safado.

— Jason, vamos parando por aqui. Acho que está me confundido – rosnei.

— Eu sei que ficou excitada. Posso te ajudar quanto a isso – disse raspando seu rosto em meu pescoço. Puta que pariu. Esse homem quer a minha morte?

— Eu amo Adrian. Sem chance quanto a isso – afirmei.

— Não me parece que o ama tanto assim. Seu corpo dizia ao contrário enquanto te tocava.

— Vamos mudar o rumo da conversa? – Isso já estava ficando perigoso demais.

Quando a música acabou e começou Iris – Goo Goo Dolls, Jason me abraçou ainda mais apertado e sua mão agora estava em meus cabelos. Eu estava perdida com esse cara. Perdida.

Eu apenas fechei os olhos e deixei o momento fluir. Era a primeira vez que um homem me desejava sem que soubesse o que eu realmente era. Quando Sonia me encaminhou para isso, eu tinha acabado de completar vinte anos. Ainda era virgem, acreditem se quiser. Meu primeiro cliente, foi o Sr. Charles. Não gosto nem de lembrar como foi minha primeira vez. Foi horrível e assustador ao mesmo tempo. Ele era um homem bonito, mas, não senti nada. A não ser um desconforto e uma vontade enorme de colocar a minha cabeça num buraco.

Adrian estava despertando-me coisas que nunca havia sentido até agora. Sônia me avisou que esse dia chegaria. Mas estava totalmente amedrontada. Não queria gostar disso. Não dessa forma. Sendo usada e explorada apenas para prazer e luxúria. Eu precisava me manter fria e distante. Quanto mais fria, melhor.

Assim, não quebraria minhas regras. Não beijar era a regra número um. E Adrian havia me feito quebrá-la. Eu estava odiando gostar de beijá-lo. E agora, me aparece mais um demônio, de olhos azuis, para me arrastar para o inferno.

— Tire suas mãos da minha mulher – uma voz irritada soou atrás de mim me puxando com força.

— Uow! Vá com calma. Só estávamos dançando – Jason sorriu maliciosamente.

— Se pensar em chegar perto dela de novo, eu mato você – disse entre os dentes.

Adrian me afastou praticamente me arrastando para fora do salão.

Minha mulher? Desde quando?

Passamos pelos seguranças em direção ao carro. Abrindo a porta da limusine parada a nossa espera, Adrian me empurrou para dentro com violência.

— Para o hotel – ele disse ao motorista completamente enfurecido.

Mas nem morta eu abriria a minha boca. Ainda tinha amor aos meus dentes.

Fizemos o trajeto em um desconfortável silêncio. Assim que chegamos ao hotel, Adrian me pegou pelo braço e saiu me puxando como se fosse uma criança mimada. Empurrou-me para dentro do elevador e continuava sem dizer nada. Estava inquieto e sua respiração estava descontrolada. Ele estava começando a me assustar.

A porta do elevador se abriu e saímos em direção a suíte. Adrian abriu a porta e praticamente me jogou para dentro. Eu acabei me desequilibrando e batendo as costas no sofá.

Oh céus!! Ele vai me matar, me bater ou me fazer em picadinhos. Será que eu deveria gritar?

Adrian tirou o blazer e a gravata borboleta jogando-os ao chão. Olhando nos meus olhos, pude ver a sua fúria agora mais controlada.

Ele veio em minha direção e eu protestei.

— Sr. Miller, por favor – eu implorei.

Ele pegou em meus braços virando-me de costas para ele. Rapidamente, abriu o zíper lateral do meu vestido fazendo com que caísse aos meus pés. Eu estava agora apenas de salto e a famosa calcinha vermelha molhada.

Adrian me beijou pegando-me no colo. Levou-me até o quarto e me jogou na cama. Ainda aturdida com sua atitude, falei:

— O que está fazendo?

Ele não respondeu. Apenas começou a tirar a sua camisa e sua calça ficando apenas com sua boxer preta.

Quando tentou puxar minha calcinha, eu protestei bloqueando sua investida.

— Sr. Miller, o que está fazendo? – estava completamente confusa e excitada com sua atitude.

— Vou dar a você o que está procurando – rosnou, caindo com seu corpo em cima do meu, preenchendo minha boca com seus lábios macios deixando-me em transe.

Adrian me beijava como se precisasse de mim. Como se me quisesse. Seu corpo pesado me esmagando estava me causando asfixia. Ele percebeu e suavizou um pouco seu peso sobre mim. Ele tinha uma mão em meu rosto e a outra puxando minha perna em volta de seu quadril.

Assim que se afastou, foi descendo lentamente deixando um rastro de beijos por todo o meu corpo. Em um só puxão, Adrian rasgou minha calcinha e a descartou de lado. Aquilo me excitou tanto que deixei escapar um gemido. Sem nenhum pudor, Adrian abriu minhas pernas e se aventurou em minhas entranhas. Assim que senti sua língua quente passeando em minha abertura, gemi. Ele massageava meu clitóris com a língua me deixando perdida em meus pensamentos. Suas mordiscadas me deixava alucinada. Perdi-me em meu próprio prazer. Uma sensação nova e totalmente excitante. Eu já havia recebido outros homens. Mas nenhum fez com que sentisse o que estava sentindo naquele momento. Adrian literalmente estava me fodendo com a língua.

Eu arqueava os quadris procurando por mais. Adrian percebeu e em resposta, enfiou dois dedos em minha entrada. Com o

movimento de vai e vem, Adrian me deixou gemendo e suspirando por ele. Sua língua ainda percorria meu clitóris de forma ritmada.

Quando eu não pude mais aguentar, uma sensação tomou conta do meu corpo. Eu estava convulsionando. E, ofegante, gozei gritando:

— Ohhhhh... Adriaaaaaaan!!!

Meu primeiro orgasmo. Estava simplesmente flutuando no céu.

EU ESTAVA FODIDA.

CAPÍTULO 5

Adrian Miller

Me perdi no momento em que a senti convulsionar em meus braços e gozar gritando meu nome. Para falar a verdade, acho que já estava perdido bem antes. Eu sabia que aquilo não daria certo desde o momento em que Charles me mostrou uma foto dela. Minha cara de espanto ao vê-la foi tão grande, que Charles perguntou se havia visto um fantasma. E sim. Praticamente havia visto. E naquele momento eu decidi que ela seria minha acompanhante. E faria de tudo para que aceitasse a viajar comigo.

Verônica é exatamente a cópia de Sara. Na sua versão morena. Sara tinha cabelos loiros e Verônica, castanhos escuros. A fisionomia, o corpo, eram muito parecidas. Até a altura das duas. Fiquei em choque por um momento. Pensei em recusar. Mas, a curiosidade foi maior do que minha sanidade. Eu sabia que deveria me manter afastado. Que ela não era o tipo de mulher para um homem como eu. Não após saber de todo o meu passado.

Fui abandonado quando tinha oito anos. Minha mãe era uma prostituta viciada. Meu pai? Não faço nem ideia de quem seja. Após ter sido adotado por um casal, minha mãe ainda tentou arrancar dinheiro deles para manter seu vício. Que ironia do destino. Ele me traz Sara de volta, mas, com o mesmo defeito da mulher que tanto odeio no mundo.

Assim que me afasto de Verônica, ela ainda está ofegante. Sua respiração irregular, aos poucos, volta ao normal.

“E agora? O que eu faço? Não deveria ter perdido o controle”.

Afasto-me um pouco confuso e caminho até o banheiro deixando-a sozinha nua em cima da cama. Quando fecho a porta, levo a mão ao rosto e imediatamente, me arrependo.

— Droga! Droga! Maldita! – vocifero para mim mesmo.

“Porque me deixei levar por aquela mulher? Céus! Estou perdido”.

Sinto um nojo só de pensar que a toquei. Quantos homens não a tocaram da mesma forma que eu? E ela ainda gosta? Depois de tanto tempo... Por quê? Porque justo uma vagabunda?

Meu sangue fervia só de pensar naquele cara a tocando. Ela o queria? Mas é claro que ela viu a oportunidade de arrancar uma boa grana daquele riquinho.

Olho-me no espelho. Não me reconheço. Estou perdendo totalmente o meu controle. Minha vontade é de voltar naquele quarto e me enterrar dentro dela. E sei que se eu reivindicá-la, será a minha ruína.

Meu pau ainda está duro em minha boxer. Eu a quero. Deus como eu a quero. Maldita feiticeira.

Abri a porta do quarto para dizer a ela que tudo não passou de um mal entendido. Eu não iria tocá-la. Nunca mais.

Mas, assim que a vi, tão linda, tão assustada segurando o travesseiro contra seu corpo nu, eu não resisti.

— Foda-se! – rosnei.

Fui em direção a ela e puxei o travesseiro deixando-o de lado.

O que leva uma mulher tão linda, tão doce, a seguir esse caminho?

Quando ela me olhou, vi que seus olhos estavam lacrimejados. Estava chorando?

Aproximei-me dela e limpei uma lágrima que rolava timidamente. Beije sua boca com necessidade. Ela não recusou. Abraçou-me correspondendo ao meu beijo ardente.

Tirei minha boxer revelando minha ereção. Perdi-me em sua pele macia e cheirosa. O cheiro dela era tão bom. Ela ofegava e respirava com dificuldade. Era visível que se sentia afetada.

Passei minhas mãos por todo o seu corpo. Ela arqueava os quadris a minha procura. Com suaves beijos em seu pescoço, segui

provocando arrepios em sua pele. Ela gemia. Tinha suas mãos em meu cabelo puxando-o com força.

Desci minha boca até seu seio e o suguei com vontade. Com a outra mão, estimulava seu mamilo enrijecido. Ela ficava cada vez mais louca. Quando não consegui resistir, abri a gaveta do criado mudo e peguei um preservativo. Rasguei o envelope e deslizei em meu pau.

Olhando nos olhos dela, entrei em seu sexo devagar. Queria sentir meu pau percorrer todo o caminho bem lentamente. Ela gemeu e eu me perdi em meio às sensações. Sua boceta apertada contraía meu pau me levando a perda dos sentidos. Droga! Tão apertada. Tão gostosa!

Fechei os olhos enterrando nela, dando leves estocadas. Quando voltei do transe, olhei nos olhos dela e disse:

— Quero que goze para mim, meu amor.

Não sei por que disse isso a ela. As palavras saíram e imediatamente, me arrependi em dizê-las. Em resposta, ela apenas sorriu.

Seu sorriso parou meu coração em fração de segundos. Eu estava perdido nela. Em seu corpo. Em sua beleza, em sua alma. Desde o primeiro momento em que a beijei, senti como se ela fosse minha. Minha. E esse sentimento de posse estava me assustando.

Verônica seguia gemendo como uma felina. A cada gemido dela, meu pau ficava ainda mais duro. Aumentei o ritmo de minhas estocadas. Enquanto me enterrava nela com vontade, a beijava. Seu gosto era doce. Ela gemia em minha boca e mordida meus lábios, totalmente excitada.

— Adrian... Por favor! – ela implorou.

— Diga o que quer... diga pra mim – implorei.

— Quero que me faça gozar – ela disse ofegante.

— É isso que quer? – perguntei me enterrando ainda mais forte dentro de sua boceta molhada e apertada.

— Oh sim... Sim Adrian... Por favor – ela continuou a implorar sensualmente.

Nesse momento, tirei meu pau de dentro dela e levantei suas pernas colocando-as em meu ombro. Quando voltei a penetrá-la,

meti duro e com força. Com minhas estocadas rápidas, nos perdemos em meio nosso orgasmo. Ela convulsionava. Tremendo e gritando meu nome, ela gozou para mim. Só para mim. E eu, eu estava fodido.

Quando sai de dentro dela, tirei o preservativo e descartei. Era loucura. Loucura o que estava fazendo. Ela veio em minha direção e me beijou. Eu estava confuso. Muito confuso. E antes que ela pudesse interpretar tudo isso de alguma outra forma, eu acabei sendo um babaca. Só queria mantê-la afastada. Afastada para que não percebesse o quanto me afetou. O quanto eu a queria.

Afastei-a e a olhei. Se eu acabasse com essa loucura agora, eu ainda teria alguma chance de sair desse inferno. Então, decidi fazer com que ela me odiasse, assim, ela me acharia um idiota. Ela mesma me manteria afastado. Porque eu sei que seria incapaz de conseguir me manter longe.

— Está satisfeita? — perguntei com a voz fria e de forma impassível.

— Sim — ela deu um sorriso tão lindo que quase me fez voltar atrás. Linda, ainda nua na cama, apenas me observando.

— Quem bom que satisfiz seu desejo. Assim, espero que não saia mais correndo atrás daquele paspalho como uma cadela no cio — meu tom foi frio.

O sorriso que ela tinha no rosto desapareceu no mesmo instante. Transformou-se em decepção. Meu coração ficou em mil pedaços. Mas era assim que deveria ser. Ela não disse absolutamente nada. Mas, vi quando uma lágrima rolou em seu rosto perfeito. E naquele momento, eu sabia que tinha sido o pior tipo de canalha.

Juntei minhas roupas e quando estava saindo do quarto, ela perguntou com a voz embargada:

— Aonde vai?

— Vou voltar para a festa — disse. — E você, ficará ai.

Ela me olhou e apenas assentiu. Estava visivelmente destruída. Então, me virei e sai para me vestir em outro lugar. Eu só queria sair dali e esquecê-la. Apenas esquecê-la.

Que Deus me ajude!

CAPÍTULO 6

Verônica Sandler

Eu ainda estava perdida em meio às sensações. Quando Adrian se afastou, me olhou confuso e vi em seus olhos seu arrependimento. Ele foi até o banheiro e lá, se trancou. Pude ouvir suas lamentações.

"Droga! Droga! Maldita!"

Fiquei sem saber o que fazer. Fechei os olhos e tentei segurar as lágrimas que queriam sair. Eu não iria chorar. Meu peito estava apertado e eu estava me sentindo estranha. Peguei o travesseiro e o abracei com toda minha força. Só queria me proteger desse sentimento estranho que invadiu meu coração.

Quando ouço a porta abrir, Adrian vem em minha direção com olhar determinado. Quando me olhou nos olhos, disse:

— Foda-se.

Ele se aproximou e retirou o travesseiro que estava envolvida. Quando percebeu uma lágrima em meu rosto, passou seu polegar para afastá-la.

Ele me beijou e eu não protestei. Deveria ter recusado, mas eu simplesmente não consegui. Eu precisava dele. Muito.

Quando ele retirou sua boxer, eu só conseguia imaginá-lo dentro de mim. Preenchendo-me por completa. Ele começou a me acariciar lentamente. Eu ofegava e gemia entrelaçada nele. Sua boca em meu pescoço me beijando com paixão, me causou arrepios me deixando em êxtase. Ele era delicado e gentil. Tocava-me silenciosamente. Mas pude sentir o quanto me queria.

Eu arqueava os quadris a procura dele. Eu queria senti-lo. E esse sentimento me deixou completamente confusa e assustada. Jamais desejei um homem como o desejo. E eu sinto que ele também me desejava. A forma como me tocava, sua delicadeza, não era uma foda qualquer. Eu senti que existia uma conexão entre nós. Algo diferente.

Peguei em seu cabelo trazendo mais para mim. Eu estava enlouquecida. Adrian beijava todo o meu corpo e então, parou em meus seios com vontade. Sentia sua respiração pesada enquanto sugava um seio e estimulava o outro.

Acho que sua necessidade era igual a minha. Ele parou e se afastou para pegar algo numa pequena gaveta. Quando ouvi o som de algo se rasgando, percebi que colocava o preservativo.

Quando veio até mim, me beijou e olhou dentro dos meus olhos. Ele me penetrou tão lentamente, que quase me perdi. A sensação de tê-lo dentro de mim, por completo, estava me deixando fora de controle. Nesse momento não pensei em mais nada. Não pensei em quem eu era, em quem seria daqui para frente, não pensei nas consequências. Apenas senti o momento.

Algo dentro de mim estava se quebrando e eu não sabia o que era. Adrian começou suas estocadas e eu gemi. Ele estava calado, mas era como se não precisasse dizer nada. Seus olhos me transmitiam tudo o que eu precisava saber. Ele queria isso tanto quanto eu. E quando ele me disse: — Quero que goze para mim, meu amor.

Sorri para ele em confirmação. Ele me queria e eu o queria. E eu não lutaria contra isso.

— Adrian... Por favor! – eu implorei. Precisava senti-lo ainda mais forte.

— Diga o que quer... diga pra mim – ele disse carinhosamente.

— Quero que me faça gozar – disse com a voz entrecortada.

— É isso que quer? – ele perguntou me penetrando ainda mais forte, como eu queria.

— Oh sim... Sim Adrian... Por favor – continuei a implorar já chegando ao meu limite.

Adrian se afastou por um momento e segurou minhas pernas em seu ombro. Quando voltou a me penetrar, estava mais possessivo. Com fortes estocadas, Adrian me deixou perdida. Oh meu Deus! Estava tendo espasmos? O prazer era imenso. Convulsionei em seus braços. Adrian também não aguentou por muito tempo e enfim, gozamos juntos numa sensação incrível. Eu fui até o céu pela segunda vez, só que agora, eu não queria mais sair de lá.

Adrian se afasta e imediatamente, sinto um vazio imenso. Ele retira o preservativo descartando-o. A falta do seu corpo sobre o meu me deixou assustada. Eu estava amando esse homem? Oh meu Deus! Não. Não pode ser.

Eu estava me sentindo tão feliz. Tão amada. Nunca um homem me tratou como ele na cama. Era como se estivéssemos fazendo amor. E não uma simples foda corriqueira.

— Está satisfeita? – ele me perguntou com a voz fria.

— Sim – disse sorrindo. E eu estava. Completamente satisfeita. Pelo menos, por aquele momento.

Adrian me olhou diferente e eu vi que algo mudou dentro dele. Seus olhos já não estavam brilhando e sua expressão era dura e implacável. Era como se fosse outra pessoa. Como se estivesse lutando contra algo dentro dele.

— Que bom que satisfiz seu desejo. Assim, espero que não saia mais correndo atrás daquele paspalho como uma cadela no cio

– ele rosnou totalmente cruel.

Eu não posso acreditar que depois de tudo, de ter me entregado de corpo e alma, ele me trate dessa forma. Fechei os olhos e me amaldiçoei por ser tão idiota. Por acreditar que eu tinha sido algo para ele. Que pudesse me ver como uma mulher que estava perdidamente apaixonada por ele. Mas é claro que ele apenas me via como uma vagabunda. Qual homem se apaixonaria por uma mulher como eu?

As lágrimas começaram a cair e não pude controlá-las. Eu estava me sentindo um lixo.

Adrian se afastou e começou a juntar suas roupas apressadamente. Ele queria se afastar de mim?

Não consegui controlar minha maldita língua e perguntei com a voz embargada pelo choro, me amaldiçoando por ele ter me afetado tanto.

— Aonde vai?

— Vou voltar para a festa – ele rosnou. — E você, ficará ai.

Eu apenas assenti. O que iria dizer? Estava sendo paga para isso, não? Enquanto estivesse trabalhando para ele, eu apenas teria de obedecê-lo. Então não protestei. Coloquei-me em meu lugar. O lugar de onde não deveria ter saído. E fiquei ali. Usada e destruída. E a culpa era totalmente minha. Apenas minha por ter baixado a guarda e o deixado entrar em meu coração.

Ouço um barulho de vidro se quebrando. Olho no relógio, 04:00 da manhã. Ainda estou nua. Devo ter adormecido e nem percebi. Levantei-me, coloquei a camisola e segui para a sala.

Adrian estava caído no chão completamente bêbado. Cacos de cerâmica estavam espalhados em sua volta. Deve ter esbarrado no vaso do aparador de tão bêbado que estava. Fui em sua direção e tentei ergue-lo.

— Sr. Miller – disse puxando-o para mim. — Consegue se levantar?

Ele balbuciava coisas sem sentido e percebi que seria inútil manter uma conversa. Tentei pegá-lo de qualquer jeito mesmo, pois ele era enorme e muito pesado.

Quando ele se levantou, eu o guiei até a cama com dificuldade. Céus! Que homem pesado. Tirei toda a sua roupa e o ajeitei na cama. Ele apagou instantaneamente.

Eu, sem saber o que fazer, caminhei até a sala e limpei toda a bagunça. Quando terminei, deitei no sofá e voltei a dormir.

Logo pela manhã, acordo assustada. Vou até o quarto e Adrian ainda dorme como um anjo. Ele terá uma bela dor de cabeça quando se levantar.

Disquei para o serviço de quarto e pedi o café da manhã bem reforçado. Também pedi para que trouxessem um advil para que ele pudesse tomar.

Quando chegou, deixei a bandeja na cama ao seu lado com o comprimido. Peguei minhas roupas de corrida e fui direto tomar um banho. Quando saí completamente vestida, Adrian se mexia. Devia estar acordando. Apressei-me e saí do quarto. Não quero estar aqui quando acordar. Preciso de ar. Preciso pensar e me manter afastada dele.

Quando saí do elevador, esbarrei em Jason. Era só o que me faltava. Revirei os olhos.

— Bom dia minha linda – ele sorriu.

— Bom dia Sr. Maxwell – disse seca.

— Pelo visto, irá correr hoje.

— Sim – disse caminhando para fora do hotel.

— Posso lhe fazer companhia? – ele perguntou com seu melhor sorriso.

— Não Jason. Não pode. E quer saber... Esqueça-me. Está me causando problemas – rosnei.

— Ei, espere! – ele me segurou. — O que houve? Espero não ter causado problemas para você. Seu namorado voltou para festa ontem sozinho e eu fiquei preocupado.

— Eu estava me sentindo mal. Agora me solte – disse sendo rude.

— Podemos conversar? Posso ir com você e então nós...

— Como você é insistente. Que saco! – bradei. Para me ver longe dele, corri em direção ao outro lado da rua, ele gritou algo para mim, mas não consegui ouvir a tempo.

Quando dei por mim, estava estirada no asfalto. Minhas costelas e minha cabeça doíam e havia sangue em minhas mãos. Tentei me levantar, mas Jason pediu para que não me movesse.

Algumas pessoas se aglomeraram perto de mim e então caiu minha ficha. Eu fui atropelada! Comecei a me desesperar e passar a mão em meu corpo para sentir os danos.

— *Chamem uma ambulância!* – alguém gritou.

Ai meu Deus! Ambulância? Eu estou bem, não quero ambulância nenhuma. Comecei a chorar. Jason tentava me acalmar perguntando se estava sentindo dor. Ele segurava minhas mãos e estava visivelmente preocupado.

Nesse momento, vi a multidão se dispersar e Adrian surgir furioso no meio deles. Quando me olhou estava transtornado. Ele usava a mesma roupa de ontem toda amassada e torta. Acho que se vestiu na pressa. Tive vontade de rir de sua aparência, mas me contive. Ele se abaixou empurrando Jason para longe de mim.

— Saia de perto dela – ele falou.

Jason se afastou sem dizer nada. Balbuciou um “me perdoa” e saiu. Coitado. Estava achando que tinha alguma culpa por eu ter sido atropelada.

— Vou levá-la para o hospital – Adrian disse averiguando meus ferimentos. — por sorte, não tem nada quebrado. Só alguns arranhões e machucados – ele disse com preocupação.

— Não. Não quero ir para o hospital. Eu estou bem. Só preciso me levantar e me limpar – sussurrei.

— Tem certeza? – ele perguntou.

— Sim – disse tentando me levantar. Adrian franziu o cenho e me pegou no colo. Carregou-me para dentro do hotel e perguntou:

— Estava querendo se matar? O motorista que estava na calçada viu tudo e anotou a placa do idiota que a atropelou. Amanhã mesmo irei registrar uma queixa.

— Ele não teve culpa. Eu atravessei a rua sem olhar. Estava fugindo do... – parei de falar assim que senti a raiva de Adrian.

— Era ele não era? Ele estava atrás de você? – perguntou.

— Sim. Mas ele também não teve culpa. Eu estava saindo para correr.

Quando chegamos a suíte, Adrian me colocou no chão para abrir a porta.

Entramos e quando me olhou disse:

— Venha, vou te dar um banho e fazer os curativos em você.

Eu olhei para ele perplexa. Adrian estava no seu modo gentil e atencioso. Mas eu não me deixei levar. Coloquei minha cara de gelo e disse:

— Eu mesma faço isso. Não preciso de sua ajuda.

Até parece que deixaria ele me tocar outra vez. Não depois da forma que me tratou ontem.

— Eu sei que pode. Mas eu farei – rosnou.

— Não. Não vai.

— Não vou te deixar sozinha, precisa de alguém para ajudá-la. Esta toda machucada – ele veio em minha direção e me puxou contra ele. Quando ele pegou em minha costela, dei um grito. Meu Deus. Acho que a pancada foi pior do que imaginava. Adrian se assustou e pediu para que me virasse. Ele ficou visivelmente tenso ao passar a mão em minhas costas que ardia.

— Você tem um belo hematoma aqui. Vou chamar um médico para examiná-la – disse descontrolado.

— Não precisa. Já disse que estou bem – disse friamente.

— Não, você não está. Acabou de ser atropelada e poderia ter morrido. Você entende a gravidade disso? – ele souu desesperado. Não iria deixá-lo me confundir. Não seria uma completa idiota outra vez.

— Agora está preocupado comigo? – gritei.

Ele se assustou com meu tom de voz e recuou.

— Anda, responda! Não preciso que se preocupe comigo Sr. Miller. Eu sou apenas uma prostituta que se morrer, não fará falta nenhuma no mundo. Muito menos para alguém como você. Que visivelmente sente nojo de mim.

Adrian apenas me olhou calado. Não consegui dizer nenhuma palavra. Acho que ele não esperava essa minha súbita atitude. Virei minhas costas para ele, e segui até o banheiro. Tranquei a porta para me certificar de que não entrasse. Eu o queria longe de mim. Longe.

CAPÍTULO 7

Assim que entrei no banheiro desabei no chão e comecei a chorar. Meu corpo todo doía. Por que ele tem que ser tão gentil às vezes? Seria mais fácil ele me ignorasse por completo. Assim não ficaria tão confusa.

Levantei-me e comecei a tirar a roupa. Liguei o chuveiro e comecei a me limpar. A água morna batia em meus ferimentos e ardia. No piso branco, ficou o rastro de água vermelha.

Quando terminei, me enrolei na toalha e saí. Adrian estava sentado na cama. Havia trocado de roupa. Estava de calça jeans e camisa branca. O cabelo desalinhado e uma expressão preocupada.

— Você está melhor? – perguntou vindo em minha direção.

— Sim. Só alguns arranhões e hematomas – respondi friamente.

Adrian parou de frente para mim me observando atentamente.

— Sente-se aqui – disse apontando para a cama. — Vou fazer os curativos.

— Já disse que posso fazer isso sozinha – rebati.

— Você é muito teimosa – ele revirou os olhos me sentando na cama. Pegou uma caixa que presumi ser um kit de primeiro socorros. Tirou algumas gazes e esparadrapos, limpou o local dos machucados e fez o curativo.

— Tem certeza que não quer que chame um médico?

— Eu estou bem.

— Obrigado pelo café da manhã – ele disse. — E pelo comprimido.

Eu apenas assenti.

— Vou adiar a nossa volta ao Brasil. Não quero que viaje desse jeito. Precisa descansar – ele disse com pesar.

— Não posso ficar. Não posso ficar longe da minha mãe. Estou sem notícias dela e estou preocupada.

— Sua mãe está bem – falou com convicção.

— Como sabe? – olhei para ele.

— Eu havia dito a você que deixei alguém responsável por ela na clínica. Ontem mesmo tive notícias que estava bem – ele sorriu e eu o amaldiçoei. Por que ele me afeta tanto?

— Obrigada – disse sincera.

— Acho que teremos que cancelar nossa visita à festa da filha da Carol.

— Eu estou bem Sr. Miller. Posso ir perfeitamente – disse tentando fazê-lo entender.

— Negativo. Vou ligar para ela e explicar o motivo – disse e se afastou de mim, e então pegou o celular no criado mudo.

Levantei-me e peguei meu vestido para colocá-lo. Enquanto Adrian falava ao telefone, eu tirei a toalha, coloquei minha calcinha e quando o olhei de novo, ele me observava. Ao tentar erguer os braços para poder colocar o vestido, senti uma fisgada na costela e gemi de dor.

Adrian veio ao meu socorro ajudando-me.

— Eu consigo fazer isso – disse sendo rude.

— Não vai conseguir colocar um vestido tão apertado assim, toda machucada – disse pegando o vestido da minha mão e jogando em cima da cama. — Vou pedir para Anabeth trazer algo mais solto para você. Por enquanto, vista minha camisa – ele disse sendo carinhoso. Estava com a atenção totalmente voltada para mim.

Adrian desabotoou sua camisa e a tirou me vestindo com cuidado. Seguiu abotoando botão por botão. Quando chegou em meus seios, colocou suas mãos sobre eles e me olhou. Em seus olhos, vi toda a sua necessidade. Meu corpo todo enrijeceu ao seu toque. Como não protestei, Adrian continuou me estimulando. Meus seios ficaram pesados e meus mamilos enrijecidos. Fechei os olhos e praguejei. Eu não conseguia resistir àquele homem. E eu sabia, que a única a se machucar se continuasse, seria eu.

Quando senti os lábios dele nos meus, eu me perdi e me deixei levar. Ele levou suas mãos em meu rosto e me beijava com fervor. Eu apenas queria senti-lo. Queria que me fizesse sua e que me reivindicasse. Queria que falasse que estava apaixonado por mim. Que seria dele e de mais ninguém. Eu estava perdidamente apaixonada por ele.

— Você é tão linda – ele sussurrou em meu ouvido. Sua voz penetrou em minha mente e a partir daí, não consegui mais raciocinar.

Adrian me colocou sobre a cama e disse:

— Adoro sentir meu cheiro em você.

Eu estava confusa agora. Esse homem é confuso. Estava me deixando perdida. Ele seguia com suas carícias e me beijava com ternura. Eu queria afastá-lo. Correr dali. Mas não consegui.

Quando ele passou a mão entre minhas pernas e tirou minha calcinha, minha excitação aumentou. Eu gemia pedindo por ele. Com sutileza, Adrian se livrou de sua calça e sua boxer azul. Quando me penetrou, me senti completa. Senti-lo dentro de mim, me levou ao nível máximo de excitação.

Sem pensar, virei-o deitando-o sobre a cama e subi em cima dele. Ele me deu um sorriso que amoleceu de vez meu coração. Abri a gaveta do criado mudo e peguei o pequeno envelope prateado. Deslizei o preservativo por toda extensão de seu pau agora ereto. Cavalguei em cima dele gemendo e o levando a loucura. Adrian apertava meus seios por cima da camisa e gemia.

Quando disse a ele que estava perto de gozar, ele levou sua mão até minha abertura massageando meu clitóris. Então, me perdi naquela sensação.

Adrian me virou me jogando de costas contra o colchão macio. Gemi com a dor e rapidamente ele se arrependeu.

— Me desculpe – disse preocupado.

— Estou bem – sorri.

Ele me beijou e ainda excitado, me penetrou com estocadas possessivas. Dava para sentir a necessidade dele. Ele me queria. Eu sentia que ele me queria. Talvez só estivesse confuso como eu.

Adrian não foi gentil agora. Ele me fodia com vontade e eu adorei isso. Meu corpo doía com os movimentos frenéticos, mas eu não estava ligando para isso nesse momento. Eu só precisava dele.

Fechei os olhos embriagada pelo prazer.

— Goza para mim, meu amor – ele disse me beijando. Ele disse isso ontem e eu estou confusa agora. Fico tensa e acho que ele percebe.

— Adrian... Não faça isso – implorei. Não queria me machucar. Não queria sofrer ou viver uma mentira.

— Eu quero você Verônica – ele rosnou me penetrando ainda mais forte. — Quero que seja minha. Apenas minha – ele concluiu e naquele momento, olhei para ele horrorizada. Ele havia dito que me queria? Mas em que termos?

— Você sabe que não vai dar certo – sussurrei.

— Não quero outro homem tocando em você – sussurrou no meu ouvido. — Você será minha agora. Apenas minha.

Seguimos encaixados um no outro. Nossos corpos começaram a suar e então Adrian tirou minha camisa. Abraçando-me ele gozou sussurrando em meu ouvido: — Você. É. Minha.

Ele desabou em cima de mim ainda ofegante. Olhou em meus olhos e me deu um sorriso tão lindo que meus olhos encheram de lágrimas.

Ainda me abraçando, ele disse:

— Você quase me fez ter um troço hoje. Quando a vi toda ensanguentada no chão, quase morri – ele me olhou nos olhos.

— Você estava um horror – gargalhei. Ele me olhou confuso sorrindo e perguntou:

— Por quê? Está rindo de mim, Srta. Sandler? – ele gargalhou.

— Sua roupa. Estava um horror – disse beijando sua boca.

Ele se afastou, tirou o preservativo e foi até o banheiro. Quando voltou, colocou sua boxer e deitou ao meu lado. Olhou para o teto e agora estava sério e pensativo.

— Precisamos conversar – ele sussurrou.

— Olha, se for sobre o que você falou a pouco, tudo bem, eu entendo que tenha falado no calor do momento e não precise se

explicar quanto a isso – disse tentando me manter inteira. Claro que não era verdade e ele não iria me querer ao lado dele.

Ele ficou momentaneamente em silêncio. Quando enfim abriu a boca, disse:

— Me perdoe pela forma que te tratei ontem – disse olhando em meus olhos. — Eu não deveria ter dito aquilo.

— Tudo bem – disse.

— Estava falando sério, quando disse que queria você.

Meu Deus! Ele me queria mesmo?

— Você entende o que está fazendo? O que eu sou e a implicação disso?

— Sim – ele disse com o semblante triste.

— Eu não quero me machucar Adrian. E tem outra coisa...

— disse sabendo que não iria gostar. — Eu preciso desse trabalho. Eu tenho uma mãe doente e...

— Está louca? Eu disse que quero você – rosnou. — Acha mesmo que seria capaz de deixá-la continuar nessa vida?

— Eu não tenho como pagar o tratamento dela. É por isso que eu faço isso Adrian. Não posso abandoná-la – disse começando a chorar. Droga.

— Verônica, eu cuidarei da sua mãe. Você não vai voltar a se prostituir. Não mesmo – disse totalmente transtornado.

— Eu não quero ficar devendo favores a você. Nem sequer nos conhecemos. O que irão dizer? Vamos começar um relacionamento e se não der certo, como eu fico?

— Vai dar certo – ele retrucou.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu estou apaixonado por você – ele disse as palavras com relutância.

— Não é assim que funciona – bufei me levantando da cama. — Eu vou ser sua namorada e você, todo mês, vai desembolsar sessenta mil reais para pagar o tratamento da minha mãe? Vou me sentir usada da mesma forma, Adrian. Isso não é responsabilidade sua.

— Quem disse que você será minha namorada? – ele disse irritado.

— Isso não vai dar certo.

Adrian veio em minha direção e me puxou contra o seu corpo.

— Você será minha mulher, Verônica. Vai se casar comigo

– disse beijando-me.

Ele está totalmente louco. Casar? Oh Meu Deus!

CAPÍTULO 8

Adrian Miller

...na noite anterior...

Juntei minhas roupas e saí para me vestir na sala. Precisava sair de perto dela urgente.

Segui até o elevador sozinho, mas era como se ela estivesse ao meu lado. Seu cheiro estava impregnado em minha pele.

Entrei no elevador e bati com a cabeça no espelho. Como eu sou idiota. Porque eu disse aquilo? Merda! Merda!

Passei pelo Lobby e saí do hotel. Corri para pegar um táxi, pois havia dispensado o motorista.

Passei o endereço para ele e segui de volta para a festa.

Quando cheguei, Amélia veio ao meu encontro perguntando por Verônica. Eu sabia que ela não estava interessada nela. Era a mim que a vaca queria perturbar. Dei um chega pra lá na maldita perua e segui em direção ao bar.

Pedi um uísque duplo. Ao meu lado, todo sorridente, o maldito idiota do Jason. Um riquinho mimado, filhinho de papai. Sempre rodeado pelas mais belas mulheres. Sua foto vivia estampada nos jornais e revistas. E agora, ele estava querendo pegar o que é meu. *Meu.*

Ao me ouvir dizer isso, fico horrorizado. Estou me sentindo um homem das cavernas. Estou tão fodido que não consigo parar de pensar nela.

Seu cheiro, seu corpo... Seus gemidos... A forma como se abriu pra mim... Como gozou para mim... Eu estava perdido.

Em um só gole, matei minha bebida. Olhei para o barman e pedi mais uma dose. Eu só queria esquecê-la. Tirá-la da minha mente. Mas o cheiro dela estava me matando. Eu deveria ter sido forte e ter resistido a tentação. Mas não, eu tinha que ter me enterrado nela. Tão perfeita. Tão linda.

Ela não era a Sara. Eu tentava colocar isso em minha mente, mas meu subconsciente não processava essa informação.

Eu passei esse um ano sem sequer tocar em uma mulher. Desde a morte dela, eu me fechei para o mundo. Fechei-me para relacionamentos. Eu não queria quebrar o juramento que havia feito para Sara quando ela havia me dito que estava grávida.

"Estamos grávidos" – Sara me disse com um lindo sorriso. Com a notícia de sua gravidez, estava me sentindo o homem mais feliz do mundo. Toquei em seus cabelos da cor do sol e disse com paixão: "Jamais vou amar alguém, como amo você. Eu te amo tanto. Sempre será você Sara. Vou te amar mesmo além da vida".

Fechei os olhos lembrando-me do passado. Eu dava tudo para tê-la de volta.

Após minha depressão, eu jurei que seguiria em frente. Eu apenas decidi viver um dia após o outro. Mas o destino resolveu me derrubar e brincar comigo.

Por quê? Porque desse jeito?

Eu deveria ter morrido com ela naquele avião.

Afastei os pensamentos destrutivos. Eu só queria sair desse pesadelo. Se a vida resolveu trazê-la de volta, talvez seja porque tinha que ser assim. Eu não sei se vou suportar ficar longe dela. Eu a quero. Sei que ela também me quer. Seu corpo me disse enquanto estava em meus braços.

Eu poderia fazer isso.

Eu poderia.

Segui bebendo mais do que deveria. Já estava completamente tonto. Quando comecei a passar mal, decidi voltar para o hotel.

Andei cambaleando até a rua. Nem sei como consegui chegar até um taxi.

Quando entrei no hotel, a recepcionista me amparou até o elevador. Eu devia estar um porre.

Entre na suíte tão bêbado que caí sobre o aparador e derrubei um vaso. Desequilibrei-me e caí junto por cima dos cacos.

Tentei sem sucesso me levantar. Tudo girava a minha volta. Tudo.

De repente, ela aparece como um anjo... Olha-me com seus lindos olhos castanhos e diz:

— Sr. Miller? Consegue se levantar? – disse tentando me levantar.

Por que ela pintou o cabelo de preto? Está diferente.

— Não *goissteii* do *caaabeloo* Sara – disse todo grogue. Quando consegui levantar, ela me amparava e me carregava com dificuldade até o quarto.

Colocou-me na cama e tirou minha roupa. Depois disso, apaguei por completo.

Quando acordo, tenho uma terrível dor de cabeça. Abro os olhos e minha visão vai ficando mais nítida. Ao meu lado, uma bandeja com suco, pão e frutas. Levanto-me e vou até o banheiro a procura de Verônica. Nada.

Na sala, também ninguém. Deve ter saído para fazer alguma coisa.

Volto para o quarto com uma ressaca desgraçada. Sento-me na cama e vejo o comprimido. Franzo o cenho e pegando o suco, engulo o comprimido e dou um gole generoso no suco de laranja fresco.

“Ela pensou em mim. Mesmo depois de tê-la ofendido daquela forma, ela pensou em mim”.

Sinto um nó na garganta e me amaldiçoo por ter sido um canalha. Eu precisava me desculpar. Eu estava tão perdido. Estava confuso e só queria entender o que se passava aqui dentro de mim.

De repente, o interfone toca. Caminho em direção a ele e atendo:

— Pronto – disse num sussurro, pois até para falar minha cabeça doía.

— Sr. Miller. Sua noiva acaba de ser atropelada em frente ao hotel.

— O quê? – grito e no mesmo instante praguejo pela fígada em minha cabeça. Merda de ressaca!

— Precisamos que...

Nem esperei a coitada falar. Desliguei o interfone e desesperadamente, coloquei minha calça e minha camisa. Estava toda amarrotada e quando segui para fechar os botões da camisa, acabei fechando errado e saindo todo torto da suíte. Foda-se. Estava desesperado. Meu coração começou a apertar e o desespero ficou ainda pior.

"Oh Meu Deus! Outra vez não! Por favor!"

Saí da suíte correndo e segui até a merda do elevador. Segui apertando o botão como um desesperado. Merda! Quando as portas se abriram, apertei o térreo e percebi que estava tremendo.

Quando o elevador apitou no térreo, mal as portas se abriram e eu já estava saindo.

Quando passei pela porta do hotel e vi a pequena multidão aglomerada, paralisei. Meu corpo não se movia e meus pés ficaram fincados no chão. Estava com medo do que iria ver.

— A moça foi atropelada. Coitada. Eu vi o cara que a atropelou e acabei anotando a placa do carro – ouvi um senhor dizer ao meu lado.

— O senhor viu quem a atropelou? – consegui perguntar.

— Sim.

— Pode deixar o número da placa na recepção? Por favor?

— Claro – o homem disse.

Quando algumas pessoas se afastaram, eu consegui vê-la estirada no chão. Havia sangue nela. Meu coração parou naquele instante. Ao seu lado segurando sua mão, estava aquele maldito filho da puta. Corri em direção a ela e quando cheguei o empurrei dizendo: — Saia de perto dela!

Ele se afastou rapidamente, e naquele momento, olhando para ela, tão indefesa e vulnerável, eu percebi que eu a queria mais do que tudo nesse mundo. Eu estava completamente apaixonado. O medo de que tudo se repetisse e eu a perdesse outra vez, fez com que eu tomasse uma decisão. Ela seria minha e eu tentaria vencer meu preconceito. Se a vida estava me dando uma chance de tê-la de volta, eu não descartaria. Jamais.

CAPÍTULO 9

Verônica Sandler

Casar? Como assim casar? Esse homem é louco?

Adrian me olhava de uma tal forma que me deixou completamente perdida por ele.

— Sr. Miller, acho que...

— Só Adrian, Verônica. Só Adrian – ele sorriu.

— Não acho isso prudente. Não nos conhecemos e casamento não é tão simples assim – olhei incrédula.

— Eu entendo. Mas podemos fazer dar certo.

— Eu nem sei onde mora, quem são seus familiares e nem sua idade – disse apavorada. — Como vamos nos casar assim? Do nada?

— Vamos ter um tempo para nos conhecer – ele disse me puxando para um beijo. — Começamos desde o começo então. Você continua sendo minha noiva, só que agora, oficialmente – diz rindo. — Quando estiver pronta, nós nos casamos. O que acha?

Eu não conseguia ter um pensamento coerente. Estava a ponto de me beliscar para saber se não estava sonhando.

— Não vai dar certo. Vai chegar um ponto que terá vergonha de mim e então...

— Shhhh! Você pensa demais Verônica. Pense só no agora. Mais nada – sussurrou.

— Eu ainda continuo achando isso tudo rápido demais.

— Eu espero o tempo que for. Só não me peça para aceitar que continue nessa vida – ele disse irritado. — Não quero ninguém

tocando você. Ninguém.

A forma como ele falava comigo, seu tom possessivo e protetor me deixou de joelhos. Eu sabia que seria uma loucura. Mas prefiro arriscar.

— Eu vou poder trabalhar? Não quero depender de você.

— Prefiro que volte a estudar. Você é nova e tem todo um futuro pela frente.

— Eu tranquei minha faculdade quando meu pai faleceu. As coisas ficaram ruins, meu pai deixou muita dívida. Então, segui esse rumo – disse me afastando dele. Sentei na cama e ele sentou ao meu lado.

— Qual o curso que fazia? – ele perguntou curioso.

— Medicina – sorri. — Meu sonho sempre foi ser pediatra – conclui e vi o momento que ele olhou para mim tenso e ao mesmo tempo surpreso.

— Engraçado... – disse sorrindo.

— O que é engraço? – perguntei confusa.

— As coincidências da vida.

— Ontem na festa, aquela ruiva, a Amélia, disse que você tinha uma mulher – perguntei e ele automaticamente se levantou.

— Não quero falar sobre isso – rosnou. — Ela morreu já faz um ano e não quero tocar nesse assunto.

— Você ainda pensa nela?

— Às vezes – ele disse fechando os olhos. — O que quer fazer hoje? Podemos sair e dar uma volta. Jantar fora ou ficar aqui se quiser – ele disse mudando o rumo da conversa.

— Podemos dar uma volta – disse sorrindo. Eu só queria ficar ao lado dele.

Adrian ligou para Anabeth pedindo para que comprasse um vestido. Quando ela entregou, ele me ajudou a vestir e saímos.

Passamos uma tarde maravilhosa. Ele me contou sobre o seu trabalho na agência de publicidade e sobre as coisas que gostava de fazer. Eu não tive muita coisa pra contar, além de cuidar da minha mãe, ele já sabia o que fazia para viver, então, procurei não tocar nesse assunto.

Caminhamos durante um bom tempo no Central Park, e após, paramos num restaurante para jantar.

A noite foi tranquila e agradável. Conheci um Adrian amoroso e gentil. Bem diferente do cara arrogante e grosso que me maltratou por duas vezes.

Seguimos de volta para o hotel. Pedi para que Adrian não adiasse nossa volta. Eu precisava estar ao lado da minha mãe. Era um martírio para mim ficar longe dela por tanto tempo.

Adrian concordou, então, voltamos.

Desembarcamos no aeroporto de Guarulhos.

Adrian carregava nossas malas enquanto fazia planos para nós.

Pegamos um táxi e fomos direto para a sua casa. Eu estava acabada. Pedi para que ele me levasse para visitar a minha mãe e ele concordou de irmos após eu descansar um pouco. Não protestei por que realmente precisava descansar. Meu corpo ainda estava moído.

Quando chegamos em sua casa, quase tive um colapso. Adrian morava numa mansão enorme com um belo jardim florido. Eu estava esperando por um apartamento amplo e decoração rústica. Bem mais a cara dele. Mas o que vi me deixou encantada. Passamos pelo jardim e então Adrian abriu a porta. Quando entrei, fiquei sem ar com tanta beleza. A decoração parecia feita minuciosamente. Tinha todo um toque feminino. Será que a ex-mulher dele chegou a viver aqui nessa casa?

— Nossa! É linda sua casa – disse admirada.

— Espere só para ver o resto do jardim – ele sorriu me abraçando. Puxou-me contra ele jogando nossas malas no canto da sala enorme. Alisou meus cabelos e disse no meu ouvido: — Vou te mostrar nosso quarto – disse mordendo meu pescoço. Nesse momento, alguém pigarreou diante de nós. Adrian se alinhou e disse:

— Maria, tudo bem?

— Sr. Adrian, que bom que voltou – a mulher respondeu. Quando me virei para cumprimentá-la, Adrian falou:

— Essa aqui é a... – antes que Adrian pudesse concluir, a mulher ficou tão pálida que achei que iria desmaiar. Mas, ela ainda conseguiu dizer:

— Minha Nossa Senhora! – sussurrou derrubando um vaso de cristal que carregava.

Eu fiquei totalmente sem reação. Adrian foi até ela e sussurrou algo em seu ouvido. Eu queria ser uma mosca para ouvir o que disse a ela. Vindo em minha direção, ela abriu um sorriso fraco e disse: — Me desculpe senhora. Eu sou Maria, a governanta.

— Oi. Sou Verônica – sorri.

— Minha noiva – Adrian concluiu.

Maria olhou para ele e vi que estava confusa com algo. Ela abriu a boca para dizer algo, mas, Adrian a dispensou e disse que iríamos para o quarto descansar.

A mulher assentiu e saiu nos deixando a sós.

Olhei desconfiada para Adrian e perguntei:

— O que deu nela?

— Nada. Foi só um choque inicial – ele deu de ombros.

— Não foi não. Ela me olhou como se estivesse visto um fantasma – disse com diversão.

— Não ligue para ela. Maria é uma pessoa incrível. Vai adorar você – disse sorrindo e me puxou para as escadas. — Vamos. Preciso de um bom banho e você vem comigo.

Adrian tirou toda a minha roupa depositando com cuidado em cima da imensa cama com dossel. O tapete suave de pele de carneiro causava cócegas em meus pés de tão macio.

A decoração alegre e colorida me deixou curiosa.

— Adorei a decoração. Muito prática e aconchegante – sorri e ele ficou tenso.

Adrian começou a se despir colocando sua roupa ao lado da minha. Abraçou-me e me puxou para o enorme banheiro que havia escondido atrás de uma porta do closet.

Uma banheira enorme fazia o local mais romântico e aconchegante.

Adrian ligou a banheira e quando estava totalmente cheia, jogou sais de banho e me ajudou a entrar.

As espumas começaram a se formar e Adrian passava as mãos por todo meu corpo. Quando sua mão parou em minha abertura, disse:

— Eu quero você agora – sua voz carregada pela excitação me deixou louca. Adrian massageava meu clitóris e me beijava com paixão. Entrelacei os braços em seu pescoço e gemi. Céus! Esse homem me levava a loucura. Ele distribuía beijos por todo meu corpo e eu arqueava os quadris a procura dele.

— Calma querida – ele sussurrou em meu ouvido. — Eu vou entrar em você. Mas antes, quero ver você gozar enquanto percorro sua boceta gostosa com meus dedos – disse enfiando dois dedos dentro de mim e eu gemi de prazer.

— Adrian... Eu preciso de você – resmunguei.

— Eu sei meu amor. Goza pra mim querida – disse mordendo meu pescoço e seguindo massageando lentamente meu ponto sensível.

Quando estava no clímax, Adrian leva a boca em meus seios me fazendo convulsionar em seus braços e gemendo em seu ouvido disse:

— Eu quero você dentro de mim Adrian, forte e duro.

Adrian me penetrou em um só golpe. Com suas estocadas possessivas, ele seguiu me fazendo ir às alturas. Ele me virou de costas e pediu que apoiasse na borda da banheira.

— Você tem um lindo traseiro, querida – murmurou.

Quando me penetrou, Adrian tinha suas mãos em meus cabelos puxando-os forte contra ele. Ele me penetrava sem dó e eu gostei da sensação de ser possuída por ele.

Gozamos juntos, nossos corpos molhados e ainda ofegantes. Adrian me virou e me deu um beijo cheio de necessidade dizendo:

— Você me deixa louco. Totalmente louco.

Quando terminamos nosso banho, deitamos na cama, abraçados. Adrian gloriosamente com seu corpo nu, definitivamente, me afetava. Tudo nele era perfeito. Eu estava vivendo um sonho e não queria acordar. Nunca mais.

Acordei após um tempo. Adrian ainda dormia feito uma pedra. Minha barriga roncava e eu estava morrendo de fome.

Decidi colocar minha roupa e ir até a cozinha para preparar algo para comermos.

Quando saí do quarto, fiquei curiosa em explorar os ambientes.

No corredor, havia quatro portas que presumi serem mais quartos. Segui para o primeiro cômodo e realmente havia acertado. Deveria ser um quarto de hóspedes. A vista dava para o lindo jardim de roseiras. Uma cama king size e cortinas pretas. Totalmente diferente do quarto do Adrian. Segui para os outros e eram incrivelmente iguais. Somente alguns móveis diferentes, mas a pintura e a disposição dos móveis eram idênticas. O último quarto me chamou atenção. Estava trancado. Girei a maçaneta e nada. Será que estava emperrada?

Voltei para o quarto de Adrian. Ele ainda dormia feito um anjo. Eu poderia passar o tempo todo ao lado dele e não me cansaria de olhá-lo.

Um barulho de algo vibrando me assustou. Era um som de telefone. Procurei em cima da cama e nada. Lembrei que havia deixado meu celular em minha bolsa na sala, então, só poderia ser o do Adrian.

Resolvi abrir o criado mudo e lá estava o celular vibrando como louco.

No visor, a foto da ruiva da festa. Amélia? Fiquei intrigada então atendi.

— Alô.

A pessoa ficou muda ao outro lado e desligou.

Mas o quê? Fiquei olhando confusa para o celular. Quando o coloquei de volta, vi uma chave dourada. Peguei por pura curiosidade. Será que ela abriria a outra porta?

Coloquei-a de volta e fiquei olhando para ela. Mas, fui vencida pela curiosidade.

Adrian se moveu na cama e decidi sair rápido dali. Segui até a porta que estava trancada e coloquei a chave para testá-la.

A porta se abriu.

Era um quarto. Um quarto de criança todo decorado em azul claro. Um pequeno berço na lateral da parede com alguns penduricalhos e bichos de pelúcia.

Era o quarto do filho dele? Ele ainda o mantinha intacto?

Aquilo me deu um nó no peito e fiquei me sentindo uma intrusa. Uma cadeira de amamentação toda revestida de branco e uma cômoda também intactas e totalmente limpas. Abri as gavetas, estavam cheias de roupinhas de bebê.

Um porta retrato escondido entre as roupinhas minúsculas me chamou atenção.

Puxei com cuidado para não desarrumar nada. Quando olhei para a foto. Pude sentir o sangue do meu corpo inteiro se esvaír.

Putá que pariu.

Eu era idêntica à mulher grávida na foto.

— O que faz aqui dentro? — Adrian grita furioso e no susto, deixo cair o porta retrato que se espatifa no chão.

Meu Deus! Ele acha que eu sou ela? Meus olhos encheram-se de lágrimas.

CAPÍTULO 10

Verônica Sandler

Quando olhei para a expressão de Adrian, meu corpo inteiro enrijeceu. Um misto de dor, raiva e confusão, passava por ele.

— Desculpe – sussurrei inerte.

Adrian veio em passos largos em minha direção e me puxou com violência para fora do quarto.

— Está me machucando – disse franzindo a testa e tentando fazer com que soltasse meu braço.

— Nunca mais entre lá. Está me ouvindo? – gritou jogando-me na cama com fúria.

Adrian desapareceu do quarto e segundos depois, abriu a gaveta do criado mudo jogando a chave e após, fechando-a num empurrão. Ele estava visivelmente desnordeado e furioso.

Ele andava de um lado para o outro do quarto apenas com sua boxer azul marinho. Ele conseguia ser lindo mesmo furioso. Mas, eu estava tão puta com ele, que simplesmente tentei ignorar por algum tempo o quanto ele me afetava.

— Era o quarto do seu filho, não era? – sussurrei.

Adrian não respondeu.

— Se vamos tentar algum relacionamento Adrian, precisamos conversar sobre algumas coisas – digo.

— Não temos nada para conversar – ele olha para mim com a testa franzida.

— Você precisa superar isso – disse indo em sua direção. Puxei-o para mim e toquei o seu rosto. — Porque não me contou? – perguntei com medo do que poderia ouvir. Se Adrian estava me

confundido com a falecida, então, não queria fazer parte dessa loucura.

— Contou o que? – ele tentou se esquivar, mas eu apenas o segurei mais forte.

— Sobre ela. Sobre sua mulher ser idêntica a mim.

— Vocês não são nada parecidas, Verônica. Exceto, pela aparência – ele disse tentando manter o controle.

— Você está comigo por causa dela? – uma lágrima rolou em meu rosto. Não puder evitar.

— Não – ele bufou.

— Não minta pra mim – disse olhando no fundo dos seus olhos.

— No começo, sim – ele disse me olhando de um jeito que parecia estar tentando decifrar o que se passava em minha mente.

No mesmo momento, minhas mãos caíram e relaxei meus ombros. Ele não me amava. Claro. Ele estava confuso e era ela quem ele queria. Não a mim. Ele apenas estava tentando me colocar no lugar da mulher por quem ainda nutria um grande sentimento. Se eu ficasse, não seria mais eu, e sim, a pessoa que ele queria que eu fosse.

— Não posso ficar – disse fechando os olhos e meu coração ficou apertado.

— O que disse? – ele perguntou irritado.

— Não podemos fazer isso Adrian – minha voz falhou. Adrian me afetava e eu o odiava por me fazer ter acreditado que poderíamos dar certo.

— Podemos sim – ele me olhou triste. — Eu sinto que você pode me tirar dessa escuridão em que eu estou. Que possa me fazer a voltar a sorrir, a viver... Eu sei disso porque me senti diferente todos esses dias ao seu lado. – disse me abraçando — Eu não posso fazer isso – repeti as palavras como súplica. — Não quero que você olhe para mim e a veja ao invés de mim.

— Nós podemos tentar – ele implorou.

— Não.

— É o que você quer? Ir embora e continuar na vida em que estava? – ele elevou a voz.

— Era o que fazia antes de você aparecer – tentei ser impassível.

— Você prefere continuar a ser uma prostituta a ficar comigo? – ele perguntou incrédulo.

— Eu prefiro não me machucar – falei com a voz entrecortada. Adrian voltou a me olhar do mesmo modo do dia em que me humilhou.

— Realmente – ele me olhou de cima a baixo. — Não sei onde estava com a cabeça quando achei que gostaria de mudar de vida – disse se afastando de mim e começou a se vestir.

— Você só está fazendo isso Adrian, porque acha que pode preencher o vazio que sente dentro de você, a perda dela, comigo. Isso não iria funcionar. E no final das contas, eu acabaria machucada.

Eu o observava enquanto colocava sua roupa com pressa. Se ele ao menos dissesse que estava enganada, que era eu quem ele queria e não ela, eu faria de tudo para que déssemos certo. Mas não. Era notório o sentimento dele por ela. E enquanto ele não se libertasse desse sentimento, ele estaria perdido não só para mim, mas para qualquer mulher que tentasse entrar em seu coração. E eu, não estava disposta a lutar contra um fantasma.

Eu continuei calada naquele quarto e o silêncio mortal estava me matando. Eu não sabia o que fazer. Apenas queria ir para minha casa e esquecer que um dia ele cruzou o meu caminho.

Quando ele abriu sua carteira e retirou o talão de cheques, eu fiquei passada. Ele seguia preenchendo e quando se levantou da cama, veio em minha direção e estendeu o cheque para que o pegasse.

— Pode depositar quando quiser – ele rosnou evitando meu olhar.

Peguei o cheque de sua mão e a minha raiva apenas aumentou.

— O que pensa que está fazendo? – perguntei furiosa. Ele estava me pagando? Assim? — Não quero seu dinheiro – torci o nariz.

— É pelo seu trabalho – disse friamente.

— Combinamos cem mil – disse. — Você preencheu cem mil a mais. Acho que se equivocou.

— Não há nenhum equívoco – ele disse com raiva e de forma rude. — O combinado era cem mil para viajar comigo. Os outros

cem, fica pela trepada. Charles havia me dito que você era a melhor e tenho que concordar. Você fez por merecer – ele tinha um sorriso irônico no rosto. — Talvez tenha razão. Eu sou um idiota em pensar que poderia ficar comigo. Pelo jeito, você gosta mesmo é de ser tratada como uma vadia – disse com seu tom cruel.

Essa era a terceira vez que ele me humilhou. E isso só provou minha teoria de que eu não era importante na vida dele. Eu era como uma tábua de salvação.

Engoli todo o meu orgulho. Eu era uma prostituta? Sim. Mas eu estava perdidamente apaixonada por ele, a ponto de fazer essa loucura. Mas ele nunca me veria como uma mulher digna dele. E as suas atitudes, só provavam que eu estava certa.

Depois de tudo que ele me disse, ele estava pagando por termos feito amor? Por eu ter aberto meu coração para ele e quase tê-lo deixado entrar em minha vida?

Quando ele se afastou, eu rasguei o cheque em mil pedaços. Eu não queria aquele maldito dinheiro. Sai do quarto chorando. Humilhada. Destruída. Eu sabia desde o começo que isso jamais daria certo. Desci as escadas passando como um foguete ao lado da governanta. Quando ela me olhou, acho que deve ter sacado alguma coisa. Apenas me olhou com ternura e balançou a cabeça negativamente.

Não disse absolutamente nada.

Peguei minha bolsa de mão e quando abri a porta da sala para cair fora daquele maldito lugar, ela diz:

— Não vai levar sua mala?

Eu parei e me virei para ela e disse com a voz embargada pelo choro:

— Não quero nada que venha dele. Nada.

E ela sorriu. A maldita sorriu e eu nem mesmo sabia o porquê. Eu só queria sair dali e voltar para a minha vidinha de merda.

Como eu pude acreditar que isso um dia poderia acontecer comigo?

Eu não era Julia Roberts e ele não era Richard Gere. É mais ou menos como diz a música White Horse – Taylor Swift:

*... I´m not a princess (Eu não sou uma princesa)
This ain´t a farytale (Isso não é um conto de fadas)
I´m not the one you sweep off her feet...(Eu não sou aquela que
você quer agradar).*

Sai daquela casa decidida a esquecer de que algum dia, ele cruzou a minha vida.

... Uma semana depois...

Passei pelos corredores enormes iluminados apenas por alguns quartos que estavam com as portas entreabertas. Já era tarde, mas isso não me impediu de fazer uma breve visita a minha mãe.

Quando cheguei na ALA C, entrei no quarto 23. Ela estava deitada na pequena maca coberta com lençóis brancos. Um vaso de flores me chamou atenção no aparador do pequeno quarto. A única pessoa que vinha a visitar era eu. Quem lhe traria flores?

Minha expressão endureceu quando li o pequeno bilhete.

*Sra. Sandler,
Feliz Aniversário!!!
Adrian Miller.*

Adrian vinha sem sucesso se desculpar a cada dia. Acho que ele não entendeu quando disse que seria impossível darmos certo e que eu não suportaria suas variações de humor. Ele era uma pessoa

instável. Autoritário. Adrian precisava ter controle sobre as coisas. Eu, não saberia viver com alguém assim.

No dia seguinte de ter saído da casa dele daquela forma, humilhada e destrozada, ele me procurou em meu apartamento. Deu-me mil razões para perdoá-lo. E eu, duas mil para que se mantivesse afastado.

Ele pareceu não aceitar. Acho que devia estar acostumado a conseguir as coisas do seu jeito. Mas eu não era fácil de lidar. Eu não cederia.

Por eu não ter aceitado o pagamento da viagem, Adrian foi até o hospital e pagou três meses de tratamento da minha mãe. Eu fiquei puta da vida com aquilo. Mas eu não podia fazer nada quanto a isso. Ele era teimoso e eu orgulhosa demais.

O que ele quer? Quer me deixar maluca? Porque ele é tão inconstante? Eu começaria a arriscar que Adrian era bipolar. E isso me irritava nele.

— Ela está bem melhor hoje – uma voz suave surgiu atrás de mim me tirando de meus devaneios. Quando olhei, Kate estava sorrindo ao meu lado.

— Tentei chegar mais cedo, mas... – fechei os olhos em frustração. Era aniversário da minha mãe e eu, estava trepando com um cara que nunca havia visto por míseros cinco mil. Meus olhos encheram-se de lágrimas e me senti a pior filha do mundo. O pior ser humano, sem valor algum.

— Não se preocupe. No fundo, ela sabe que está aqui por ela – Kate colocou suas mãos em meus ombros me tranquilizando.

— Amanhã eu voltarei com mais tempo – sorri para ela.

— Tudo bem.

Dei um beijo na testa da minha mãe. Ela estava tão linda. Era difícil imaginá-la daqui um tempo completamente sem memória. Eu sabia os sintomas da doença e também sabia que não havia uma cura para ela. Mas apenas queria que enquanto ela vivesse, ela se sentisse amada. Bem cuidada. Eu devia isso a ela.

Quando saio do hospital e entro em meu carro, meu celular toca. Atendo no segundo toque.

— Verônica.

— Olá gostosa. Sou eu, Parker – disse sensualizando. Parker era um cliente diferenciado. Um Juiz de Direito lindo e perverso. Ele gostava de coisas um tanto exóticas. E pagava bem para fazer qualquer loucura.

— Olá Parker – disse com a voz cansada.

Desde quando dormi com Adrian, não havia feito nenhum programa. Havia me trancado em minha bolha particular e não queria ver ninguém e nem ser tocada por ninguém. Acontece que um dia eu teria que voltar a trabalhar. E esse dia foi exatamente hoje, no aniversário de 65 anos da minha mãe. Hoje de manhã, Jared, um cliente novo, me ligou e marcamos de nos encontrar no Hertman. Então, senti que esse poderia ser o momento para afastar qualquer vestígio de Adrian em mim.

— Preciso de você hoje. Podemos nos encontrar daqui a uma hora no Hertman? – ele parecia ansioso.

— Tudo bem.

— Estarei no restaurante do hotel. Vista algo bem sexy querida – ele sussurrou ao telefone.

— Até mais Parker – disse desligando o telefone e batendo a testa contra o volante. Acho que fiquei parada ali, com a cabeça baixa por alguns minutos. Tentando não entrar em desespero. Finalmente, liguei o carro e parti.

Cheguei em casa e tomei um longo banho. Coloquei um vestido roxo de seda um pouco solto da cintura para baixo. O comprimento até o meio das minhas coxas dava um ar casual. Coloquei meu salto preto e fiz uma maquiagem carregada. Estava pronta e sem nenhum pinga de entusiasmo. Não era para menos, a poucas horas, estava no quarto com um troglodita que me deixou toda machucada com seu comprimento enorme.

Sai de casa e peguei um táxi até o Hertman. Não gostava de ir aos encontros dirigindo, pois a maioria dos clientes insistia para que bebesse. E beber e dirigir, não era o meu forte.

Quando cheguei ao Hertman, avistei Parker na mesa com mais um casal. Antes de me aproximar, parei no toailete e tirei minha fina calcinha de renda preta e coloquei-a em minha bolsa. Vocês têm que saber sobre uma coisa referente ao Parker, ele definitivamente,

odiava calcinhas. Na primeira vez em que sai com ele, entrei em pânico quando estávamos sentados à mesa do restaurante e ele me tocou por baixo. Ele me olhou de forma predadora e simplesmente colocou suas mãos em mim e deslizou minha calcinha até meus pés. No meio de todos. A sorte é que ele realmente era um profissional nisso. Ele conseguiu retirá-la sem que ninguém percebesse. Mas a minha expressão quando ele ousou, foi impagável. Até hoje eu corro ao lado daquele homem.

Aproximando-me da mesa, pude vê-lo distraído. Estava impecável em seu terno escuro, camisa preta e gravata cinza. Eu perto dele me sentia uma formiga. Parker tinha quase dois metros e um par de olhos azuis. Seu corpo másculo totalmente delineado arrancava suspiros de qualquer mulher. Mas Parker, parecia alheio a tudo. O negócio dele era olhar. Ele sentia prazer apenas olhando casais e participando de ménages. E vendo aquele casal ali, ao seu lado, eu tinha certeza que minha noite seria um porre.

Parker iria me fazer assistir ao seu lado aquele casal transando de forma animal, e após, me colocaria num fogo cruzado para ser fodida entre quatro paredes por aquele homem e sua mulher. Apenas para ter o prazer de nos ver gemendo e gozando como loucos. E se isso me fizesse arrancar uma boa grana daquele pervertido sem noção, eu faria mesmo a contragosto.

— Boa noite – disse com um sorriso no rosto. Parker se aproximou e puxou a cadeira para que me sentasse.

— Verônica, está linda – Parker disse com um sorriso malicioso.

— Estes são Bruno e Rafaela – disse apontando para o casal o qual cumprimentei apenas com um sorriso falso.

Parker pediu uma bebida para nós e seguimos conversando durante um tempo. Bruno era muito bonito, alemão, olhos azuis, bem vestido em um terno cinza claro. Já Rafaela, era muito magra e seu decote totalmente exagerado, revelou uma miniatura de par de seios. Seu cabelo ruivo selvagem me lembrou Amélia. E isso, me fez sentir uma forte repulsa daquela mulher.

Enquanto conversávamos, senti Parker me olhar de rabo de olho. Ele iria aprontar.

Dito e feito. Parker pousou sua mão forte e de forma possessiva em minha perna levantando lentamente meu vestido. Imediatamente corei. Ele apertou minha coxa afastando-as lentamente uma da outra. Quando estava com as pernas totalmente abertas e vulnerável, Parker tocou minha entrada a procura do meu ponto sensível. Contraí-me e olhei para ele envergonhada. Ele apenas sorriu. Ele fazia movimentos circulares em meu clitóris me estimulando. Tive que me manter forte para não sucumbir e estapeá-lo ali mesmo. Senti-lo tão próximo de onde Adrian havia estado a menos de uma semana, me deixou emputecida. Eu sentia repulsa e uma enorme vontade de chorar, assim como aconteceu hoje com Jared.

Parker seguia me esfregando maliciosamente. Conversava com o casal de amigos como se nada estivesse acontecendo. Como se ele não estivesse tentando me foder com os dedos.

Quando achei que não poderia mais aguentar aquela situação, olhei para ele para fazer um sinal para que parasse. Ele sorriu e aquilo foi como um desafio para ele. Eu não estava excitada e nem molhada. Ele sabia e me fazer gozar ali, na mesa, em sua mão, era seu intuito e ele não tinha a intenção de falhar. Só que as coisas mudaram de rumo quando uma voz atrás de mim soou claramente irritada.

— Alan Parker... Quanto tempo!

Fechei os olhos de tanta vergonha. As mãos de Parker ainda estavam em mim me fazendo carícias. Instantaneamente, fechei minhas pernas, mas, isso só fez com que o excitasse ainda mais. Ele sabia que o homem atrás de nós estava observando tudo aquilo. E o pior, que esse homem, era exatamente, Adrian Miller.

CAPÍTULO 11

Adrian Miller

Desde que Verônica me deixou, não tenho dormido direito. Só consigo pensar como sou um idiota completo. Eu deveria ter explicado as coisas para ela de forma que ela não se sentisse usada por mim durante o tempo que havíamos passado juntos. Mas, mais uma vez, eu fui burro e terminei de afastá-la de mim.

Sua ausência, só confirmou o que eu já sabia desde que coloquei meus olhos nela. Eu estava completamente apaixonado. Eu pensei que poderia fazê-la mudar de ideia. Me perdoar. Mas ela era durona. Eu teria que trabalhar muito o psicológico dela para que ela entendesse que eu não a via como minha falecida esposa. A semelhança entre as duas me intrigava. Não vou mentir. Mas a personalidade delas, eram totalmente diferente.

Sara era totalmente dependente de mim. Eu a controlava e ela gostava do meu jeito protetor. Já Verônica, totalmente independente e detestava meu jeito possessivo e controlador. Sara era médica pediatra e quando Verônica me disse que estava fazendo medicina e manifestou interesse pela mesma especialidade, me peguei pensando como a vida é um mistério. Duas pessoas com personalidades diferentes, mas unidas por algumas semelhanças. E uma delas, era totalmente visível – apesar de que se Sara fosse viva, ela teria oito anos a mais do que Verônica. Isso afastou qualquer possibilidade de que elas fossem irmãs gêmeas – é, eu imaginei isso quando a vi pela primeira vez. Foi até um pouco ridículo.

Verônica me evitou durante esses quatro dias. Eu sabia que hoje era aniversário de sua mãe e então, pedi para minha secretária

comprar flores e entregar no endereço que havia deixado na mesa dela.

Fiquei tão puto de ela ter rasgado o cheque, que fui pessoalmente à clínica onde a mãe dela estava internada e paguei por três meses de tratamento. Nem mesmo um sinal de agradecimento, eu recebi dela.

O pior está sendo manter meu controle. Só de saber que ela provavelmente está na cama com outro homem, me faz querer sair socando tudo que se move na minha frente.

Não consegui trabalhar durante esses dias. Adiei compromissos, reuniões... Eu já não me reconhecia. Eu precisava dela. Precisava saber que ela era somente minha. Toda vez que fechava os olhos, ela vinha em minha mente. Linda, nua e fazendo todos aqueles sons enquanto gozava para mim. Eu não queria que nenhum outro homem a tocasse. Eu era um babaca, mas ela não deixava se permitir. Se ao menos tivesse me dado uma chance de mostrar que poderíamos dar certo, eu faria de tudo por ela. Tudo.

Meu telefone toca enquanto estou tentando maquinar uma forma de trazê-la de volta aos meus braços. Atendo irritado:

— Miller.

— Adrian – uma voz alegre do outro lado. Era Parker.

— Parker? Como vai? – disse me ajustando em minha cadeira.

— Estou bem. Seu advogado esteve aqui para conseguir um habeas corpus para Terry Lissie. O que ela aprontou dessa vez?

— Drogas – bufei. Minha irmã adotiva tinha apenas 23 anos. Envolveu-se com um filho da puta de um bandidinho pé de chinelo e vivia fodida.

— Cara. Seu pai deve estar uma fera com ela. Conhecendo o velho como conheço – ele riu. — Da última vez Marcus disse que seu pai deu uma surra nela.

— Ela dá trabalho viu. A garota tem o dom de me irritar.

— Então, como não estava no fórum, o Marcus deixou lá e eu acabei de assinar. Vou estar no Hertman daqui algumas horas com uns amigos. Se quiser, podemos nos encontrar lá e assim você poderá pegá-lo comigo.

— Às dez, está bom para você? – perguntei. Conhecia Parker apenas seis meses por intermédio do Marcus – um dos meus advogados. Parker me salvou algumas vezes com a minha querida irmã problemática. Mas não era o tipo de sujeito que estava em minha carteira de amigos. Ele era um pervertido que gostava de sexo bizarro e voyeurismo. Nunca entendi qual é a desses caras que não conseguem ter um relacionamento comum e monogâmico.

— Ótimo – Parker sorriu. — Te espero lá.

Após algumas horas, saí de meu escritório. Fui até em casa, tomei um banho e me arrumei para ir de encontro ao Parker. Como o Hertman era longe, decidi levar a chave da minha suíte para passar a noite lá. Por questões de trabalho, eu mantinha três suítes alugadas no Hertman para hospedar executivos ou simplesmente para reuniões.

Quando cheguei ao hotel, desci do meu porche jogando a chave para o manobrista.

Passei pelo lobby e fui direto para o restaurante.

De longe pude ver Parker e seus amigos pervertidos. A ruiva magricela me dava medo. Quando estava no meio do caminho, notei que Parker estava com as mãos enfiadas por debaixo da saia de uma bela mulher de cabelos longos e castanhos. Ela estava de costas, então, não pude ver seu rosto. A vagabunda era tão descarada que nem se importava de ser fodida ali com as pernas arreganhadas e todos ao redor observando. Parker era um filho da puta. Como pode um Juiz ser tão safado desse jeito?

Diminui os passos por que eu já estava ficando tão constrangido de ver aquilo que estava rezando para que a vaca gozasse logo e o porco maldito tirasse aquela mão dali. Credo. Nem fodendo eu apertaria a mão desse cara agora. Sorri de imaginar a situação.

Quando a mulher vira seu rosto de lado e olha envergonhada para ele, eu quase tive um troço. Era ela. Verônica. Filha da puta, safada.

O ódio tomou conta de mim e tentei contar até dez mentalmente. Não funcionou. Virei as costas para correr dali antes que pudesse pegar uma faca da mesa ao lado e enfincar no crânio daquele maldito. Sério. Fiquei puro instinto assassino. Isso seria

péssimo. Matar um Juiz? Estaria fodido. Mas de qualquer jeito eu já estava fodido mesmo. Fodido de raiva.

Ver outro homem tocando o que era meu era demais para minha cabeça. Demais. Uma coisa é você saber, outra era ver. E ver aquilo me deixou totalmente cego e desesperado.

Decidi então confrontar.

Em passos largos eu fui. Quando dei por mim, já estava rosnando como um cachorro louco para ele.

— Alan Parker – suspirei tentando baixar o nível de adrenalina.
— Quanto tempo – conclui.

A vaca percebeu. Ela ouviu minha voz e imediatamente, fechou a maldita das pernas. Eu estava enrubescido, meu sangue fervia. O maldito porém, pareceu gostar da diversão. Continuou com a maldita mão no meio das pernas dela.

“Deus me ajude a manter a calma e não fritar o cérebro desse desgraçado”.

Verônica fechou os olhos, incrivelmente envergonhada. Eu poderia apostar que a boceta dela estava jorrando e ela estava se contorcendo para ele. Traíra maldita.

— Adrian – Parker sorriu olhando para trás alcançando meus olhos. Sua expressão ficou confusa por um tempo ao me olhar. Acho que ele devia ter lido na minha testa: “Eu vou te matar seu desgraçado” e minha boca salivando como um lobo que acabara de ver sua presa.

Eu não perdi tempo e fui logo falando:

— Está com a papelada? – rosnei.

— Sim está aq... – antes que pudesse continuar, eu o cortei antes que desse um murro na cara daquele doente e quebrasse todos os ossos de sua face.

— Peça para me entregar em minha suíte – rosnei. — E você – disse puxando Verônica pelos braços. — Vem comigo agora – grunhi.

Ela pareceu absorta. Parker ficou paralisado em seu lugar com uma cara de: “que porra é essa?” olhando para ela e após para mim. E eu não estava nem fodendo para ele. Estava cagando e

andando. Só queria a MINHA mulher longe das presas daquele doente.

Saí arrastando-a até o elevador. Quando a joguei lá dentro e as portas se fecharam eu fiz a pior merda da minha vida.

— Sua puta – gritei e desferi um tapa em seu rosto.

Eu não estava raciocinado direito e meu peito ainda doía. Minha respiração acelerada media o nível de nervoso em que me encontrava.

Verônica me olhou completamente assustada massageando sua bochecha que agora estava marcada com os cinco dedos de minha mão pesada.

Eu nunca havia batido em uma mulher antes. Amaldiçoei-me por ter feito isso. Principalmente com ela.

Arrepentime de imediato mas a merda já havia sido feita. Tentei aproximar-me, mas ela colou no espelho do elevador como se quisesse transpassá-lo e sair correndo dali.

Quando as portas se abriram no sétimo andar, ela correu e eu fui atrás dela.

Consegui alcançá-la depois de alguns passos. Meu coração se quebrou quando olhei em seus olhos e a vi chorando. Mas o que me chocou, foi o fato daqueles mesmos olhos se sentirem culpados por algo que eu fiz.

Coloquei as mãos em seu rosto puxando-a para mim e a beijei. Eu estava louco. Em meu modo possessivo.

Afastei-me e abri a porta da suíte puxando-a para dentro. Ela protestou com o olhar e eu me perdi.

— Por favor, não me machuque – ela ainda chorava e aquilo doeu ainda mais. Eu jamais a machucaria. Mas eu perdi o controle. E já estava me sentindo um merda por ter batido nela.

Abracei-a com tanta força que ela gemeu de dor.

Suavizei o aperto e disse olhando nos olhos dela:

— Eu amo você! Eu queria matar aquele homem por ele estar com as mãos em você – rosnei.

— Eu não sou sua, Adrian – ela sussurrou entre lágrimas.

— Eu quero que seja – disse com toda sinceridade.

Ela me olhou com seus olhos castanhos marejados e a única coisa que pensei em fazer foi beijá-la. Toquei em seus lábios e eles estavam molhados. Pedi passagem com minha língua em sua boca e ela não protestou. Ela me beijava com a mesma intensidade. Ela me queria. Eu sei que queria.

Peguei-a no colo e a levei para o quarto. Tirei os sapatos dela e quando subi minhas mãos lentamente por suas pernas, ela tentou me bloquear.

— Eu quero você meu amor. Tanto que até dói – supliquei. Ela relaxou e eu subi mais ainda minhas mãos até atingirem sua abertura.

Quando percebi o horror em seus olhos, me dei conta do porque ela parecia apavorada. Ela estava sem calcinha? Aquele filho da puta fez com que ela tirasse a calcinha na frente de todos? Eu fechei os olhos, suspirei lentamente e a cena me voltou à cabeça. Eu simplesmente não consegui prosseguir. Era como se eu tivesse brochado. Ela estava sendo usada e eu odiava isso.

Ela pareceu perceber e então ficou ainda mais triste.

— Eu preciso esfriar a cabeça – disse saindo de cima dela.

— Minha vontade é de voltar lá e matar aquele filho da puta – elevei meu tom de voz e ela se aninhou aos travesseiros. — Você já transou com aquele cara? – perguntei, mas por incrível que pareça, acenei para que ela não me desse à resposta. Se ela dissesse que sim, seria meu fim e hoje mesmo, estaria atrás das grades.

Eu amava aquela mulher peguei me questionando se ela sentia o mesmo por mim. Foi então que decidi, se ela disser que me ama, eu a pegaria a força e levaria para minha casa sem chance de protestos.

Mas eu não estava preparado para ouvir um não.

Contanto, mesmo assim, eu arrisquei a perguntar olhando em seus olhos:

— Você me ama?

Ela fechou os olhos e os apertou numa linha fina. Parecia que sentia dor. Quando abriu a boca sem emitir nenhum som, parecia mais assustada e confusa do que eu. Mas, quando ela abriu os

olhos, eles pareciam feitos de pedra. Sem brilho, inexpressivos. E com um meio sorriso, ela disse: — Não.

E aquilo me deixou à beira do precipício.

CAPÍTULO 12

Verônica Sandler

No momento em que Adrian avançou em mim e me deu um tapa no rosto, ele acabou de me deixar destruída. Ele estava totalmente fora de si e mesmo sabendo que ele havia se arrependido segundos depois, eu jamais iria perdoá-lo por isso.

Eu agora mais do que nunca, iria permanecer longe dele.

Quando disse que me amava, eu queria correr até ele me entregar de corpo e alma. Mas me lembrei de que não era a mim que ele queria. Ele se sentiu visivelmente enojado quando colocou suas mãos em mim. Eu pude ver pela forma como se afastou, desviando seu olhar.

Senti um grande alívio de não ter que responder sobre ter transado com Parker. Eu me sentia uma vadia e não precisa que ninguém me falasse o que eu já sabia. Principalmente ele.

— Você me ama? — ele me olhou esperançoso.

Eu poderia ter gritado que sim naquele exato momento. Apenas fechei os olhos para tentar controlar esse impulso insano. Seria melhor dizer que não e fazê-lo me odiar para sempre. Nós éramos completamente diferentes. Nunca daria certo. Ele jamais me respeitaria e eu não teria confiança o suficiente para saber se ele me amava realmente.

Então, coloquei a minha cara de gelo e um sorriso sínico no rosto e respondi sem emoção:

— Não.

Meu coração se partiu em pedacinhos ao vê-lo me olhar como se o mundo dele acabasse naquele momento.

— Não acredito em você – ele sussurrou. — Por que está fazendo isso?

— Você perguntou, eu apenas respondi.

Ele passou as mãos pelos cabelos deixando bagunçado parecendo frustrado com minha resposta. Veio em minha direção e puxou os travesseiros que estava abraçando tentando me proteger dele.

— Eu sei que você me ama Verônica. Eu sinto isso – ele alterou um pouco a voz.

— Não se engane Sr. Miller – olhei para ele friamente.

— Você está me fazendo perder tempo e dinheiro.

Ele olhou horrorizado em minha direção. Ficou paralisado.

— É dinheiro que você quer? – ele falou. — Eu posso te dar tudo o que quiser – ele soou desesperado.

— Não vou ficar e manter um relacionamento com você Adrian. Você não me ama. Está preso ao passado e quer me carregar para um poço sem fim – disse amargamente.

— Eu já pedi perdão por aquilo. Eu pedi para a Maria dar um fim em todas aquelas coisas.

— Preciso ir – disse saindo da cama e pegando minha bolsa.

— Não vou deixar que saia daqui – ele se aproximou me abraçando pousando seu queixo em minha cabeça. A proximidade, o cheiro dele, seu toque, eu teria que aprender a viver sem isso. E eu sei que por mais que eu tentasse afastá-lo, ele não iria desistir. Ele não fazia o tipo fraco. Ele era determinado e eu não queria acabar cedendo.

— Fique comigo hoje. Amanhã podemos conversar e tentar se acertar – ele sussurrou e me deu um beijo. Eu estava perdida em meu próprio sentimento. Machucada e magoada. Eu estava disposta e tirá-lo definitivamente da minha vida. E para isso, eu teria que quebrá-lo também. Só assim, ele me odiaria e iria parar com essa ideia maluca de me perseguir.

— Eu fico – falei em sussurro.

Adrian passou as mãos em meus cabelos e sorriu revelando seus dentes brancos e perfeitos. Seu sorriso lindo me deixou de coração partido me fazendo repensar se eu deveria seguir com meu plano.

Ele tirou meu vestido lentamente e analisou o meu corpo que ainda continha ás marcas dos hematomas do acidente agora amareladas pelo tempo.

— Ainda dói? – perguntou curioso.

— Não sinto mais nada.

Adrian me levou para a cama e sussurrou em meu ouvido que me amava.

Quando colocou sua boca na minha, eu perdi os sentidos. Eu só queria estar nos braços dele e ser possuída.

Ele beijava cada centímetro do meu pescoço dando leves mordiscadas. Ele era único. O único que me fazia sentir prazer. Meu corpo necessitava do dele.

Só de sentir seu corpo sobre o meu, eu entrava em erupção. Eu o amava. E ele não merecia esse sentimento.

— Eu sou louco por você, meu amor – ele disse descendo a boca em meus seios. — Tão perfeita. Eu amo quando fica excitada para mim – ele grunhiu.

Fechei os olhos e tentei aproveitar ao máximo o que seria a minha última noite com ele.

— Adrian... – eu implorava sem saber o porquê.

— Diga o quer meu amor – ele disse mordendo meu mamilo e sugando com força.

Quando ele desceu a mão até meu sexo, eu fiquei perdida. A dor em meu peito se intensificou ao saber que nunca mais ele me tocaria daquele jeito. Que nunca mais eu me sentiria daquela forma.

— Você está pronta para mim – ele disse e levou sua boca até minha entrada. Senti uma onda forte de prazer quando ele abriu ainda mais minhas pernas elevando-as em seu ombro e passou sua língua molhada em meu ânus indo até minha entrada. Estremeci e gemi de prazer.

Ele seguiu fazendo movimentos circulares em meu clitóris. Eu arqueava meus quadris e o puxava ainda mais para mim.

Quando ele sentiu que não resistiria as suas investidas, ele disse:

— Você só vai gozar quando eu disser. Entendeu? – disse olhando em meus olhos.

Eu apenas assenti tentando assimilar tudo. Ele estava me privando? Aquilo só fez aumentar o meu tesão por ele.

Adrian se desvencilhou de suas roupas e voltou até mim totalmente nu. Eu jamais me cansaria de olhá-lo.

Ele apoiou os cotovelos um de cada lado de minha cabeça cobrindo meu corpo com o seu. Deu-me um beijo e disse:

— Eu vou entrar em você meu amor. Você é minha e eu a quero — disse com ternura.

Adrian procurou por minha entrada e percebi que não havia colocado preservativo. Quando abri a boca para protestar, Adrian a cobriu com a sua me beijando com necessidade. Seu beijo ganhava o ritmo de suas estocadas. Ele estava me reivindicando. Ele me penetrava duro e forte, mas ao mesmo tempo, com paixão. Nossos corpos colados pelo suor causava atrito. A cada penetração, eu ficava ainda mais machucada por dentro. Meu coração já estava apertado e destroçado. O cheiro de sexo estava impregnado no quarto. Adrian gemia e me deixava ainda mais alucinada saber que estava excitado tanto quanto eu.

— Amor, eu não posso mais aguentar — ele sussurrou olhando em meus olhos. — Goze comigo. Goze para mim — ele continuou e suas palavras foram o estopim para mim. Nossos corpos convulsionados, gozamos apaixonadamente. E Adrian, assim que desabou seu corpo sobre o meu, sorriu me dizendo: — Eu amo tanto você, Verônica. Não me deixe, por favor.

Suas palavras foram como um punhal em meu coração. Por mais que fosse verdade o que dizia, eu sabia que seríamos a ruína um do outro.

Eu levantei e segui para o banheiro para tomar um banho. Fiz sinal para Adrian para que não me acompanhasse e ele me respeitou. Fechei a porta do banheiro e desabei a chorar. Adrian me machucava e ao mesmo tempo me deixava no céu. Eu não aguentava tanta intensidade.

Tomei um banho e me enrolei na toalha. Quando abri a porta, Adrian estava sentado na beirada da cama com um lindo sorriso no rosto. Eu sorri de volta. Ele passou por mim e me deu um beijo dizendo outra vez que me amava. Entrou no banheiro deixando a porta aberta e foi tomar seu banho.

Nesse momento, eu não quis pensar em nada a não ser fugir dali. Seria mais fácil ele achar que o enganei e que eu realmente era uma vadia. Não daríamos certo juntos. E, mesmo que desse, e eu não queria pagar para ver. Eu não precisava de mais merda na minha vida. Eu já tinha o suficiente. Eu precisava cuidar de mim e da minha mãe. E um relacionamento difícil e instável, iria acabar comigo.

Coloquei minha roupa com pressa, peguei em minha bolsa uma caneta. Procurei desesperada por um pedaço de papel.

— Droga! – praguejei baixinho.

Na bolsa, encontrei o cartão do Hertman. Virei do outro lado onde era todo branco e escrevi.

Sr. Miller,

Deposite em minha conta o valor de oito mil reais pela noite de hoje. Era exatamente o que você me fez perder com meu cliente. Não quero sair no prejuízo.

Se precisar dos meus favores outra vez, sabe onde me encontrar.

Verônica.

Coloquei o cartão em cima do criado mudo com lágrimas em meus olhos. Era o fim para mim. Eu já sabia. Virei as costas e sai de lá antes que pudesse me arrepender e cair nos braços nele.

CAPÍTULO 13

Adrian Miller

Assim que saí do banho, entro no quarto e não a vejo. Vou até a sala de estar e ela também não está. Volto para o quarto e a bolsa que havia colocado em cima do aparador, havia sumido.

Ela havia ido embora?

Pânico se instalou dentro de mim. Comecei a andar de um lado para o outro no quarto tentando entender o porquê ela se foi. Mas é claro. Eu sou um idiota.

— Ela só precisa de um tempo - disse para mim mesmo.

Fechei os olhos em frustração. Quando voltei a abri-los, um cartão em cima do criado me chamou a atenção.

Corri até ele e o peguei. Era um cartão do Hertman e quando o virei, meus olhos quase saltaram em fúria com as escritas que continham nele.

Li e reli várias vezes. Eu queria gritar, queria quebrar a porra do quarto inteiro.

Ela apenas me usou? Não. Recuso-me a acreditar.

Eu senti que ela me queria. Que me amava. Será que eu estraguei tudo outra vez com minha falta de controle?

Se ela pensa que vou me afastar dela, ela está muito enganada.

Coloquei minhas roupas e saí da suíte. Não havia sentido em ficar ali depois de tudo. Não queria sentir o cheiro dela nos lençóis – embora era impossível não deixar de sentir o cheiro dela ainda em mim.

Quando cheguei ao estacionamento, aceno ao manobrista para que traga o meu carro.

Dirigi até em casa com o rádio no último volume ao som de Up 2 You – Cris Brown.

As lágrimas brotaram em meus olhos e me senti um fraco. Um idiota apaixonado. Mas era exatamente o que eu era. Um idiota. E tinha que achar um jeito de trazê-la para mim. Ou eu estaria perdido.

Desde que Sara se foi, eu me fechei para tudo. Virei um homem frio e sozinho. Eu decidi viver minha vida assim. Não tinha mais expectativas em relação ao amor. Achei que jamais iria encontrar uma mulher que fizesse meu coração bater outra vez. Mas ao lado dela, é como se eu tivesse minha vida de volta. Uma nova chance de ser feliz, de amar, de construir uma família. E eu faria de tudo para que ela enxergasse isso.

Ao chegar em casa, passo cabisbaixo pela sala e Maria me confronta.

— Teve uma noite difícil? – ela me olha nos olhos. Maria sempre foi como uma mãezona para mim. Não que não gostasse de minha mãe adotiva, mas ela está comigo desde que fui adotado. Trabalha há tanto tempo comigo que já faz parte da família e eu a amo como seu fosse minha mãe.

— Sim – respondo tirando meu terno e apoiando-o no encosto do sofá.

— É aquela garota? – ela me olha cautelosa. Eu não quero falar sobre isso com ela. — Ela te deixou depois que viu a foto da Sara, não foi?

— Ela me deixou porque sou um idiota – bufei.

— Talvez ela ache que a quer por causa da Sara, Adrian. Ela só está confusa e você também – ela me olhou com carinho.

— É mais complicado do que isso Maria – disse com a voz triste.

— O amor é complicado – ela sorriu.

— Eu bati nela hoje – revelei sem olhar em seus olhos.

Maria suspirou chateada e falou:

— Ninguém é perfeito, Adrian. É a primeira vez que o vejo com outra mulher após a Sara. Ela deve ser especial – sorriu.

— Ela é – sussurrei.

— Então não desista. Se acha que vale a pena, lute por ela.

— Vou dormir – disse beijando sua testa. — Amanhã eu pensarei em alguma coisa. Obrigada.

Segui para meu quarto, retirei minha roupa e caí no sono.

No dia seguinte, fui cedo para o escritório. Eu tinha algumas reuniões importantes inadiáveis.

Fiz tudo o que tinha para fazer e então, decidir ir atrás dela. Antes, passei em casa para colocar algo mais casual. Optei por um jeans e uma camisa branca. Coloquei meus óculos escuros e saí pela estrada numa velocidade de 150km/h em meu porche.

Quando parei em frente ao prédio dela, fiquei ali, esperando até que a visse. Se eu ligasse certamente ela inventaria uma desculpa. Quero pegá-la desprevenida.

Fiquei com o carro estacionado ali por quase uma hora. Já estava ficando nervoso quando de repente, Verônica desce do carro, acompanhada por outro homem.

Eles conversam por um instante e então, eles se despedem. Fecho os olhos tentando manter o controle. Tentando não imaginar o que ela fazia com ele.

Corri até ela antes que pudesse entrar em seu prédio.

Quando a puxei pelo braço ela gritou se virando para mim:

— Que susto! Quer me matar?

— Desculpe. Não tinha a intenção de assustá-la – disse com a voz falha.

— O que faz aqui? – perguntou de forma rude deixando transparecer que não estava feliz em me ver.

— Precisamos conversar. Pode me dar um minuto?

— Não temos nada para conversar Sr. Miller – ela disse virando-se a caminho do portão de entrada.

— Eu preciso falar com você. Por favor – supliquei.

— Não temos nada para falar. Se me der licença, tenho um cliente para atender daqui duas horas.

— O que eu preciso fazer para você entender que eu te amo?

— ela olhou para mim.

— Você não me ama – ela resmungou.

— Eu sei que fiz um monte de merda e fui extremamente grosso com você – disse desesperado. — Mas é difícil para mim Verônica. É muito difícil.

— Adrian – ela sussurrou e eu vi uma pontinha de indecisão no rosto dela.

— Por favor. Só uma chance – supliquei.

— Não posso – ela disse fria e distante.

— Eu não vou desistir de você – rosnei.

— Pois se eu fosse você, não perderia tempo tentando – ela disse sendo um pouco rude.

Verônica me olhou um momento e eu não consegui dizer mais nada. Ela estava irredutível. Não seria por esse caminho, que iria amolecer seu coração.

A soltei e deixei que entrasse. Ela caminhou para dentro do prédio e eu fiquei ali, observando-a partir. Pelo menos por aquele momento.

Decidi voltar para casa. O resto da tarde estava perdido para mim e eu não estava com cabeça para resolver nada. Eu só pensava nela. Parecia um vício. Eu precisava dela. Meu peito estava doendo por dentro. Uma sensação nova que eu não conseguia distinguir o que era.

Liguei para o meu advogado para resolver a situação de minha irmã Terry. Ela só me causava problemas e estava farto das suas loucuras. Quando consegui sua internação para o tratamento das drogas, achei que ela sairia renovada. Outra pessoa. Mas não. Acho até que ela saiu pior.

Ela havia sido presa com o namorado. Foi pega com uma pequena quantidade de drogas. Ela me ligou desesperada para que

livrasse a sua barra como sempre. Ela usava as minhas influências para fazer as merdas dela. Porém, chegará um ponto, que nem Jesus Cristo poderá ajudá-la.

Saí do meu quarto e fui em direção ao quarto do Louis. Maria já havia tirado todos os móveis, o bercinho, fotos, brinquedos...

Pedi para ela doar para um orfanato e ela foi bem rápida. Ficaram apenas as paredes azuis e brancas que teriam de ser pintadas também. Eu iria guardá-lo para sempre em meu coração. Mas eu precisava seguir em frente. E eu queria seguir com ela. Somente com ela. Desprender-me do passado e tentar viver o meu presente. O futuro? Ainda iríamos escrever juntos, um passo de cada vez... Verônica e eu.

Desci as escadas e fui até a cozinha. Pedi para a Maria me trazer uma tinta branca e um rolo de pintura. Jornais e tudo que pudesse utilizar para pintar as paredes do quarto. Ela me olhou incrédula e disse: — O senhor mesmo irá pintá-lo?

— E por que não? — disse com diversão. — Preciso espairer e acho que essa é a melhor forma de fazer isso. Eu quero mudar Maria. Preciso superar o meu passado. Preciso que ela acredite que a amo e que só há ela em minha vida. Apenas ela.

Maria abriu um enorme sorriso e disse:

— Pelo visto, você já superou. Ela vai enxergar no momento certo Adrian. No momento certo.

CAPÍTULO 14

Verônica Sandler

No momento em que saí do quarto do hotel deixando Adrian para trás, eu me arrependi. Mas já era tarde e não iria mais voltar atrás.

Passei pelo lobby chorando e acabei esbarrando em Daniel.

— Verônica? – ele me olhou atordoado com aqueles olhos azuis.

— Sr. Ross – olhei para ele tentando secar minhas lágrimas.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Nada – dei um sorriso falso.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? Está acompanhada?

– perguntou colocando as mãos em meu rosto. Eu estava morrendo de medo de que Adrian aparecesse. Se ele resolvesse vir atrás de mim e me pegasse aqui com esse homem?

— Estou indo para casa – sussurrei.

— Não. Não posso deixá-la ir nesse estado. Vamos, você vai comigo – ele respondeu, me puxando para fora do hotel.

Daniel era um dos meus clientes. Apesar de ter estado com ele apenas duas vezes, ele foi de longe, o melhor. Sempre atencioso e amoroso. Um solteirão de 34 anos, milionário, e deixava as mulheres alucinadas com seu jeito sexy, gentil e misterioso. Eu ainda não conseguia entender o porquê ele precisava de nossa companhia. Geralmente, ele fica mais com a Sônia.

Quando chegamos em sua casa, Daniel desceu do carro e fez sinal para que esperasse. Deu a volta e abriu a porta do seu conversível para mim.

— Obrigada – sussurrei.

Daniel colocou sua mão espalmada em minhas costas me guiando pelo imenso caminho até a porta de entrada de sua mansão.

Abriu a porta e me guiou para dentro.

— Fique à vontade – ele sorriu caminhando até o barzinho, se servindo de uma bebida. — Me acompanha? – ele me olhou divertido erguendo a garrafa de Uísque.

— Claro – devolvi o sorriso. Acho que seria bom encher a cara para afastar a visão de Adrian na minha mente.

Daniel veio em minha direção carregando meu copo e me estendeu a bebida.

— Vai me contar agora o que aconteceu? Por que estava tão triste? – ele se aproximou de mim e tocou meus cabelos.

— Apenas uma noite ruim, só isso – disse dando um gole em minha bebida.

— Quero que fique hoje comigo – ele estudou a minha reação. — Amanhã eu a levarei para casa.

— Tudo bem – disse tentando não soar indiferente. Por mais que estivesse ali, meu pensamento estava em outro lugar.

— Vamos para o meu quarto, vou fazer você esquecer seus problemas – ele sorri e me puxa contra ele. Afasta meu cabelo do meu pescoço e me beija.

Subimos até seu quarto e Daniel me deixa sozinha dizendo que iria tomar um banho. Mas antes, ligou o som e a música Try – Pink, começou a tocar.

Sentei em sua cama e fiquei me amaldiçoando baixinho.

...Você já se perguntou o que ele está fazendo?

Como tudo virou mentiras?

Às vezes acho que é melhor

Nunca perguntar por quê

Onde há desejo, haverá uma chama

*Onde há uma chama alguém está sujeito a se queimar
Mas só porque queima não significa que você vai morrer
Você tem que se levantar e tentar, e tentar, e tentar...*

"O que estou fazendo aqui?" Será que vale a pena tentar?

Enquanto a música rolava, as lágrimas apontavam em meu rosto. Eu fechava os olhos e só via Adrian em meus pensamentos. Seu sorriso, seu rosto, até a voz dele, eu ouvia pulsando em meu cérebro.

Quando a porta se abriu e Daniel saiu enrolado na toalha, virei o rosto e tentei disfarçar as lágrimas.

Ele veio em minha direção tirando a toalha que prendia envolta dos quadris e me puxou para ele. Ele estava magnífico apenas com sua boxer preta.

— Você é tão linda – ele sussurrou enquanto tirava o meu vestido.

Eu fiquei imóvel com uma sensação estranha. Daniel era lindo e muito atraente. Mas não era a pessoa que queria que me notasse nesse momento. Eu queria que Adrian estivesse aqui. Queria que ele me tocasse, ele me beijasse e ele me possuísse de todas as formas.

Daniel me deitou em sua imensa cama king size distribuindo beijos em meu corpo inteiro. Eu fechei os olhos e mantive a minha concentração. Estava difícil prosseguir, mas eu tinha que tentar. Queria manter minha mente ocupada para não pensar em Adrian.

Ele seguia com suas carícias em meus seios e os chupava com vontade.

Quando Daniel puxou minha calcinha e tirou sua boxer, eu não sei o que aconteceu. Eu entrei em pânico. Eu não ia conseguir. Eu não queria prosseguir com aquilo. Eu pensei em Adrian me dizendo "Eu amo você", "por favor, não me deixe" e aquilo me quebrou.

Tentei sair debaixo dele rapidamente e disse com a voz embargada:

— Eu não posso fazer isso.

Daniel me olhou confuso e apenas assentiu.

Procurei qualquer resquício de chateação em seu semblante, mas eu vi algo que me deixou aliviada. Parecia que ele me entendia. Que enxergava a minha alma.

— Tudo bem – ele sussurrou.

Ele me abraçou e deitamos um ao lado do outro. Houve um silêncio por alguns momentos. Eu me sentia péssima. Não era um comportamento adequado para uma profissional como eu. Isso era imperdoável.

— Me desculpe. Eu só tive um dia ruim – disse me desculpando.

— Não precisa se desculpar. Mas quero que fique. Não vou deixar você ir assim.

— Não quero tomar o seu tempo Sr. Ross.

— É um prazer estar em sua companhia, Verônica – ele disse se levantando e me puxou para fora da cama.

Eu olhei para ele confusa e intrigada.

— Vamos fazer alguma outra coisa então – ele sorriu divertido.

— Que tal bebermos e jogarmos vídeo game?

Eu não aguentei e dei uma gargalhada. Daniel riu um pouco encabulado e disse:

— Vai ser um desafio. Fique sabendo que eu sou o melhor em Just Dance – ele riu.

— Você joga vídeo game nessa idade e ainda dança? Sério?

— eu ri mais ainda. — Parece ridículo, mas eu aceito o desafio.

— Então, vamos – ele disse me entregando minha calcinha e colocando sua boxer.

Daniel me emprestou uma camiseta e então, seguimos para a sala de estar.

Ele encheu nossos copos de bebida e colocou o jogo.

Quando a música começou, Daniel seguiu imitando os movimentos e eu caí no sofá rindo de sua dancinha. Até que ele ficava muito sexy dançando apenas de cueca.

Ficamos jogando até quatro horas da manhã. Estava exausta, mas agradecida por ele ter sido tão gentil comigo.

Fomos para cama juntos, mas não rolou nada. Eu estava me sentindo bem melhor depois dessa extravasada.

Quando acordamos, já se passavam das duas da tarde. Tomamos nosso café na cama e Daniel me perguntou se poderia me levar para casa.

Quando ele começou a preencher o cheque para me pagar, eu fiquei tão mal que logo respondi:

— Daniel... Por favor, não!

Ele me olhou intrigado e apenas respondeu:

— Por quê?

— Porque sua amizade e a forma com que me tratou ontem, não tem preço. E, além disso, não fizemos nada além de darmos boas risadas e dançarmos como loucos – sorri.

— Pra mim isso foi melhor do que sexo animal – ele gargalhou.

— Ai, isso doeu – disse rindo e dando tapas em seu ombro.

— Você é uma mulher linda e muito inteligente Verônica

– disse agora sério olhando em meus olhos. — Espero que não tenha ninguém te machucando. Pois se tiver, eu ficaria mais do que feliz de meter um pé na bunda do infeliz – e sorriu.

— Obrigada.

Logo depois, Daniel me levou para casa. Abriu a porta do carro como um cavalheiro e nos despedimos.

Segui em direção ao meu prédio e antes que pudesse entrar, uma mão forte me puxou.

Quando me virei, meu coração quase saltou pela boca ao ver Adrian ali, me olhando com cara de cachorrinho sem dona.

— Que susto! Quer me matar?

Ele me olhou e disse em voz baixa.

— Desculpe. Não tinha a intenção de assustá-la.

Ai meu Deus. Ele me viu com o Daniel?

Putá que pariu.

CAPÍTULO 15

— O que faz aqui? – perguntei afetada por sua presença inesperada.

— Precisamos conversar. Pode me dar um minuto? – perguntou com olhar triste.

— Não temos nada para conversar Sr. Miller.

Meu Deus! Por que ele não me esquece?

— Eu preciso falar com você. Por favor – suplicou olhando em meus olhos.

— Não temos nada para falar. Se me der licença, tenho um cliente para atender daqui duas horas – disse um pouco ríspida.

— O que eu preciso fazer para você entender que eu te amo?

— disse desesperado. Minha vontade era de gritar que também o amava e pular em seus braços. Mas me lembrei de que não era a mim que ele realmente queria. Era a sua mulher que via em mim e isso me doía.

— Você não me ama.

— Eu sei que fiz um monte de merda e fui extremamente grosso com você – disse desesperado. — Mas é difícil para mim Verônica. É muito difícil.

— Adrian – sussurrei. Como eu queria acreditar nisso.

— Por favor. Só uma chance – suplicou mais uma vez.

— Não posso – disse friamente. Eu não queria me machucar.

Eu olhei para ele e ele parecia transtornado. Estava difícil de manter a sanidade perto desse homem. Tão lindo... Seus olhos castanhos me olhavam intensamente suplicando por atenção.

— Eu não vou desistir de você – ele disse e vi sinceridade em seu rosto.

— Pois se eu fosse você, não perderia tempo tentando.

Adrian continuou me olhando, mas logo me deixou ir. Agradei mentalmente, pois não sabia se aguentaria mais alguns minutos perto dele sem me perder completamente. Eu o amava. Como o amava.

Entrei no elevador ainda tremendo. Aquele homem me afetava os sentidos. Enlouquecia-me. Não sei mais o que fazer para me livrar desse sentimento que está me consumindo a cada dia.

Entrei em meu apartamento e quando vi, Sônia estava esparramada no meu sofá com uma tigela cheia de brigadeiro se acabando.

— Dia ruim também? – perguntei e ela me olhou com um sorriso no rosto. Estava vestida apenas com uma miniblusa branca e calcinha.

— Dia péssimo – resmungou. — Não tive cliente ontem. Não ganhei nenhum centavo.

— Se te faz feliz em saber, eu também não – ri lembrando da noite que Daniel e eu tivemos. Se ela soubesse...

— Está vindo de onde? – ela me olhou com curiosidade.

— Estava na casa do Daniel. Mas apenas como amiga

– concluí.

— Daniel? – ela riu. — Ele é um fofo. Não curto muito ele não. Prefiro homens mais brutos. Ele é gentil demais, romântico demais e isso me dá vontade de vomitar – disse colocando o dedo na boca simulando a vontade de vomitar.

— Você é uma vaca Sônia – gargalhei me jogando no sofá ao lado dela.

— Parker me ligou – disse olhando para mim. — perguntou o que está acontecendo com você, porque você teve um comportamento estranho com ele.

— Não quero falar disso.

— Você está estranha desde que voltou de Nova Iorque – ela falou.

— Impressão sua – disse pegando a colher de sua mão e dando uma colherada em seu brigadeiro.

— O que aconteceu nessa viagem Vê?

— Não aconteceu nada – respondi irritada.

— Você o beijou, não foi? – ela me olhou intrigada. — Você está esquisita.

— Vamos mudar de assunto? – disse levantando a voz.

Ela largou a tigela na mesinha de centro e levantou gritando:

— Meu Deus Vê! Você está apaixonada? Como pode cair nessa garota? – disse irritada.

— Não estou apaixonada coisa nenhuma.

— Eu vi esse tal de Adrian Miller – ela disse olhando brava para mim.

— Para de ficar fantasiando Sônia. Não estou apaixonada por ninguém – disse indo para o meu quarto. As lágrimas começaram a apontar em meu rosto e eu só queria tomar um banho e esquecer toda essa merda. Sônia me seguiu até o quarto me xingando como se isso fosse o fim do mundo.

Quando ela me puxou, vi em meus olhos o meu sofrimento.

— Você é uma burra Veronica. Eu disse para você ficar longe de relacionamentos. Você acha que algum homem ficará com você sabendo que a cada dia transa com um cara diferente por dinheiro? Você vai se dar mal. Escute o que estou te falando – ela rosnou. Sônia estava coberta de razão. Eu iria me machucar.

— Ele disse que me ama e quer se casar comigo – deixei escapar.

— Meu Deus! Isso é pior do que eu estava imaginando – ela diz exasperada.

— Eu não sei o que fazer Sônia. Eu juro que tentei, mas eu não consigo parar de pensar nele.

— Eu só lamento por você. Isso não vai dar certo e você sabe

— resmungou. — Quer saber? Acho que você precisa se divertir um pouco. Vou te levar no Red Amanhã.

— Sabe que não gosto daquele lugar, Sônia – disse lembrando-me da primeira vez em que fomos para o Red. Muitas drogas e putaria. Eu não curti esse tipo de lugar.

— Está decidido. Amanhã iremos convidar o Jack e vamos nos divertir bastante. Sabe que ele é louco por umas vadias – ela sorriu.

— Não quero ir.

— Você vai. Nem que seja arrastada, mas vai – disse saindo do quarto.

O resto da tarde fiquei assistindo filmes. Sônia foi para a casa dela se encontrar com o Charles. Depois de ter me ligado e o dispensado, acho que ele ficou um pouco magoado e acabou convidando-a para sair.

À noite dei um pulo na clínica. Conversei com o neurologista e ele me garantiu que minha mãe estava tendo progressos. Fiquei ao lado dela por algum tempo e logo adormeci no sofá do quarto.

Quando acordei, estava com o corpo todo quebrado. Mãe estava acordada agora. Aproximei-me dela e toquei o seu rosto.

— Oi mãe – sorri com uma lágrima no rosto.

— Oi – ela sussurrou. — A senhora poderia me levar para ver o sol? Estou aqui faz tanto tempo e queria ver o sol.

— Mãe... Sou eu. Verônica – disse olhando para ela com o olhar triste.

— Nunca a vi aqui. É seu primeiro dia? Porque não está de branco? – ela perguntou parecendo confusa. Ela não sabia quem eu era? Como assim?

Comecei a me desesperar e saí do quarto correndo para que ela não me visse chorar. Ela estava piorando. Esquecendo-se de mim. E agora?

Passei direto pelo corredor enorme e saí da clínica.

Corri para o meu carro e desabei a chorar. Ela é tudo o que eu tenho na vida. Se ela se for, se esquecer de mim, de tudo... O que eu vou fazer?

Dirigi ainda atordoada até minha casa. Liguei para Sônia e aceitei ir até o Red. Eu iria beber até cair e quem sabe eu conseguiria esquecer de todas as merdas da minha vida.

Passei o dia inteiro trancada em casa com um litro de vodca na mão. Não quis comer nada. Apenas sentei no sofá como uma moribunda e desatei a beber.

Quando Sônia chegou e me pegou bêbada e nua no banheiro segurando outra garrafa de vodca, ela quase me bateu e disse que tinha que ser forte. Contei sobre minha mãe e ela disse que isso era passageiro e que ela ficaria bem. Eu só queria acreditar nessa possibilidade. Mas eu sabia que a doença dela era degenerativa.

Sônia me deu um banho e praticamente me vestiu. Eu estava tonta e com enjoos.

— Você precisa comer alguma coisa – ela falou me levando para a cozinha. Abriu a geladeira e pegou algumas sobras de comidas. Colocou as no microondas e me fez comer.

— Não quero sair.

— Mas é claro que vai.

— Não estou animada Sônia – disse atropelando as palavras.

— Eu tenho algo aqui que vai animá-la – ela sorriu.

Sônia estava vestida com uma saia curtíssima preta e uma blusa tomara que caia de paetês dourada.

Eu estava com um salto agulha vermelho e um vestido extremamente curto, mas que não era tão colado. Deixei o cabelo solto e Sônia fez uma maquiagem carregada. Batom vermelho e olhos esfumados. Estávamos verdadeiramente como duas vadias loucas.

Ela foi até a sala e quando voltou para o quarto, retirou de dentro de um estojo de aço, dois comprimidos.

— Esse é seu – ela disse me entregando.

— O que é isso? – disse olhando para o pequeno comprimido em minha mão.

— É para dor de cabeça – ela sorriu engolindo o dela. Eu fiz a mesma coisa.

Saímos de casa e fomos no carro de Sônia direto para o Red.

Chegamos à boate em quinze minutos. Entramos e o Red estava totalmente cheio. Eu não curtia muito o lugar porque só rolava drogas e putaria. Eu não consumia drogas, então, me mantinha bem longe das pessoas que usavam.

Seguimos até o bar e Sônia pediu duas bebidas. Eu senti algo estranho. Minha boca começou a ficar seca e estava sentindo a temperatura do meu corpo subir. Meu coração estava um pouco

disparado e senti uma sensação de leveza. Em poucos minutos, parece que toda aquela tristeza que estava sentindo, deu lugar a uma estranha alegria.

Sônia me puxou para a pista e começamos a dançar David Guetta. Havia um casal ao nosso lado praticamente comendo um ao outro.

— Se solta amiga... Relaxa – Sônia gritou agarrando um carinho ao lado. Quando vi, os dois estavam se beijando e ele estava com as mãos na bunda dela.

Segui dançando por um bom tempo. Meu corpo esquentava, esquentava e eu não conseguia parar de me mexer. Quando começou a música Sexy Back – Justin Timberlake, parece que algo tomou conta do meu corpo e eu comecei a dançar de forma mais sensual. A música me excitava, o ambiente me excitava, as pessoas me excitavam. Eu estava em um estado diferente do normal que não estava conseguindo compreender. Mas era bom. Muito bom.

Sônia veio por trás de mim se embalando em meus quadris no ritmo da música.

— Isso garota, se solte – ela sussurrou em meu ouvido me fazendo arrepiar. Ela colocou as mãos em meu quadril e rebojava atrás de mim. Fechei os olhos apenas apreciando a sensação. Eu dançava, pulava e estava me sentindo feliz.

De repente, um homem se aproximou e eu o reconheci. Era Jack. O cliente da Sônia. Ele foi para detrás dela e disse algo em seu ouvido que ficou abafado pelo som alto.

O suor começava a ficar mais intenso e aquela sensação apenas aumentava.

Quando Sônia levou sua mão por debaixo do meu vestido atingindo meu ponto sensível, eu gemi. Aquele contato tão íntimo na frente de todas aquelas pessoas, me excitou de tal forma que assim que ela retirou sua mão eu pedi por mais.

Ela seguiu beijando meu pescoço e colocou sua mão por dentro da minha calcinha fazendo movimentos circulares em meu clitóris. Eu deixei minha cabeça cair para trás e apenas gemia com aquela sensação desconhecida.

Jack nos olhava com desejo. Aproximou-se de mim tocando meus seios e pediu para que Sônia tirasse suas mãos para que ele pudesse me tocar. Ainda pude sentir seus dedos entrando em mim enquanto ela massageava meu clitóris. Eu estava em ponto de ebulição.

Estava de olhos fechados e quando percebi que as mãos já não estavam mais em mim, apenas uma mão forte me puxando com raiva, abri os olhos e eles se conectaram diretamente com Adrian.

Abri um imenso sorriso enquanto ele me olhava furioso.

“Por que ele está tão esquisito?”

— O que pensa que está fazendo, Verônica? – disse irritado.

— Adrian... Meu amor. Você veio – eu disse sorrindo me jogando para ele. Ele me afastou examinando minha reação e ficou perplexo.

— Eu quero que você me toque. Quero que me foda Adrian.

— Para de falar besteira – rosnou me levando para longe da boate. Quando me colocou dentro do carro, eu pulei em seu colo abrindo a braguilha do seu jeans e tocando em seu comprimento.

— Eu quero você dentro de mim agora – sussurrei beijando sua boca e ele me jogou de volta no banco.

— Fica quieta – ele praguejou.

Eu fiquei em meu assento e rapidamente retirei minha calcinha. Adrian parecia que estava vendo algo de outro mundo.

— Pare Verônica – ele alertou, mas eu abri minhas pernas e me toquei para que ele pudesse ver.

— Você não quer transar comigo? Me foder a noite inteira?

– eu ria me tocando e passando a língua entre meus lábios

— Você está drogada porra – ele gritou e eu gargalhei.

— Não estou – eu continuei rindo.

— Vou levá-la para casa antes que cometa alguma loucura.

Adrian deu partida no carro e saiu em alta velocidade.

Quando chegamos, aquela euforia que estava sentindo de repente foi passando aos poucos dando lugar a outro sentimento.

Adrian me tirou do carro no colo e me levou para o seu quarto.

— O que estamos fazendo na sua casa?

— Vou dar um banho em você. Vai dormir e amanhã teremos uma conversa – ele disse chateado.

Ele me deu um banho, colocou uma camiseta dele em mim e me deitou em sua cama. Quando me olhou estava visivelmente transtornado. E lindo também.

— Eu amo você – disse para ele sem pensar. Mas era a mais pura verdade.

CAPÍTULO 16

Adrian Miller

Terry havia saído da cadeia juntamente com seu namorado no mesmo dia em que liguei para o advogado. Fui atrás dela na casa da minha mãe e arrastei-a para casa. Passei um sermão nela e a proibi de chegar perto daquele drogado do caralho.

Terry é minha única irmã. Desde os dezoito anos, ela tem problemas com drogas. Já presenciei seus surtos e suas loucuras.

Ela ficaria em casa até que aprendesse a ser gente.

Pedi para que em hipótese nenhuma, Maria a deixasse sair de casa. E se o namorado dela aparecesse me ligaria na mesma hora para chutar as bolas do filho da puta.

Terry passou o resto da tarde dormindo.

No dia seguinte, acordei cedo e fui para a empresa. Não podia me afastar por muito tempo. Tinha algumas reuniões e estava acertando a minha próxima viagem a negócios.

Após o almoço, Maria me liga desesperada dizendo que Terry estava ensandecida. Estava quebrando tudo o que via pela frente querendo sair à procura de drogas.

Pedi para Maria se acalmar e deixar que uma hora ela iria se cansar e parar de fazer escândalo. Eu ainda não sabia lidar com esses ataques de fúria dela. Iria contratar um especialista pra que a internasse.

O tempo foi passando e o relógio marcava nove da noite. Ainda tinha um contrato para revisar então fiquei.

Era bom distrair um pouco com trabalho. Assim, não pensava tanto em Verônica.

Segui examinando os contratos. Quando meu celular tocou, atendi no primeiro toque.

— Alô.

— Adrian – era a voz da Maria. Ela estava chorando.

— Maria? O que houve? – perguntei levantando automaticamente da cadeira.

— É a Terry – disse com a voz embargada.

— O que tem ela? Diga logo – disse desesperado. O que essa maluca aprontou agora.

— Ela saiu. Aquele namorado dela veio aqui avançou em mim e a levou.

— Estou indo para casa. Fique calma – disse desligando e colocando o celular no bolso da calça.

Quando cheguei em casa e entrei na sala, Maria parecia em estado de choque.

— Por que abriu a porta para aquele marginal, Maria? – disse consolando-a.

— Me desculpa. Eu não consegui contê-los.

— Sabe para onde foram? – perguntei olhando ao redor e vendo os prejuízos causados.

— Não sei – ela começou a chorar.

— Não se preocupe. Ela foi atrás de drogas e acho que sei onde deve estar. Ela sempre vai ao Red quando precisa das porcarias dela.

— Você não vai até lá. O lugar é barra pesada – ela disse assustada.

— Eu não vou sozinho. Vou chamar um amigo.

— Tome cuidado. Já é tarde e é perigoso lá.

— Vou tomar um banho e me trocar.

Fui até o quarto e entrei rapidamente para tomar um banho. Assim que saí, coloquei minha boxer e um jeans claro com uma camiseta azul marinho. Eu iria trazer aquela maluca para casa nem que fosse arrastada.

Liguei para Jonas, ele era ex-policial civil e agora trabalha como um dos meus advogados. Então, conhecia bem o local. Ele aceitou me acompanhar e ficamos de nos encontrar lá dentro. Eu iria pegar aquele filho da puta e arrancar os olhos dele.

Quando cheguei ao Red, meu estômago embrulhou só de ver todas aquelas mulheres drogadas se esfregando como loucas. Uma putaria dos infernos e eu não imaginava a minha irmã ali, numa situação daquela.

Segui até o bar para ver se a encontrava. Quando vi Jonas, fiz sinal para ele que caminhou até mim em meio à multidão enlouquecida.

— E aí cara?

— Jonas. Obrigado por ter vindo – disse dando um abraço.

— Sua irmã aprontando outra vez cara. Não é por nada não, mas precisa interná-la. Uma hora dessas vai acabar tendo uma overdose.

— Não sei mais o que fazer. Pior que minha mãe e meu pai estão em Los Angeles e não estão nem aí para ela. Já deram como caso perdido.

— Vamos dar uma vasculhada pelo local – Jonas disse atento.

Andamos de ponta a ponta pela boate. Tinha que esquivar das vagabundas que se esfregavam em mim, totalmente drogadas e bêbadas.

Quando fui mais a fundo na pista de dança, Jonas me cutuca e diz em voz alta:

— Olha para aquilo cara – apontou para um casal de mulheres.

— Esse lugar deveria ser fechado. Que putaria.

Quando olhei, quase não acreditei.

“Verônica?”

Verônica estava praticamente de frente para mim e a mulher atrás dela estava com as mãos entre suas pernas.

“Que caralho é esse?”

A raiva tomou conta de mim de vê-la daquela forma exposta e parecendo com as outras vadias em sua volta. Fui andando em direção a ela querendo estrangulá-la. Não acredito que ela pôde descer tão baixo. Antes que pudesse alcançá-la, um homem meteu a mão por debaixo dela e eu vi vermelho nessa hora. Quando estava perto o suficiente, pude ouvi-la gemendo e fiquei transtornado com aquilo.

Joguei o filho da puta longe e puxei os braços dela desvencilhando-a da vaca que estava a tocando.

— O que pensa que está fazendo, Verônica? – disse irritado.

— Adrian... Meu amor. Você veio – ela disse abrindo os olhos e me olhando. E então, se jogou nos meus braços. Afastei-me dela e quando a olhei, percebi que estava totalmente drogada.

— Eu quero que você me toque. Quero que me foda Adrian.

Jesus! Mas que porra é essa?

— Para de falar besteira – saí arrastando-a para fora daquele lugar.

Nesse momento não me lembrei de Terry e nem Jonas. Simplesmente a joguei no carro. Só queria tirá-la dali o mais rápido possível.

— Eu quero você dentro de mim agora – ela sussurrou pulando em meu colo no carro e me beijou.

Estava difícil de conter minha fúria. Não acredito nisso. Mas que merda. Mais uma drogada em minha vida? Que castigo é esse?

— Fica quieta – rosnei tirando-a de cima de mim e fechando a braguilha do meu jeans que ela havia aberto. Ela tocou no meu pau. Caralho. Do jeito que ela está, daria para qualquer um e no dia seguinte nem saberia quem a fodeu.

Quando olhei para ela, estava deslizando a calcinha por entre as pernas. Mas que porra.

— Pare Verônica – alertei.

Ela abriu as pernas em minha direção e começou a tocar seu sexo totalmente excitada. Tive que manter toda a minha calma para não perder o controle. Jamais eu a tomaria num estado desses. Jamais.

— Você não quer transar comigo? Me foder a noite inteira?

– ela me instigou de forma sensual roçando a língua em sua boca.

— Você está drogada, porra! – gritei agora descontrolado.

— Não estou – ela apenas ria descontrolada.

— Vou levá-la para casa antes que cometa alguma loucura.

Dei partida no carro e saí o mais rápido possível. Eu estava morrendo de medo de que desse um ataque nela, uma convulsão

ou que caísse dura na minha frente. Por que ela foi fazer isso?

Enquanto dirigia, percebi que ela ficava cada vez mais lenta. A euforia logo foi diminuindo e ela parecia sonolenta.

Eu olhava para ela tentando entender o porquê ela não poderia ser uma mulher normal. Aceitar ficar comigo e sair daquela vida de merda que se encontrava.

Quando chegamos, dei a volta no carro e a peguei no colo.

— O que estamos fazendo na sua casa?

— Vou dar um banho em você. Vai dormir e amanhã teremos uma conversa – disse a ela ainda furioso. Minha vontade era de dar uma boa surra naquele traseiro dela.

Passei pela sala e Maria me olhou confusa. Eu apenas acenei e subi. Acho que ela estava esperando que entrasse com a Terry e não com Verônica. Mas sobre isso, eu resolveria amanhã. Hoje, eu só queria me certificar de que ela não fizesse nenhuma besteira.

Fui para o quarto, tirei toda a sua roupa e a coloquei debaixo do chuveiro. A água gelada era mais como uma punição pela maldita ter quase me causado um troço ao vê-la naquele estado. Lavei seu cabelo e esfreguei todo o seu corpo para tirar aquele cheiro de bebida, cigarro e homens.

Peguei uma camiseta minha e a vesti. Deitei-a em minha cama e tive que afastar os pensamentos em tocá-la e fazer amor com ela até que voltasse a realidade.

Encarei-a por alguns momentos e estava aliviado de que a encontrei antes que pudesse ter feito uma asneira maior.

Isso só aumentou a dor em meu peito.

Ela me olhou e deu um lindo sorriso dizendo:

— Eu amo você.

E naquele momento, por mais que estivesse feliz em ouvir aquelas palavras, ao mesmo tempo estava morrendo por dentro por ela ter dito justo num momento em que não tinha a menor consciência do que estava fazendo. Amanhã ela acordaria e nem se lembraria de nada. Mas eu não iria deixá-la ir embora. Nunca mais.

CAPÍTULO 17

Verônica Sandler

— Merda! – praguejei levando as mãos à cabeça. Minha cabeça está latejando. Parece que a qualquer momento vai explodir. O quarto gira e estou totalmente desorientada.

Mexo-me na cama e me assusto ao ver um homem deitado ao meu lado de bruços. Ele não está virado para mim e o quarto está totalmente escuro, a não ser por uma fina fresta na janela que ilumina levemente o quarto na direção do banheiro.

— Droga! – digo pra mim mesma.

Que merda andei fazendo? Bebi tanto assim?

Tento me levantar e percebo que estou vestida apenas com uma camiseta. Passo a mão entre minhas pernas e estou sem calcinha. O pânico toma conta de mim e me desespero. Puta que pariu. Como eu vim parar na cama desse homem?

Olho em volta, mas tudo está escuro. Não reconheço o lugar.

Saio da cama andando nas pontas dos pés. Meu estômago começa a revirar e a bÍlis me vem à garganta. Corro em direção ao banheiro e acabo esbarrando em alguma coisa fazendo um barulho desgraçado. Foi somente o tempo de chegar e vomitar tudo.

Caí de joelhos praticamente abraçando a privada. Foi quando senti duas mãos afastando meus cabelos do rosto. Continuei a vomitar e não pensei em mais nada naquele momento. Apenas naquele mal estar que estava acabando comigo.

Comecei a ficar tonta e braços fortes me levantaram.

— Você está bem? – uma voz grossa e preocupada soou em meus ouvidos. Apenas assenti sem olhá-lo, pois novamente a bÍlis me subiu à garganta me fazendo vomitar desesperadamente.

— Verônica?

O estranho me segurava.

— Eu estou bem – consegui dizer. Quando virei para ele, fiquei momentaneamente sem palavras. Ele me olhava preocupado e confuso.

— Vou chamar um médico – disse com ternura.

— Adrian? O que... Eu...

— Está em minha casa. Não se preocupe. Vou cuidar de você – disse enquanto tirava minha camiseta me deixando completamente nua.

— Não. – tentei protestar inutilmente. Ele caminhou até o chuveiro e ficou até medir a temperatura da água.

Voltou. Olhou-me e me sentou em cima de um banquinho que havia ali.

— Espere aqui. Não se levante – ele ordenou. Adrian saiu do banheiro desaparecendo completamente pelo quarto. Quando voltou tinha nas mãos duas toalhas e outra camiseta.

— Venha, vou limpá-la – disse guiando-me pela cintura.

— Adrian... Eu posso fazer isso sozinha – sussurrei.

— Não. Não pode – ele soou irritado.

Assim que a água atingiu o meu corpo, fechei os olhos e senti Adrian entrando atrás de mim. Ensaboou-me, lavou meus cabelos e disse num sussurro:

— Está se sentindo melhor?

— Sim.

Não estava entendendo o que fazia ali. Lembro-me de ter ido ao Red com a Sônia, mas, depois disso, tudo parece que me foi apagado da memória.

Adrian continuou a me lavar e quando terminou, desligou o chuveiro e me puxou para fora do boxe.

— Tem certeza que está se sentindo bem? – ele perguntou enquanto secava meus cabelos.

— O que eu faço aqui? Como eu vim parar aqui? – perguntei um pouco assustada. Eu estava acostumada a beber, mas acho que realmente devo ter exagerado. Não me lembro de muita coisa.

— Amanhã teremos essa conversa. Quero que descanse agora – ele me olhou nos olhos com certa tristeza.

Adrian colocou a camiseta em mim e me guiou de volta para a cama. Deitou ao meu lado e me abraçou. Eu pude sentir o cheiro dele. Sua respiração tão perto de meus ouvidos. Sentime protegida naquele momento.

— Adrian eu...

— Shhhhh! Apenas durma meu amor. Amanhã falaremos sobre isso – disse beijando meu pescoço.

Não demorou muito, para que caísse num sono profundo entrelaçada em Adrian.

Assim que acordo, minha cabeça não está tão melhor como na madrugada. Olho para o lado e Adrian não está.

— Droga! Maldita dor de cabeça.

Levanto-me a procura de minha roupa. Nada. Olho em todos os cantos e nada.

Alguém bate na porta e tenho certeza que é Adrian.

— Entre – digo sem jeito.

— Boa tarde Srta. Sandler – Maria entra no quarto com algumas peças de roupa na mão. — O senhor Miller pediu para que a acordasse para comer alguma coisa, mas pelo visto já está descendo – ela abriu um sorriso um pouco encabulada. — Trouxe algumas roupas para você.

— Não vou vestir nenhuma roupa daquela defunta – digo ríspida e ao notar sua expressão, automaticamente me arrependo.

— Desculpe.

Maria coloca as roupas na cama e sai um pouco sem jeito.

Recuso-me a usar alguma coisa que já foi da mulher dele. Então, resolvo procurá-lo do jeito que estou.

Desço a escada vestida apenas com a camiseta de Adrian. Ela vai até os meus joelhos então, não tem como perceber que estou sem calcinha.

Na sala, um silêncio total. Não há ninguém. Caminho devagar até a cozinha e Adrian não está. Na mesa, um grande banquete. Decido tomar um café antes de vasculhar a casa a procura dele.

Quando termino, Maria entra na cozinha avisando que Adrian está no salão do lado de fora da casa. Ela aponta pela grande janela da cozinha o local e eu observo com cuidado.

— Onde estão minhas roupas? – pergunto a ela enquanto cuidadosamente, retiro as coisas da mesa.

— Pode deixar que eu mesma limpo, Srta. Sandler – ela diz um pouco ríspida. — Suas roupas estão na secadora.

— Eu vou até lá falar com Adrian. Desculpe-me por ter sido...

— Não precisa se desculpar – ela tenta amenizar.

Ando em direção à porta da cozinha que dá acesso ao jardim. Caminho entre as flores e contorno a enorme piscina. É tudo tão lindo. O sol ilumina todo o lugar dando vida a tudo em minha volta. Quando chego ao salão afastado, a porta está entreaberta e uma música agitada vem de dentro. Ouço alguns barulhos e gemidos. Cautelosamente, entro pela porta sem fazer barulho. O que vejo me tira o fôlego.

Adrian está sem camisa vestido apenas com uma calça de moletom preta. Suas mãos enroladas por uma faixa preta deixando apenas seus dedos livres. Ele socava com fúria um saco de pancadas alheio a tudo a sua volta. Seu corpo molhado por um fio de suor deixava-o ainda mais sexy.

Olhei em minha volta. O lugar estava um pouco escuro, mas reconheci como uma sala de jogos. Adrian estava um pouco distante e de costas para mim. Havia uma mesa de sinuca no centro do salão, uma televisão enorme e um som. Havia também um sofá preto bem aconchegante. Resolvi me sentar e olhar para a bela imagem em minha frente. A música ainda rolava e Adrian estava totalmente comenetrado em socar aquele saco.

Depois de alguns minutos, ele se virou e me viu ali. Parada olhando-o fixamente. Ele ficou me observando enquanto segurava o saco que estava balançando para frente e para trás até que parasse completamente. Nossos olhos se conectaram e eu senti que estava olhando minha alma. Me senti completamente vulnerável.

— Vejo que está bem melhor – ele disse enquanto caminhava em minha direção, tirando as ataduras das mãos.

— Sim. Estou – sussurrei.

Adrian parou no meio do salão e caminhou até o som e baixou o volume. Estava tão vidrada nele que mal percebi que estava escutando Up In The Air – 30 Seconds to Mars.

Virando em minha direção, Adrian caminhava a passos lentos com um meio sorriso no rosto. Seu olhar parou em meu corpo e disse:

— Maria não levou as roupas que comprei para você?

— perguntou confuso.

Ele comprou roupas para mim? Quando isso? Oh meu Deus! Não era da defunta?

— Eu queria as minhas roupas – sussurrei um pouco envergonhada.

— Então quer dizer que está vestida apenas com minha camiseta? Mais nada? Porque eu lembro bem de ter retirado a sua calcinha – ele sorriu divertido me fazendo corar.

— O que eu faço aqui Adrian? – perguntei e automaticamente sua expressão mudou.

— Eu te trouxe para cá ontem – ele disse franzindo o cenho.

— estava totalmente drogada.

Olhei para ele incrédula. Drogada? Ele é louco?

— Eu não uso drogas – disse num tom mais alto do que gostaria me levantando do sofá.

— Estava. E se eu não tivesse lhe tirado daquele lugar, talvez hoje estivesse acordando na cama daquele estranho que estava quase enfiando o pau em você – ele rosnou e eu fiquei abismada com suas palavras. — Ah! E também tinha uma vaca lésbica querendo te foder – concluiu com ira.

— Está louco? De onde tirou tudo isso?

— Como disse, você estava drogada. A sua sorte, é que eu estava lá atrás da minha irmã e acabei esbarrando em você numa cena deprimente.

— Eu vou embora – disse me virando em direção à porta. Adrian veio até mim e me puxou contra ele.

— Não vai não – disse. — Ainda nem começamos nossa conversa – disse me levando até o sofá e me sentou.

— O que é? Virou meu pai agora? – gritei em frustração.

— Há quanto tempo usa drogas Verônica? – ele perguntou sério. Mas que cara irritante.

— Eu já te disse... Não uso drogas.

— Está mentindo – ele gritou.

— Qual é a sua? – perguntei furiosa. — Eu não te devo satisfações da minha vida Sr. Miller. Portanto, passar bem – disse me levantando tentando ir embora. Mas, Adrian me puxou pelos braços e me bloqueou contra a mesa de sinuca. Ele me olhou por alguns instantes antes de me beijar ardentemente. A princípio eu relutei. Não queria beijá-lo. Ou melhor, não poderia beijá-lo. Mas quando ele colocou sua mão na minha nuca para me imobilizar ainda mais, não tive como resistir. Fui abrindo minha boca lentamente dando a passagem necessária para que sua língua percorresse todo o caminho.

Quando ele percebeu que estava cedendo às suas investidas, Adrian levou a outra mão entre minhas pernas atingindo o meu ponto sensível. Eu gemi em sua boca e pude sentir seu sorriso de satisfação. Filho da puta. Ele sabe como me afeta e eu odeio isso.

Ele apertou ainda mais o meu corpo contra o dele e pude sentir toda a sua excitação. Ele estava duro. Minhas mãos ainda estavam apoiadas na mesa. Estava tentando lutar ainda contra esse sentimento. Mas eu sabia que seria impossível. Esse homem me atormenta em meus sonhos, pensamentos, em todos os lugares, eu só penso em estar ao seu lado. Quero que ele me possua, me foda, me ame... Meu Deus! Estou louca de amor por esse idiota.

Adrian puxa minha mão esquerda e leva diretamente em seu comprimento. Ele estava tão duro. Pude senti-lo livre em minha mão. A protuberância em sua calça tão visível, certamente ele estava sem cueca e isso me excitou ainda mais.

Descolou sua boca da minha e sussurrou em meu ouvido:

— Olha como você me deixa. Eu estou tão duro... Eu quero você Verônica. Agora.

Ele olha em meus olhos e dá um sorriso enquanto enfia dois dedos dentro de mim. Eu abafei um gemido, pois não quero que ele saiba que está me deixando louca.

— Pelo visto, eu causo o mesmo efeito em você – Adrian diz tirando os dedos de minha entrada encharcada e os chupando como vontade.

Olho para ele e fico horrorizada. Não acredito que ele fez isso!

Sem me dar chances de falar qualquer coisa, ele retira minha camiseta me deixando completamente nua. Rapidamente, leva sua boca até um de meus seios. Ele morde meu mamilo me deixando arrepiada e sua mão agora está mais uma vez em meu sexo massageando meu clitóris. Minha respiração começa a ficar acelerada e ouço os gemidos dele. De repente, Adrian me pega pela cintura e me senta na beira da mesa.

— Abra as pernas para mim, querida – ele diz com a voz rouca. Eu faço o que me pede.

Totalmente exposta, vejo Adrian se curvar e levar sua boca até meu sexo. Quando sua boca atingiu minha pele sensível eu dei um forte gemido.

Adrian me empurra lentamente com a mão espalmada em minha barriga para que me deite sobre a mesa. Com as pernas abertas, ele me puxa ainda mais para o final da mesa colocando minhas pernas apoiadas em seu ombro.

— Eu vou fazer você gozar assim querida.

Ele me chupa com vontade e me faz estremecer em seus braços. Sua língua percorre todo o meu sexo. E seu polegar segue em meu clitóris massageando-o levemente até que eu não consigo mais resistir e meu corpo começa a convulsionar de prazer.

— Adrian – eu sussurro a ponto de explodir num delicioso orgasmo.

— Isso querida – ele sussurra. — Goza pra mim. Goza enquanto eu fodo essa sua boceta maravilhosa.

Ao ouvir o seu comando, eu gozei intensamente, gritando o nome dele. Eu estava perdida. Completamente caída por ele.

Adrian me tirou da mesa com todo cuidado e me beijou. Ele me beijava com paixão. Com vontade. Traçando uma linha com sua língua do meu maxilar até meu pescoço. Este homem estava me deixando completamente louca.

— Adrian...

— O que você quer meu amor. Diga-me. Eu faço qualquer coisa por você – disse ao meu ouvido.

— Eu quero você. Só você

— Você já me tem. Completamente caído aos seus pés. Desde a primeira vez em que coloquei os olhos em você – ele disse me olhando nos olhos e pude ver toda a verdade em suas palavras.

Ele me levou até o sofá e me deixou. Livrou-se rapidamente de sua calça e deitou sobre mim. Ele se ajeitou no meio das minhas pernas e disse:

— Você confia em mim? – perguntou segurando meu rosto e olhando em meus olhos.

— Sim. Por que isso agora? – perguntei confusa.

— Porque eu não imaginava que isso fosse acontecer, então, não tenho preservativo aqui nessa sala. Mas eu preciso muito entrar em você meu amor – ele disse sem me dar chances de protestar e então, me penetrou com vontade e eu perdi totalmente o raciocínio. Eu só queria senti-lo. Na medida em que ele me penetrava, eu gemia.

— Adrian...

Eu já estava no limite antes mesmo dele começar suas estocadas fortes.

— O que quer querida?

— Eu quero que vá mais rápido. Mais forte.

E ele foi. Tão forte e tão rápido que gozei logo depois. Ele parecia satisfeito com a sensação que provocava em mim.

— Vamos querida. Quero ver esse seu lindo traseiro – disse me olhando fazendo sinal para que ficasse de costas para ele.

Adrian me colocou de joelhos no sofá e pediu para que levantasse as mãos e me apoiasse no encosto.

— Adrian... Eu não... – minhas palavras ficaram no ar, mas Adrian entendeu completamente o meu medo.

— Relaxa querida. Não vou fazer nada que não queira. Só quero foder essa sua boceta olhando para essa bundinha linda – disse me dando um tapa de leve que me pegou completamente de surpresa.

Adrian curvou um pouco meu corpo e procurou minha entrada com seu comprimento ainda duro. Quando me penetrou, eu dei um

gritinho e ele gemeu alto.

— Você me deixa louco sabia? – disse me penetrando ainda mais fundo. Ele seguia com suas estocadas fortes e pude sentir quando suas bolas bateram em minha bunda. Ele estava totalmente excitado. Adrian enrolou meus cabelos em seu punho e me puxava contra ele gemendo. Inclinou seu corpo no meu e colocou sua mão em minha entrada enquanto enfiava seu pau com vontade. Ele massageava meu clitóris me deixando ainda mais louca.

— Isso... Goza para mim... Goza minha gostosa – rosnou puxando meus cabelos e tirando sua outra mão de mim dando tapas em minha bunda.

Nossos corpos suados, unidos num prazer imensurável. Meu corpo já convulsionava e pude sentir que estava por um fio.

— Adrian... Eu não aguento mais – sussurrei com a voz entrecortada.

— Então vem pra mim... Venha – disse penetrando ainda mais fundo. Assim que explodi num orgasmo intenso, Adrian gemeu e acelerou ainda mais suas estocadas.

De repente, ele saiu de dentro de mim gemendo e senti que estava prestes a gozar. Ele levou seu pau até minha bunda e ejaculou em mim. Pude sentir seu esperma quente atingindo minhas costas e minha bunda.

— Nossa! Não se mexa – ele rosnou ainda ofegante. — Vou buscar alguma coisa para limpá-la. Ele me deu um beijo e se afastou.

Quando voltou, tinha uma toalha de rosto nas mãos. Ele me limpou inteira e depois, descartou a toalha junto com nossas roupas que estavam ao chão.

Adrian me puxou para ele e me beijou. Um beijo lento e cheio de paixão.

— Eu amo você – ele disse me olhando afastando meus cabelos do rosto ainda molhado pelo suor. — Eu quase surtei quando a vi naquele estado no Red.

— Eu juro que não me droguei – disse e vi em seus olhos que acreditou em mim.

— Mas alguém fez isso com você. Minha vontade foi de matar aqueles dois desgraçados que estavam com as mãos em você.

— E-eu não sei como isso aconteceu. Eu juro. Eu me lembro apenas de ter tomado um comprimido para dor de cabeça em casa que a Sônia me deu.

— Quem é Sônia?

— Minha amiga. Ela quem me levou para lá. Eu não costumo ir no Red exatamente porque as pessoas usam drogas. E eu nunca me interessei por isso.

— Eu não quero que volte naquele lugar – ele disse sério.

— Eu preciso ir embora Adrian – disse cortando o assunto.

— Eu quero que fique. Quero que fique aqui, comigo.

Adrian pegou em meu rosto me fazendo olhá-lo.

— Eu amo você, Verônica. Eu quero você.

— Adrian... – sussurrei fechando os olhos. Eu não podia entrar nesse barco. Eu sabia que eu seria a única a me afogar.

— Do que você tem medo? Me diga.

— Não vai dar certo – disse com lágrimas nos olhos.

— Você me ama? – perguntou firme.

Eu apenas o olhei.

— Me ama? Sim ou não? E não minta pra mim.

Eu tentei abrir minha boca, mas não consegui. Não queria admitir que estava completamente apaixonada por aquele homem.

— Não – sussurrei.

— Mentira – ele interpelou. — É mentira e você sabe disso.

— Adrian. Não posso fazer isso. Se as pessoas descobrirem o que sou, vou acabar com sua carreira, com você, e tudo isso vai afetar agente.

— Foda-se as pessoas Verônica. Eu amo você. É com você que eu quero ficar para o resto da minha vida. E não estou nem aí para os outros.

— Você diz isso agora Adrian. Mas vai acabar me magoando. E também tem o fato de eu ser uma cópia da sua mulher - disse com um fio de voz.

— Querida – ele disse se aproximando e me deu um beijo terno.

— Eu amo você. Você. Entendeu? Claro que vou me lembrar sempre

da Sara. Tivemos uma história juntos. Isso não se apaga da memória Verônica.

Adrian alisava meus cabelos e quando as lágrimas começaram a rolar outra vez, ele me puxou para seu peito.

— Só existe você na minha vida agora. Só você.

— E se não der certo?

— Vai dar – ele sorriu. — Agora diz. Diz que me ama e que vai ficar comigo.

— É claro que eu amo você – sorri e ele ficou tão feliz que me abraçou distribuindo beijos em meu rosto. — Mas não posso ficar. Eu tenho a minha casa, minha mãe para cuidar. Não posso simplesmente parar minha vida Adrian.

— Mas você não vai...

— Não. Não vou – sorri. — Vou tentar arrumar um emprego.

— Você pode trabalhar comigo. O que acha?

— Não. Não. Não.

— Sim. Está decidido – ele levantou me puxando com ele.

— Eu não tenho formação Adrian. O que eu faria na sua empresa? – olhei incrédula.

— Sempre tem o que fazer querida. Sempre. E também, será um jeito de ficarmos ainda mais juntinhos.

— Sei – disse dando risada.

— Sabe, é?

— Sei que estamos os dois aqui pelados e a qualquer momento, alguém pode entrar por aquela porta e nos pegar assim.

— Ninguém entra aqui querida. Esse é meu refúgio – ele sorri e me beija. — Venha, vamos dançar – ele diz me puxando até o som e aumentando o volume.

— Adrian – olhei horrorizada. — Estamos pelados.

Meu Deus! Esse homem é louco! E estou completamente apaixonada por ele.

— Não vejo problema nenhum – ele sorri e começa a me guiar no meio do salão ao som de Ne-Yo – You let Me Love You.

CAPÍTULO 18

Adrian Miller

Tê-la ali em meus braços, tão próxima, parecia um sonho. O cheiro dela em mim, seu gosto em minha boca... Céus! Estava perdendo minha sanidade.

Ela me beijava com vontade e puxava meu cabelo embalada em mim, dançando juntinhos ao som de Ne-Yo – You let me love you. E a música perfeita, era tudo o que estava dizendo a ela com meu beijo ardente e possessivo. Eu queria amá-la. Eu tinha urgência por ela. Nunca me senti assim tão descontrolado. Nem mesmo por Sara. Era um sentimento novo e desconhecido. Eu estava assustado. Só esperava sobreviver a esse sentimento tão forte que estava sentindo.

Alguém bate à porta e chama por mim. Verônica arregala os olhos e automaticamente se afasta tentando esconder seu corpo nu de olhos curiosos.

— Hei! Ninguém vai entrar aqui – olho para ela tentando acalmá-la. — Fique aqui. Já volto – disse procurando minha calça e vestindo-a. Caminhei até a porta e Maria estava um pouco apreensiva.

— O que foi?

— O Sr. Jonas ao telefone. Ele encontrou a Terry ontem e a levou para casa dele – ela disse olhando para mim cautelosamente.

— Jonas? Mas porque ele a levou para a casa dele? – pergunto irritado. — Onde ele está? – perguntei caminhando em passos largos até a sala.

— Ele disse que quando o senhor saiu com a Srta. Sandler do Red, ele ainda ficou lá por algumas horas – ela dizia caminhando

rápido tentando-me alcançar.

— Ele deveria tê-la trazido para cá – rosnei irritado. Mas que droga.

Quando entro na sala, pego o telefone e atendo com tom frio.

— Jonas... O que pensa que...

— Adrian. A Terry está bem agora. Acalma-se – ele me cortou.

— Por que não a trouxe para cá?

— Você já tinha um problema para cuidar. Além disso, achei a Terry era quase quatro da manhã.

— Como ela estava?

— Mal. Muito mal. Mas estava sozinha. Nenhum sinal daquele idiota.

— Menos mal – rosnei. — Estou indo busca-la.

— Adrian. Tem uma coisa que precisa saber antes – ele disse e meus sentidos ficaram em alerta.

— Diga.

— Terry está um pouco machucada.

— Como machucada? O que foi que aconteceu? Você disse que ela estava bem – soei irritado.

— Ela levou uma surra e...

— Puta que pariu Jonas. Deveria ter me ligado na hora! – gritei.

— Estou indo buscá-la – disse um pouco agressivo e desliguei.

Será que esse inferno não acabaria nunca? Que garota problemática.

Subi para o quarto e peguei uma toalha. Isso iria servir. Desci as escadas rapidamente e corri até o salão.

Quando entrei, Verônica estava sentada no sofá ainda nua. Ela se levantou assim que me viu e percebeu que estava agitado.

— Aconteceu alguma coisa? – ela perguntou preocupada.

— Vamos. Enrola-se na toalha e vamos tomar um banho. Preciso ir buscar minha irmã.

— Sua irmã? Onde? – ela parecia confusa.

— Amor, no caminho eu explicarei. Não temos tempo agora – disse dando um beijo rápido. Ela assentiu e caminhou ao meu lado para dentro da casa grande.

Tomamos um banho rápido e nos vestimos. Em pouco tempo, estávamos no carro a caminho da casa do Jonas.

Eu dirigia rápido e senti que Verônica estava começando a ficar assustada. Eu estava calado e tenso.

— O que aconteceu com sua irmã? – ela perguntou cautelosa.

— Eu sai ontem atrás dela no Red. Terry tem problemas com drogas – disse olhando para ela.

— Por isso você sabia que estava drogada ontem? – ela parecia chocada.

— Sim. Terry usa drogas há cinco anos. Já internei, já estive presa duas vezes... Essa garota não se emenda – disse irritado.

— E onde ela está? Está bem?

— Está na casa de um amigo que foi comigo ontem. Quando te vi no Red, eu quis tirá-la de lá e acabou que Jonas ficou sozinho para encontrá-la.

— E ela está bem agora?

— Não. Jonas disse que levou uma surra. Provavelmente de algum traficante. Deve ter ficado devendo alguma coisa, sei lá – disse furioso. Se eu achasse aquele merda do namorado dela, eu o mataria.

O resto do percurso foi mais calmo. Verônica conversava comigo tentando me acalmar e fez com sucesso. Em pouco tempo, estava mais tranquilo.

Quando chegamos, pedi para que Verônica ficasse no carro, mas ela se recusou. Disse que não me deixaria sozinho.

Entramos juntos na casa de Jonas.

Assim que Jonas abriu a porta, o empurrei com tudo passando na maior velocidade.

— Oi – ouvi Verônica dizer a ele entrando...

— Você é a moça do Red? – Jonas perguntou e automaticamente me lembrei das circunstâncias em que a viu – quase tendo um orgasmo.

— Sim – ela disse constrangida.

Jonas ficou olhando para ela por mais tempo do que deveria. Se eu não tivesse total confiança nele, eu partiria sua cara ao meio.

— Vai parar de ficar secando minha mulher e me levar até minha irmã? – rosnei.

Jonas chacoalhou a cabeça como se para sair de um transe e me olhou.

— Terry está na minha cama – ele disse e isso fez meu sangue ferver.

— Mas por que ela está em sua cama? Se você pelo menos ousou em encostar um delo nela... – disse de modo grosseiro.

— Pare de ser idiota – ele resmungou. — Vamos, te levo até lá – ele disse e subimos as escadas deixando Verônica para trás.

Assim que entrei no quarto e a vi, meu coração quase saltou pela boca. Terry estava praticamente com o rosto desfigurado. Um olho inchado e roxo, um corte pequeno nos lábios e a alguns hematomas pelo rosto. Estava deitada ainda dormindo. Estava coberta por um lençol branco e quando o tirei de cima dela, estava apenas de calcinha e sutiã. Dei um olhar mortal para Jonas e ele deu de ombros.

— Ela precisava de um banho – olhou cauteloso. — Estava coberta de sangue Adrian.

— Quem fez isso a ela? – perguntei com um fio de voz.

— Não sei. Encontrei-a caída atrás do Red. Chamei um médico ele a examinou e disse que está tudo bem com ela. Não quebrou nada. Prescreveu alguns analgésicos e só.

— Há quanto tempo ela dorme?

— Há algum tempo. Dei os remédios e ela capotou.

— Droga Jonas. Deveria ter me ligado antes – disse chateado. — Mas agradeço por cuidar dela. Obrigado – disse dando um abraço nele. Jonas era um bom amigo.

— E a moça lá embaixo? – Jonas me fitou por um instante.

— O que tem ela?

— Ela se parece um pouco com a Sara - disse num sussurro.

— É – resmunguei. — Mas o nome dela é Verônica. E, é minha mulher agora – disse com os olhos queimando. — Eu vi o jeito que a olhou. Se fizer isso de novo, arranco seus olhos.

— Ei cara... Que estresse – ele levantou as mãos em sinal de paz.

— Terry está me deixando louco. Porque ela não toma juízo? – bufei.

— Como vai levá-la?

— Vou acordá-la e colocá-la no carro.

— Então tá – Jonas pareceu não gostar muito, mas me ajudou a despertá-la.

Assim que conseguimos, Jonas pegou a roupa dela e me deu para vesti-la.

Terry protestou ainda um pouco sonolenta.

— Adrian – ela sussurrava.

— Vamos para casa Terry. Está com sorte que está toda quebrada. Minha vontade era eu mesmo te dar uma surra daquelas – resmunguei.

— Ei! Pega leve com ela – Jonas reclamou.

— Vai se ferrar Jonas – resmunguei e ele sorriu.

Peguei-a no colo e desci as escadas. Terry estava com as mãos enroladas em meu pescoço. Assim que a coloquei no chão e perguntei se conseguia andar, o olhar dela se cruzou com Verônica parada nos olhando aflita.

— Oh meu Deus, Adrian! Eu morri? – Terry disse e eu entendi completamente o que estava dizendo. Ela achava que estava vendo a Sara na frente dela. E pelo visto, Verônica também entendeu. Pois no mesmo instante, sua expressão mudou e parecia um pouco chateada.

Droga! Mas que merda que todo mundo tem que lembrar da Sara na frente dela.

CAPÍTULO 19

Verônica Miller

Vejo Adrian descendo as escadas com sua irmã no colo. Ela é pequena e franzina. Assim que Adrian a coloca no chão, ela me olha e levo um susto ao ver seu rosto. Está uma bagunça. A surra deve ter sido feia. Ela me observa e fica paralisada.

— Oh Meu Deus Adrian! Eu morri? – ela pergunta assustada.

Merda! Mais uma para me dizer que me pareço com a falecida? Isso já está ficando chato.

— Terry, essa é a Verônica, minha namorada – Adrian diz e ela continua me olhando.

Aceno para ela um pouco sem jeito e Adrian volta a pegá-la no colo.

— Jonas, obrigado mais uma vez – Adrian diz a caminho da porta da sala. Jonas vem até a mim e diz:

— Foi um prazer conhecê-la, Verônica.

Apenas sorri e segui Adrian. Ele me deu as chaves do carro para que destravasse as portas. Olhou confuso para mim e disse:

— Droga!

— O que foi? – perguntei confusa.

— Quando saí de casa, nem me dei conta de que não caberiam vocês duas – ele me olhou chateado.

— Leve-a. Eu posso chamar um táxi. É até bom que assim vou para casa e...

— Nem pensar. Você vai ficar comigo hoje, amor. Sem discussão – ele disse autoritário.

— Adrian, eu preciso ir para casa, não tenho roupas em sua casa e tenho um monte de coisas para organizar – disse.

— Verônica, não – ele rosnou me deixando irritada. Adrian era tão autoritário. A palavra final sempre tinha que ser a dele e eu

detestava isso.

— Os dois pombinhos podem deixar a briga para mais tarde? Estou querendo ir para casa – Terry bufou.

— Esperem aqui – Adrian disse colocando Terry no banco do motorista. Passou por mim me dando um beijo e foi em direção à casa de Jonas.

Sua irmã me olhava de um modo esquisito e fiquei um pouco incomodada. Parecia que estava me avaliando.

Adrian surgiu logo após trazendo Jonas com ele. Adrian me pega pela cintura e me pede as chaves do porche.

— Não acelere muito. Isso aí é uma máquina – Adrian sorriu.

— Adrian... Como nós vamos para casa?

— Vamos no carro do Jonas.

— Mas deveria estar com sua irmã. Eu poderia ir com o Jonas ou...

— Nem pense nisso. Não deixaria minha mulher andar por aí com outro homem. Mesmo sendo meu amigo – disse me puxando para ele e me dando um longo beijo.

— Isso soa ridículo Sr. Miller.

Ele me olhou com um sorriso bobo e disse:

— Vamos para casa. No caminho passamos no seu apartamento e você pega algumas roupas. Tudo bem?

— Sim senhor.

Caminhamos até o carro de Jonas. Era uma BMW preta com bancos de couro. Eu precisava me acostumar. Eu pegava em muito dinheiro claro, mas, do mesmo jeito que o dinheiro entrava, ele saía diretamente para a conta da clínica.

— Adrian – sussurrei.

— O que foi?

Ele tirou a mão da direção e procurou pela minha mão.

— Eu gostaria de visitar minha mãe amanhã – disse estudando sua reação.

— Por mim tudo bem – ele sorriu. — Vou com você.

— Sério? Digo, não precisa se incomodar. Sei que deve ter um milhão de coisas para fazer e...

— Querida – ele disse me cortando. — Eu vou com você. Eu poderia ter um milhão de coisas para fazer, e mesmo assim, eu deixaria tudo de lado para acompanhá-la.

Adrian foi tão doce comigo que não pude evitar um sorriso. Cada dia eu ficava mais apaixonada por ele e isso estava me assustando.

Chegamos ao meu apartamento. Assim que abri a porta, Sônia estava no sofá apenas de calcinha e sutiã com uma garrafa de uísque na mão e parecia um pouco estranha. Na mesma hora bloqueio a entrada de Adrian que olha para mim desconfiado.

— O que foi?

— Minha amiga, Sônia. Ela está...

Adrian não me deixa terminar de falar e empurra a porta entrando com tudo na sala. Fico possessa de raiva e quando olho para ele, está com os olhos vidrados nela.

— O que essa mulher faz aqui? – ele pergunta furioso com olhos acusatórios em minha direção.

Sônia parecia alheia a tudo. Mal se mexia. Apenas encarava sua garrafa que agora estava pela metade.

— Adrian, ela é minha amiga – digo. Ele não podia entrar em minha casa e destrutá-la.

— Meu Deus! Olha para ela Verônica. Deve ter cheirado o dia inteiro. Está drogada – ele disse me puxando pelo braço me arrastando para fora.

— Adrian espere... Adrian... ADRIAN! – gritei e ele parou instantaneamente. — O que há com você?

— O que há comigo? – ele disse exasperado. — Aquela mulher que você diz ser sua amiga, estava no Red ontem se esfregando em você e ainda tem a coragem de me perguntar o que há de errado comigo? Tá de brincadeira? – disse descendo as escadas bufando.

Fui atrás dele. Não sei por que não usou o elevador. Desceria seis andares por escada?

— Adrian por favor espere – disse enquanto tirava meus saltos para conseguir acompanhá-lo.

— Você mentiu pra mim – ele parou bruscamente e me olhou.

— O quê? Como?

Adrian me deixava confusa e irritada ao mesmo tempo.

— Você disse que não usava drogas. E está na cara que está mentindo – disse possesso.

— Eu não menti – disse juntando as sobrancelhas olhando para ele chateada.

— Então me explique o que aquela vaca estava fazendo na sua casa, bêbada e drogada. E pior, se diz a verdade que nunca usou drogas, aquela mulher certamente a drogou sem você saber e você claro, a mantém em sua casa – disse aumentando o tom de voz me bloqueando contra a parede. — Eu odeio quando mentem pra mim, Verônica. Odeio.

— Você está nervoso. Eu vou subir no apartamento e pegar minhas coisas.

— Não vai voltar lá. Aliás, amanhã mesmo providenciarei a sua mudança para minha casa. Não quero você sozinha com essa mulher.

— Não está falando sério, não é? – disse perdendo a paciência.

— Estou falando seríssimo Verônica. Eu já tenho problemas demais na minha vida. Não quero ter que me aborrecer com mais um – ele rosnou passando as mãos pelos cabelos, visivelmente furioso.

— Então eu sou um problema pra você?

— Não. Eu não disse isso – ele se alterou.

— Você disse exatamente isso Adrian. E se eu sou um problema na sua vida, então é melhor você ir embora, agora – disse enquanto as lágrimas já apontavam.

— Droga Verônica – disse me puxando contra ele. — Eu não quero você com aquela mulher. Estou com a cabeça a mil, preocupado com a Terry e agora que não irei mais dormir sabendo que você vive com uma lésbica viciada que coloca drogas na sua bebida.

— Está imaginado coisas, Adrian. Ela não me drogou e está só um pouco bêbada. Nada demais.

— Você é muito ingênua. Eu sei quando uma pessoa está drogada, meu amor. Convivo com minha irmã há cinco anos com esse problema. E não quero isso pra você.

— Eu preciso pegar algumas roupas. O que vou fazer então?

Adrian me olhava como se estivesse procurando uma solução.

— Amanhã nós voltamos. Eu venho com você e você leva todas as suas coisas para minha casa – disse me beijando.

— Eu não vou me mudar para a sua casa. Sem chance – disse irritada me afastando dele.

— Verônica... Amor. Não tem sentido você ficar longe. Quero você comigo.

— Como assim não tem sentido Adrian? – bufei. — As pessoas que namoram, vivem em casas separadas.

— Não quero você morando com essa mulher.

— Mas eu não moro com ela. Ela só tem a chave e de vez em quando aparece e dorme.

— Desisto – ele rosna e continua a descer as escadas.

Quando chegamos ao estacionamento, ele me olha e diz:

— Eu vou cuidar do caso da Terry agora. Mas voltaremos a ter essa conversa. O seu lugar é ao meu lado. E não vou abrir mão disso – diz todo seguro de si e entra no carro.

Fizemos o trajeto até sua casa em silêncio. Adrian parecia pensativo e eu não quis cutucá-lo.

Quando chegamos, Maria disse que Terry havia subido para tomar um banho e descansar. Ele me largou por uns instantes na sala e se trancou no escritório com Jonas por um bom tempo. Não sei o que conversavam tanto.

Quando saíram, ouvi Adrian dizer sobre algum processo que Terry estava enfrentando na justiça e que era pra Jonas fazer de tudo para que ela não voltasse para a cadeia.

Jonas se despediu e Adrian pareceu um pouco mais calmo.

— Nossa! Nem vi a hora passar. Está com fome? – disse sentando ao meu lado no sofá imenso.

— Não.

— Está brava comigo? – ele perguntou olhando para mim.

— Não, Adrian. Só acho que você deveria controlar seus acessos de raiva. Seria muito bom se conseguisse e não saísse jogando em cima de mim toda a sua raiva do mundo – disse desabafando. A verdade é que Adrian me sufocava as vezes.

— Vamos voltar a brigar de novo? É isso que quer?

— Não. Claro que não – disse baixando a guarda.

Adrian colocou suas mãos em meu rosto me puxando para um beijo. Em pouco tempo, ele estava com seu corpo colado ao meu me deitando sobre o sofá. Ele tinha uma mão em meu rosto e a outra acariciando minhas pernas. Seu peso estava todo sobre mim e meu corpo já dava sinais de vida. O beijo começou a ficar mais intenso e senti a respiração pesada de Adrian.

— Que tal se irmos para nosso quarto? – perguntou mordendo minha orelha.

— Não sei se é uma boa ideia – sorri.

— Ah é? – disse subindo sua mão deixando meu vestido parado na altura da minha cintura.

— Adrian – sussurrei bloqueando sua mão.

— Diga meu amor – ele tinha sua boca tão perto da minha que foi impossível formar uma frase coerente. Ele apenas sorriu e levou sua mão por cima da minha calcinha. — Eu estou louco para entrar em você outra vez.

— Adrian, estamos na sala. A Maria pode entrar e nos pegar aqui desse jeito – disse corando de vergonha.

— Tire sua calcinha – ele me olhou com um sorriso safado no rosto. Eu pisquei confusa.

— Você ouviu o que eu disse?

— Sim... Claro – ele continuou a me tocar por cima da calcinha me deixando excitada. — Anda – disse se afastando. — Quero que tire sua calcinha. Agora – Adrian me olhava e parecia se divertir com a situação.

— Podemos continuar isso no quarto, querido.

— Iremos para o quarto, querida. Mas antes, quero que tire sua calcinha e se toque para mim. Quero ficar aqui, observando você enquanto se masturba pra mim.

— Adrian! – disse corando mais ainda.

— Ah meu amor! Você me deixa louco e meu pau está aqui duro, implorando para sair das calças e entrar em você – disse sussurrando em meu ouvido. — Agora seja uma boa menina e me deixe olhá-la.

Adrian começou a tirar a camisa e temia que a qualquer momento ele fosse arrancar as calças. Abaixei meu vestido fechando minhas pernas. Adrian se levantou e pegou duas almofadas para dar apoio a minha cabeça. Caminhou até o interfone e discou.

— Maria... Preciso que de uma organizada no salão de jogos. Eu e a Veronica estamos na sala e não queremos ser incomodados. Em hipótese nenhuma – ele diz com autoridade e desliga sem quebrar a conexão comigo. Isso me excita.

Ele deita em cima de mim naquele curto espaço do sofá e sinto sua ereção roçar em minhas pernas. Ele beija meu pescoço e suas mãos estão em meus cabelos.

— Eu te amo – ele sussurra. — Mas agora querida, estou querendo foder você até que perca as forças – ele sussurra mordendo meu pescoço e apertando meus seios. Ele se afasta e ergue meu vestido até a cintura. Separa minhas pernas e diz: — Ainda estou vendo sua calcinha amor – e me dá uma piscadela que me derrete toda.

— Adrian, por favor – disse morrendo de vergonha de ser pega por alguém.

— Está implorando para que te foda ou está com vergonha de mim? – disse rindo. Seus olhos brilhavam e podia sentir toda sua excitação naquele olhar. — Querida, a calcinha. Vamos.

Esse homem ainda me mata. Coloquei as mãos no quadril e fui retirando lentamente minha calcinha até que saísse por completo. Adrian a pegou de minha mão com um olhar divertido levando até seu rosto e a cheirou. Puta Merda! Como isso é sexy.

— Boa menina – disse alisando minhas pernas. — Tão linda. Agora quero que se toque para mim – disse ajeitando sua ereção dentro de sua calça.

Sua voz suave entrou em meus ouvidos aumentando minha excitação. Levei minha mão até meu clitóris e comecei a fazer movimentos circulares. Adrian me observava e só me deixou ainda mais desesperada por ele. Fechei meus olhos tentando me concentrar em minhas sensações. Comecei a aumentar o ritmo e os

gemidos começaram a escapar. Estava por um fio e toda molhada. Não demoraria muito para gozar nesse ritmo.

— Abra os olhos meu amor. Quero que me olhe quando estiver gozando.

— Adrian... Por favor! – eu implorava por ele. Eu tinha necessidade de seu toque.

— Isso amor. Se toque pra mim – ele sussurrava. — Quero que coloque seu dedo dentro de você querida. Se abra para mim, vamos – Adrian estava cada vez mais pervertido e isso estava me deixando na borda.

Coloquei dois dedos dentro da minha boceta e senti aquela contração em meu ventre. Logo veio os espasmos e quando estava começando a gozar, Adrian afastou minha mão e colocou sua boca sobre minha pele sensível. Sua língua percorria minha entrada encharcada enquanto seu polegar massageava meu clitóris. Eu explodi naquele momento num orgasmo sensacional. Sua língua trabalhava a todo vapor e eu necessitava urgentemente que me penetrasse fundo. Ainda estava recuperando meus sentidos, quando senti seus braços me envolvendo e me levantando do sofá.

— Agora podemos ir para o quarto – ele disse sorrindo me carregando no colo.

— Safado. Acho que quer me matar, Sr. Miller – disse ainda ofegante.

— Só se for de prazer, meu amor.

Adrian entrou no quarto me colocando na cama. Caminhou em direção à porta e a trancou. Quando se virou, me olhou dizendo:

— Agora ninguém vai nos ver – disse rindo.

— Você é um maluco pervertido, Sr. Miller – disse puxando-o pelos braços.

— E você – ele disse dando uma pausa me olhando nos olhos. — É a mulher mais sexy do planeta. A única em minha vida – disse me dando um beijo rápido. — Eu quero você Verônica. Quero você como minha esposa, para amá-la e protegê-la, com todo carinho e amor que você merece.

As lágrimas começaram a surgir e Adrian levou sua mão em meu rosto para afastá-las.

— Eu te amo, Adrian – disse com toda sinceridade do fundo da minha alma. Eu estava perdida de amor por ele. Era inevitável lutar contra esse sentimento.

— Eu também te amo, meu amor. Muito – disse me beijando com paixão.

CAPÍTULO 20

Adrian Miller

Abro os olhos e não vejo Verônica na cama ao meu lado. Pego o celular no criado mudo para ver as horas. Merda! Como pude dormir tanto?

Levanto-me e caminho direto ao banheiro para tomar um banho e fazer minhas higiênes matinais. Assim que saio do chuveiro, enrolo a toalha nos quadris e vou até o closet procurar por uma roupa. Coloquei minha calça de moletom cinza e sai em direção ao escritório.

Destranquei a porta e entrei caminhando em passos largos até o telefone. Eu precisava saber como andava o processo contra a Terry.

Disquei o número de Jonas que me atendeu no segundo toque.

— Jonas! Sou eu Adrian – digo rapidamente.

— Fala cara. Como está a Terry?

— Ainda não há vi. Mas com certeza deve estar bem. Acabei de acordar.

— Porra cara! São meio dia.

— Pra você ver – respondi. — Como anda o processo da Terry?

— Vou falar com o Parker hoje. Ver se tem alguma novidade.

Só de ouvir o nome desse sujeito meu corpo ficava tenso.

— Assim que tiver informações, me avise – peço.

— Pode deixar – disse e desliguei o telefone.

Saí do escritório e fui à procura de Verônica. A sala estava vazia e a cozinha também. Na mesa, vestígios de que passaram por aqui tomando o café da manhã. A mesa ainda estava posta com as louças usadas.

Pego uma caneca e a encho de café. Preciso despertar. Maria entra na cozinha sorrindo e me dá bom dia. Pergunto a ela se havia

visto a Verônica, ela disse que estava na piscina. “Como na piscina se ela não tinha um biquíni?”

Termo meu café e decido ir até ela.

Quando passo pela varanda e chego à piscina, Verônica está sentada na borda apenas com a metade das suas pernas submersas. Está com minha camisa social azul clara e os cabelos presos num coque mal feito. Fodidamente sexy. Só de vê-la ali e saber que era minha, meu amigo já dava sinais de vida e estava pronto para brincar a qualquer momento.

Agachei atrás dela e sussurrei em seu ouvido:

— Boa tarde, amor.

Ela se assusta e me olha com divertimento.

— O belo adormecido acordou?

Dou um beijo em sua boca e sento-me ao seu lado.

— Quer cair na piscina? – pergunto olhando para seus olhos e contemplando sua beleza.

— Não tenho uma roupa adequada – ela dá de ombros um pouco tensa e sorrio para ela.

— Comigo meu amor, você não precisa de roupas – digo dando um meio sorriso e empurrando-a para dentro da água.

Vejo-a afundar e fico observando-a. Ela demora mais tempo do que o normal e fico ali, parado apenas olhando. Ela começa a se debater e percebo que não está conseguindo subir de volta. Desespero-me e pulo na água. Assim que chego perto dela seguro-a pela cintura e a levanto. Com a cabeça para fora da água ela começa a tossir e me chuto mentalmente. Ela não sabe nadar? Mas que porra!

— Amor... Querida você está bem? – perguntei desesperado enquanto ela ainda tossia e se recuperava com sua respiração acelerada. — Meu Deus! Desculpe-me – levei uma mão em seu rosto enquanto minha outra segurava contra meu peito. Ela me olhava com os olhos arregalados e me senti mal por ter feito essa brincadeira idiota. Quando ela se recompôs, apenas me pediu para que a tirasse da água.

Levei-a até a parte rasa da piscina e a ajudei a subir os degraus.

— Meu amor, me desculpe. Eu não tinha ideia de que não sabia nadar – disse olhando em seus olhos que começavam a formar lágrimas. Droga! Puxei-a para mim e dei um beijo em sua boca.

— Tudo bem. E-eu e-estou bem – ela disse com a voz trêmula.

— Por que não me disse que não sabia nadar? – perguntei deixando-a envergonhada.

— Eu estou bem Adrian. Agora me solte – ela disse ríspida. A soltei no mesmo instante e ela virou-se entrando em casa. Estava um pouco agitada e senti que havia algo ali. Do que sentia medo?

Caminhei atrás dela com as calças encharcadas. Passei pela sala e ela subia as escadas. Corri atrás dela e quando entrei no quarto não a vi. Fui em direção ao banheiro e ela estava lá. Jogada no chão agachada como uma garotinha assustada, chorando baixinho. A camisa colada ao corpo e abraçada em suas pernas.

— Me deixa – ela disse chorando.

— Amor. Você está começando a me deixar preocupado – disse pegando-a no colo. — Vou te colocar na cama.

Verônica não protestou. Repousou seus braços em meu pescoço agora mais calma. Antes de colocá-la na cama, tirei sua camisa molhada e sua calcinha deixando-a nua.

— Fique aqui.

Fui até o closet, peguei uma camiseta branca e a vesti. Estava tremendo quando a coloquei na cama. Dei a volta, voltei ao closet e troquei minha calça. Deixei as roupas molhadas no banheiro e me deitei ao lado dela. Puxei seu corpo contra o meu e dei um beijo em sua têmpora. Ficamos abraçados até que ela se acalmou.

— Eu perdi um irmão quando tinha oito anos – disse após um longo suspiro. — Nós estávamos brincando na beira da piscina e não vi quando caiu. Ele tinha três anos – ela concluiu com a voz embargada.

— Não precisa dizer mais nada, meu amor – disse beijando seu rosto.

— Eu pulei na água para ajudá-lo. Meus pais estavam dentro da casa. E-eu era muito pequena e não consegui salvá-lo. Eu comecei a me afogar e me debatia assustada na água gritando. Não me lembro de mais nada depois. Quando acordei estava no hospital e

minha mãe me disse que ele não tinha sobrevivido – disse enxugando as lágrimas.

— Me perdoa, meu amor – disse me sentindo um idiota. Apertei seu corpo contra o meu tão forte, só queria arrancar aquelas lembranças tristes dela.

— Depois disso, meu pai me culpou pela morte dele e saiu de casa. Eu nunca mais cheguei perto da água na minha vida. Por isso não sei nadar – ela disse com a voz triste.

Que pai culparia uma criança por um acidente desses?

— A culpa não foi sua, meu amor. Acidentes acontecem. Foi uma fatalidade – disse alisando seu cabelo. — Obrigado por compartilhar isso comigo.

— Só não faça isso outra vez – ela sussurrou.

— Descanse um pouco. Vou ver como está a Terry. Assim que terminar de falar com ela, vamos buscar algumas roupas pra você.

— Tudo bem.

Saí da cama e fui em direção ao quarto da Terry. Bati na porta e depois de alguns segundos ela abriu.

— Fala chato – ela resmungou.

— Quero o nome de quem fez isso com você – disse apontando para a sua cara deformada.

— Não sei quem foi – ela retrucou. — E mesmo se eu soubesse, não diria – ela sorriu.

— Você vai dizer ou eu não pagarei mais advogado para livrar sua cara. Vai ficar na cadeia e sem direito a me ver.

— Já estou vendo vantagens – ela diz com ironia.

— Terry... – dou um longo suspiro e conto até dez para não perder a paciência. — Você precisa crescer. Já é uma mulher de 23 anos. Tem que criar responsabilidade. Não pode mais viver dessa forma irresponsável.

— Vai se catar, Adrian. Vai lá cuidar do seu clone e vê se me erra – diz pulando na cama e puxando o lençol para se cobrir.

— O que pensa que está fazendo? É quase uma da tarde Terry. Vá procurar o que fazer – digo irritado. — E outra, se você ao menos sonhar em destratar a Verônica, eu mesmo darei uma surra

em você. A surra que o papai deveria ter lhe dado quando criança – rosnei. Essa garota me deixa louco.

Saí batendo a porta e entrei em meu quarto. Verônica estava na cama do mesmo jeito que havia a deixado.

— Amor. Se quiser podemos ir agora a seu apartamento buscar algumas coisas para você.

— Tudo bem – ela disse já se levantando. — Mas, acho que minha calcinha está molhada – me olhou com um sorriso.

— Vou ver o que faço por você – disse passando por ela dando um tapa de leve em seu traseiro.

Peguei uma boxer preta nova e dei a ela. Ela me olhou confusa e riu.

— Sério que vai me fazer vestir suas cuecas? Isso é um fetiche Sr. Miller? – falou com um sorriso malicioso.

— Não – ri do seu jeitinho safado. — Eu prefiro você sem ela.

— Hum... Seu desejo é uma ordem – disse tirando sua camiseta ficando totalmente nua. Jogou a cueca que estava em sua mão para mim e se sentou na beirada da cama abrindo suas pernas sem nenhum pudor.

Fiquei ali, embasbacado contemplando aquela visão perfeita. Já estava sentindo meu amigo aqui se alegrando e ficando cada vez mais duro.

“Meu pai do céu... Ela quer me matar. Controle-se Adrian.”

Ela me olhava com uma cara de sem vergonha que me deixou ainda mais com tesão.

— O gato comeu sua língua, Sr. Miller? – ela sorriu.

— Ah querida. Tem certeza que está a fim de jogar esse jogo?

Essa mulher me fazia perder os sentidos. Estava cada dia mais louco por ela. Seu corpo perfeito... Seus seios rosados... Aquela bundinha redondinha... Eu estava foddidamente apaixonado.

Caminhei até ela já me livrando das minhas calças. Minha ereção saltou para fora e vi seus olhos brilharem. Ela levou a língua em seus lábios contornando-os me deixando perdido. “Ela vai acabar me matando.”

Passei minha mão em seu sexo e a senti toda molhada para mim. Ela jogou a cabeça para trás e soltou um gemido que deixou

meu pau ainda mais desperto. Ajoelhei-me diante dela e minha boca salivava com vontade de prová-la. Ela separou ainda mais suas pernas e colocou seus pés em meu ombro me dando a passagem livre para o caminho da felicidade.

Enquanto a chupava gostoso, ela me olhava nos olhos. Aquela conexão que tínhamos um com o outro era extremamente forte. Eu sabia o que ela queria só pelo seu olhar.

Passava minha língua em todo seu sexo e mordiscava seus lábios. Ela gemia e tremia. Afastei-me e olhei em seus olhos pedindo que se tocasse pra mim enquanto eu fodia sua bocetinha gostosa. Ela levou sua mão até seu clitóris e começou a massageá-lo. Eu estava tão duro que precisava entrar nela urgente. Continuei lambendo-a todinha e ela aumentou o ritmo de seus movimentos. Estava por um fio eu podia sentir. Enfiei dois dedos dentro dela enquanto seguia com minha língua fazendo movimentos ritmados.

— Adrian... – ela chamava por mim com seu corpo já convulsionando.

— Isso amor... Goza pra mim... Goza na minha boca...

Eu continuei a chupá-la até que ela explodiu em mim gemendo e gritando meu nome. Não esperei para que se recuperasse. Peguei-a no colo e coloquei-a no centro da cama. Ela me deu um beijo lento e foi um beijo molhado. Havia amor naquele beijo. Pude sentir tudo o que sentia naquele momento. Ela me amava. E eu a amava demais.

Ela me pegou de repente e me virou com as costas para cama subindo em cima de mim. Beijou meu pescoço e suas mãos passeavam em meu peito e abdômen.

— Eu preciso entrar em você, meu amor – disse com a voz rouca cheio de tesão. Eu seria capaz de gozar sem nem mesmo penetrá-la.

Ela sorriu pra mim se divertindo com meu desespero. Maldita e sexy. Ela quer mesmo me matar.

— Quero que se segure na cabeceira da cama com as duas mãos, amor – disse ao meu ouvido. — E segure firme. Porque vou cavalgar forte em você até que goze para mim.

Ela me olhava dizendo aquelas palavras me deixando no limite. “Que mulher é essa meu pai.”

Fiz o que ela pediu. Estiquei meu braços até a cabeceira e me segurei. Desci meus olhos até seus seios redondinhos e perfeitos. A vontade de mordê-los e colocá-los em minha boca veio à mente. Ela me olhou já sabendo das minhas intenções e disse: — Nem pense nisso. Quero suas mãos na cama.

Ela se ajoitou em cima de mim. Dobrou os joelhos para trás e apoiada com suas duas mãos em minha coxa, sentou com maestria em meu pau. A bandida sabia me deixar louco. Foi descendo lentamente por ele até que estivesse todo dentro dela. Soltou um gemido e começou a cavalgar. Seu ritmo foi aumentando e quando dei por mim, ela estava pulando e gemendo como uma loba perversa. Cada movimento, meu pau parecia que ficava mais duro. Eu olhava para ela e via toda sua excitação. Seus seios balançavam em minha frente e eu queria tocá-los. Mas, mantive minhas mãos na cabeceira como ela havia mandado.

Nossos corpos começaram a suar e eu não resistiria por mais tempo. Eu precisava da minha liberação. Ela continuava a cavalgar fundo em mim, gemendo e gritando por mim. Quando jogou sua cabeça para trás, senti seu corpo convulsionar. Ela estava perto. Muito perto. Senti meu orgasmo se construindo e meu pau já estava se contraindo. Eu iria gozar a qualquer momento.

— Querida... Não consigo mais aguentar... – disse com a voz rouca.

— Goza pra mim Adrian... Eu estou quase lá – ela dizia com a voz entrecortada e ofegante.

Meu corpo todo se arrepiou e meu pau se contraiu... Em poucos segundos, estava tendo minha liberação. Gozei feito um louco gemendo enquanto ela gozava em mim ao mesmo tempo. O que foi isso? “Eu acabei de ter um dos melhores orgasmos da minha vida”

Verônica jogou seu corpo contra o meu e me beijou mordendo meus lábios. Ainda sentia sua respiração afetada. Levei minhas mãos em seu rosto e intensifiquei ainda mais nosso beijo.

Quando se afastou, ela saiu de mim e estávamos lambuzados. Acho que havia gozado por um mês.

— Precisamos de um banho – disse sorrindo.

— Então vamos – ela respondeu se retirando da cama. Eu senti um vazio quando ela se afastou. Já estava acostumado a tê-la em meus braços. Eu não suportaria viver longe dela. Esse sentimento me assusta e ao mesmo tempo, me deixa feliz. Ela abriu uma nova porta em minha vida. Um caminho para a luz e me fez ver que é possível ser feliz, se sentir feliz, mesmo em meio a tantos percalços da vida.

Eu estava completamente apaixonado por ela. E iria fazer de tudo para que fosse minha.

Somente Minha.

CAPÍTULO 21

Verônica Miller

O resto da tarde não poderia ter sido melhor. Adrian estava totalmente amoroso e dedicado. Ele me acompanhou até o meu apartamento para que pegasse algumas roupas e após, me levou até a clínica para visitar minha mãe. Seu progresso estava indo de vento em poupa. Os médicos estavam cada dia mais confiantes e eu fiquei feliz quando entrei em seu quarto e ela me reconheceu.

— Amor, amanhã preciso voltar a trabalhar. Quero que vá comigo – Adrian disse me olhando enquanto passava a marcha.

— Adrian... – suspirei. — Vamos com calma.

— Amor, você disse que quer trabalhar e eu estou lhe oferecendo um emprego – ele diz chateado.

— Eu sei. Mas não acho que seja certo trabalharmos juntos.

— E o que pretende fazer? – perguntou impaciente.

— Não sei. Eu vou pensar em algo – disse sorrindo e sua expressão relaxou.

Adrian seguiu dirigindo de volta para casa. Eu estiquei a mão até o som e sintonizei na rádio. A música With You – Chris Brown está tocando e Adrian me olha com um sorriso no rosto aumentando o volume no máximo.

*... Hey lil' mama, ooh you're a stunner
(Ei, garota, você é maravilhosa)
Hot little figure, yes you a winner, and
(Formas excitantes, sim, você é uma vencedora)*

I'm so glad to be yours

(Eu estou tão contente de ser seu)

Adrian cantava acompanhando a música e eu ria de sua péssima interpretação. Definitivamente, se ele precisasse disso para viver, ele morreria de fome.

— Está se divertindo comigo, querida? – perguntou abaixando o volume da música com um sorriso divertido no rosto.

— Ah, querido... E como – gargalhei. — Você é péssimo.

Adrian me olhou fingindo estar chateado e disse que na adolescência, seu desempenho em karaokê era como de um profissional. Eu não me aguento e começo a rir. Ele ri junto e diz que qualquer dia, irá me levar para vê-lo cantar. Eu não consigo imaginá-lo tão descontraído, cantando em meio a uma multidão. Isso me faz rir ainda mais e Adrian me dá um sorriso revelando seus dentes perfeitos.

— Você fica ainda mais linda quando sorri – ele diz tirando uma mão do volante e leva até minha coxa para acariciá-la. Eu o olho e sorrio para ele. “Será que todos os dias ao lado desse homem, seria tão perfeito como estava sendo?”

Eu, realmente, não tinha resposta para isso. Mas, eu queria crer que sim. Que a cada dia, seria uma surpresa, e que os dias ao seu lado, fossem tão excitantes como o de hoje. Eu estava amando conhecer todos os lados de Adrian. Eu queria deixar entrá-lo assim em minha vida. Depois que contei sobre uma parte dela a ele, me senti tão leve... Adrian tinha esse efeito sobre mim. Apesar de seu jeito possessivo e rude, se escondia um homem sensível e amável. E esse seu lado, estava-me deixando ainda mais apaixonada.

Chegamos em casa após algum tempo. Adrian me ajuda com minha pequena mala e nós entramos. Terry estava deitada no grande sofá imponente de Adrian, dormindo feito uma pedra.

Adrian leva minha mala para cima e entramos no quarto.

— Vou ajudá-la a desfazer a mala – ele diz com divertimento no olhar.

— Não precisa. São somente algumas peças. Em minutos está tudo organizado.

Adrian vai até o closet e retira algumas roupas, abrindo espaço para que pudesse colocar minhas coisas.

Fico observando-o tão prestativo e ágil. Sinto-me feliz nesse momento e não quero que isso acabe. Nunca.

Ele se vira e me olha.

— Pode colocar suas roupas aqui – diz apontando agora um lugar vazio ao lado de suas roupas.

Peguei a mala e levei até o closet. Adrian muito teimoso enfiou a mão nas minhas coisas e começou a retirar as peças dobrando-as com cuidado e colocando-as organizadamente no espaço vazio. Olhei atônita para ele que me devolveu o olhar sorrindo.

— Já disse que posso fazer isso sozinha, Sr. Miller – bufei cruzando os braços.

— Eu tenho certeza que sim, amor. Mas quanto mais rápido formos, mais tempo sobra para nós. E querida, eu vou precisar de muito tempo essa noite para amá-la. Lento. Bem lento – disse com um sorriso malicioso me puxando para ele e me beijou.

“Céus! Esse homem é insaciável”.

Quando se afastou, voltou sua atenção para a minha mala. Adrian puxou meu nécessaire e me olhou intrigado.

— Nunca entendi porque mulher precisa de tanta coisa – ele sorria abrindo a bolsinha com curiosidade. Foi pegando item por item me fazendo rir da sua cara de espanto.

— Vejamos o que tem aqui nessa coisa. Batom, lápis de olho, uma pinça – ele levantou a pinça e olhou intrigado.

— Para tirar as sobrancelhas – dei de ombros e levei minha mão até a bolsinha para que ele parasse de fuçar nas minhas coisas. Nossa! Isso era tão íntimo.

— O que é isso? – ele pega meu estojo azul e vira de um lado para outro, como se aquilo fosse conter algo assustador.

— Me dê isso – reajo e tento pegar de sua mão o estojo. Ele tenta abri-lo sem sucesso.

— O que tem aqui?

— Não seja curioso, querido. Vamos. Devolva-me – estiquei minhas mãos e bati os pés no piso de madeira.

Adrian abriu o estojo e fez uma careta. Olhou curioso e intrigado para o conteúdo em sua mão. Olhou-me em busca de respostas.

— Isso é um diafragma Adrian – revirei os olhos.

— E?

— E aí, que isso em sua mão, é meu diafragma, oras.

— Tá. Isso eu já entendi. Mas o que exatamente isso faz? Parece uma cápsula.

— Sério? – revirei os olhos. — Eu não posso tomar pílulas. Então...

— Espere... Você não toma pílula? – ele pergunta com a voz tensa e automaticamente muda sua expressão.

— Não... Eu não tomo por que...

— Porra Verônica – ele diz explodindo. — Estamos transado sem camisinha e só agora me fala que não toma pílulas? – grita me cortando.

— Adrian eu...

— Puta que pariu. Deveria ter me falado. E se você estiver grávida? – ele diz furioso me cortando mais uma vez.

— Adrian... Posso falar? – digo olhando em seus olhos e vejo que está com medo. Será que ele não queria mais filhos? Por isso, essa reação exagerada?

Ele está tenso e caminha até mim.

— Eu sou alérgica a algumas composições do remédio. Então, meu médico optou pelo diafragma. Eu o uso desde que... – Adrian me olha e fico um pouco envergonhada de prosseguir. — Eu o uso desde que perdi a virgindade. Isso já tem alguns meses.

Ele olha fixamente.

— Eu nunca transei sem camisinha com ninguém Adrian. Ninguém. Até mesmo porque, esse método não nos livra de uma DST. Eu o uso mais por precaução.

Ele parecia confuso. Olhava-me diretamente nos olhos e não dizia nada. Nenhuma palavra.

— O que foi? – perguntei.

— Se você usa isso – disse erguendo o contraceptivo na mão. — por que ele está aqui em minha mão e não em você?

— Esse é outro. Nesse momento estou usando um. Se quiser, posso retirá-lo para que veja que não estou mentindo – digo chateada por ele pensar que poderia estar enganando-o.

— Não precisa – ele suavizou a expressão de pânico em sua face.

— Tem certeza? – perguntei.

— Sim. Desculpe-me querida. É que não entendo nada disso

– diz se virando para voltar a arrumar as coisas. — E isso funciona? Quer dizer, é eficaz? Como a pílula?

— Funciona claro. – disse e já estava me preparando para o esporro quando falasse que sua eficácia era muito inferior ao da pílula. — Ele não tem a mesma eficácia da pílula, claro. Mas se for usado corretamente, funciona.

— Quero que marque um médico ainda essa semana Verônica. Quero ter certeza de que isso funciona e que esteja usando-o corretamente. Até lá, voltaremos a usar preservativo. Eu odeio, mas, é melhor do que você acabar engravidando – Adrian diz tirando as últimas peças de roupa da mala, e, colocando-as no closet.

— Está bem. Vou marcar a consulta com o Dr. Paulo e te aviso do dia.

— Seu ginecologista é homem? – ele pergunta como se isso fosse um crime de morte.

— Sim, por quê?

— Porque a partir de hoje, não será mais. Não quero nenhum outro homem tocando você – disse.

— Isso é ridículo. Ele é médico.

— Foda-se – ele disse num tom mais alto.

— Ah! Esquece – digo. Não adiantaria mesmo brigar com Adrian.

Não tocamos mais no assunto e quando acabamos, descemos para jantar. Eu perdi a fome e apenas tomei um suco de maracujá, enquanto Adrian levava Terry para o quarto.

Subi as escadas. Entrei no quarto, tomei um banho e escovei os dentes. Quando volto para o quarto, Adrian me olha e diz:

— Vou fazer algumas coisas no escritório. Pode dormir se quiser – e sai pela porta me deixando completamente sozinha. “Bem vinda às mudanças de humor do Sr. Miller bipolar”

Deito-me na cama, ajeito os travesseiros e apago as luzes do quarto bufando de raiva. Se ele estava furioso, ótimo.

Amanhã, eu o faria se arrepender.

CAPÍTULO 22

Adrian Miller

Saio do quarto para evitar mais brigas. A verdade é que estou puto de raiva. Como ela pode me esconder que não tomava pílula? É louca? Eu sei que não havia perguntado nada a ela sobre isso, mas, ela deveria ter dito.

Vou direto para meu escritório. Fico sentado na cadeira com as mãos na cabeça pensando. Merda!

Ligo meu notebook e digito no google diafragma. Sinto-me um idiota fazendo isso. Quero saber o que aquele troço faz e os riscos. Clico em um site médico e a página abre com uma foto do diafragma igual ao dela. O que leio não me agrada. Há muitas desvantagens do que vantagens. Inclusive, a alta taxa de falha é o que mais me preocupa. Eu não queria correr o risco de engravidá-la agora. Ainda é muito cedo e precisamos nos conhecer muito ainda. Hoje, depois de tê-la visto tão preocupada com sua mãe no hospital, senti pena dela. A fatalidade sobre o irmão, a doença da mãe e o pai que a culpou pela morte do irmão... Era tanta coisa ruim em sua vida que me deixou sem chão. Posso até entender os motivos que a levaram para aquele caminho em que estava. Mas, jamais iria aceitar que voltasse para ele outra vez.

Eu quero muito me casar com ela e ter vários filhos. Só que ainda não é o momento. Havia outras prioridades. E a maior delas, era conseguir tirar sua mãe da clínica e trazê-la para morar conosco. Claro que assistida por especialistas 24 horas. Eu queria fazer algo por ela. Em seus olhos, eu pude ver o amor que tinha por sua mãe e a dor que sentia em deixá-la sozinha. E, eu faria de tudo para que fosse feliz. Um filho agora, só iria dificultar nosso

relacionamento. “Como eu poderia cuidar de uma criança nesse momento caótico da minha vida?”.

São tantos problemas, que não consigo me imaginar com filhos agora. Terry consumia meu tempo com suas irresponsabilidades. Desde que nossos pais foram para Los Angeles, a deixaram sob minha responsabilidade. Seu gênio é difícil e ela não tem um pingote de cuidado com a própria vida. Já passei várias madrugadas dirigindo pelas ruas de São Paulo a sua procura. Quando a encontrava, estava bêbada ou drogada. Nunca trabalhou e sempre teve relacionamentos complicados. Ela é um porre. Antes, mantinha meu foco totalmente voltado para seus cuidados. Agora era diferente, tenho a Verônica em minha vida. E faria de tudo para mantê-la ao meu lado.

Fico ali pesquisando sobre outros métodos e encontro um bem interessante: “adesivo anticoncepcional”. Fiz uma nota mentalmente para não esquecer de perguntar mais sobre ele, quando a levasse a médica.

Desliguei o notebook e saí do escritório trancando a porta. Passei até o bar e me servi de um pouco de uísque.

— Está sem sono? – uma voz surge ecoando na sala. Maria está parada encostada no batente da porta me encarando.

— Um pouco – sorrio dando um gole em minha bebida.

— Como a Terry se comportou hoje? Deu muito trabalho?

— Não muito – ela torceu o nariz. — Ficou a tarde inteira conversando com o Jonas ao telefone.

— Jonas? – perguntei intrigado franzindo o cenho.

— Mas, a tarde foi bem tranquila – ela sorriu.

— Espero que ela se dê conta das besteiras que anda aprontando – disse enfurecido. — Acho que já estou ficando até de cabelos brancos – digo passando a mão pelo cabelo.

Maria ri e diz:

— Ela vai mudar Adrian. Vai mudar – diz suspirando. Acho que nem ela mesma acredita no que diz.

— Espero que sim. Senão, não sei mais o que farei para tirá-la dessa vida. Eu já estou ficando de saco cheio e agora eu tenho a Verônica. Não vou deixar isso atrapalhar meu relacionamento com

ela. Eu e Sara brigávamos muito por causa dela. Não quero que isso se repita.

— Terry não gostou dela?

— Terry não gostava nem de Sara – retruquei. — Hoje quando fui até seu quarto, ela chamou Verônica de clone, acredita? – disse furioso.

— Ela sempre teve ciúmes de você, Adrian. Acho que é injusto você dizer que ela não gostava da Sara. Pelo que pude ver, Verônica é totalmente diferente dela.

— Sim. Ela é – sorri.

— Então. Lembre-se que era Sara quem maltratava a Terry. Ela nunca gostou dela pelo fato da vida que levava e o fato de que você estava sempre pronto para ajudá-la. Não acho que Verônica vá implicar com você, por estar ajudando sua própria irmã, Adrian. Quando Verônica acordou hoje de manhã, a primeira coisa que me perguntou, foi como ela estava.

— Eu a amo, Maria. Muito – disse. — E desta vez, não vou deixar que as inconseqüências da Terry prejudiquem meu relacionamento.

— Vá com calma meu filho. Senão, poderá causar uma guerra entre as duas. Terry é difícil de lidar. E, por mais que Verônica me pareça na dela, ela tem um gênio forte. Pude ver no dia em que saiu daqui determinada a nunca mais voltar – disse me olhando e quando se aproximou de mim, me abraçou. — Você só precisa saber controlar seu ciúme. Sem querer, acabei ouvindo vocês dois discutindo no quarto. Você não era assim com a Sara. O médico dela sempre foi homem e você nunca se importou.

— É diferente Maria – disse ficando tenso. — Não quero e pronto.

— Está parecendo criança agindo dessa forma.

— Que seja – bufei. — Você não entende – disse um pouco rude. Eu fui o único homem de Sara. Com Verônica, era diferente. Eu morria de ciúmes por saber que teve vários homens. Não queria que mais nenhum chegasse perto dela. Nenhum.

— Vou me deitar. Acho que deveria fazer o mesmo – disse me olhando com ternura. Maria era uma mãezona. O que eu faria sem ela?

— Boa noite, Maria. Já estou indo também – dei um meio sorriso e ela se foi.

Fiquei sentado no sofá até minha bebida acabar. Quando terminei, coloquei o copo sobre o aparador e fui para o quarto. Precisava de um longo banho para colocar as ideias em ordem.

Entrei no quarto e Verônica já estava dormindo. Passei direto e fui para o banho. Sequei-me e saí nu, andando até o closet, para pegar minha boxer branca. Coloquei a cueca e me afundei ao seu lado. Quando coloquei minhas mãos por debaixo do lençol para abraçá-la, senti suas costas nuas. Puxei-a contra meu peito abraçando-a e ela resmungou se encaixando perfeitamente em mim. Toquei em seus seios e fui descendo minhas mãos alisando seu corpo perfeito, e quando chegou em seus quadris, a ausência de sua calcinha me deixou a meio mastro. “Putá que pariu. Isso é golpe baixo”.

Tentei acordá-la, mas dormia como uma pedra. Nem se mexia. Eu poderia arrancar minha cueca agora e penetrá-la, que certamente ela nem se lembraria de nada. Mas eu não gostava desse jeito. Contive-me e tentei afastar os pensamentos que estava tendo. Em como fodê-la nessa posição. Essa mulher está me matando e me roubando a sanidade. Eu só penso em tocá-la, beijá-la, amá-la... Mas, por hoje, só por hoje, vou me contentar em dormir de conchinha com ela, mesmo meu pau estando aqui, duro e latejando gritando por liberação. Amanhã, eu irei acordar e a primeira coisa que farei: acordá-la e fodê-la duro até que esquecesse o próprio nome, para que se lembrasse de não me provocar desse jeito outra vez.

Dei um beijo em seu pescoço e sussurrei em seu ouvido:

— Boa noite, meu amor. Espero que descanse bem essa noite. Pois amanhã, você me paga – sorri abraçando-a mais forte. Fechei os olhos e tentei dormir. Essa noite seria longa.

CAPÍTULO 23

Verônica Sandler

Droga!

Por que Adrian tem que ser tão ciumento? O que há de errado em ir a um ginecologista homem? Que atitude mais cavernosa. Agora fico aqui, sozinha, olhando para as paredes. O que aconteceu com: “Querida, eu vou precisar de muito tempo essa noite, para amá-la lento?”

Nossa! Esse homem me exaspera. Me deixa completamente perdida. Mas ele me paga. Ah, se paga.

Meu telefone toca e me estico toda para pegá-lo em cima do criado mudo.

Atendo já sem paciência.

— Alô?

— Verônica? - uma voz soa bem familiar.

— Sr. Charles.

— Preciso te ver nesse momento - diz com seu tom autoritário.

— Agora não posso Sr. Charles.

— Como assim, não pode?

Ele está irritado e continua a falar.

— Eu não a vejo desde que voltou, Verônica. Estou com saudades.

— Eu estou dormindo, Sr. Charles. Realmente não posso - digo impaciente.

Ouçoo um longo suspiro seguido de uma voz irritadiça.

— Amanhã às dez horas em meu escritório.

— Sr. Charles, eu não...

— Sabe que não tolero atrasos Verônica. Seja pontual. Já depusitei o valor habitual na conta da clínica. Até amanhã - disse e desligou sem me dar chances de protestar.

Droga!

O que eu vou fazer para me livrar dele?

“Como vou explicar que não poderei mais vê-lo? Pense Verônica, Pense”.

Por que ele depositou o dinheiro na conta? Merda! Agora não tenho nem como devolver a ele. Onde irei conseguir essa grana?

Ouçõ passos na escada e tenho certeza de que é Adrian. Coloco o telefone ano criado mudo e me cubro com o lençol.

Depois eu arranjo um jeito de me livrar do Charles.

Adrian passa direto e entra no banheiro. Nesse momento, levanto-me e sigo nas pontas dos pés até o closet. Retiro minha calcinha e meu sutiã e escondo na gaveta. Rá! Agora ele vai ter o que merece. Volto correndo e deito na mesma posição em que estava. Fecho os olhos fingindo que estou dormindo. Posso ouvir os passos dele pelo quarto. Abro os olhos bem de leve para dar uma espiada. “Putá que pariu. Minha nossa senhora.”

Ele está de costas procurando por algo em seu closet. Uma bela visão privilegiada de sua bunda magnífica. “Uma bela bunda Sr. Miller”. Penso comigo mesma e sorrio maliciosamente. Mas hoje querido, você vai aprender a não me deixar falando sozinha.

Fecho os olhos e tento fingir o melhor possível. “Nenhum homem resiste a uma mulher nua, em sua cama. Ele não seria diferente.”

Adrian deita ao meu lado e sinto a cama afundar atrás de mim. Posso sentir seu cheiro, sua respiração, e, até seus batimentos cardíacos. A proximidade me descontrola, mas eu preciso manter o foco.

Ele leva sua mão em minhas costas e dá um longo suspiro. Me puxa devagar contra ele e para me fazer de desentendida, balbucio algumas coisas incoerentes só para provocar enquanto me encaixo nele. Ele se aproxima do meu pescoço levando sua mão em meus seios que já estão duros implorando pelo seu toque. Essa atração é forte demais e não consigo controlar minhas reações. “Maldito corpo traidor”. Sua mão foi descendo lentamente até que parou em meu quadril. Ele notou a ausência da minha calcinha e ficou ainda mais excitado. Deu um suspiro longo e eu já senti sua ereção

crescer roçando em meu traseiro. “Controle-se Verônica. Controle-se. É para um bem maior”.

Adrian sussurrava coisas em meu ouvido para me fazer despertar. Por mais que minhas entranhas se contraíam com o seu toque suave, eu não sucumbi. Somente estava rezando para que ele não tocasse em minhas partes baixas. Estava tão molhada, tão pronta para ele que se ele me reivindicasse naquele momento, eu não resistiria.

Ele me deu um beijo em meu pescoço que me fez arrepiar da cabeça aos pés. Após, sussurrou:

— Boa noite, meu amor. Espero que descanse bem essa noite. Pois, amanhã, você me paga.

Fazendo planos para amanhã Sr. Miller? Hum, acho que não. Sorri internamente.

Tentei dormir, mas meu corpo implorava pelo dele. Coisas sujas passavam pela minha mente e isso não me deixava melhor. Ele pensa que vai ganhar essa? Okay. Amanhã, eu o faria implorar por mim. Essa seria a minha diversão.

Acordo sentindo coisas estranhas pelo corpo.

Sinto um calor imenso que me consome inteira.

Abro os olhos lentamente para me acostumar com a claridade do sol que bate na janela e reflete diretamente em meu rosto. Minhas pernas estão suspensas e quando olho, estão apoiadas no ombro de Adrian, e, suas mãos, estão em meus seios.

Olho para ele atordoada tentando ainda afastar o sono que teima em ficar.

Seus olhos castanhos se conectam com os meus e sinto toda a sua excitação. Os olhos dele brilham a me ver observando-o. Sua língua percorre minhas partes íntimas e minha respiração vai ficando cada vez mais pesada.

“O meu Deus! Impossível resistir a isso. Agora estou ferrada. Ele me tem totalmente a sua mercê, e, o maldito sexy provocador, sabe

bem como me deixar louca. Preciso reverter isso ao meu favor, e rápido, antes que eu me perca ainda mais”.

Adrian segue em sua tortura sem se preocupar com nada. Ele se afasta um pouco apenas para brincar com seus dedos em minha entrada. Me dá um sorriso perverso e se abaixa mais uma vez para trabalhar com sua língua magnífica.

“Ó céus! Acho que poderia morrer desse jeito que morreria feliz”.

Eu já podia sentir meu orgasmo se construindo. Bandido. Mas estava tão bom, que meu cérebro parou de funcionar e quando dei por mim, eu quem estava implorando por ele.

— Adrian – gemi baixinho puxando seus cabelos e empurrado ainda mais para mim.

Ele me olhou e sorriu. O maldito sorriu. Um sorriso tão lindo que me fez perder-me em meio as minhas sensações.

— Isso, meu amor. Quero que goze assim. Quero sentir seu gosto em minha boca – ele dizia com a voz mais sexy do mundo me deixando atordoada.

Ele me chupava, me lambia, me mordiscava.

Isso deveria ser proibido. É tão bom que estava com medo de me tornar dependente. Ele seguia com sua boca voraz me fazendo gritar por ele. Meus gemidos altos pareciam excitá-lo ainda mais. A cada gemido, ele ficava mais feroz. Sua língua passeava pelas minhas duas entradas me deixando louca.

— Adrian... Eu não posso mais... – sussurrei ofegante sentindo o orgasmo me possuindo. Os espasmos vieram no mesmo momento em que ele disse:

— Eu estou aqui apara você, meu amor. Libere-se para mim. Goze em minha boca.

Aquelas palavras foram o estopim. Eu convulsionava em seus braços, enquanto ele massageava meu clitóris com sua língua.

Adrian não me deu chances para me recompor. Ele me puxou para ele e me virou de bruços com uma rapidez que me deixou impressionada.

— Meu amor, agora você vai ver o que farei com você, por me provocar – ele sussurrou em meu ouvido raspando sua ereção em minha bunda.

Adrian enrolou meus cabelos em seu punho e me puxou para ele até que ficasse de quatro. Sua mão puxava forte meu cabelo, e a outra, alisava minha bunda. Até, que senti o primeiro golpe. Meu corpo deu um tranco pela palmada inesperada e soltei um grito. Sentia arder o local.

— Não acho que queira acordar a casa inteira com seus gritos, amor – ele sussurrou me dando mais um golpe com sua mão pesada. Eu estava cada vez mais excitada.

— Adrian... – eu sussurrei sem saber o porquê.

Adrian roçava a cabeça do seu pau em minha entrada numa longa tortura. Eu precisava dele dentro de mim.

— Diga meu amor. O que você quer? – perguntou puxando-me mais forte até que meu corpo colasse no seu de forma que ficamos de joelhos na cama. — Diga! – seu tom não foi tão suave dessa vez. Adrian estava selvagem. Parecia um leão desperto, a procura de sua fêmea. E isso estava me deixando alucinada.

— Eu quero você, Adrian. Agora – sussurrei.

Ele desenrolou meus cabelos de seu punho e levou diretamente em minha garganta apertando de leve. Sua outra mão vagou lentamente pelo meu corpo até que parou em minha entrada. Eu sentia seu pau duro atrás de mim. Como eu o queria. Dentro, forte e duro.

— Não acho que me queira tanto assim, querida – ele sussurrou em meu ouvido apertando ainda mais meu pescoço enquanto sua outra mão massageava meu clitóris.

Eu não estava conseguindo raciocinar mais. Para o inferno com tudo. Eu o queria. Não iria me privar disso.

— Quero te ouvir, querida – ele sussurrava passando a língua em minha orelha dando leves mordidas.

— Eu quero você – repeti.

— Não. Você não quer – ele provocou.

Como assim eu não o quero? Estou aqui quase subindo pelas paredes!

Seu aperto em minha garganta foi ficando mais forte e por incrível que pareça era tão excitante.

— Adrian... Eu não aguento mais. Eu quero você dentro de mim – eu implorava por ele desesperadamente.

— Você me quer, querida? Dentro de você? Dentro dessa sua bocetinha gostosa? – ele sussurrava e eu me perdia.

— Sim... Oh sim...

— Então confesse – ele rosnou aumentando ao ritmo em meu clitóris.

— O quê? – perguntei sem entender, mas a essas alturas, já estava em estado de levitação. Estava fora de mim.

— Confesse que estava acordada e nua, só pra me provocar. Assim quem sabe, eu a deixo gozar com meu pau dentro de você.

— Eu na-nao estava acordada – gemi.

— Jura?

Ele intensificou o aperto em minha garganta e eu estava quase lá.

— Não minta, querida. Eu conheço seu corpo. Ele implorava por mim naquele momento – ele rosnou.

Sua mão em meu clitóris, sua boca em minha orelha e a sua outra mão em meu pescoço me privando de ar, eram demais para mim. Meu corpo já convulsionava em seus braços. Quando ele percebeu que estava perto, retirou sua mão do meu sexo me fazendo choramingar.

— Não vai gozar agora, meu amor – ele disse virando-me para ele. Olhou-me fixamente nos olhos com um sorriso malicioso. Me beijou lentamente e se afastou.

— Ainda quero ouvir você dizer – ele sorriu.

Droga. Por que ele tem que ser tão persuasivo, lindo, sexy, cruel e provocante?

— Eu estava chateada – suspirei. — Você me deixou sozinha – disse choramingando.

— E por causa disso, resolve me punir?

Havia divertimento em seu olhar.

— Você é má. Muito má. E sabe qual será seu castigo? – ele perguntou segurando meus pés e me puxando para a beirada da cama.

— Não - sorri.

— Acho que sabe exatamente qual será seu castigo, querida – ele sorriu.

— Juro que não – me fiz de desentendida e isso só o irritou.

— Eu disse que iria me pagar. Eu sabia que estava fingindo. Sabe como eu fiquei a noite inteira? – ele ame olhava com divertimento.

— Posso imaginar, Sr. Miller - sorri.

— Não. Não pode. Meu pau passou a madrugada inteira, duro – disse roçando seu rosto em meu pescoço. — Acordei com as bolas numa dor só e quando me levantei, tomei um banho e me aliviei.

Adrian foi se abaixando deixando rastros de seus beijos molhados pelo meu pescoço até que chegou em meus seios. Juntou os dois com suas mãos e foi alternando de um para outro os chupando com vontade e mordendo numa tortura silenciosa. Quando sentiu que estava ofegando, se afastou e me olhou dizendo: — Agora, por ter me feito gozar sem você, terá de acompanhar meu ritmo querida. E você só vai gozar outra vez, quando eu disser. E posso te garantir que eu aguento por muito tempo. Vou fazer você implorar para ter meu pau dentro de você. Talvez assim, você não se esqueça de que você é minha. E eu, somente seu.

— Você tem que trabalhar hoje. Irá se atrasar – disse e dei uma piscadinha.

— Essa é a vantagem de ser o patrão, querida. Se eu quiser, posso ficar aqui e fodê-la o dia inteirinho. E acredite, essa é a minha vontade – disse com um sorriso malicioso. Esse homem ainda me mata.

Adrian levantou minhas pernas e se colocou de pé, enquanto estava na beirada da cama. Beijou meu pé lentamente e suas mãos passeavam em minhas pernas.

Oh meu pai do céu. Já estou vendo como será essa tortura.

CAPÍTULO 24

Adrian Miller

Eu estava fazendo um esforço enorme para me controlar. Desde que acordei, e a vi ali em minha cama, dormindo feito um anjo, eu só pensava nas várias formas em que eu a faria implorar pelo meu toque. Agora, com a confirmação de que ela estava apenas me provocando na noite passada, eu resolvi ser um pouco malvado. Eu iria lento. Muito lento. Quero que ela se lembre de que da próxima vez em que me provocar desse jeito, terá que estar preparada para sua punição.

Enquanto eu seguia tortuosamente, beijando suas pernas macias, ela choramingava. Eu ia descendo lentamente dando leves mordidas olhando-a nos olhos, sem quebrar a conexão.

Ajoelho-me diante dela e levo minha boca em seu sexo raspado. Ela geme e se contorce inteira em minha boca. Eu só quero prova-la de todas as formas possíveis. Seu gosto em minha boca me deixava em êxtase. A cada dia que passo ao lado dela, fico mais apaixonado. Minha. Ela é inteiramente minha. Esse sentimento de posse crescia numa velocidade assustadora. Eu nunca senti o que sinto por ela nem mesmo com a Sara. O sexo entre nós não era nada comparado com a química que havia entre Verônica e eu. Eu estava completamente apaixonado por ela. Literalmente fodido.

Afasto-me apenas por alguns segundos. Ela me olha enquanto levo meu polegar até seu clitóris massageando com vontade. O sorriso de satisfação ao vê-la ali, implorando por mim, com aqueles olhos escuros, me deixava nas alturas.

— Adrian, por favor – ela implorava com sua mão na minha.

— Gosta assim? – perguntei com um sorriso safado aumentando o ritmo de minhas massagens.

— Eu preciso de você – ela choramingava com a voz carregada de desejo.

— Talvez você não esteja gostando. Que tal assim? – perguntei dando uns tapinhas em sua bela bocetinha. Ela gemeu alto e isso me deixou totalmente excitado. Acho que ao invés de puni-la, estava punindo a mim também. Estava louco de vontade de me afundar nela. Meu pau já estava tão duro que o sentia latejar.

Levantei-me e flexionei meus joelhos até que meu pau estivesse na altura de sua entrada. Ela olhava para mim na esperança de que fosse penetrá-la. “Ah, querida. É assim que te quero hoje. Linda, implorando para ser fodida”.

Vi o momento em que me olhou e passou sua língua em seus lábios contornando-os de forma extremamente sexy. Aquele gesto derrubou minhas defesas. Eu levei meu pau até seu sexo e fiquei ali, por longos tortuosos segundos, esfregando-o em sua entrada. Ela arqueava seus quadris a minha procura e gemia. Decidi deixar isso ainda mais prazeroso apenas enfiando a cabeça lentamente e tirando ainda mais lento. Ela soltou um grito rouco e eu me perdi dentro dela. Já estava no meu limite. Enfiei com vontade e joguei a cabeça para trás sentindo sua bocetinha contrair meu pau.

— Você sabe como me deixar louco, não é amor? – perguntei a ela dando uma estocada forte e dura.

— Adrian... Por favor, mais rápido... – ela dizia ofegante.

— Por que a pressa, querida? Eu estou aqui pra você, e sou todo seu.

Fui aumentando o ritmo aos poucos. Não queria gozar e nem queria que ela gozasse. Acha que sou um sádico por vê-la assim? Não. Não sou. Apenas quero sentir todas as sensações de estar assim, dentro dela. De possuí-la e saber que ela fica excitada tanto quanto eu. Segurei suas duas pernas apoiadas em meu antebraço. Comecei com minhas estocadas lentas e aos poucos, fui aumentando o ritmo.

Os gemidos dela preenchiam todo o quarto me fazendo ainda mais louco. Seguimos por um longo tempo assim, eu a penetrando

e ela gemendo comigo. Quando ela estava quase pronta, sai de dentro dela e ela mais uma vez choramingou a minha falta. Levei-a de volta para o centro da cama e comecei a beijá-la. No começo foi um beijo doce, suave. Aos poucos, ele foi se tornando possessivo, urgente. Eu mordida seus lábios e sugava sua língua com vontade. Traçava o contorno de seu maxilar com minha língua até que cheguei ao meu destino; sua orelha. Dei uma leve mordida, seguida de um belo chupão. Essa mulher estava deixando-me alucinado.

Desci lentamente até seus seios. Eu não me canso de olhá-los. Tão perfeitos. Redondinhos e no tamanho certo. Empinados e durinhos. Belisquei seus mamilos e ela continuava a gemer. Apertava-os mais forte, e, ela se arqueava toda. Levei minha boca até eles e comecei a passar a ponta da língua sobre seus mamilos enrijecidos. Eu mesmo já não aguentava mais essa tortura.

— Adrian... Eu preciso de você, por favor – sua expressão tão linda me implorando, aquiesceu meu coração. Subi lentamente até ela e a beijei. Um beijo demorado e carregado de amor, paixão e desejo. No mesmo momento, a penetrei, e, ela gemeu em minha boca.

— Isso meu amor. Gosto de te ver assim. Toda molhadinha
– sussurrei em sua boca.

Ela entrelaçou suas pernas em mim e eu desci minha mão até sua bunda apertando-a com vontade.

— Eu quero essa sua bundinha linda querida. Tenho várias coisas em mente para fazer com você – disse cheio de tesão em seu ouvido. Senti o momento em que ela estava pronta. Seu corpo todo convulsionava e quando ela gemeu alto, eu disse: — Eu não te dei permissão para gozar. Acho que gosta de ser punida, querida – disse sorrindo enquanto ela disse gemendo.

— Quem é mau agora? Eu não aguento mais... Por favor... Eu estou gozando – ela disse e gozou gritando meu nome.

Eu a abracei tão forte, era como se quisesse mantê-la ali. Para sempre ao meu lado. O medo foi ganhando espaço no meu peito. Medo de que me deixasse. De que fosse embora. Eu ficaria no inferno se caso isso acontecesse. Não me vejo sem ela. Não vejo

minha vida sem ela. Eu faria de tudo para que ela fosse minha. Tudo.

Verônica se sentou na cama e me olhou ainda com a respiração acelerada. Ela me deu um sorriso e me chamou para ela com seu dedo indicador.

— Venha cá, garanhão – disse se divertindo.

Fui até ela rastejando pela cama ficando de joelhos diante dela. Ela me puxou pelos cabelos e me beijou com desespero. Sua língua passeava em minha boca e ela mordida meus lábios sussurrando coisas obscenas. “Essa mulher será minha perdição”.

Enquanto ela me beija, sinto sua mão me acariciar. Ela segura bem na base do meu pau fazendo movimentos de vai e vem. Solto um forte gemido e ela acelera o ritmo. Com sua outra mão, toca meu tórax me empurrando para trás até que caio sentado na cama. Mal tenho tempo de processar e ela já está com a boca nele. Sua boca é quente e voraz. Ela lambe toda minha extensão e passa a língua vagorosamente na cabeça dele me deixando louco de tesão. Ela chupa gostoso enquanto continua fazendo movimentos com sua mão mágica. Sinto meu orgasmo se construindo e dou um gemido forte. Ela parece conhecer exatamente meu corpo, pois, a diaba se afasta quase no momento em que estava no céu.

Rapidamente, ela sobe em mim encaixando-se lentamente. Começa numa cavalgada louca e puta que pariu, eu não iria resistir por muito tempo. Coloco minhas mãos em sua cintura e fico ali, apressando seus movimentos frenéticos gemendo como um louco. Ela leva seu dedo em minha boca e pede para que eu chupe. Dou um tapa na bunda dela e ela sorri. Safada!

— Gosta disso? Gosta quando bato em sua bunda? – pergunto com ela cavalgando ainda mais rápido em cima de mim. A maldita assente e sorri levando as mãos em seus seios e puxando seus mamilos olhando-me fixamente.

— Oh, meu Deus, amor. Está querendo me matar? – digo com a voz entrecortada.

— Vamos Adrian, goze para mim.

Nossos corpos naquele embalo frenético, nós dois ofegantes e possuídos pelo desejo, chegamos ao limite. Ela estava vindo pra

mim e saber que estava fazendo-a gozar mais uma vez, eu me perdi completamente. Meu corpo já convulsionava enquanto a ouvia gritar: — Adriannn... Oh céusss... Eu estou gozandooo.

Gritei com ela assim que atingi meu ápice. Sentia sua boceta se contrair enquanto jorrava dentro dela. Fiquei ali naquela sensação prolongada e prazerosa enquanto ela se jogava em cima de mim totalmente fraca.

Ela me abraça e eu a beijo lentamente. Quando ela se afasta, me olha e diz:

— Acho que vou te provocar todas as noites, se minha punição for sempre essa.

Olho para ela chocado.

— Nem sonhe – digo sorrindo e ela me beija.

— Precisamos de um banho – ela diz encostando a cabeça no meu peito. Eu aliso seus cabelos e digo:

— Pode ir primeiro – e beijo sua cabeça.

Ela me olha nos olhos e sua expressão está séria agora. Segura meu rosto com suas mãos e me diz:

— Eu amo você.

Eu fico todo bobo e por alguns segundos, fico sem reação. Ela me ama. Ela disse que me ama e posso sentir a sinceridade em suas palavras.

— Eu também te amo, meu amor. Muito.

— Eu realmente preciso de um banho, Sr. Miller – ela sorri levantando-se da cama. Não canso de admirar seu corpo perfeito e curvilíneo. Ela era a perfeição em pessoa.

— Vá. Vou ficar aqui mais um pouco sentindo seu cheiro em mim – disse jogando um travesseiro nela e sorrindo como um bobo apaixonado. Ela se virou e foi andando até o banheiro ostentando sua bunda num rebolado magnífico.

Assim que entra no banho, escuto um celular vibrar. Busco por meu telefone, mas não é ele. Olho para o outro criado mudo e vejo o celular dela vibrar pelo móvel. Quando consigo chegar até ele,

vejo no visor, dez chamadas perdidas e três mensagens. Toco na tela para ver as ligações. São de um mesmo número. Clico no envelope e abro as mensagens.

“Onde você está? Já se passam das dez da manhã. Estou te esperando. Um beijo”.

A mensagem me deixa puto e resolvo olhar as próximas.

“Atenda a porra do telefone, Verônica. Onde está? Liguei para a Sônia e ela me disse que não está em casa.”

Fui ficando cada vez mais irritado. Pela forma de falar, certamente era um homem. E isso, me deixou fora de mim. Clico na próxima mesmo sabendo que não deveria, pois já estou em meu modo Neandertal.

“Está me ignorando? Marcamos ontem, às dez da manhã, Verônica. Sabe que odeio atrasos. Quando eu te pegar meu amor, esteja preparada. Seu Senhor, Charles”.

Ela marcou de sair com esse cara? Filho da puta. Quem ele pensa que é para falar assim com ela? Seu senhor? Que porra é essa? O ódio está me possuindo e não consigo raciocinar. Tento manter meu mantra e conto até dez. Não posso deixar minha raiva me cegar. Ela teria que me explicar direitinho essa história.

Coloquei o telefone dela de volta no lugar e me levantei. Eu tremia de raiva. Peguei minha roupa para ir para o trabalho. Mas

que merda!

Separei meu terno azul, camisa branca e peguei minha gravata cinza. Joguei tudo na cama e fiquei andando de um lado para o outro passando as mãos pelos cabelos, totalmente desesperado. Ela vai se encontrar com esse idiota? Vai me trair? Fecho os olhos e só de imaginá-la nos braços de outro homem eu morro por dentro. Minha vontade é de socar tudo a minha volta. Estou louco. Estou puto.

Quando ela sai nua, e me olha com um sorriso lindo, eu morro ainda mais. Ela é minha. Minha. Eu grito por dentro. Abro a boca e minha vontade é de gritar e arrancar a verdade dela. Mas, da última vez que tive esse acesso de raiva, acabei enfiando o pé na jaca e bati nela. Eu não era assim. Eu não sou assim. Resolvo passar por ela sem dizer nada. Fecho a porta e a tranco. Fico ali parado encostado na porta por um tempo. Saio do meu transe e corro para o chuveiro. Preciso de calma. Preciso manter a calma. Termino meu banho, mas, ainda estou em um patamar de loucura nível mil. Meu coração está disparado e fico angustiado.

Saio do banheiro e a vejo terminar de se arrumar colocando seu salto preto. Um vestido roxo lindo, mas, extremamente curto. O ciúme me consome e não consigo controlar minha boca.

— Aonde pensa que vai? – pergunto um pouco rude.

— Vou com você – ela diz me deixando confuso.

— Como?

— Eu vou com você, Adrian – ela sorri.

— Co-comigo?

Porra! Mas se ela vai comigo... Significa que ela não...

— Mudou de ideia sobre me oferecer um emprego? - ela diz chateada. — Eu sei que não tenho uma formação adequada, mas, eu aceito qualquer cargo.

Ela continua falando e eu fico atônito.

— Você vai aceitar trabalhar comigo? Pergunto ainda sem acreditar.

— Se você ainda estiver disposto a me oferecer um cargo em sua empresa, sim. – ela diz me abraçando e me beija. — Mas antes, posso te pedir uma coisa? – ela pergunta um pouco receosa.

— Claro meu amor – digo ainda tentando processar meus sentimentos nesse momento.

— Eu preciso de outro telefone. Eu tenho recebido algumas ligações – ela diz me olhando com cautela. — E você sabe, não quero que meu passado fique entre nós, Adrian.

Nesse momento, eu inspiro soltando todo o ar dentro de meus pulmões. Agradeço aos céus por não ter sido um babaca e ter estragado tudo.

— Vamos então, comprar outro celular para você – disse sorrindo. – Quero que me diga se alguém estiver te perturbando.

Ela me olha e não diz nada. Mas, somente a vontade de enterrar o passado e ficar ao meu lado, eu por hora, estava satisfeito. Claro que ainda teríamos que conversar sobre esse tal Seu Senhor, Charles. Eu o conhecia muito pouco. Afinal, foi através dele que a conheci. Mas, decidi que não era o momento. Agora não. Eu ainda estava no meu modo possessivo e falar sobre isso, nesse momento, seria perigoso demais.

— Vamos? – ela diz sorrindo.

— Vamos. Deixe-me apenas colocar meu terno. Chegar lá pelado, não seria uma boa ideia – digo e nós caímos na gargalhada. Não sei como essa mulher consegue me levar a níveis diferentes. Num momento estou possuído por uma fúria incontrolável e no outro extremamente calmo. Eu amo essa mulher. Como eu amo essa mulher.

CAPÍTULO 25

Verônica Sandler

Chegamos a agência de publicidade: Miller's. O nome não poderia ser mais original – ri internamente. Fiquei impressionada com a fachada. Estava esperando algo mais extravagante. Me surpreendi pela elegância e simplicidade. O nome Miller's, estava ostentado no beiral da fachada preta em letras caixa de cor branca. O lindo jardim em frente a agência, deixava o lugar elegante e sofisticado de uma maneira que era agradável aos olhos. Fiquei longos minutos apenas contemplando a beleza do lugar. O prédio não era tão alto. Apenas três andares. Mas, a extensão era considerável.

Passamos pela enorme porta de vidro. Dois seguranças armados, faziam a ronda no salão da recepção. Havia uma bela mulher atrás do balcão de mármore. Morena, cabelos ondulados, olhos azuis e nariz empinado. Adrian caminhou até ela e disse algo que não pude ouvir. Ela sorriu para ele de uma forma que fiquei enfurecida. Claro que ela estava dando o maior mole para ele. Quem não daria? Adrian pegou algo da mão dela e se despediu. Caminhou em minha direção olhando-me fixamente.

— Vamos – disse assim que se aproximou. — Vou te levar para conhecer a agência. Depois, vamos conversar sobre sua permanência aqui – ele concluiu colocando sua mão em minhas costas, guiando-me para dentro do pequeno elevador.

— É lindo aqui – disse empolgada.

— Essa agência é uma filial. A matriz está localizada em Los Angeles. Você iria adorar conhecer – ele sorri olhando minha reação de “Tá falando sério?”

— Uau! – exclamei. — Quem cuida da agência de Los Angeles? – perguntei curiosa.

— Meus pais – ele responde assim que o elevador para no terceiro andar.

Sáímos e Adrian caminha pelo extenso corredor segurando minha mão. A parede da direita, é totalmente de vidro. Do teto até o chão. As salas ficam expostas através dos vidros fumê. Algumas estão fechadas com persianas brancas e outras, expostas para quem quiser ver. Passamos por uma sala onde havia um belo rapaz sentado em frente a um computador. Totalmente despreocupado, ele digitava algo enquanto cantava “Cedo ou Tarde – NX Zero” com os fones no ouvido. Ele estava usando uma camisa preta de botões com as mangas dobradas até seu antebraço, e, por debaixo, uma camiseta branca. A julgar pela camisa apertada, ele era extremamente forte. A camisa aderiu com perfeição a seus braços e tórax. Cabelo espetado, olhos escuros e uma pele magnífica. O cara era um gatinho.

Entramos na sala e Adrian se aproximou dele com uma carranca.

— Boa tarde, Tony – ele o cumprimentou um pouco rude. O rapaz tirou os fones rapidamente e deu um sorriso sem graça.

— Boa tarde, Sr. Miller – ele respondeu olhando-me de uma maneira curiosa. “Só falta cair duro para trás achando que sou a defunta”.

— Tony, esta é a Srta. Sandler. Verônica Sandler. A partir de hoje, ela irá trabalhar conosco e quero que a auxilie no que for necessário. Ela irá ocupar o cargo da Alana provisoriamente.

“Alana? Quem é essa?”

— Sim, senhor Miller – o rapaz disse estendendo sua mão para me cumprimentar.

— Pode me esperar aqui por um instante? – Adrian me perguntou.

— Sim, claro.

Adrian passou pela sala entrando num pequeno corredor a direita. Fiquei ali naquele mesmo lugar onde estava, olhando para a sala em que estava com aquele belo rapaz. Tony. Um belo nome.

Ele parecia um pouco desconfortável com algo. Talvez o jeito imponente e autoritário de Adrian, tenha o deixado envergonhado.

Tony voltou para sua mesa e se sentou. Acenou para me sentasse no grande sofá preto no canto da sala. O ambiente não era muito grande, mas, bem sofisticado.

Havia duas mesas de vidro. A dele e uma outra vazia. As paredes brancas com quadros abstratos e coloridos, deixavam o ambiente alegre.

— Você também é publicitária? – Tony perguntou.

— Ah, não – disse balançando a cabeça em negativa.

— Sei – ele resmungou. — Alana é diretora de Marketing. Interessante – ele sorriu.

Diretora de Marketing? Adrian está pirando?

— Se não é publicitária, então... – ele me olhava com curiosidade.

— Então, senhor Antônio Alves – Adrian surgiu de repente e o olhava de uma tal forma que se tivesse a possibilidade de fuzilar o coitado, ele certamente o fuzilaria. — Preciso que saiba que a Srta. Sandler, é minha mulher. E, a formação dela, não está em discussão – concluiu.

— Desculpe, senhor – ele disse com a cabeça baixa.

— Preciso dos últimos relatórios. Sabe onde está o contrato que ela fechou na semana passada?

— Sim – o rapaz respondeu enquanto procurava algo no imenso armário atrás dele. Puxou uma pasta vermelha e entregou a Adrian dizendo:

— O comercial já foi aprovado e o contrato assinado. Mas, temos um problema – ele disse mordendo o lábio.

— Diga.

— A montadora contratou o famoso Jason Maxwell para o comercial.

“Jason Maxwell, Jason Maxwell, oh puta que pariu!”

— O quê?

A expressão de Adrian mudou assim que Tony mencionou o nome de Jason. Isso não vai dar certo.

— E o próprio Jason, exigiu que déssemos suporte na gravação.

— Jason exigiu? — ele pareceu surpreso. — Não é o nosso trabalho, Tony — ele rosnou. — Isso está fora de cogitação — Adrian disse soltando fogo pelo nariz.

— Eu entendo. Mas, Alana fechou o contrato com um adendo. Ela concordou em acompanhar as gravações e dar o suporte necessário.

Adrian estava desnorteado. Ele andava de um lado para o outro passando as mãos pelos cabelos.

— Tudo bem. Você acompanhará tudo.

— Mas senhor, eu não tenho a experiência necessária. Sou apenas um estagiário e a Alana a diretora. Ela quem deveria...

— Tony — Adrian suspirou tentando manter o controle. — A Srta. Alana está de licença. Na ausência dela, você responde.

— Sim, senhor.

— Quero que me deixe a par de tudo. E, Verônica?

— Sim — disse levantando-me do sofá.

— Venha. Vou lhe mostrar sua sala.

Caminhei rapidamente até ele e o acompanhei pelo corredor. Havia apenas duas salas.

— A sala da direita é para as nossas reuniões. E essa aqui — disse guiando-me para dentro da sala. — Será sua provisoriamente.

Fiquei embasbacada com que vi. A sala era enorme e a decoração chiquérrima. Havia uma mesa enorme de vidro preta e atrás da mesa, uma parede toda decorada com letras coloridas. Nela estava escrita "Propaganda, Marketing, Publicidade". O piso em porcelanato bege, dava toda a sofisticação ao ambiente. Os itens decorativos, mobília... Nada deixava a desejar. Mas, o que me deixou fascinada, foi a vista pela imensa janela de vidro. Simplesmente sensacional.

— Adrian — suspirei. — Isso está fora do meu alcance. E-eu não tenho nem ideia do que fazer. Não entendo de nada disso. Achei que me colocaria como secretária, assistente, ajudante, sei lá...

Adrian me olhava com diversão. Fechou a porta do escritório e se aproximou lentamente de mim com um sorriso no rosto.

— Eu sei. Mas, também sei que se esforçar um pouquinho, você conseguirá. Como eu disse, é provisório — ele disse e me abraçou.

— Praticamente, você não terá que fazer muita coisa. Alana volta daqui a uma semana. Eu explicarei tudo para você.

— Você tem certeza disso? – perguntei olhando-o fixamente. Ele só poderia estar louco.

— Sim. Depois que Alana voltar, você ficará comigo. Em minha sala – ele sorriu.

— Não sei não – disse puxando-o pela gravata. — Também não daria certo. Passar o dia inteiro ao seu lado, numa sala fechada...

— Está com pensamentos obscenos, Srta. Sandler? – ele perguntou arqueando a sobrancelha.

— Você quem está dizendo – disse dando-lhe um beijo demorado.

Quando Adrian se afastou, me olhou e disse num tom autoritário:

— Quero você longe de Jason.

“Estava demorando”.

Eu olhei para ele e vi uma certa insegurança. Como ele pode ser tão inseguro?

— Tudo bem – sorri.

— O que você precisar, pode pedir ao Tony. Tenho total confiança nele.

— Está certo.

— Eu vou te explicar tudo direitinho. Fique tranquila – ele sorriu passando a mão em meu rosto. — Gostou do telefone novo?

— Ah, sim. Só preciso colocar para carregar e começar a usar.

Estava aliviada que agora, estava livre do Charles. Para ser sincera, muito aliviada. Pelo menos por um bom tempo. Preciso apenas pensar num jeito de devolver a ele a quantia que depositou na conta da clínica. “Mas como farei isso?”.

— Crie uma conta de e-mail para você também. Vai precisar.

— Sim, chefe – disse em tom de diversão.

— Chefe é? Gostei disso – ele riu. — E tenha em mente que sou um chefe chato e controlador.

— Já imaginava – disse revirando os olhos.

— Bom saber que anda imaginado coisas comigo, querida – ele me puxou para ele e me bloqueou contra a parede. Levou sua mão esquerda até minha nuca e agarrou meus cabelos puxando-os

fortemente do jeito que meu olhar encontrasse o seu. Sua outra mão, passeava em minha coxa desavergonhadamente.

— Adrian... – suspirei fechando os olhos. Essa aproximação me deixava desnorteada. Adrian afetava todos os meus sentidos. Era como um imã. Nossos corpos se encaixavam perfeitamente.

— Shhhhhh! – ele sussurrou em meu ouvido. Ele foi beijando meu pescoço passando a língua e dando leves mordidas.

— Adrian, pare com isso – alertei.

Ele se afastou e me olhou com um sorriso.

— É praticamente impossível querida. Você me provoca com esse vestido minúsculo.

— Controle-se.

— Impossível – ele sussurrou em minha boca. — Olha como eu estou por você – sussurrou enquanto roçava sua ereção em mim. Ele estava duro. E eu, ficando cada vez mais excitada.

— Adrian pare. Ainda temos muitas coisas a fazer.

— Claro – disse me olhando e se afastou. — Mas quero que você tenha em mente meu amor, que mais cedo ou mais tarde, eu quero você aqui – disse passando a mão em cima da mesa enorme.

— Em cima desta mesa, para que eu possa fazer com você o que eu quiser – concluiu. Seu olhar safado me deixou enlouquecida. Por mim, arrancaria as roupas e deitaria agora mesmo naquela mesa. Mas não. Não quero misturar as coisas.

— Comporte-se, Sr. Miller. Não quero ter que relatar ao RH, que meu chefe controlador, anda me assediando – disse aproximando-me dele.

Adrian me puxou para ele e me deu um tapa de leve na bunda pegando-me de surpresa.

— Ai!

— Não me ameace, Srta. Sandler. A punição para isso, será pior do que a de hoje – disse puxando meu cabelo. Seu rosto tão perto do meu, dava para sentir seu hálito quente. A respiração ofegante...

— Hummm. Acho que gostei de ser punida – sorri maliciosamente.

— Você é insaciável – ele riu. — Vamos. Vou lhe apresentar aos funcionários, diretores... Quero que todos saibam que você é minha.

— Sua?

— Sim, minha.

CAPÍTULO 26

Adrian Miller

Após apresentar Verônica para quase toda a agência, deixei-a com Tony e fui para minha sala. Não queria que ela percebesse, mas, estava ávido de ódio. Jason Maxwell aqui? Era só o que me faltava. Vou matar Alana assim que ela colocar os pés na agência.

Filho da puta!

O que aquele infeliz tinha que fazer aqui? Aposto que deve até ter pago para aparecer nessa propaganda. Maldito riquinho metido a besta.

Sigo tentando concentrar-me em meu trabalho. São tantos papéis, que me perco inteiro.

O telefone toca. Eu atendo rapidamente.

— Pronto.

— Sr. Miller, o senhor Rômulo na linha três.

— Pode passar, Janaína.

“Lá vem mais problemas”.

— Pai?

— Adrian, filho! Como vai?

— Estou bem. E a mamãe? Tudo bem por aí?

— Sim. Ela está ótima. Te mandando um beijo.

— O que me conta? Algum problema? – pergunto curioso. Afinal, é quase um milagre receber a ligação do todo poderoso Rômulo Miller.

— Estou ligando para avisar que amanhã, estaremos desembarcando no Brasil.

— Uhum. Que ótimo! – disse com uma falsa alegria.

— Ficaremos apenas por dois dias. Temos um evento em São Paulo e assim que terminar, voltaremos.

— Legal. Já marquei a presença da Miller's na feira de publicidade. Será um grande evento.

— Então é isso filho, foi bom falar com você.

— Pai?

— Diga Adrian.

— O senhor não perguntou, mas... A Terry está ótima. Deveria ligar para ela algumas vezes.

— Mande um beijo para ela por mim. Até! – disse desligando o telefone.

Até quando eles irão tratá-la como se não se importassem?

Coloco o telefone no gancho e volto para o trabalho. Já tenho problemas demais para me preocupar com isso.

Depois de algumas horas, ouço uma batida tímida na porta.

— Entre.

Verônica aparece distribuindo sorrisos. Linda. Sempre consegue dissipar minha irritação com sua presença.

— Trouxe alguns contratos para você assinar. Tony disse que é sobre a conta com uma empresa de cosméticos. Precisa ser entregue ainda hoje – disse entrando e se aproximando de minha mesa.

— Como estão indo as coisas com Tony? – perguntei pegando os contratos.

— Ele está sendo muito atencioso – ela sorriu sentando na cadeira em minha frente.

— Atencioso? – arqueei uma sobrancelha. Atencioso? Sério?

— Sim. E pode desmanchando essa ruga de preocupação, Sr. Miller – ela sorriu. — Ele não faz meu tipo – ela diz só para me provocar.

— Ah, você tem um tipo? E que tipo seria este, Srta. Sandler? – perguntei franzindo o cenho.

Ela se levantou e caminhou até mim bem devagar jogando todo o seu charme. Sentou em meu colo e passou seus braços em meu pescoço. Olhava em meus olhos de um jeito, que conseguiu chegar até minha alma, e, antes que pudesse abrir a boca para falar

qualquer coisa, eu coloquei meu dedo indicador sobre seus lábios silenciando-a e disse: — Cuidado com a resposta, meu amor – sorri maliciosamente. — Pois dependendo do que me disser, sua punição poderá durar uma vida inteira.

Ela me olhou e deu um sorriso que fez meu coração parar.

— Meu tipo é Adrian Miller, conhece? – ela me olha séria e tento não rir. — O tipo controlador, autoritário, possessivo – de um jeito bem exagerado, – ela enfatiza o “exagerado”, me fazendo rir. — Carinhoso, doce, sensível e persuasivo.

— Uau! Sou tudo isso? – digo divertido. — Esqueceu de mencionar “totalmente apaixonado” – ela me olha e sorri.

— Bom saber. I love you – ela sussurra em minha boca e depois me beija.

— Eu também te amo – digo. — Que tal jantarmos num restaurante hoje?

— Hoje? Em plena segunda-feira? – ela diz surpresa.

— O que há de errado? – pergunto sem entender o porquê de sua reação.

— Hoje é segunda, Adrian – ela diz fazendo careta.

— Eu sei. Ainda não estou perdido no tempo, querida.

Ela se levanta e se afasta.

— Pensei em fazer algo mais romântico – ela diz um pouco tímida.

— Romântico? Sério? – levei a mão no queixo e fingi estar pensando. — Acho que não – sorrio.

— O que tem? Por que essa cara?

— Por que romântico não estava listado em meu perfil – eu começo a gargalhar deixando-a irritada.

— Tá legal – disse jogando uma caneta em mim. — Um filme, uma pizza... Juntinhos na cama. O que acha? – ela parou em minha frente debruçando em minha mesa deixando seu decote a mostra.

— Gostei da parte “juntinhos na cama”. Mas, eu escolho o filme. Detesto filmes dramáticos e melosos demais – disse levantando e me aproximando dela. Puxei-a pela cintura juntando nossos corpos e a beijei. — Fechado. Pizza na cama hoje. Só hoje.

— Bobo – ela sorriu. — Agora tenho que voltar. Tony está esperando pelos contratos.

— Está certa – disse pegando os contratos e assinando. — Aqui está. Prontinho – disse entregando os contratos a ela.

— Obrigada, chefe – ela riu e saiu rapidamente de minha sala.

Fiquei sentado ali, como um bobo sorrindo sozinho. Essa mulher mudou completamente a minha vida. Retiro o celular do bolso e digito a ela uma mensagem:

Adrian: Já sei o que vou fazer em nossa noite romântica.

Clico em enviar e espero. O celular apita após alguns minutos e há uma resposta.

Verônica: Quero saber! Preciso estar preparada psicologicamente <3

Adrian: Curiosa, querida? Não sei se devo contar...

Verônica: Você quem sabe. Se não me contar, de repente posso ter uma dor de cabeça a noite... ficar impossibilitada de fazer certas coisas...

Adrian: Chantagem com o chefe? Que coisa feia!

Verônica: Vai me demitir?

Adrian: Não. Vou te amarrar na minha cama, vendar seus olhos e te foder a noite inteira. Isso parece bom para você?

Verônica: Bom? Está de brincadeira? Vai rolar algo mais? Acho isso pouco. Muitoooo fraco.

Adrian: Ah, querida! Quer que te surpreenda, não é?

Verônica: Faça o seu melhor, chefinho!

Adrian: Vou pensar em algo para você. Tenha isso em mente.

Verônica: Tenho certeza que sim. Amo você!

Adrian: Eu também te amo.

Estava contando os minutos. Não via a hora de chegar em casa e poder estar ao lado dela.

Depois de muito trabalho, resolvi encerrar meu dia. Estava exausto.

Levanto-me da cadeira, pego meu telefone, carteira e as chaves do carro. Saio da sala apagando as luzes e sigo em direção a sala da diretoria.

Quando entro na sala, vejo Tony e Verônica sentados lado a lado conversando animados. Parece que estão se dando bem. Muito bem, por sinal.

— Já terminaram por hoje? – rosno. — Pelo bate-papo, acredito que os contratos estão todos prontos, não é, Tony?

— Terminamos por hoje, Sr. Miller. Os contratos estão prontos e já pedi para que fossem enviados para os contratantes – ele se explica enquanto Verônica se afasta.

— Então, podemos ir. Alguma notícia da Alana? Digo, ela ligou ou mandou avisar quando volta? – pergunto a Tony e Verônica me olha de uma forma estranha. “Será que está com ciúmes?” Espero que não. Já não será nada bom quando tiver que contar a ela que eu e Alana, fomos namorados na faculdade.

— Nenhuma notícia. Pelo que sei, ela volta na sexta-feira.

— Ótimo. Quarta preciso de você na feira de publicidade. Iremos eu, você, Verônica e o Roberto.

— Vamos palestrar esse ano? – ele pergunta enquanto arruma as coisas em sua mesa.

— Acredito que meu pai fará isso. Está vindo para o Brasil. Chega amanhã. Mas, precisamos estar lá. Temos muito trabalho e projetos para expor.

— Sim senhor – ele diz. Quando olho a procura dela, não a vejo.

— Até amanhã Tony. Pode deixar que eu mesmo fecho tudo.

— Até amanhã, senhor Miller.

Caminhei até o corredor e encontrei Verônica saindo da sala.

— Estou pronta – ela disse estendendo sua mão para mim.

— Então vamos para casa. Estou morto. Preciso de um banho e...
– puxei-a para um beijo. — De você ao meu lado – conclui.

Chegamos ao estacionamento. Entramos no carro e peço para que ela segure meu telefone e minha carteira.

— O que achou do seu primeiro dia? – pergunto e ela me olha sem muita empolgação.

— Muito bom. Apesar de não ter feito absolutamente nada, para ajudar o Tony. Apenas digitei alguns contratos – ela dá um meio sorriso.

— Você é inteligente. Vai aprender rápido – digo tentando fazer com que se anime. Ligo o carro e saímos.

— Não me disse que seus pais chegariam amanhã – disse parecendo chateada.

— Fiquei sabendo hoje. Virão apenas por causa da feira de publicidade.

— Ficarão em sua casa?

— Não. Minha mãe não se dá bem com a Terry. Aliás, é difícil ela se dar bem com alguém – digo rindo.

Fizemos o restante do trajeto em silêncio. Depois de algum tempo, Verônica cochila. Deve ter sido um dia e tanto pra ela. Um desafio.

Após meia hora, chegamos em casa. Estava morto de fome. Ela que me perdoe, mas com a fome que estou, não dá para encarar uma pizza não.

— Amor acorde! – disse afastando uma mecha de cabelo de seu rosto. — Estamos em casa.

Ela abriu os olhos ainda sonolenta e bocejou.

— Nossa! Estou morrendo de sono e de fome – disse abrindo a porta do carro.

Me aproximei dela e disse:

— Quanto a fome, eu posso te ajudar. Agora o sono, sabe que não vou deixá-la dormir, não é?

— O que está pensando aí nessa sua mente pervertida hein, Sr. Miller? – ela perguntou enquanto caminhávamos para dentro de casa.

— Você vai ver – disse sorrindo colocando minha mão em suas costas guiando-a para dentro da sala. Entramos e seguimos direto para o quarto tomar um banho. A primeira coisa que ela fez foi, tirar os sapatos e se jogar na cama.

— Nem pense. Vamos tomar um banho juntos.

Agarrei seus braços tentando levantá-la.

— Vá você primeiro. Depois eu vou. Estou com preguiça – ela riu.

— Tudo bem.

Tirei o paletó, a gravata e desabotoei a camisa jogando-a sobre a cama. Tirei as calças ficando apenas com minha boxer preta. Ela enviava olhares furtivos em minha direção me deixando excitado.

— Tem alguém aqui que não está com sono – disse apontando para o meu pau que já começava a dar sinais de vida.

Ela sorriu jogando o travesseiro em mim.

— Você é muito safado – ela resmunga.

Dou as costas para ela e entro no banheiro. Entro no chuveiro e deixo a água morna cair em meu corpo. Em poucos minutos, ela entra no banheiro. Está de frente para a pia se olhando no espelho.

— Amor, quando irá marcar a consulta no ginecologista? – pergunto lembrando que temos esse assunto pendente.

— Já marquei. Será na semana que vem – ela diz. — Seu celular está tocando.

Merda! Quem será a essas horas?

— Atenda pra mim, por favor – digo rapidamente. — Pode ser algo importante.

— Tá – diz saindo do banheiro.

Terminei meu banho, peguei a toalha e me sequei. Enrolei a toalha na cintura e sai.

Verônica estava sentada na cama com meu celular na mão e com uma cara nada boa.

— Quem era? – perguntei caminhando até o closet. Peguei minha boxer branca e uma bermuda preta.

Ela permaneceu em silêncio.

Aproximei-me dela e perguntei novamente.

— Quem era, Verônica?

— Alana – ela responde num tom que meus sentidos de alerta se acendem. “Mas que merda!”.

— Ela disse o que queria? – perguntei cauteloso.

— Não – ela respondeu levantando-se e deixando meu telefone sobre a cama. Passou por mim e entrou no banheiro trancando a porta.

“Pronto. Só me faltava isso”.

Dei três batidas na porta e disse:

— Amor, vou descer e arrumar algo para comermos.

Fiquei por alguns segundos esperando a resposta que claro, não veio. Não entendo essa reação dela.

Caminho até a cama e pego o celular. Ligo para Alana. O que será que elas conversaram?

O telefone toca, toca, toca... Caixa postal. “Merda!”.

Jogo o telefone na cama e saio do quarto. Desço as escadas e já posso ver Terry no sofá com um copo de uísque na mão.

— Bebendo, Terry? Sério? – pergunto irritado tirando o copo das mãos dela. Ela me olha com um olhar mortal.

— Vá a merda, Adrian – ela resmunga.

— Não vai beber – retruco.

— O que foi maninho? A clone te deixou irritadinho hoje? – ela me cutuca.

— Se disser isso mais uma vez, se referindo a ela desse jeito, vou te dar uma surra – digo com os punhos cerrados. — Cresça Terry. Está na hora já.

— Não estou nem aí. Não é louco de me bater – ela diz indo em direção a sala de jantar.

Caminho a passos largos atrás dela. Ela se senta e Maria está servindo o jantar.

— Boa noite Maria – digo cumprimentando-a.

Ela me olha e pergunta:

— Verônica não vem?

— Está no banho – digo. — Meus pais chegam amanhã, Maria. Talvez eles devam passar por aqui. Não tenho certeza mas, quero que esteja preparada.

— Sim – ela responde e sai.

Terry me olha como se tivesse nascido chifres em minha cabeça.

— Por que você os convidou? Sabe que mamãe me odeia – ela rosnou batendo o talher em seu prato.

— Não convidei ninguém. Papai vem para a feira de publicidade assim como todos os anos. Duvido que fiquem aqui.

— Espero mesmo que não – disse enfurecida.

Verônica entra e nos olha.

— Estou atrapalhando?

Eu a olho e vejo a mesma expressão. Ainda está chateada com alguma coisa.

— Não querida. Venha – estendi a mão para que ela se sentasse ao meu lado, e, ela me ignorou totalmente sentando do outro lado, perto de Terry.

“Mulheres!”

Terry aproveita a deixa para alfinetar.

— Estou sentindo uma tensão no ar – ela ri.

— Cale a boca – digo em tom de alerta.

— Maninho. Mal começaram a namorar e já assustando a garota – ela diz dando um gole em seu suco.

— Já disse para calar a boca – rosnei. Meu Deus, o que fiz pra merecer essa garota?

— Então Verônica, não está assim por causa de Sara, não é? Por que se for querida, não vale a pena. A mulher era um pé no saco. Adrian nem gostava tanto assim dela – ela diz rindo.

Verônica me olhou sem entender nada. Continuou a se servir nos ignorando. Prefiro assim do que começarem uma discussão sem sentido.

— Se você abrir essa maldita boca, juro que te jogo lá fora e irá dormir ao relento – disse já sem paciência para tanta infantilidade.

Mas, minha irmãzinha, sabe me deixar puto.

— Ah, já sei – ela disse com um ar diabólico. — Olha que interessante, parece que eu já revivi essa cena?

Dei um longo suspiro e tentei manter a calma para não esganá-la.

— Aposto que a Verônica conheceu a Alana – ela deu uma gargalhada e foi gota d’água.

Dei um soco na mesa que fez as louças vibrarem.

— Chega, Terry! – gritei.

— Acertei não foi? – perguntou olhando para Verônica. — É eu sei querida, Sara odiava aquela megera. Ela vivia dando em cima do... – não esperei que ela terminasse. Peguei-a pelos braços e as arrastando-a pela casa.

— Me larga seu idiota! – ela gritava. — Está me machucando, Adrian!

— Tem sorte que só estou machucando. Minha vontade, irmãzinha, é de arrancar sua cabeça – disse enfurecido chacoalhando-a enquanto subíamos as escadas. Continuei arrastando-a até que chegamos em seu quarto. Joguei-a em cima da cama e gritei: — É por isso que ninguém te suporta!

Virei as costas e tirei a chave da porta. Mostrei a ela dizendo:

— Vai ficar trancada aqui até que pense nas merdas que anda fazendo. Não vou deixar você atrapalhar outra vez meu relacionamento, Terry. Nem que para isso, tenha que jogá-la na rua e desistir de você – meu tom foi duro. Claro que jamais faria isso com ela. Mas, ela não precisava saber disso. Esta puto. Estava com raiva.

Olho para ela e seus olhos estão cheios de lágrimas. Ótimo. Quem sabe assim, ela sente que comigo agora será diferente.

Bato a porta do quarto e a tranco.

Quando me viro, Verônica está atrás de mim furiosa.

— Não acredito que irá deixar sua irmã trancada – ela diz abismada como se isso fosse uma monstruosidade.

— Vou – respondi prontamente. — E você não tem nada a ver com isso – digo ríspido passando por ela. Entrei em meu quarto e fui direto para o banheiro. Peguei minha escova de dente e fiz minha higiene.

Quando saí do quarto, Verônica estava sentada na cama. Me olhou e disse:

— Agora é uma boa hora para ser sincero comigo – ela sussurra.

— Não. Não é uma boa hora. Estou nervoso – digo me deitando na cama. Ela está de costas para mim, então, não consigo ver sua expressão que certamente, não deve estar muito boa. Foda-se.

— Ela te chamou de “meu amor”, assim que atendi o telefone – ela enfim disse com uma voz fraca. Estava com ciúmes então. Alana sempre foi carinhosa. Mas não que estivesse dando em cima de mim ou qualquer outra coisa. Temos um carinho especial um pelo outro mas é só isso.

— Então é isso? Não precisa ficar enciumada, querida. Alana é apenas minha funcionária e uma grande amiga – digo me aproximando dela. Me ajoelho diante dela e digo: — Eu amo você, meu amor. Só você. E você sabe disso.

Ela me olha confusa e diz:

— Eu sei.

— Então, não entre na onda da minha irmã e nem de ninguém. Se alguma coisa estiver incomodando você, quero saber. É assim que funciona um relacionamento. Não quero que esconda nada de mim. Nada. Se achar que alguma coisa não vai bem, só precisamos sentar, conversar e acertar tudo – digo levantando-me e puxando-a contra mim.

Ela me abraça e me dá um beijo doce.

— Tudo bem. Eu só fiquei um pouco irritada com a cara de pau dela em ligar para o meu namorado e ainda o chamar de “meu amor” – ela revira os olhos e dou um sorriso para ela.

— Você fica tão linda nervosa – digo passando a mão pelos cabelos dela. — Agora vá se trocar. Quero você na cama, sem nenhuma roupa – acrescentei.

— Não seja tão duro com sua irmã. Ela está num momento difícil – ela bufou.

— Não quero falar da minha irmã. Quero falar de nós – sussurrei.

Ela me olhou e vi desejo em seus olhos.

Deitei na cama enquanto ela se despia lentamente com um sorriso perverso. A cada movimento dela, meu pau ficava ainda mais duro. Essa mulher me excita de todas as formas. É praticamente impossível estar ao seu lado, sem a desejar.

Ela caminha nua até mim e para em minha frente, dizendo:

— Estou esperando... – ela sorri.

— Esperando? – pergunto confuso.

Ela se aproxima e sussurra em meu ouvido:

— Estou esperando ser amarrada, vendada e ser fodida a noite inteira – ela sorri olhando em meus olhos. — Isso soa familiar para você?

Olho para ela e... Céus! Ela vai me enlouquecer. Meu pau já está duro e só de pensar em tê-la amarrada na cama, sinto que poderia

gozar apenas pensando nela desse jeito.

— Então está querendo brincar? Minha safadinha – disse rindo. — Okay – digo puxando-a para cama. — Quero que fique deitada.

Levanto-me da cama e sigo até o closet trazendo nas mãos, duas gravatas. Uma vermelha e outra preta. Ela me olha confusa e pergunta:

— Gravatas?

Dou um sorriso e respondo com malícia.

— Ah, querida. Aposto que iria preferir algemas. Mas, como sabe, não sou nenhum sádico maluco que tem uma gaveta cheia de brinquedinhos exóticos.

Ela ri do meu comentário e fala:

— Fico feliz em saber. Odeio sádicos malucos.

— Agora fique quieta. Vou amarrá-la e vendar seus olhos. Isso vai ser divertido – sussurro em seu ouvido e sinto seu corpo todo estremecer.

Junto seus punhos no alto de sua cabeça e os amarro com minha gravata preta. Ela me olha excitada. Desço minha mão lentamente até seu sexo e confirmo: ela está pronta para mim. Ela geme com meu toque e diz: — Eu quero você.

Sua voz carregada de desejo me deixou em êxtase.

— Calma, querida – disse dando um beijo lento antes de colocar a gravata vermelha em seus olhos e vedá-la. — Pronto. Agora você está perfeita. Estou até tentado em sentar ali na poltrona e ficar apenas observando você assim, toda entregue a mim.

— Nem pense nisso Adrian. Não vai me deixar aqui, assim – ela resmungou.

— Assim como? – pergunto com tom de diversão levando minha mão até seu clitóris massageando-a lentamente. Ela arqueia os quadris e diz:

— Assim. Toda excita e molhada só pra você.

Sua voz carregada de sensualidade e desejo, me deixou maluco.

— Ah, querida. Fique tranquila. A diversão está apenas começando. E quando eu começar com você, vai implorar para que não pare – digo e dou um beijo longo e doce em sua boca perfeita.

— Agora sim – ela sorri.

Me afasto da cama e ando lentamente até o som. Ligo e coloco uma música para rolar. Vamos precisar para abafar os gritos que sei que ela dará.

Quando a música Chasing Cars – Snow Patrol, começou a rolar, me aproximei dela e disse sussurrando em seu ouvido:

— Se segura, meu amor. Hoje, vou fazer você ir as alturas.

CAPÍTULO 27

Verônica Miller

Com as mãos amarradas, olhos vendados e completamente nua, minha excitação só fez aumentar. Sinto Adrian se afastar e depois de alguns minutos, ouço uma canção. Ele colocou uma bela música romântica.

Ouçó seus passos cada vez mais perto. Esse lance de venda nos olhos é extremamente excitante. Fico ansiosa para saber o que ele irá fazer.

Ele está próximo de mim. Consigo sentir sua presença.

— Se segura, meu amor. Hoje, vou fazer você ir às alturas

– ele diz sussurrando em meu ouvido deixando-me arrepiada. Ele deita sobre meu corpo e me beija. Suas mãos acariciam meu rosto delicadamente. A cada dia que passa, sinto-me mais apaixonada.

Adrian descola seus lábios do meu e morde meus lábios. Sua língua traça um caminho do meu maxilar até meu pescoço, suavemente. O simples contato de sua boca em mim, já me faz querer gozar. Ele conhece meu corpo melhor do que eu mesma.

— Tão linda... – ele sussurra em meu ouvido, mordendo o lóbulo de minha orelha.

Sinto arrepios pelo corpo todo. Solto um pequeno gemido de prazer que o afeta. — Isso meu amor. Quero que se solte para mim. Quero ouvir você gemer.

Sinto seu pau cada vez mais duro roçando em mim, e, minha boceta se contrai a cada palavra dita.

— Adrian... – sussurro perdida em minhas sensações.

— Estou aqui... Pra você. Só para você – ele sussurra com uma voz sexy e desce lentamente até meus seios distribuindo beijos no caminho.

Meu corpo começa a esquentar e quero senti-lo dentro de mim.

Sinto sua boca em meu seio e sua mão em meu outro. Ele morde devagar meus mamilos e vai aumentando a intensidade das mordidas aos poucos. Eu gemo enlouquecidamente. A dor misturada com o prazer, causa uma sensação diferente. Ele suga meus mamilos com vontade e desce sua mão até minha entrada, fazendo-me soltar um gemido rouco. Eu quero tocá-lo, olhá-lo, mas, essa impossibilidade está me deixando cada vez mais louca.

— Você está molhadinha – ele diz. Adrian se afasta de meus seios e vai descendo passando sua língua sobre meu corpo, até que sua boca se encontra com meu sexo. Sinto-o lambe minha boceta. Ele separa meus lábios vaginais com os dedos e enfia sua língua em minha entrada me deixando a ponto de gozar. Puta merda! Como isso é bom!

Sinto-o se afastar e choramingo com a falta de contato. Logo agora que estava quase gozando?

Ele está subindo pelo meu corpo. Posso sentir o calor que emana dele.

— Quero que abra a boca querida e coloque sua língua para fora – ele diz todo sexy mas não consigo deixar de rir com esse pedido. Automaticamente, sinto um fisgada em meu sexo. Ele beliscou minha boceta? Sério?

—Vamos. Faça o que eu te mandei. Dê sua língua para mim, querida – meu gato mandão, repetiu.

Fiz o que ele mandou. Coloquei minha língua para fora e no mesmo instante, pude sentir sua língua lambendo a minha. Uau!

— Quero que sinta seu gosto em minha boca – ele sussurra. — O gosto dessa sua bocetinha gostosa. Está sentindo? – ele pergunta.

— Sim – digo com a respiração pesada. Se ele continuar a fazer esse jogo, juro que vou gozar sem nem mesmo ser penetrada.

Ele me beija possessivamente, um beijo longo e duro.

Quando nossos lábios se desconectam, ele diz:

— Eu vou erguer você. Não se preocupe que estarei te segurando – diz e me beija.

Me erguer? Me erguer como? Esse homem é louco?

— Adrian... – minha voz sai em tom de súplica.

— Shhhhhh! Apenas sinta, querida. Relaxe e apenas sinta.

— Vamos. Dê-me suas mãos – ele pede e estendo-a para que ele. — Vou te desamarra apenas por enquanto.

Adrian desamarra o laço da gravata em meus punhos e sinto suas mãos esfregarem com cuidado o local. Ele me guia para fora da cama e andamos lentamente pelo quarto.

— Aqui – diz ele me bloqueando contra a parede. — Eu vou me abaixar e colocar suas pernas em meu ombro. Não se preocupe, estarei te segurando.

— Não posso tirar a venda? – pergunto querendo tirar a venda para registrar esse momento em minha mente.

— Não – ele diz todo autoritário. — Quero que apenas sinta.

Adrian me suspendeu em seu ombro deixando minhas pernas uma de cada lado. Suas mãos estavam em minhas costas me segurando com firmeza. Meu primeiro gemido veio assim que fui atacada por sua boca. Tentei me agarrar em alguma coisa para me equilibrar. Não havia nada. A sensação era avassaladora.

Adrian seguia com sua língua em meu sexo, chupando-me e dando leves mordidas. Ele massageava meu clitóris com sua língua me deixando num alto nível de excitação. Ele gemia e sua mão em minha cintura me apertava cada vez mais forte. Não poder vê-lo, olhá-lo naquela posição, me comendo com sua boca talentosa, estava me matando.

— Adrian... – eu sussurrava o nome dele em tom de súplica. Estava no meu limite. Pronta. Pronta para ele como sempre estive, desde o primeiro dia em que senti o toque de suas mãos em meu corpo. Naquele dia, eu já sabia que seria o meu fim para todos os outros homens. Ninguém me fez me sentir tão amada, tão especial...

As contrações em meu ventre estavam surgindo. Podia sentir meu orgasmo se construindo lentamente elevando o nível do meu prazer. Eu gemia alto a cada ataque em meu clitóris. Ele realmente sabe como me deixar louca. Quando comecei a sentir os espasmos, ele intensificou a massagem em meu clitóris com sua língua e não resisti. O filho da puta sabia que estava gozando.

— Ohhhhhhhhhh Adriannnnn... Estou gozandooo! – gritei para os quatro cantos do quarto. Meu corpo amoleceu na mesma hora.

Gozei tão intensamente, que minhas forças foram juntas.

Fiquei ali, suspensa em seu ombro de costas contra a parede do quarto, tentando normalizar minha respiração. Adrian me abaixou lentamente, e me beijou.

— Eu te amo – ele sussurrou.

— Uau! – disse ainda tentando normalizar meus sentidos. — Eu também amo você.

Ficamos ali, abraçados por um tempo, até que Adrian me guia de volta para a cama e retira a venda dos meus olhos.

— Quero que deite-se de lado, agora – diz.

“Lá vem ele com seu tom mandão!”

Deitei de lado como me pediu e ele se juntou a mim se posicionando por trás. Ele juntou todo meu cabelo e segurou com uma mão.

— Levante sua perna, meu amor. Vou foder você assim – sussurrou.

Eu me excitava só com o seu comando.

Levantei minha perna jogando-a em cima dele. Meu sexo ficou exposto ao seu toque. Ele beijava meu pescoço, chupava e mordia. Eu apenas gemia com seus toques habilidosos.

— Enquanto eu estiver fodendo essa bocetinha, quero que se toque para mim. Entendeu?

Oh meu Deus! Como ele pode ficar tão sexy sendo mandão desse jeito?

— Sim – respondi com a respiração acelerada.

— Então comece. Quero ver você se masturbando para mim.

Fiz exatamente como me pediu. Levei minha mão até meu clitóris e comecei a massagear. Soltei um gemido e ele sorriu.

— Isso, amor. Continue.

Sem esperar, Adrian me penetra devagar. Começa lento até enfiar todo seu comprimento em mim.

— Você é tão apertadinha. Me deixa louco sabia?

Eu gemia em seus braços.

Adrian foi aumentando o ritmo de suas estocadas me deixando perdida. Quando ele deu uma estocada funda, eu gritei.

— Isso, grita pra mim, vamos – ele diz aumentando ainda mais o ritmo.

— Adrian...

— Vamos querida. Quero que goze no meu pau bem gostoso.

Adrian com sua boca suja, me deixava ainda mais excitada.

Ficamos assim, no vai e vem entre gemidos e gritos. Até que cai mais uma vez num orgasmo intenso.

Rapidamente, Adrian me vira de bruços e me puxa pela cintura contra ele. Ele enrola meus cabelos em suas mãos e puxa me fazendo gemer.

Sinto o primeiro golpe em minha bunda. Solto um grito de surpresa.

— É assim que você gosta, não é? – diz agora espalmado sua mão do outro lado e alisando. O som do tapa ecoou por todo o quarto. — Anda. Diz pra mim que é assim que você gosta que eu te fodo – ele rosnou.

— Sim – foi a única palavra que minha mente conseguiu processar.

Adrian começou a me foder duramente. Suas estocadas estavam rápidas e possessivas.

— Quero ouvir, querida. Vamos. Gosta quando eu bato nessa sua bunda gostosa? – perguntou com a voz rouca.

— Sim... Oh, Adrian... Sim.

— Então vamos, querida. Quero ouvir você pedir. Quero ouvir você implorar – ele dizia ofegante.

Ele quer que eu diga? Que eu peça ou implore por ele? Eu faria mesmo que não me pedisse.

— Adrian... – supliquei.

— Vamos, querida – disse desferindo outra palmada em minha bunda.

— Ahhhh! Isso Adrian... É assim que eu gosto – disse enquanto ele puxava meu cabelo. O som dos nossos corpos se batendo, nossos gemidos e gritos, a essas alturas, podia ser ouvidos pela casa inteira. Adrian era um amante feroz. Um selvagem. E eu estava completamente apaixonada. Eu amava tudo nele. Tudo.

Pude sentir meu orgasmo vir novamente. Meu corpo já convulsionava enquanto Adrian dizia:

— Isso, amor... Goze para mim...

Gozei mais uma vez intensamente. Todas as vezes com ele, eram diferentes. Sensações diferentes, prazeres diferentes. Adrian sabia exatamente enlouquecer uma mulher.

Joguei meu corpo no colchão e Adrian se jogou em cima de mim. Como ele consegue resistir a tanto? Ele beijava minhas costas e meu pescoço sussurrando: “Você é tão linda. Eu amo você. Como você é gostosa”.

Eu adorava ouvi-lo dizer essas coisas.

— Venha – ele disse saindo do modo romântico para mandão.

Adrian deitou na cama e me pediu para que me sentasse em cima dele.

— Eu vou. Mas antes... – disse procurando a gravata pela cama.

Ele ficou me observando. Quando achei a gravata vermelha, balancei em frente a ele dizendo:

— Vou vendá-lo, como fez comigo – sorri e ele me olhou em alerta.

— Negativo – respondeu. — Quero olhar você.

— Não. Não. Não – disse me aproximando e ele me bloqueou segurando meus punhos.

— Eu disse não, querida.

— Está com medo? – perguntei zombando.

— Medo? Ah, não – ele sorri.

— Então, espere. Disse levantando-me da cama e procurando a outra gravata.

— O que está fazendo? – perguntou assim que me viu com as duas gravatas.

— Vou te amarrar. Que graça tem só eu ficar amarrada?

— Mas eu nem deixei que ficasse por muito tempo – ele rosnou.

— Relaxa querido. Apenas sinta – sorri e beijei sua boca. — Quero você sentado para que possa amarrá-lo.

Adrian me olhou perplexo e sorriu.

Ele se sentou na cama com as costas apoiada na cabeceira.

— Vire-se apenas um pouco. Vou amarrar suas mãos para trás.

Ele se virou com um sorriso malicioso e disse:

— Ah, Veronica. Você está ferrada quando eu te pegar.

— Mal posso esperar – disse passando a língua pelo seu tórax definido.

Depois de amarrado, chegou a hora da venda.

Coloquei a gravata delicadamente sobre seus olhos e amarrei. Pronto. A diversão agora era minha.

— Você não sabe como essa visão é excitante – disse passando o polegar em seus lábios.

Colei meus lábios no dele e me afastei rapidamente deixando-o com aquele gostinho de quero mais.

— Venha querida, sente-se aqui, no meu pau, venha – ele dizia suplicante.

Será que ele não percebeu que não estava em condições de mandar?

Segurei seu pau bem na base e comecei a chupá-lo. Seu comprimento era longo e grosso. Eu o chupava com vontade. Conseguia senti-lo ficar ainda mais duro em minha boca.

Adrian gemia. Os sons que ele fazia me deixava excitada. Parecia um animal. Quando senti que ele estava bem perto, me afastei e ele protestou.

Sentei de frente para ele, colocando uma perna de cada lado.

Agora poderia começar a minha tortura.

Levei minha mão até meu clitóris e comecei a massageá-lo. Fiquei ali, me proporcionando prazer, olhando para ele amarrado e vendado em minha frente. Comecei a gemer para provocá-lo.

— O que está fazendo? – ele pergunta confuso.

Sorriso internamente. Ele vai ficar uma fera. Não digo nada. Apenas sigo gemendo.

— Verônica? – seu tom muda completamente. — Está fazendo o que eu estou pensando?

Olho para ele e sua expressão não é nada boa.

— Depende – digo para provocar. — Não sei o que está pensando?

— Está... Se tocando? – ele parece indignado.

— Sim. Você disse que adora me ver se tocando – respondo.

— É disse bem. Adoro ver – ele rosnou. — Anda, me solte. Me desamarre – ele voltou com seu tom autoritário.

— Não – disse entre gemidos. — Ohhhhhh Adrian...

— Verônica, não tem graça isso. Me desamarre, por favor – ele implora.

— Gosto de te ver assim. Me excita – o provoco.

Fiquei ali me masturbando por algum tempo, gemendo cada vez mais alto para ele. A expressões que ele fazia era impagável.

O mais impressionante, é que seu pau ainda continuava ali, a meio mastro.

Aproximei-me dele e me encaixei em seu pau lentamente enquanto ele gemia. Comecei minha cavalgada devagar. Queria senti-lo por completo dentro de mim.

Dei um beijo lento em sua boca e tirei sua venda. Ele me olhou com os olhos semicerrados e disse:

— Sabe que vou matá-la por isso, não sabe?

— Então mata-me. Mata-me de prazer – digo e ele ri.

— Agora me desamarre – ele disse franzindo o cenho.

— As amarras não estão em negociação, querido. Quero que me foda assim. Desse jeito.

Ele deu um sorrisinho torto e disse:

— Então venha que sou todo seu.

Coloquei meus braços ao redor do seu pescoço e comecei minha cavalgada bruta. Em pouco tempo, nós dois explodimos juntos, num orgasmo sensacional, gemendo e gritando com nossos corpos convulsionados.

Tirei suas amarras e ele me abraçou dando-me um beijo apaixonado.

Em pouco tempo, caímos num sono profundo.

Acordo e não vejo Adrian ao meu lado. Levanto-me ainda sonolenta e dolorida da noite de ontem. Caminho até o banheiro e tomo um bom banho. Faço minhas higienes matinais e saio.

Vou até o closet e pego um vestido creme que vai até um pouco acima de meus joelhos. Pego minha lingerie branca e meu scarpin nude.

Faço uma maquiagem leve, hidrato minha pele e me perfumeo. Pego minha caixinha de joias e pego um bracelete de ouro e uma gargantilha.

Ótimo. Estou pronta.

Saio do quarto levando minha bolsa. Desço as escadas e vejo Maria arrumando algumas coisas no bar.

— Bom dia, Maria – digo cumprimentando-a.

Ela parece assustar-se com minha presença.

— Bom dia Srta. Sandler – ela diz formalmente.

— Onde está Adrian? – pergunto curiosa.

— Está no escritório – ela diz cautelosamente.

— Vou até lá então – digo me dirigindo até o local.

— É... Verônica? – Maria sussurra.

Me viro olhando para ela que está relutante em dizer algo.

— Sim...

— Ele está numa reunião. Não está sozinho. Pediu para que ninguém o interrompesse – disse me olhando fixamente.

— Oh, desculpe. Não sabia que ele acostumava a atender os clientes em casa.

— E quem te disse que é um cliente? – Terry surgiu do nada dizendo em tom de diversão. — Ele está batendo um papinho com a ex-namorada – ela sorri se jogando no sofá.

“O quê? Ex-namorada?”

— Terry! – Maria gritou.

— Pode ir até lá. Alana vai adorar conhecê-la – ela diz com um sorriso de deboche que me fez ter vontade de partir sua cara ao meio.

“Alana? Ex-namorada?”

A raiva começou a subir, vi tudo escuro em minha frente. O que essa cadela estava fazendo aqui? Porque Adrian não me disse que... Ah! Esquece.

Segui batendo os pés de tanto ódio. Parei em frente a sala em que estavam e bati na porta.

“— Disse que não queria ser interrompido”...

Ele grita do outro lado da sala mas, sigo batendo ainda mais forte. Filho da puta. Quem pensa que é pra me enganar?

Depois de alguns minutos, a porta se abre e aparece um Adrian furioso.

— Amor, espere um minuto. Não posso falar com você agora – ele me olha e eu fico ainda mais puta da vida. Passo por ele como um relâmpago e entro na sala.

Sentada num grande sofá de couro marrom, está a infeliz. Linda, loira e vulgar. Paro alguns instantes para recobrar minha sanidade. Me acalmo e digo para uma mulher embasbacada em minha frente: — Você deve ser a Alana?

Ela me olha com os olhos petrificados. “Mais uma cretina me achando a cara da defunta”. Pelo menos para ela, seria um ponto a favor.

— Nossa! – ela enfim respira. — Sim sou eu. Muito prazer – ela diz levantando o rabo magricelo e vindo até mim para me cumprimentar. “Prazer nenhum, vadia”.

Adrian nos observa e diz:

— Verônica, pode nos esperar lá fora?

— Não. Não posso – digo como uma garota mimada e claro, não arredo o pé daqui nem morta.

— Querida, estamos resolvendo alguns problemas sobre o contrato da propaganda que será gravado essa semana – ele diz calmamente mas, sei que está puto por ser contrariado.

— Ótimo – sorrio. — Já que estou ocupando o lugar da Alana, nada melhor do que eu ficar por dentro de tudo também.

Adrian me fuzila com o olhar.

— Como assim em meu lugar? – ela pergunta abismada.

“É, cadela, em seu lugar. Sua cadeira, sua mesa...”. Ai que ódio.

— Verônica está ajudando o Tony na sua ausência – Adrian pigarreia.

— Adrian querido, sabe que detesto isso. Eu mesma auxilio o Tony – ela resmunga.

“Adrian, querido?”. Isso já é demais.

— Você está de licença, Alana – ele diz.

— Volto amanhã. Então, acho que a presença dela é dispensável – ela me olha e eu tenho vontade de voar em sua garganta. Sujeitinha mais ridícula.

— Que bom que está recuperada. Achei que precisaria de mais tempo – Adrian diz todo preocupado me deixando possessa.

— Mas, acho que sua... – ela parou para me dar uma boa secada. — Namorada, pode ser aproveitada em outro setor – ela sorri tentando ser simpática. Bruxa.

— Mulher – digo olhando para ela.

Ela me olha sem entender.

— Sou a mulher dele. E não, namorada – ênfase.

Olho para ela e a bruxa fica sem falas. Ótimo. Comigo essa cobra não se cria.

— Bom. Adrian, amanhã nós terminamos nossa reunião. Estarei na agência logo cedo – ela diz se aproximando dele e beijando-o no rosto com certa intimidade.

— Agradeço por ter vindo – Adrian diz.

Juro. Se eu tivesse uma estaca, uma flecha ou até mesmo uma faca – que seria mais fácil de conseguir –, fincaria direto no coração dela.

Eles se despediram e a megera não fez nem questão de fingir que gostou de mim. Saiu sem olhar na minha cara.

Saiu rebolando aquele traseiro seco, em seu vestido ridículo da época da minha bisavó.

Adrian a acompanhou até a porta da sala, e claro, fui junto para garantir que ela não o atacasse. As intenções dela eram nítidas.

— Que porra foi aquela? – Adrian grita e minha paciência para mentiras está no limite.

— O que essa cadela veio fazer aqui? – grito de volta.

— Não admito que fale desse jeito dela – ele rosna me deixando ávida de ódio.

Maria sai de fininho da sala e Terry nos olha com curiosidade. Aposto que está adorando ver o circo pegar fogo.

Caminho em direção a escada. Subo cada degrau praguejando a existência daquela loira aguada. Adrian vem logo atrás falando um monte de bobagens que eu prefiro nem ouvir.

Entro no quarto já caminhando em direção ao closet e pego minha mala. Foda-se.

— O que pensa que está fazendo? – ele grita pegando a mala da minha mão, jogando-a no chão.

— Vou para minha casa – digo com firmeza.

— Não. Não vai.

— Por que não me contou que ela era sua ex? – pergunto em tom de acusação.

Ele me olha desesperado e diz:

— Quem te disse isso? – ele pergunta. — Ah, claro. Terry – ele conclui por si próprio.

— Deveria ter me contado – grito furiosa.

— Está sendo infantil, Verônica. Isso aconteceu há muitos anos.

— Não interessa, Adrian. Isso é o tipo de coisa que agente conta logo que se conhece – disse chateada.

— Ah é mesmo? Para mim, isso não importa – ele bufava. — Porra! Será que vou ter que passar pelas mesmas chateações? Está sendo igual a Sara.

— Não me compare com ninguém porque eu odeio – grito ainda mais furiosa.

— Eu tive sim um relacionamento com ela. Há muitos anos. Na época da faculdade. Logo depois conheci a Sara e nos casamos. Está contente? – ele disparou as palavras com raiva.

— Ah, ótimo. Contentíssima – disse caminhando para pegar minha bolsa.

— Você não vai embora – ele alertou.

— Você viu como ela falou comigo? – disse com a voz embargada. As lágrimas começaram a surgir e estava puta de que me visse chorar nesse momento.

— Eu vi. Vi uma ceninha ridícula de ciúmes. Ela não me quer querida. E mesmo se quisesse, meu coração já tem dona. E é você – disse se aproximando e me abraçou.

— Não quero ela perto de você – rosnei.

— Amor, eu amo você. Você – ele sussurrou me dando um beijo.

Secou minhas lágrimas e disse:

— Não quero esse tipo de comportamento na empresa. Terá que se acostumar com ela. Somos agora apenas bons amigos. Você me

conhece o suficiente pra saber que não existe outra mulher em minha vida – disse olhando em meus olhos.

— Tudo bem – digo para não contrariar.

— Prometa-me que não vai ficar colocando minhoca nessa cabecinha?

— Prometo. Mas eu vou ficar de olho nela – resmunguei.

— Eu já disse a você, Não há com que se preocupar. Mudando de assunto, vou para o aeroporto buscar meus pais. Quer ir?

— Como vamos se o porche só cabe nós dois? – pergunto curiosa.

— Vou pegar o outro carro. Está na casa do meu pai. Tinha deixado com a Terry, mas, ela não tem responsabilidade. Tirei dela assim que foi presa – ele diz ajeitando o paletó.

— Adrian... – sussurro.

Ele me olha e diz:

— O que foi?

— Não quero que essa mulher fique entre nós – digo com o coração apertado.

— Então, não a coloque em nosso meio – ele responde e me beija. — Eu amo você.

Ele diz e se afasta.

— Eu já estou pronta – digo.

— Ótimo. Então vamos. Encerramos essa discussão por aqui – ele finaliza.

— Sim.

CAPÍTULO 28

Adrian Miller

O resto do dia não foi como o esperado. Verônica ficou com a cara fechada e só falava o essencial. Estava monossílaba. Eu deveria saber que isso não daria certo. Por que Alana tinha que aparecer em minha casa?

Se eu ficasse alimentando as desconfianças de Verônica, minha vida iria virar um inferno. Passei muito tempo do meu relacionamento com Sara, brigando por causa da Alana. Não queria que a história se repetisse. Preferi dizer que Alana não me queria do que confirmar a ela que sempre teve vontade de se enfiar em minha cama. Eu só preciso mantê-la afastada. Só isso.

Quando chegamos ao aeroporto, minha mãe quase enfartou olhando para ela. Verônica pareceu não se abalar. Pelo menos, não mostrou reação nenhuma. Foi indiferente. Meu pai como sempre, galanteador. Gostou dela logo de cara.

Conversamos sobre a palestra na quarta e os levei para casa. Em nenhum momento, eles tocaram no nome da Terry. Dá até para entender o porquê da garota ser como é.

Dirigindo agora para a agência, Verônica me olha e diz:

— Podemos antes passar na clínica? Hoje é dia de visita e quero tanto ver minha mãe.

— Claro, meu amor – digo ao vê-la amuada.

Com tantos acontecimentos, até me esqueci de falar com os médicos sobre a possibilidade de retirá-la de lá para ser tratada em casa. Claro que não seria algo para se fazer assim, as pressas. O caso dela era complicado e não queria prejudicar sua saúde em nada.

Assim que chegamos à clínica, Verônica se dirige ao quarto em que ela está e sigo a procura da direção do lugar. Fico longos

minutos conversando com o neurologista e descubro que o quadro dela se agravou devido a uma forte pneumonia.

— Como deixaram isso acontecer? – pergunto furioso. — O tratamento dessa clínica é um dos mais caros do país. Chego aqui e vocês me dizem que uma paciente está entubada por causa de uma pneumonia? – pergunto indignado com o descaso.

Nesse instante, Verônica aparece com os olhos vermelhos. Odeio vê-la chorar. Ela me abraça e os soluços dela aumentam.

— Shhhhh! Não chore, por favor – digo dando um beijo em sua cabeça.

Olho para o médico e disparo com minha voz autoritária:

— Quero que me mantenha informado sobre o quadro clínico da Sra. Sandler. Se ela espirrar, quero ser informado.

— Estamos fazendo o possível pela recuperação dela – ele diz fracamente.

— Ótimo. Agora se vira e faça o impossível também – digo deixando meu cartão em sua mesa e saio levando Verônica comigo.

— Vamos para casa – digo já sentado no banco do carro.

— Eu estou bem – ela diz secando as lágrimas. — Você precisa trabalhar, amanhã é a feira e não quero te atrapalhar.

Olho para ela e me dói o coração de vê-la nesse estado.

— Querida, nada é mais importante pra mim, do que ficar ao seu lado – digo sincero e arranco um sorriso tímido dela. — Posso trabalhar de casa. Você descansa e eu fico lá com você.

— Não precisa. Eu estou bem para ir para a agência também.

— Negativo. Vamos almoçar e por hoje ficamos assim. Sua mãe ficará boa logo. Eu prometo que irei cuidar para que ela tenha o tratamento necessário – digo dando um beijo em sua boca.

— Obrigada – ela sussurra.

Já em casa, Maria nos serve o almoço. Já se passavam das três da tarde. Almoçamos e para minha surpresa, Maria me revela que Terry saiu com Jonas. Espero que ele coloque um pouco de juízo na cabeça daquela desmiolada.

Quando terminamos, subimos para o quarto. Peguei meu notebook e fui para a varanda enquanto Verônica tomava um banho.

Tirei a gravata e o paletó depositando com cuidado no encosto da cadeira. Li alguns e-mails e vi alguns contratos que havia pedido para o Tony digitalizar. Estava tudo certo para a exposição de amanhã.

Verônica sai do banheiro enrolada na toalha ainda com o corpo molhado. Vejo-a deitar sobre a cama totalmente nua e se cobrir com um lençol. A imagem dela sem roupa deixa meu pau duro. Preciso me concentrar para não largar tudo aqui e ir até lá fodê-la se sentido. Meu Deus! Quanto me tornei um animal insaciável?

Depois de algumas horas, termino meu trabalho. Saio da varanda e entro no quarto guardando meu notebook. Tiro minhas roupas e vou para o banho. Quando termino, deito ao lado dela encaixando nossos corpos delicadamente e cochilo.

— Bom dia, Maria – digo passando por ela na cozinha.
— Bom dia. Acordou cedo! – ela diz surpresa.
— Sim, a feira de publicidade é hoje. Preciso passar no escritório primeiro, pegar alguns documentos e fazer uma reunião com a diretoria – digo colocando meu café no copo.

— E Verônica?
— Ela está se arrumando. Sabe como são as mulheres – falo rindo. — E a Terry? Não vi a hora em que voltou para casa ontem.

Maria dá um sorriso sem graça e diz:
— Não voltou. Ela dormiu na casa do Jonas. Como assim? Dormiu na casa do Jonas? - digo. — O que está acontecendo que eu não estou sabendo? – pergunto com uma carranca.

— Não sei de nada. Espere ela voltar e então vocês conversam – ela retruca.

— Bom dia! – Verônica entra e se senta ao meu lado. Está linda vestida de branco e salto vermelho. Apesar do vestido ser um pouco curto, está espetacular.

— Bom dia, amor. Tome seu café que estamos atrasados. A reunião começará daqui a meia hora.

— Sim, senhor – ela diz batendo continência e eu não me aguento de rir.

Ela abre um sorriso lindo e me desmancho todo.

Quando terminamos, saímos apressados.

Ao chegar na agência, Verônica para na sala para conversar com Tony.

— Querida. Me espere aqui. A reunião não irá demorar – digo me afastando e ela assente.

Sigo para minha sala, pego os contratos, minha agenda e caminho até a sala de reuniões. Peço para minha secretária me acompanhar e seguimos juntos.

Conduzo a reunião com rapidez e seriedade. Estamos tentando fechar uma conta com uma empresa internacional e seria uma ótima expor algumas ideias para os publicitários e diretores. Depois de uns dez minutos, Alana entra na sala fazendo sua aparição magnífica. Não vou negar. Ela é uma mulher muito bonita e atraente.

— Desculpe o atraso – ela sorri e se senta a minha direita na imensa mesa de reunião. Com tantos lugares, ela cisma de se sentar bem ao meu lado. Isso vai ser difícil.

Continuo a reunião e após um tempo, encerramos. Cumprimento os diretores e funcionários e digo para nos encontrarmos na feira publicitária em duas horas.

Todos saem e Alana permanece.

— Que bom que já está recuperada. Achei que uma cirurgia como a sua, inspirava mais cuidados – digo juntando a papelada.

— Foi uma retirada de apêndice, Adrian. Não uma ponte safena – ela ri. — E já estou em casa faz um bom tempo. Já estava com saudades do trabalho – ela diz me olhando de um jeito malicioso se aproximando. Passou sua mão lentamente em meu peito fingindo alinhar minha camisa.

Talvez essa seja a deixa para colocar os pingos nos is.

Peguei em seu punho e a adverti:

— Alana, já disse a você centenas de vezes, isso não vai acontecer. Você sabe, você e eu – digo olhando-a fixamente ainda tão próxima.

— E por que não? Por causa daquela...

— Não. Não é por causa dela. Ou melhor, não só por causa dela. O que aconteceu conosco foi há muitos anos atrás. Ficou no passado. Espero que compreenda.

— Mas Adrian eu...

— Passado, Alana. Eu amo a Verônica. Se não puder conviver com isso, e começar uma briga como fazia com a Sara, terei que dispensá-la. E isso, seria lamentável porque sei como é competente. Uma excelente profissional. Mas antes de tudo, sempre escolherei ela – digo para que fique bem claro.

Para o meu azar, Verônica entra na sala acompanhada de Tony e nos pega daquele jeito. Rapidamente eu solto seu punho mas o estrago já estava feito.

— Me desculpem. Achei que a reunião tivesse acabado – ela diz e sai da sala. Empurro Alana que está me bloqueando e vou atrás dela.

A vejo no corredor apertando o botão do elevador. Aonde ela vai?

— Verônica! – chamo-a pelo corredor.

Ela me olha com indiferença.

— Olha não é nada disso que você está pensando, nós só estávamos...

— Eu não estava pensando nada, meu amor. Disse que haveria uma reunião. Só achei que estivesse terminado – ela diz com tom frio.

— Droga, Verônica. Não aconteceu nada – digo.

Ela se aproxima e me dá um beijo.

— Eu sei que não. Confio em você – ela diz me deixando aliviado.

— Venha, vamos até a minha sala?

— Claro – ela sorri dando-me a sua mão.

Nos viramos assim que o elevador apita.

— Verônica?

Ouçõ uma voz masculina atrás de nós.

Me viro no mesmo instante que ela.

Filho da puta! Como ele ousa?

— Não imaginei encontrá-la aqui – ele diz com um sorriso torto e tenho vontade que quebrar a cara dele.

— Jason? É um prazer em vê-lo – ela diz me deixando puto.

— Linda, como sempre.

Esse mané vai ficar babando nela na minha frente?

— Adrian Miller, não é? – ele diz com sua arrogância. — Prazer, Jason Maxwell – ele estende a mão mas a deixo no ar. Petulante.

— Em carne e osso – dou uma olhada mortal. — O que faz aqui? O comercial não seria rodado na sexta-feira?

— Ah, sim. Mas gosto de conhecer as pessoas no qual trabalho, antes de tudo. Você sabe, para criar aquela química – ele sorri. Mané.

— Estávamos de saída. Temos um evento e infelizmente, não terei como lhe dar atenção – digo para ver se ele se manca e cai fora. Seus olhos estão vidrados nela e tenho vontade de partir para o ataque.

— Adrian... – Alana aparece do nada como uma assombração. — O senhor Rômulo está subindo. Quer falar com você. Disse que é importante.

— Tudo bem. Vou esperá-lo aqui.

Alana sai nos deixando sozinhos.

— Como eu disse Sr. Maxwell, estou ocupadíssimo.

— Oh, claro. Não quero causar transtornos.

— Filho! – meu pai grita saindo do elevador. Ele me cumprimenta com um abraço e dá um beijo em Verônica. — Olha se não é o grande Jason Maxwell! – ele exclama.

— Rômulo! Quanto tempo – o filho da puta sorri. Desde quando eles se conhecem?

— Peço desculpas pela pressa. Temos uma palestra na feira de publicidade e preciso dar uma palavrinha com você antes – meu pai diz se desculpando.

— Eu estarei na feira também. Tenho uma coletiva por causa da propaganda da montadora de carros – Jason diz se enfiando no meio da conversa.

Ah é seu mané? Quem te perguntou?

— Claro – digo já sem paciência.

— Verônica, você não se importa se roubá-lo de você por alguns instantes, não é?

— Ela vem conosco – digo entre dentes. Nem morto deixaria ela perto desse idiota.

— Mas é claro que não – ela sorri. — Aliás, fiquem a vontade. Ficarei aqui com Jason.

— Vocês se conhecem? – meu pai pergunta e já estou farto desse mi-mi-mi.

— Sim. Eu tive o prazer de conhecê-la quando estive em Nova Iorque – o palhaço sorriu.

— Ah, estamos todos entre amigos então. Jason é um ótimo rapaz. Por que não vão na frente? A feira é a poucas quadras daqui. Assim não precisam nos esperar. Nos encontraremos lá – ele diz me fazendo ter vontade de matá-lo.

— Verônica, você fica. Iremos juntos – rosno puto de ódio.

— Querido, seu pai tem razão. Fiquem a vontade para conversar. Eu e Jason vamos para a feira e nos encontraremos lá – ela diz. Olho para ela e sei o que está tentando fazer.

— Para mim, parece ótimo – Jason sorri. Será que esse cara não cansa de mostrar os dentes?

Pedi licença para Verônica e meu pai chamando Jason de canto. Ele caminhou até minha direção com aquele ar de riquinho superior em seu terno escuro caro.

Olhei bem para ele e falei num tom ameaçador:

— Se eu ver suas mãos em cima dela, eu quebro sua cara e não vou nem me importar em aparecer nas páginas policiais.

Ele apenas sorri com ironia deixando-me ainda mais puto.

— Vamos pai – disse passando sem olhar na cara dela.

Ela me paga por isso.

CAPÍTULO 29

Verônica Sandler

Sei que posso estar dando um tiro no pé. Mas não posso deixar ser controlada por ele. Ele está visivelmente irritado com minha atitude. Infelizmente, não posso fazer nada. Tudo tem um limite. E o meu já estava transbordando.

Ele se afasta sem me olhar e seu pai o segue. Ótimo. Agora estou sozinha com esse cara. "Arrumei para minha cabeça".

— Seu namoradinho não gostou muito em me ver – ele sorri vitorioso.

— Por que será, senhor Maxwell? – pergunto com deboche.

Ele me olha com semblante sério e diz:

— Quase morri sem notícias suas. Não tiro aquele acidente da cabeça. Ver você daquele jeito, toda machucada, me deixou desesperado. Não tive a oportunidade de me desculpar – ele disse parecendo sincero.

— Vamos? – digo oferecendo minha mão a ele mudando de assunto.

— Claro.

Entramos no elevador e aperto o terceiro andar. Ele me olha confuso.

— Não íamos para a feira?

— Sim. Mas antes, preciso falar com um certo alguém – digo.

O elevador se abre e saímos em direção a sala de Tony.

— Tony, preciso dar uma palavrinha com a Alana.

— Sim, claro. Vou anunciá-la – ele diz pegando o telefone.

— Não é necessário – sorrio.

Passo pelo corredor e entro em sua sala sem bater. "Até parece que pediria licença para essa vaca".

— Verônica? Que prazer em vê-la – ela me olha surpresa com seu olhar de falsidade. — Em que posso ajudar?

Aproximo-me dela, o suficiente para que ouça minhas palavras e não reste dúvidas do que vou lhe dizer.

— Vamos, não precisa fazer de conta que está feliz em me ver. Conheço seu joguinho. E comigo, não vai funcionar – digo ironicamente deixando-a surpresa. — Eu não gosto de você e sei que o sentimento é recíproco. Portanto, vamos ao que interessa – conluo chegando ainda mais perto. Coloco minhas duas mãos em sua mesa e me abaixo o suficiente para que meus olhos fiquem na mesma altura dos seus.

— Eu não sou a Sara. Como vê, estou bem viva. Se atravessar o meu caminho, vou esmagá-la. Eu também sei jogar sujo. E se não me quiser como o seu pior pesadelo, sugiro que vá procurar outro homem para dar em cima. Não vou desistir do Adrian. Que fique bem claro isso – digo com tom assustador.

— Já que estamos no momento sincero, por que não pergunta ao Adrian, quantas vezes ele esteve em minha cama casado com a Sara? Com você querida, não será diferente. Ops! – ela diz colocando a mão na boca fingindo surpresa. —Talvez será, minha vantagem agora é que vocês não têm um filho para me atrapalhar – ela diz toda segura de si. Minha vontade é de arrancar os cabelos dela. Mas mantive a compostura. Ou, tudo se voltaria contra mim.

— Com filho ou sem filho, é a mim que ele ama. E vou fazer o que for preciso para tirá-la do nosso caminho. Brinque comigo e irá se arrepender – digo me virando em direção a porta. — Está avisada.

Sujeitinha arrogante. Não vou cair na dela. Adrian jamais me trairia.

Caminho até a sala do Tony.

— Vamos Jason – digo colocando meu melhor sorriso. Mas por dentro, tenho vontade de gritar.

— Vou com vocês. O senhor Miller me pediu para que os acompanhasse. Ele ligou enquanto estava na sala da Alana.

Ah! Ótimo. Bem a cara dele.

Jason me olha e ri. Deve ter pensado a mesma coisa.

— Então vamos Tony.

Mal colocamos os pés no Anhembi, vários fotógrafos já estavam posicionados e só conseguia ver as luzes dos flashes em meu rosto. Jason me puxou para ele enquanto um fotógrafo tirava uma bela foto para capa de revista.

— Está louco? – pergunto baixinho entre os dentes, fazendo cara de paisagem.

— É loucura querer uma foto com a mulher mais linda do evento? – ele sussurra me deixando atordoada.

— Ah, não. A não ser que goste de ter sua cabeça decapitada. Adrian vai matá-lo.

Tony passa direto por nós e desaparece.

Entramos logo em seguida. O lugar estava tomado por executivos de terno.

— Minha linda, eu adoraria ficar aqui ao seu lado, mas, o dever me chama. Preciso dar minha entrevista – ele diz e fico aliviada que não ficará no meu pé.

— Até logo – digo e ele me dá um beijo no canto da minha boca deixando-me desconcertada.

Fiquei rondando o lugar igual barata tonta. É horrível se sentir deslocada. Entrei nos estandes e assisti algumas palestras. O lugar estava cheio. Impossível encontrar Adrian aqui. Cheguei a ir no estande da Miller's, mas, só encontrei o Tony e outros funcionários. Será que ele está me procurando?

Dou mais uma sondada no salão. Nada do Adrian. Eu começo a ficar irritada com a possibilidade daquela vaca estar com ele.

Sigo a procura de um banheiro. Passo pela multidão e logo vejo placas sinalizadoras. Quando estou prestes a entrar no banheiro, ouço uma voz familiar que me fez estremecer.

— Verônica?

Olhei para trás e Charles estava com uma cara nada agradável. Pudera. Devia estar furioso. “Com tantos lugares, ele tinha que estar justamente aqui?”.

— Senhor Charles?

Minhas pernas pareciam gelatinas. Tentei ser o mais natural possível. Mas, na verdade, estava morrendo de medo de que ele fizesse uma cena.

Ele me empurra para dentro do banheiro fechando a porta atrás de nós. Agora estou frita.

— O que faz aqui? – questiona incisivo. — Por que não atende minhas ligações?

— Senhor Charles, e-eu não...

Droga! Não consigo me expressar e estou ficando ainda mais assustada com o jeito que me olha. Seu olhar sinistro está escuro. Os olhos verdes deram lugar a raiva e ódio.

— Você é minha, Verônica. Quando eu quiser, quando eu ordenar, quero que venha até mim. Estou te pagando bem caro para isso.

— Senhor Charles – suspirei procurando forças para dizer a ele o que deveria a muito tempo. — Eu não vou mais continuar. Vou devolver o seu dinheiro, mas não me peça para continuar.

— Está me achando com cara de idiota? Temos um contrato Verônica. Um contrato que diz que você é minha propriedade. Minha submissa. Apesar de compartilhá-la com vários homens, não aceito perdê-la para nenhum deles – ele diz num tom assustador com punhos cerrados me bloqueando na parede.

— Eu estou namorando, Charles. Não quero mais continuar nessa vida – digo com medo do que ele pudesse fazer. Mas, digo assim mesmo.

Ele me olha e começa a rir. Isso me irrita. Ele se aproxima segura meu rosto de forma que não possa mexê-lo e me beija. Quando se afasta, diz:

— Vai ser divertido conhecê-lo e dizer a ele que você é uma prostituta – ele rosna.

Ergo minha cabeça e rebato:

— Não perca seu tempo, Senhor Charles. Ele já sabe. Inclusive, devo agradecê-lo por indicá-lo – digo para que tire aquele sorriso

presunçoso da cara.

Ele me olha intrigado e logo saca o que quis dizer.

— Adrian Miller? Ah! Claro. Depois dele, você sumiu - disse ajeitando seu terno.

— Como disse, vou devolver o seu dinheiro. Não quero mais continuar. O contrato diz que posso sair quando quiser – digo confiante.

— Foda-se o contrato. Você é minha. E não vai ficar com aquele babaca! – ele diz furioso gritando bem perto do meu rosto me fazendo pular de medo.

Charles vai embora na mesma hora. Graças a Deus, agora posso respirar.

Abro a torneira e jogo água em meu rosto. Quando olho no espelho, o que vejo faz meu sangue do corpo inteiro se esvaír.

Alana.

Ela estava aqui o tempo todo?

— Veja só – ela sorri ironicamente. — Quem será esmagada agora?

Olho para ela sem reação. Meus olhos estão queimando e me seguro até o fio de cabelo para não chorar na frente dela.

— Agora Adrian me surpreendeu. Prostituta? – ela fez uma cara de nojo. — Tem certeza que ainda quer concorrer comigo? – ela ri. — Acho que não querida – diz saindo desfilando pelo banheiro e me deixando ali, totalmente desolada e desesperada.

“O que essa víbora vai fazer?”

Após me recompor, saio a procura de Adrian. Preciso dizer a ele antes que Alana possa dizer qualquer coisa. No caminho, sou abordada por sua mãe ao lado de Alana. “Era só o que me faltava”.

— Se está indo atrás do meu filho, não perca seu tempo. Quero que fique longe dele. Sua vagabunda – ela diz sem se importar com ninguém a sua volta. Alana está com o ar vitorioso na cara. Filha da puta. Não perdeu tempo.

— Isso é o que você quer – retruco. — Não seu filho – digo virando-me e ela segura meu braço.

— Você o ama? Então deixe-o. Imagine só quando a mídia descobrir que ele está namorando com uma prostituta. Já imaginou

como isso irá afetar sua vida profissional? Será um prato cheio para a mídia querida. Ele é filantropo. Como acha que a sociedade vai reagir ao saber que um homem que ajuda crianças, se relaciona com uma prostituta? Você vai acabar com a vida dele. E sabe o que ele vai fazer? Vai odiá-la.

— Me solte – rosno.

— Nunca gostei da Sara. Mas pelo menos, ela era uma mulher digna. Diferente de você – ela diz e é como uma facada no peito. — Quero-a longe do meu filho. Pode apostar que farei de tudo para afastá-lo de você. Quer pagar pra ver?

— Podemos mostrar a ele, a foto do tal Charles beijando-a no banheiro, o que acha Dona Nora? Bem típico de prostituta.

Tenho vontade de socar a cara dessa vaca. Maldita!

— Ele não desistiria de mim assim tão fácil. Mesmo se deixá-lo. Além disso, ninguém nunca irá saber, se você não contar.

— Mas, talvez eu conte, quem sabe. Você pode inventar uma boa desculpa. Que tal dizer a ele que arrumou outro mais rico?

— Você arruinaria a vida do seu próprio filho, só para me destruir? Sua... sua...Velha nojenta. Deveria estar cuidando da sua filha viciada. Ela não é tão melhor do que eu – digo e na mesma hora, ela me dá uma bofetada.

Algumas pessoas em nossa volta, adoraram o show.

Desgraçada.

— Vamos Alana. Essa mulherzinha já está avisada – ela diz e caminha para longe, como se nada tivesse acontecido.

Se eu já estava desesperada antes, agora estou apavorada, desolada, assustada... Não vou deixar ninguém me afastar dele. Não vou.

Procuro Adrian por todos os lugares. Enfim, o encontro conversando com um grupo de executivos. Fico por perto mas não me aproximo. Minha cara deve estar péssima e não quero preocupá-lo.

Quando termina, ele caminha até mim.

- Estive te procurando – ele diz irritado.
- Adrian... Eu quero ir pra casa – digo não conseguindo segurar minhas emoções.
- O que foi? Por que está chorando? – ele pergunta preocupado.
- Nada. Não estou me sentindo bem. Só isso – minto.
- Eu te levo – ele diz pegando em minha mão e caminhamos até o estacionamento.
- Mas e sua exposição?
- Te deixo em casa e volto. Não se preocupe.

Adrian me deixou em casa e fez como disse, voltou para o evento. Entrei, tomei um longo banho e me deitei na cama.

Pensei sobre tudo o que aconteceu hoje. Alana, Charles, e agora, aquela velha nojenta. Eles iriam fazer da minha vida um inferno. Não sei se estou pronta pra isso. Começo a chorar e penso se tudo isso vale a pena. Não quero fazê-lo sofrer. Não suportaria vê-lo sofrer. Talvez seja melhor nos mantermos afastados.

Eu tenho minha mãe para cuidar, não sei se vou conseguir continuar com minha antiga vida... Deus! O que eu faço? De certa forma, a velha tem razão. Se a mídia soubesse sobre mim, seria o caos na vida dele. Sua imagem ficaria abalada, arruinada. E isso, iria afetar nosso relacionamento. Talvez, não tenha nascido para ser feliz. Nunca fui. Sempre atropelada pela vida e pelas circunstâncias. Não sei se sou forte o bastante.

Levanto-me e começo a arrumar minhas malas. A cada peça de roupa guardada, uma lágrima rolava.

Quando tudo estava terminado, desci com a mala e a coloquei na sala. Agora, era só esperar por ele, e tentar fazer o que era certo. Desistir.

Quando Adrian passa pela porta, me olha e diz:

— Tem um táxi aqui fora, o motorista chama por você.

Ele olha para a mala e depois para mim, que estava sentada no sofá.

— O que é isso?

Tento reunir coragem sabe-se lá de onde.

— Estou indo embora – digo com a voz firme me levantando do sofá. Ele me olha sem entender e sorri. Aquilo acaba de despedaçar meu coração.

— Já disse que pode ficar aqui o tempo que quiser, meu amor – ele diz se aproximando. — Não precisa ir.

— Acho que não entendeu, Adrian. Estou indo embora. Definitivamente – digo um pouco rude. Quero que acredite no poder de minhas palavras. Preciso ser convincente e firme.

— Está... Indo embora? Tipo... Me deixando?

Ele começa a entender.

— Sim.

— E você diz isso assim?

— Quer que diga como? – perguntei franzindo o cenho. — Estou tentando tornar isso mais fácil, Adrian. Mais fácil para você.

— Como pode ser tão fria? – ele diz indignado. Hoje de manhã acordou dizendo que me amava e agora, sem mais nem menos, vai embora? Se for por causa da Alana, já disse que não temos nada um com o outro – ele diz desesperado.

— Eu não quero mais, Adrian. Achei que amava você. Estava enganada – disse mantendo a tranquilidade. Por dentro, meu coração estava dilacerado.

— É o Jason, não é? – pergunta e vejo as lágrimas aparecerem em seus olhos. Talvez seja melhor dizer a ele que sim.

— Desculpe. Aconteceu. Não planejei isso. É por causa dele sim – digo com um nó na garganta por estar sendo tão cruel.

— Verônica... – seu sussurro dolorido me mata. — Não faça isso comigo. Não vou suportar viver sem você – ele diz me abraçando e me beija. Eu me mantenho imóvel. Ele se afasta e diz: — Eu sei que me ama. O que foi que aconteceu? Por que está agindo assim?

A lágrima agora, rolava em seu rosto.

— Sinto muito.

— Então é isso? Eu me enganei e você estava apenas me usando?

— Eu só quero ir, Adrian. Será melhor assim. Você vai ver – digo pegando minha mala e saio sem dizer adeus.

Caminho até o táxi com Adrian em minha cola praticamente se rastejando. Ele está inconformado e grita que não vai desistir de mim assim tão fácil. Isso de alguma forma me deixa feliz e ao mesmo tempo, triste. Por saber que isso será mais difícil do que pensava.

Entrei no táxi e pela janela, vi um Adrian transtornado passando as mãos pelo cabelo totalmente derrotado. Fechei os olhos e deixei que minhas emoções florescessem. Eu faria o que fosse preciso, para protegê-lo. Para manter sua reputação. Até mesmo, abrir mão do meu amor. Mas elas não pensem que isso ficará assim. Eu vou me vingar. Vou acabar com aquelas duas vacas. E isso, é uma promessa. Posso ter perdido uma batalha, mas a guerra, está só começando.

No carro, a canção Frozen – Whittin Temptation, expressava exatamente o que estava sentindo no momento, meu coração a partir desse momento, estava completamente, congelado.

I can't feel my senses, I just feel the cold
Eu não consigo sentir meus sentidos, eu apenas sinto frio
All colors seem to fade away, I can't reach my soul
Todas as cores parecem desaparecer, eu não consigo alcançar
minha alma
I would stop running, If I knew there was a chance
Eu pararia de correr, se eu soubesse que havia uma chance
It tears me apart to sacrifice it all but I'm forced to let go
Me machuca ter de sacrificar tudo mas eu sou forçada a desistir
Tell me I'm frozen but what can I do?
Me diga que estou congelada mas o que eu posso fazer?
Can't tell the reasons I did it for you
Não posso dizer as razões mas eu fiz isso por você!
When lies turn into truth I sacrificed for you
Quando mentiras se tornam verdades eu me sacrifico por você

CAPÍTULO 30

Adrian Miller

Quando o táxi se afastou e a realidade bateu forte em meu peito, fiquei desesperado. Ela estava me deixando por outro homem?

Por quê? Porque ela teve de ser tão cruel?

Não consigo entender o que deu errado entre nós. Estávamos bem. Porque essa reação agora?

O aperto no peito foi ficando cada vez maior, a ponto de me sufocar. O nó na garganta era insuportável. Faltava-me o ar. Ela levou tudo com ela dentro daquele carro. Meu amor, minha vida, minhas esperanças.

Eu estava perdido.

Arrasado.

Destruído.

Entro em casa num desespero assustador. Eu mesmo não me reconheço. Pego o celular e ligo para ela. Não pode acabar assim. Não aceito que acabe.

Disco seu número e cai direto na caixa postal.

“Olá, você ligou para Verônica. No momento não posso atender. Deixe seu recado”.

Não sei quanto tempo eu fiquei ali. Caído encostado a porta, apenas ouvindo sua voz suave por várias vezes na secretária eletrônica. Era como se diminuísse a dor que sentia no momento. A voz dela parecia estar tão perto. Fechava os olhos e aquilo tudo não era um sonho.

Ela me deixou. Ela não me ama. Nunca me amou.

Não precisava que meu coração sangrasse ainda mais, pois, Já não havia mais sangue nele. Ele já não batia com a mesma velocidade e nem intensidade de antes.

Só queria que ela voltasse e me tirasse dessa miséria.

Não sei como irei sobreviver sem ela.

Caminhei desnortado até o bar. Peguei a garrafa de uísque e fui para meu quarto. Eu iria beber até ficar anestesiado. Quem sabe assim, a dor que sinto aqui dentro, amenizaria. Sei que a dor não passará nunca, a menos, que eu consiga Verônica de volta.

Ela que não pense que desistirei dela. Não sou um homem que desiste fácil.

Sentado em minha cama, ainda vestido, a bebida passava em minha garganta queimando. A cada gole que dava para amenizar minha dor, era um flash dos momentos que passamos juntos.

Eu via seu rosto, seu sorriso, o jeito que seus olhos brilhavam quando estávamos juntos, seus suspiros, seus gemidos, sua boca perfeita, seu gosto... Droga! Acho que vou pirar olhando para essas quatro paredes, nossa cama, e não tê-la aqui, em meus braços.

Olho para a garrafa agora pela metade. Só preciso de mais alguns goles. Minha cabeça já começa a girar e sei que terei um dia dos infernos. Mas por hoje. Só por hoje, quero esquecer que ela me deixou.

Acordo com batidas violentas na porta.

— Adrian? Adrian? – a voz vinha atrás da porta.

“Putá merda!”

Minha cabeça dói. Levanto da cama lentamente. Olho para minha roupa. Ainda estou de terno. Estou horrível. Um caco.

A garrafa de uísque vazia, era a prova da minha miséria. Bebi até perder os sentidos.

Caminhei até a porta e abri.

— Maria? O que foi? – pergunto com a mão na cabeça pois a enxaqueca é insuportável.

— Fiquei preocupada. Já são três da tarde e você não se levantou para trabalhar – ela disse confusa. — Também não vi Verônica. Onde ela está? Por que está vestido desse jeito?

— Não quero falar sobre isso. Estou bem. Já vou descer – disse para acalmá-la.

Maria saiu do quarto e fechei a porta. Precisava de um banho. Um bom banho e uma dúzia de comprimidos. A dor em minha cabeça é insuportável.

Depois de um longo banho, coloco minha calça preta de moletom, pego minhas luvas e saio.

Passo pela cozinha apenas para tomar um café forte. Saio sem falar com Maria e Terry que me observam caladas e vou até o salão de jogos. Preciso extravasar minha raiva. Minha frustração.

Quando entro no salão e olho para a mesa de bilhar, meus pensamentos voam para o momento em que eu a possuí. Ali. Nua em meus braços. E lembro bem do momento em que disse que me amava. Só queria entender, o quanto disso era mentira.

Liguei o som e coloquei minhas luvas.

Eu socava aquele saco com tanta força, que era como se minha vida fosse acabar em um minuto e para sobreviver, eu dependesse daquilo. Na medida em que socava o saco, a dor só aumentava. Tentei ser forte. Mas, não consegui controlar meus sentimentos.

Comecei a chorar descontroladamente caído ao chão, levando as mãos à cabeça. A música Always – Bon Jovi – tocando no ambiente, só me fez pior. Eu chorava como um garotinho perdido.

De repente, mãos acariciavam minha cabeça.

Terry me olhava com compaixão.

— Ei. Não fique assim – ela sussurrou e chorei mais ainda.

Eu só queria que essa dor passasse logo.

— Adrian, você está me assustando — ela disse.

Eu apenas seguia chorando abraçado a ela.

— O que aconteceu pra te deixar assim desse jeito?

Eu não queria falar nada. Nada. Mas estava me matando não compartilhar essa dor em meu peito.

— Verônica. Ela me deixou, Terry. Me deixou – disse entre soluços e a abracei ainda mais forte.

Ela apenas ficou ali. Segurando-me. E agradei por não estar sozinho naquele momento. Eu não aguentaria.

— Ela vai voltar Adrian. Ela vai voltar – foi tudo que disse, e mesmo que não fosse verdade, era tudo o que eu precisava ouvir nesse momento.

Céus... Como eu queria acreditar nisso.

Quatro dias sem Verônica. A dor não foi embora. Estava sendo difícil sem ela. Meus dias estavam vazios e escuros. Em nenhum desses dias, tive vontade de me levantar da cama.

Hoje era dia do comercial da montadora de veículos. Infelizmente, eu teria que comparecer por causa de uma merda de cláusula maldita, que Alana incluiu sem minha autorização.

Não sei qual será minha reação ao olhar na cara daquele idiota e saber que ele está com minha mulher. Vou precisar de muito autocontrole para não matar aquele desgraçado.

Pego as chaves do carro e desço.

— Bom dia Adrian – Maria me cumprimenta. — Vai sair assim tão cedo?

— Vou para a agência. Tenho uma reunião e logo após, vou acompanhar a gravação de um comercial – digo.

— Vai sair sem tomar café?

— Estou sem fome – digo saindo apressadamente.

Já na agência, encontro Tony e Alana em minha sala.

— Bom dia! Desculpem o atrasado – digo.

Alana me olha e pergunta:

— Está tudo bem? Nossa, está com uma cara péssima. Sua mãe me contou que Verônica te deixou – ela disse de forma irônica.

— Não vejo em que isso te diz respeito – digo sendo rude.

Ela se cala imediatamente. Ótimo. Ela de boca fechada é bem melhor. Não preciso de mais aporinhações hoje. Somente Jason Maxwell, já estava elevando o meu nível de loucura.

Fizemos a reunião. Acertamos as últimas pendências do contrato. Agora, era só acompanhar o comercial.

Segui para o estacionamento. Alana veio logo atrás de mim. Seguiu em direção ao meu carro e quando a olho, ela está abrindo a porta do carona.

— O que pensa que está fazendo? – olho com meu olhar fulminante.

— Indo com você. Estou sem carro hoje, então, acho que podemos ir juntos. Depois você me deixa em casa.

Andei puto até ela. Afastei-a do carro e fechei a porta dizendo:

— Vá com Tony. Ele está de carro. Não estou num bom dia hoje – rosno e me viro a deixando sem graça.

Entro no carro e dou partida. Nem morto ela entraria aqui em meu carro. Ainda posso sentir o cheiro da Verônica nele. E ficaria assim. Com o cheiro dela. De nenhuma outra mulher. Até que ela voltasse para mim.

Ficamos mais de duas horas para a gravação do comercial.

Sujeito chato e metido a besta. Mantive-me todo o tempo longe para não quebrar a cara dele.

Quando terminou, senti um alívio dos infernos.

Precisava sair do mesmo ambiente em que ele estava. Estava a ponto de cometer um assassinato.

Caminhei até a sala VIP. Peguei um café e me sentei esperando para agradecer ao Sr. Helder, representante comercial da montadora.

Jason entra na sala privada e na maior cara de pau, se coloca em minha frente, de pé.

— Gostei dos resultados das gravações – ele diz com aquele sorriso petulante.

— Ótimo – digo ríspido. Se eu tivesse uma foice, arrancaria sua cabeça.

Ele andou até a mesa e se serviu de um pouco de café.

— Não vi a Verônica. Ela não veio com você? – ele perguntou como se nada tivesse acontecido.

Está tirando uma onda com a minha cara?

Como não sou de ferro, parti para cima dele e dei um soco em sua cara. Dei um, dois, três... Já estava vendo vermelho quando iria

dar o quarto soco, mas, fui segurado por dois homens: Tony e Helder.

Jason estava com a boca cheia de sangue tentando se recuperar de meus golpes.

— Está louco? – ele grita.

— Sempre estive de olho nela, não é? – gritei furioso ainda bloqueado pelos dois.

— Está falando do quê, seu louco? – ele me olha sem entender. Dissimulado.

— Sabe do que estou falando. Você veio para cá por causa dela, confessa? E agora que a roubou de mim, vem esfregar sua vitória na minha cara – esbravejo.

Tony, Helder e Alana, estão me olhando sem entender nada. Alana me pede calma e fico ainda mais puto.

Jason me olha e cai na gargalhada.

— Ela te deixou? Até que enfim ela caiu na real e viu o troglodita que você é. Eu via do jeito que você a tratava quando estava comigo. Ela deve ter se cansado de você – disse limpando o sangue em sua boca que ainda escorria.

— Idiota. Você não a ama. Só quer se divertir com ela.

— Eu não tenho culpa nenhuma se ela abriu os olhos e te deu um pé na bunda. Talvez, sua amiguinha aí, essa loira, que estava com sua mãe no dia do evento, saiba de algo – ele disse e automaticamente fiquei rígido. O que Alana e minha mãe tinham a ver com isso?

— Como assim? Vocês não estão juntos? – pergunto confuso.

— Claro que não, seu idiota.

— Mas eu pensei que...

— Ela pode te dizer – disse apontando para Alana. — Já que bateram na coitada na frente de todos no evento. Só você palhaço, que não viu – disse me olhando os olhos.

Olhei para Alana querendo matá-la.

— O que vocês fizeram com ela?

— E-eu não fiz nada. Foi sua mãe – ela diz com medo.

Arrastei-a pelos braços para fora. Ela foi resmungando até chegarmos ao estacionamento.

— Desembucha. Agora você vai me contar tudo – rosnei apertando ainda mais as mãos em seus braços.

Ela começou a gaguejar e tive vontade de meter a mão na cara dela.

— Anda! – grito.

— Eu escutei uma conversa entre ela e um homem no banheiro feminino – ela começou.

— Mas que porra um homem estava fazendo no banheiro feminino? – cuspo as palavras.

— Eu não sei – ela diz desesperada. — Eu apenas estava lá. Ela estava com esse homem e por curiosidade acabei fotografando eles. Depois mostrei para sua mãe – ela diz.

— Você estava espionando ela? E por que minha mãe?

— Ela não é quem você pensa, Adrian. Ela não ama você. Tem que ficar longe dela. Ela tem um amante – ela diz e minha vontade agora é de quebrar seus dentes.

— Fique longe da minha vida Alana. Já estou de saco cheio de você interferindo em tudo. Quero as fotos – peço com autoridade.
— Anda, porra!

Ela pega o celular em sua bolsa, abre a foto e me mostra.

O homem da foto está de costas, mas consigo ver perfeitamente o beijo entre eles. Eu nem sei o que pensar disso tudo. Só que ela mentiu para mim duas vezes.

— Não quer saber o nome do homem? – ela pergunta. Como não respondo, ela prossegue com a tortura. — Ele era um cliente dela. Dizia que tinha contrato de propriedade e tudo mais. Bem louco isso. Ah! Ele se chamava Charles.

A menção do nome, me deixou ainda mais puto. Era o mesmo homem que estava ligando e que por isso, ela pediu a troca do celular. Havia algo de muito errado nisso. E vou descobrir. Agora mesmo.

Entro em meu carro e sigo direto para a casa dela.

Quero ouvir de sua boca se tudo isso era verdade.

Dou sorte. Assim que estaciono, ela está saindo de casa. Não deve ir muito longe. Está de short jeans e mini blusa branca. Resolvo sair do carro e segui-la a pé.

Quase virando a esquina, eu a alcanço. Puxo-a e ela se assusta.

— Adrian?

— Venha. Precisamos conversar – falo um pouco ríspido arrastando-a até seu apartamento.

Subimos sem falar nada. O silêncio foi fundamental para que eu mantivesse a calma.

Quando entramos na sala ela perguntou:

— O que você quer?

Sua expressão era a minha. Era como se eu refletisse nela.

— Eu só saio daqui Verônica, depois que me contar o porquê me deixou – falo num tom sério.

— Eu já lhe disse. Porque quer tornar as coisas mais difíceis? – ela resmunga.

— Por que está mentindo pra mim. Só por isso – elevo minha voz e cerro os punhos.

Ela me olha e começa a chorar. Ela não vai me enganar com essas lágrimas falsas.

— Já disse a você – ela continuou a insistir na mentira.

— O que existe entre você e o Charles? Jason, acabou de me dizer que nem sabia que havíamos terminado – digo tentando manter a calma.

Ela se surpreende, mas não abre a boca.

— Eu disse a você, não queria mentiras entre nós.

— Charles era meu cliente – ela sussurra.

— Era? Por que eu vi uma foto sua beijando aquele safado num banheiro. Até que ponto você chegou...

— Eu não vi quando ele se aproximou de mim. Quando vi ele me empurrou para dentro do banheiro. Eu não tive culpa – ela disse com as lágrimas escorrendo.

— Por que não me contou? – rosnei.

— E-eu estava indo te contar quando sua mãe e Alana me impediram. Alana havia escutado a conversa no banheiro, tirou uma foto e mostrou para sua mãe.

— E o que isso tem a ver conosco? – pergunto incrédulo. Que desculpinha ridícula — Deveria ter me contado.

— Sua mãe praticamente me ameaçou. Me bateu. Disse que se eu não deixasse você, ela iria contar para todo mundo que eu era uma prostituta não importando em arruinar a sua imagem – ela diz e perco a cabeça.

— Como você pode ser tão mentirosa? Quer jogar minha mãe contra mim?

— Não estou mentindo, Adrian. Só deixei você, por que não queria que ela o prejudicasse – ela deu um passo até mim e eu me afastei. — Só menti, quando disse que não te amava – ela diz, mas era difícil de acreditar.

— Mentiras. Só mentiras, Verônica. Alguma vez algo que saiu da sua boca foi verdade? Acho que não. Minha mãe jamais faria qualquer coisa para me prejudicar.

— Está enganado quanto à sua mãe. Ela mesma me disse que odiava a Sara e faria de tudo para nos separar.

Eu ri desesperadamente.

— Agora você passou dos limites. Sara e minha mãe, sempre se deram bem. Para você ver, deveria ter pesquisado mais – digo num tom de ironia.

— Você me pediu a verdade. Não me importo se acredita ou não – diz chateada.

— Deveria ter deixado você ir naquela nossa primeira briga. Ou melhor, não deveria ter me envolvido com você. Agora eu sei disso. Você nunca me amou e nem sei qual a parte em que estivemos juntos, foi real e verdadeiro para você – digo com coração partido.

— Tudo foi real e verdadeiro para mim, Adrian. Tudo que fiz, foi somente para proteger você.

— Se está falando a verdade, quero que diga isso na frente da minha mãe e da Alana.

— Não. É claro que elas negariam. E se não pode acreditar em mim, já não há esperanças para nós – ela se aproxima e me beija. Seu beijo é rápido e doce. E quando se afasta, diz: — Já sabe de tudo que precisava saber. Agora vá embora.

Fiquei alguns segundos olhando para ela. Pensando em tudo que me falou. Em mais mentiras que inventou.

Realmente, não havia esperança para nós.

Virei-me e sai de seu apartamento.
Só espero superar o amor que sinto por ela.
Não seria fácil esquecê-la.
Mas irei tentar.

CAPÍTULO 31

Entro em meu carro e apoio a cabeça no volante.

Estou arrasado.

Desligado a tudo em minha volta, encosto minha cabeça no banco, olhando através do retrovisor com os olhos embaçados.

Ligo o rádio como se eu estivesse no piloto automático. Desprovido de qualquer sentimento. Apenas sinto aquela dor imensurável.

A música Echo – Jason Walker ecoou diretamente em minha mente, fazendo-me com que flashbacks do meu passado, voltassem à tona.

Minha mente viajou no momento em que estava de pé, diante de Sara, contando-me que estava grávida.

Meus olhos enchem de lágrimas no mesmo instante. Certas coisas dolorosas, a gente poderia simplesmente esquecer. Mas não. Parece que o passado sempre volta para me assombrar.

Quando soube que Sara estava grávida, foi o momento mais feliz da minha vida. Lembro que sorri por vários minutos, antes de acariciar sua barriga.

Um filho. Ela estava gerando um filho meu.

Vivíamos uma vida feliz. Perfeita antes de ela engravidar.

Depois disso, o que era para ser um final feliz, foi se desgastando pelas brigas e ciúmes exagerados por parte dela.

No dia em que ela foi para a África, eu deveria ter ido com ela. Ela havia passado uma semana insistindo para que eu fosse junto. Eu, como sempre, estava ocupado com a agência, fechando vários contratos.

Eu deveria ter ido. Morrindo com ela. Por que foi assim que me senti quando recebi o telefonema.

Naquele instante, tudo desmoronou. Minha vida já não fazia sentido sem ela e meu filho.

Doeu.

Havia dias em que pensei em desistir de tudo e simplesmente parar de respirar. Não sei de onde consegui forças.

Passei meses tentando entender a queda daquele avião.

E até hoje o acidente ainda é um mistério. Não conseguiram concluir as investigações. Então, o que me restou, foi o conformismo. Ela estava morta. Meu filho jamais viria ao mundo, e eu, estava no inferno.

Mesmo sem um corpo para velar, eu sabia que não havia hipótese de sobrevivência.

Era o nosso jato particular. O mais seguro da categoria. Pelo menos, eu achava que era.

Depois de tanto sofrimento, consegui dar a volta por cima. Reerguer-me. Recomeçar a vida sozinho. Estava indo tão bem...

Por que meu Deus?

Diga-me por quê?

O que fiz para merecer?

Não vou aguentar ficar longe dela. Eu a amo. Tanto, que meu coração chega a doer.

Eu sabia desde quando a contratei, que ela seria minha ruína. A princípio, foi somente pela semelhança. Estar ao lado de Verônica, era como ter minha esposa de volta. Minha vida.

Era loucura. Eu sabia.

Os três dias em que passei ao lado dela nos Estados Unidos, serviram para que eu percebesse que ela não era a Sara. Ela não traria minha vida de volta.

Verônica era totalmente diferente dela. Sara era uma mulher doce, alegre, inteligente... Verônica era fria, triste, distante...

Mas bastou somente uma noite com ela, quando perdi totalmente meu controle, para ver que na verdade, ela precisava de mim, e eu, ainda mais dela.

A atração por ela era imensa. Era como se meu corpo reagisse ao dela de uma maneira enlouquecida. Eu a queria e naquele momento eu sabia que era ela.

Somente ela.

Ela quem despertava todos os meus sentimentos de uma só vez. Que fazia meu sangue ferver todas as vezes em que a olhava nua, em minha frente. Que me deixava puto de ciúmes quando se aproximava de outro homem. Que me deixava atordoado pela semelhança física com Sara. Que me despertava o ódio em saber que ela não era minha e que outros homens a tocariam da mesma forma que eu...

Quando consegui finalmente que ela correspondesse aos meus sentimentos por ela, quando achei que seríamos nós dois, que iniciaríamos uma vida juntos, ela me deixa.

Pior... Ela me ama, eu posso sentir, não posso estar tão enganado, mas, ela não confia em mim o suficiente, para dizer o porquê ela tem tanto medo de se entregar.

Eu não irei perdê-la para aquele cara.

Não mesmo.

Eu não sei mais o que faço. Se desisto ou se luto pelo nosso amor. O medo de que no final, eu seria o único a se machucar, é o que causa minha indecisão.

Mas quer saber?

Se com tudo que eu já passei na minha vida, as perdas que tive, eu ainda estou aqui, o que seria de mim, se desistisse assim, agora, tão facilmente?

Eu vou trazê-la de volta pra mim.

Só preciso saber como.

Ligo o carro, e dirijo de volta para casa.

Bônus

O Primeiro Cliente de Verônica

Minha mãe teve uma piora significativa.

Ela foi diagnosticada com Alzheimer há alguns anos. A falta de dinheiro nos deixou numa situação difícil. Meu pai faleceu e nos deixou a dívida da casa. Apesar de estarem há anos separados, ele pagava uma boa pensão pra minha mãe e para mim.

Infelizmente, tive que trancar a matrícula na faculdade e depois de alguns meses, aceitei a proposta de uma moça que conheci na festa do campus. Sônia. Ela é uma acompanhante de Luxo. Me contou como era a sua vida e seus ganhos.

Me interessei pelo dinheiro. O que ganhava como secretária após sair da faculdade, mal dava para pagar as contas.

Minha mãe precisava de cuidados médicos 24hrs pois havia entrado no estágio final da doença. Eu não poderia oferecer isso a ela ganhando mil reais e passando o dia todo fora trabalhando. Então, decidi aceitar a proposta...

Chego ao hotel que Sônia me indicou. É grande e luxuoso. Não havia contado o detalhe a ela de que era virgem. Eu precisava desse emprego e se ela soubesse da minha inexperiência, não me contrataria.

Vou até a recepção e pergunto por Charles Heart. A recepcionista me entrega um cartão e uma chave para uma suíte número 311.

Caminho até o elevador. Estou nervosa. Nervosa num nível altíssimo. "Como será esse homem?"

O elevador para no andar e saio lentamente. Meu primeiro instinto foi desistir. Mas eu não poderia me dar a esse luxo. Quando

estou de frente para a suíte, coloco a chave e giro a maçaneta.

O que vejo me deixa boquiaberta. Uma sala enorme e elegante. Uma bela decoração de luxo. Quem quer que seja esse homem, ele tem bom gosto e dinheiro.

Fecho a porta e ando lentamente para conhecer os outros ambientes.

O banheiro é branco e amplo. Uma enorme banheira me deixou eufórica. Sempre tive vontade de tomar um banho numa banheira dessas.

Saio do banheiro e entro no quarto. Fico longos minutos observando tudo com curiosidade. Não era um quarto comum. Isso me deu medo.

Havia uma enorme cama no centro do quarto com lençóis de seda vermelha. A cabeceira da cama era de ferro. Nas duas extremidades, havia algo pendurado. Me aproximei e percebi que eram algemas de couro. Mas, o que me deixou intrigada, eram as enormes correntes que vinham do teto até o chão. Uma ao lado da outra num espaço de mais ou menos um metro uma da outra.

Toquei as correntes confusa.

Na parede em frente da cama, havia duas madeiras brilhantes que se cruzavam em forma de um "X". Em cada extremidade, havia um gancho.

Tirei meu casaco e depusitei em cima da cama.

Segui até um móvel preto que havia perto da janela. Nas gavetas, alguns objetos estranhos. Vibradores, alguns aparelhos estranhos que não soube identificar, camisinhas, chicote e...

— Senhorita Sandler – ouço uma voz grossa e dou um pulo de susto. Fecho a gaveta rapidamente e me desculpo pela intromissão. Ele sorri. Lindo. Lindo. Lindo. Acho que fico com uma expressão de abobalhada, pois, ele me olha achando graça.

— Desculpe. Verônica Sandler – digo aproximando-me dele.

— Sônia não economizou nos elogios. Você realmente é linda – ele diz tirando seu paletó e afrouxando a gravata.

Seu cabelo bagunçado e seus olhos cor âmbar me deixam desnorteada. Minha inquietação só piora quando ele arranca a camisa. Seu peito másculo extremamente forte, é de causar inveja.

— Bebe alguma coisa? – ele diz desafivelando o cinto de sua calça. Automaticamente, viro-me de costas. — Senhorita Sandler? Algum problema?

— Desculpe – digo sem jeito. — Não esperava que fosse se trocar na minha frente.

Ele sorri vindo em minha direção somente de boxer branca. Eu podia sentir meu corpo tremer.

— Vou tomar um banho. Quando sair, quero que esteja nua e de joelhos ao pé da cama – sussurrou em meu ouvido.

Nua e de joelhos?

Olhei para ele sem compreender.

— Tudo bem, querida?

— Sim – respondi.

Ele puxa meus cabelos me fazendo olhá-lo. Sua expressão escurece.

— Não está se esquecendo de nada, Srta. Sandler? – ele rosna.

— Desculpe-me?

Esse cara é doido? Seu olhar me deixa assustada.

— Quando eu falar com você, Srta. Sandler, dirija-se a mim somente como seu senhor. Está entendida?

O quê? Eu ouvi bem?

— Entendeu? – ele diz puxando ainda mais meus cabelos me machucando.

— Sim, Senhor Charles – digo e ele me solta.

— Será punida por isso, querida – ele tem um brilho divertido e malicioso no olhar.

O maluco se vira e entra no banheiro. Faço exatamente o que me pede. Tiro toda a minha roupa e me ajoelho próximo a cama.

Isso é ridículo e humilhante.

Quando ele entra no quarto, se enfurece.

— Disse que a queria de joelhos – diz furioso.

Ele aparece no quarto apenas de calça de moletom preta.

— E-eu estou – gaguejo. Afinal, o que ele queria?

— Quantos donos já teve? Nenhum dos seus senhores lhe ensinou como se ajoelhar diante deles? – ele diz puxando meus braços e me levantando.

O quê? Esse cara bebeu? Usou drogas?

Ele se irrita ainda mais quando não o respondo.

— Quantos anos têm? – ele pergunta pegando em meu maxilar e levantando meu rosto.

— Vinte.

— E há quanto tempo é submissa? – ele me analisa.

Que porra de submissa?

— Eu não sou isso que o senhor está falando. Não sei o que significa – sussurro. Sinto meu rosto corar diante dos olhos curiosos dele.

— Quantos homens já teve? – pergunta tocando meus seios.

— Nenhum – digo com a voz trêmula.

Ele para subitamente e me olha como se eu fosse um E.T.

— Você é virgem? – ele diz parecendo mais apavorado do que eu.

— Sou.

No mesmo instante, ele se afasta e pega seu celular. Está ligando para alguém.

— Sônia! Sou eu Charles – ele diz com um tom acima do normal.

— Que porra que estava pensando quando me trouxe uma virgem? Você é louca? Sabe do que eu gosto... — Não tenho tempo para treinar ninguém, Sônia... Você deveria ter perguntado... Claro que gostei, ela é linda. Mas não deixa de ser inadequada para mim... Tudo bem. Irei dispensá-la.

Não. Não posso ser dispensada. Eu preciso desse dinheiro.

— Por favor, senhor Charles – sussurrei. — Eu posso aprender o que quer que seja.

Ele me olhou e sorriu.

— Não, querida. Não pode. Coloque sua roupa. Vou levá-la para casa.

Eu me desespero.

— Eu posso aprender – digo com a voz firme.

Ele se aproximou de mim e disse olhando em meus olhos:

— Vai por mim quando digo que não pode. Tem ideia do que quero fazer com você? Quero que se submeta a mim. Quero te amarrar naquela cama e vendá-la. Quero foder você de todas as

maneiras inimagináveis. Quero bater em você até ver minhas marcas por todo seu corpo. Quero colocar uma coleira em você e te arrastar te chamando de minha cadelinha. Quero fazer isso e muitas outras coisas, Verônica. E para tudo isso, precisamos de treinamento, disciplina. Você não é uma submissa e eu não sou um cara muito paciente.

Quando ele terminou de falar, senti o tamanho do meu medo. Mas, eu precisava daquele dinheiro.

— Por que quer me bater? Não podemos simplesmente transar e pronto?

— Não faço baunilha – ele contrapõe. — Ou seja, sexo tradicional. Não espero que entenda, já que não sabe nem o que é um orgasmo.

Fico sem jeito com suas palavras.

Charles me olha. Me olha e me olha.

— Tudo bem. Acho que podemos tentar. Mas antes, precisamos conversar. Venha – ele diz estendendo-me sua mão.

Charles me leva para a sala e sentamos no grande sofá branco.

— Sabe por que está aqui? – ele pergunta tocando meus cabelos.
— Você é muito bonita.

— Sônia me disse que estava procurando uma mulher para acompanhá-lo.

— Não. Estou querendo uma submissa. Tive problemas de incompatibilidade com a última. Agora preciso de outra.

— Entendo.

— Não tenho tempo para ensiná-la. Terá que aprender na prática. Você conhece sobre BDSM?

— Não – digo honestamente.

Ele suspira e fecha os olhos.

— Como disse, não tenho tempo para ensiná-la – ele bufou.

— Tudo bem – respondo.

— Você terá que confiar em mim. Tudo bem?

— Sim.

— Tudo bem se eu bater em você ou amarrá-la? – ele me olha de forma estranha.

— Vai me machucar?

— Não. Não vou machucá-la. Você pode usar uma palavra de segurança quando quiser parar ou se não estiver suportando a dor. É só escolher uma palavra. Quando quiser parar, só dizê-la que eu paro.

— Entendi.

— Hoje pegarei leve com você.

Charles pegou em minha mão levando-me para o quarto.

— Ajoelhe-se – ele deu o primeiro comando.

Fiz como me pediu.

— Agora sente-se sobre suas penas. Isso, boa menina.

Charles se afasta e quando volta, coloca algo em volta do meu pescoço. É uma fivela grossa e preta. Após, pega meus pulsos e faz a mesma coisa.

— Agora levante-se – seu tom é frio.

Charles coloca as mesmas fivelas em torno de meus tornozelos. Quando termina, segura minhas mãos e me leva até as correntes no meio do quarto.

— Vou prendê-la aqui.

Ele pega meus pulsos e com pequenos cadeados, passa pelas argolas e trava na corrente. Ele faz isso com minhas duas mãos e meus dois tornozelos de forma que fique imóvel e totalmente exposta.

Charles se afasta e volta com um pedaço de tecido preto.

— Vou vendá-la apenas – ele explica.

Faço que sim com a cabeça.

Estou exposta a um homem desconhecido sem poder vê-lo.

Ele se aproxima de meus ouvidos e diz:

— Vou tocar você – ele diz e passa sua mão por cima do meu sexo.

Eu não me movo. Nem se eu quisesse. Estou bem presa e isso começa a me causar pânico.

— Sinta isso – ele diz e sinto algo tocar em minha barriga. — Isso é uma palmatória. Vou bater nesse seu belo traseiro e você vai contar seis golpes. Entendeu?

— Sim – digo. Subitamente, sinto o primeiro golpe e dou um grito.

- Sim o quê, senhorita Sandler?
- Sim, senhor Charles - digo prontamente.
- Boa menina – ele diz e posso sentir que sorri.

Ele começa a desferir os golpes e eu faço o que me pediu. Conto um por um.

Quando termina, ele tira minha venda. Me olha profundamente em meus olhos e sorri.

- Agora vou experimentar você – ele sussurra.

Charles acaricia meus seios contemplando-os com seus olhos brilhando em excitação.

Quando sua boca os invade, ele os suga com vontade. Ele morde meus mamilos com força e passa a língua vagarosamente após sua mordida dolorosa.

Uma de suas mãos caem até meu sexo e toca meu clitóris. Com seus dedos, ele faz movimento circulares e solta um pequeno gemido.

— Você é muito gostosa – ele sussurra. — Quero me enterrar em você e foder essa sua bocetinha linda – ele diz e puxa meus cabelos para que o olhe nos olhos. — Vai me deixar foder essa sua bocetinha, senhorita Sandler?

- Sim. Sim senhor – digo.

- Boa menina – ele diz e para seus ataques em meu sexo.

Charles desaparece e volta segundos depois. Uma música instrumental começa a tocar e ele prende algo em meus seios. Explica que são grampos de mamilos. Isso dói. Mas, é uma dor suportável.

Depois de mais alguns golpes, Charles resolve retirar os grampos e me soltar.

Charles me tira das correntes e me leva para a cama no colo. Meus pulsos e tornozelos, ainda estão com as fivelas.

— Quero que abra suas pernas, querida. Quero foder essa sua boceta com minha língua – ele diz.

Abro minhas pernas e Charles se enfia no meio delas.

- Coloque as mãos acima da cabeça.

Obedeço ao seu comando.

Quando Charles toca meu sexo com sua língua, algo em mim desperta. Não sei bem dizer o quê. Me sinto suja.

— Você tem uma boceta maravilhosa, querida.

Fecho os olhos e uma lágrima cai isolada.

Charles se afasta e volta com um chicote e um pequeno metal em sua mão.

— Eu quero foder você, mas, quero foder sua boceta e essa sua bunda linda ao mesmo tempo. Se for uma boa menina, deixo você sem as amarras da próxima vez. Deixo você me tocar. Entendeu?

— Sim senhor – respondo com medo. O que ele irá fazer?

— Fique de quatro para mim querida. Segure nas laterais da cama, vou prendê-la.

Obedeci e assim ele fez.

Charles bateu com sua mão em minha bunda fazendo o som ecoar pelo quarto. Aquilo ardeu.

— Quero que escolha uma palavra de segurança, Srta. Sandler. Se achar que é demais para você, quero que a use.

— Sim senhor – digo. Estava tão assustada que me tornei monossílaba. Não sabia se poderia falar e nem o que falar.

— Então diga.

— Borboleta – digo parecendo idiota. Não sei por que falar uma palavra. Será que ele não sabe o que significa pare?

— Tudo bem. Se precisar usar, quero que a use. — Vou enfiar isso em seu traseiro, é um plug anal – ele diz me mostrando o pequeno metal. — Eu nunca estive com uma virgem antes. Como disse, não sou muito paciente. Se caso machucá-la, quero que me diga.

— Sim senhor – digo já de saco cheio dessa palhaçada de senhor pra lá, senhor pra cá.

Charles rasga o envelope e introduz seu pau em meu sexo lentamente. Ele introduz o plug em meu ânus ao mesmo tempo em que me penetra. A sensação é dolorosa.

— Isso querida. Relaxe – ele sussurra.

Quando estou totalmente preenchida por ele, Charles começa numa estocada dura e forte. Sua mão chega em meus cabelos e os enrola em seu punho puxando-me para ele.

Conforme ele me penetra duro, tenho vontade de chorar. Ele introduz e tira o plug fazendo o movimento de vai e vem.

— Sua boceta é tão gostosa – ele rosna. — Apertada. Nossa! Como ela aperta meu pau, querida. Está gostando? Diga-me minha pequena.

— Sim senhor – digo mas a verdade é que não sinto nada além de repulsa.

— Charles não é delicado. Ele tem uma força enorme e me penetra sem dó.

Quando chega no seu ápice e goza, sinto-me aliviada. Mas, minha felicidade de estar longe de seu toque, foi preenchida por pânico assim que ele me deu a primeira chicotada.

— Quero ver esse traseiro vermelho, querida – ele diz dando-me mais alguns golpes fortes. Certamente, ficarei com marcas por dias. Eu precisava daquele dinheiro. Sonia me disse que ele era muito rico. Não podia perder a chance.

A cada golpe que ele me dava, ele gemia. Brincava com meu clitóris e me deu a permissão para gozar.

Até agora não entendi o porquê dele sentir prazer em me bater. A menos que fosse um doente pervertido. Eu jamais gozaria desse jeito.

Não contei os golpes dessa vez. Mas foram muitos. Podia sentir meu traseiro queimar. Ele não parava e, quando parou, introduziu seu membro com força em meu traseiro me fazendo gritar. Ele não foi carinhoso. Sempre imaginei minha primeira vez com alguém que eu amasse. Um homem gentil, amoroso... E a experiência dessa primeira vez, eu gostaria de apagar da memória.

Quando ele terminou, soltou os cadeados que me prendiam na cabeceira da cama. Charles me olhou e sorriu.

— Você foi perfeita, linda.

Ele se afastou e voltou uns cinco minutos depois.

— Vamos. Vou te dar um banho – disse pegando-me no colo.

Quando chegamos no banheiro, Charles me colocou dentro da banheira.

— Você foi perfeita – ele disse mais uma vez. Quero que seja minha submissa. Mudei de ideia. Posso treinar você para que fique

ao meu gosto.

Eu assenti.

— Faremos um contrato – ele diz entrando na banheira comigo.
— No contrato estará tudo explicado o que faremos e o que não faremos.

— É mesmo necessário? – pergunto achando essa ideia absurda.

— Sim. Não teremos contrato de exclusividade. Gosto de variar. Portanto, poderá ter outros homens. — O que você não faz? Tem alguma restrição?

— Só não beijo na boca – digo e ele franze a testa.

— Como?

— Sônia me disse para não beijar nenhum cliente. É íntimo demais.

— Cliente?

— Sim.

— Como assim cliente? – ele se espanta. Ele é doido ou é surdo?

— Sou uma acompanhante – digo e ele parece surpreso.

— Uma puta? Virgem? Tá de brincadeira?

— Agora não sou mais – respondo astutamente.

— Não quero que tenha clientes – ele rosna. — Posso pagar por você – ele diz passando as mãos em meu rosto. E cuidar de você. Esse é meu dever como seu dono. Se aceitar, claro. Mas, se quiser outros homens, terá que ser apenas os que eu aprovar.

Ele me olha e digo:

— Eu aceito.

— Aceita?

— Sim. A segunda opção. Não quero me prender a ninguém.

— Ainda sim, assinará um contrato como minha submissa – ele sorri.

— Tudo bem.

Quando terminamos o banho, ele me olha e diz:

— Estou te esperando no quarto. Ainda não terminei com você.

Como? Como assim não terminou?

Charles saiu do banheiro e eu fiquei ali, inerte. Eu mal conseguia me mexer. Havia marcas e vergões em minha bunda e estava dolorida. Como iria suportar mais?

Eu me sentia suja, humilhada...Uma sensação estranha.

Me encolhi na banheira e chorei.

Eu sei que vou me arrepender disso mais tarde. Mas por hora, essa é minha única alternativa.

A única.